

Sírios e libaneses
em São João de - Rei

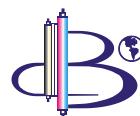
Vidas e histórias

Angela Maria Gattás Hallak
(Organizadora)

Sírios e libaneses em São João del-Rei

Vidas e histórias

PRIMEIRA EDIÇÃO



GRÁFICA E EDITORA
CIDADE DE BARBACENA

Barbacena, Minas Gerais

2021

© Copyright by Angela Maria Gattás Hallak
Todos os direitos autorais reservados

É proibida a reprodução total ou parcial. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a permissão, por escrito, da organizadora.
(Lei Federal nº 9.610/1998).

Fotos
Capa e miolo - Acervo pessoal

Capa
Kátia Lombardi

Contracapa
Fotos - Francisco Lins de Carvalho e Kátia Lombardi

Revisão
Betânia Maria Monteiro Guimarães

Redação
José Antônio Oliveira de Resende

Comissão Organizadora
Angela Maria El-Corab Fiche, Angela Maria Gattás Hallak, Antonio Guilherme de Paiva, Celina Sade de Paiva, Elizabeth Netto Calil Zarur, Francisco Lins de Carvalho, Hane Sade Haddad, Heleny Hallak d'Angelo, Jorge Taier, Kátia Hallak Lombardi, Maria Lourdes Haddad, Mara Márcia Tannus Assis, Moema Lúcia Hallak Campos, Mônica Beatriz Hallak Valle, Musse João Hallak, Roberto Challa Sade e Vera Maria Bittar Oliveira

FICHA CATALOGRÁFICA

H181n HALLAK, Angela Maria Gattás (Org.).
Sírios e libaneses em São João del-Rei – Vidas e histórias / Angela Maria Gattás Hallak (Org.). Barbacena: Gráfica e Editora Cidade de Barbacena, MG, 2021.

364 p. il.: fotos P&B.

ISBN: 978-65-87067-21-6

1. Imigração. 2. História. 3. Biografias. 4. São João del-Rei. 5. Síria. 6. Líbano. I. Título.

CDD: 304.83

Bibliotecário: Sandro A. Batista - CRB 6-2433



Nossa Senhora do Carmo é a protetora dos Libaneses cristãos. A importância religiosa do Monte Carmelo precede aos eventos milagrosos do Profeta Elias (900 a. C.) citados nos Livros dos Reis na Bíblia Hebraica. Elias defende o Deus Hebraico e condena a adoração da divindade Baal dos Canaanitas os quais habitavam a região presentemente ocupada pela Palestina, Líbano, Síria e Jordânia, conhecida com a Terra de Canaan. Uma inscrição na estátua do Rei Idrimi documenta sua fuga da cidade de Canaan, localizada possivelmente no Líbano. Seguidores hermitas do Profeta Elias habitavam este local sagrado a espera da vinda da Virgem Maria, mãe do Salvador. O hermitão Simão Stock, em contemplação no Monte Carmelo, tem a visão da SS. Virgem Maria carregando o Menino Jesus em um dos braços e trazendo o escapulário marrom nas mãos, no dia 16 de julho de 1251. O medalhão acima da portada da Igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de São João del-Rei, datada de 1787, traz as inscrições: *DOMINUS -IN-SION-MAGNUS-MARIA-MATER-EJUS-IN-LIBANO* e *GLORIA LIBANI DATE EST EI* atestando sua origem libanesa.

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste livro foi um processo gradual, um trabalho coletivo que só foi possível pela contribuição de pessoas envolvidas, cada uma a sua maneira, em sua produção. Gostaríamos de agradecer aos irmãos Airton e Abgar Campos Tirado, pela sugestão de documentar a história dos imigrantes sírio-libaneses em São João del-Rei. Agradecemos a cada uma das quarenta e nove famílias, que compartilharam suas memórias, cedendo documentos, fotos e dando informações necessárias para a criação desta obra.

Nossos agradecimentos ao digníssimo Prefeito de São João del-Rei, Sr. Nivaldo José de Andrade e ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, na pessoa da Sra. Ruth do Nascimento Viegas, que tiveram a sensibilidade de entender a importância deste livro, o qual fará parte da história de nossa cidade.

Agradecemos também a Academia de Letras sob a gestão da presidente Sra. Zélia Maria Leão Terrell e do tesoureiro Sr. José Carlos Hernández Prieto por encaminhar o projeto em tramitação e gerenciar o recurso financeiro.

Aos profissionais José Antônio Oliveira de Resende e Betânia Maria Monteiro Guimarães, que se empenharam em colaborar, nossa gratidão. Ao Francisco Lins de Carvalho, por ter cedido as fotos, agradecemos.

Comissão Organizadora

HOMENAGEM

A todos estes homens e mulheres, sírios e libaneses guerreiros, que vieram de suas terras à procura de paz e sobrevivência, merecem ser mencionados pela bravura, coragem e perseverança. Muitos foram os desafios enfrentados, viagens longas, precárias e sofridas e tantos resistiram, sem saber ao certo o que os esperava.

Crianças cansadas, com fome, chorando, sem que seus pais pudessem dar um mínimo de conforto e alento. Coloquemo-nos em seus lugares: aguentaríamos o que eles aguentaram? Sofreram sim, na carne, na pele, no espírito e no coração!

Por isso, os méritos são dessa gente guerreira, que teve inspiração divina e que com a força do sangue correndo nas veias e com toda a garra de querer vencer, venceram e nos legaram coragem e determinação.

Os sírios-libaneses povoaram a cidade. Instalados no comércio e nas pequenas indústrias, contribuíram grandemente para o desenvolvimento e crescimento econômico de nossa São João del-Rei. Aqui foram recebidos de braços abertos, com oportunidades de trabalho e liberdade para viver e criar nossas famílias. Gratitude ao nosso povo. Obrigada, São João del-Rei, cidade hospitaleira!

Maria Lourdes Haddad

HOMENAGEM ESPECIAL

Ao são-joanense Airton Francisco Campos Tirado
(*in memoriam*), Coronel do Exército, falecido
a 31/08/2021, idealizador deste livro, que reúne
muitas histórias que representam e eternizam
um legado que une e perpetua a origem
e a memória das famílias sírio-libanesas
na cidade de São João del-Rei.

SUMÁRIO

Prefácio	15
Introdução	17
PARTE I	
O LÍBANO: UM PAÍS DE CONTRASTES, TRADIÇÕES E DIVERSIDADES	19
PARTE II	
DEPOIMENTO DAS FAMÍLIAS	
Família Abdalla Jorge	31
Família Abdo Haddad	39
Família Abraão Hannas	49
Família Alexandre Nacif	59
Família Antônio Aiex	61
Família Antônio Elias Cecílio (Sessin)	62
Família Antonio Elias Resende	66
Família Antônio João Hallack	70
Família Atalla	75
Família Atta Haddad	87
Família Aziz Elias Farah	92
Família Bacil	94
Família Bastone	95
Família Calil Zarur	98
Família Charbel	103
Família Charbel Messias	108
Família Elias Hallack	110
Família Elias Isaac El-Corab	112
Família Estevam Charbel	116
Família Francisco Mattar	135
Família Gabriel Simões El-Corab	138
Família Georges Jabour Hallak	141
Família Georges Tayer	151
Habib Georges Tayer	151
Ibrahim Georges Taier	155
José Jorge Taier	157
Nayeff Georges Tayer	162
Família Halle Najm	170
VIDAS E HISTÓRIAS	13

Família Ivo Nohra	180
Família Jamil Resgalla	182
Família Jorge João Bechaleni	193
Família José Challa Sade	200
Família José Hallack	216
Família José Ibrahim El-Corab	218
Família Kanaan El-Corab	227
Família Mansur	229
Família Messias Bittar	238
Família Miguel Haddad	244
Família Moysés Jabour Hallak	246
Acíbio Moysés Hallak	252
Ana Hallak Ávila	270
Chafy Moysés Hallak	273
João Hallak	277
Linda e Alice Moysés Hallak	287
Maria Hallak Sarkis	289
Tuffy Hallak	292
Família Nadir Salim	298
Família Nagib e Nabiha Bara	299
Família Naib Ferreira	302
Família Nicolau El-Hawa	306
Família Pedro Kanaan	309
Família Pedro Manoel Cherfên	310
Família Rafa El-Corab	312
Família Tannus	315
Família Tobias Isaac El-Corab	320
Família Toufic Daoud Ayoub Arbaché	322
Família Tuffy Resgalla	339
Família Zacharias Kalil El-Corab	347
PARTE III	
NOSSA HOMENAGEM ÀS FAMÍLIAS DE ORIGEM PALESTINA	
Família Amim Fares	349
Família Abdullah Haj Mustafa Abder Razaq	352
Curiosidades	357

PREFÁCIO

A FAMÍLIA SÍRIO-LIBANESA

No decorrer de conversas com meu irmão Airton, surgiu um assunto que consideramos de grande relevância: o importante papel dos imigrantes na vida de nossa São João del-Rei. Lembramos que somos, nós mesmos, descendentes, pelo lado paterno, de imigrantes espanhóis, sendo nosso pai, o caçula de seis irmãos, o único brasileiro de sua família. Muito reduzida, a imigração espanhola, não obstante os valores individuais, não se tornou expressiva. Consideramos então que a Colônia Italiana, ativa e pujante, muito representa para nossa cidade, colônia essa que tem sua história fartamente documentada em preciosas publicações. E quanto aos sírios e libaneses? Sendo essa comunidade de não menor importância que a italiana, não temos um registro histórico sobre a mesma devidamente publicado!

Em seu entusiasmo pela causa, Airton redigiu o artigo “São João del-Rei e os Sírios-Libaneses”, que foi publicado no *Jornal da ASAP* - março/abril 2019, artigo esse comentado pelo próprio jornal, na edição de maio/junho 2019, quando a Redação do mesmo, desculpando-se pela involuntária omissão do nome do autor, teceu grande elogio ao referido artigo, enfatizando a magnitude e propriedade da causa em tela.

Além do citado artigo, Airton pesquisou a respeito da chegada desses imigrantes ao Brasil, através da publicação *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*, de autoria de André Gattaz. Airton também redigiu um “Roteiro para o Trabalho”, como sugestão ao trabalho a ser desenvolvido. Quanto a isso, também entusiasmado pelo assunto, encarreguei-me de encaminhar todas essas ideias e sugestões a membros da Família Sírio-Libanesa.

Como, do encontro semanal para estudos bíblicos, do qual faço parte, coordenado pelo professor Antônio Gaio Sobrinho, par-

ticipam também as descendentes de sírios, Maria Lourdes Haddad, Heleny Hallak e Angela Hallak, bem como a descendente de libaneses, Vera Bittar, levei-lhes a ideia e sugestões para que tal livro viesse a lume. Eu mesmo redigi uma lista de nomes de famílias, baseando-me na memória e também em assinaturas constantes de livros da extinta União Sírio-Libanesa, conseguidos pelo professor Gaio. Para nossa grande alegria, a ideia foi recebida com prontidão e entusiasmo e, sob a competente coordenação de Angela Maria Gattás Hallak, houve o contato com as diversas famílias que integram a grande Família Sírio-Libanesa, cujos membros passaram a reunir-se regularmente, cada um trazendo suas contribuições históricas, reuniões essas realizadas no lar acolhedor de Heleny Hallak e zelosamente secretariadas por seu esposo, Francisco. Realmente, notável é o papel desempenhado pelos sírios e libaneses em São João del-Rei, lembrando que já é são-joanense nata praticamente a totalidade de seus membros.

Falemos agora um pouco sobre esses nossos conterrâneos que vieram de tão longe: A par da simpatia e da lhaneza de trato, apanágio de todos eles, sejam ancestrais ou descendentes, São João del-Rei muito lhes deve. Antes de tudo, destaquemos sua atuação no comércio local: proprietários de inúmeras lojas, muito bem sortidas, sempre aptas a fazerem satisfeitos e felizes seus incontáveis fregueses. Mas não é só no comércio que essa tão querida comunidade se destaca em nossa cidade. Estão seus membros presentes em nossa vida social, lembrando aqui a extinta União Sírio-Libanesa e outras entidades sócias recreativas; brilham também na área da Saúde, do Direito, da Engenharia e Arquitetura, da Religião, da Literatura, da Música, dos Esportes, da Indústria, da Ciência, do Ensino e da Cultura em geral. Em suma, a Família Sírio-Libanesa enriquece São João del-Rei, formando, com esta terra, uma perfeita e harmoniosa unidade.

Assim, foi com grande júbilo e satisfação que recebemos a notícia de que o tão almejado livro se tornaria realidade, fazendo-se então justiça à marcante presença de nossos irmãos sírio-libaneses e à sua extraordinária atuação em prol do progresso e da própria identidade desta nossa amada São João del-Rei.

Abgar Campos Tirado

INTRODUÇÃO

Memória

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

Carlos Drummond de Andrade

As memórias são parte fundamental de nossas histórias: através delas, podemos reviver nossas lembranças e conhecer mais sobre nossas origens e nossos antepassados. Por meio das memórias, é possível resgatar a identidade familiar e eternizar aquilo que amamos. Além disso, as memórias podem se tornar fonte documental, contribuindo assim para a preservação cultural da história. É justamente a isso que este livro se propõe: ser um acervo que reúne a trajetória das famílias sírio-libanesas na cidade de São João del-Rei (MG), como forma de homenagear e registrar o legado deixado pelos imigrantes desses países.

Neste livro, o leitor irá encontrar, no primeiro capítulo, um apanhado acerca das conjunturas políticas, sociais e econômicas que motivaram a vinda de muitas famílias de origem sírio e libanesa para o Brasil, bem como uma apresentação das principais características dessas duas nações e suas contribuições ao nosso país. A nomenclatura “sírio-libanesa”, utilizada para se referir aos imigrantes desses dois países vizinhos e de costumes semelhantes foi adotada após a vinda dessas famílias para o Brasil, que aconteceu na mesma época, de modo que a convivência foi tão grande que passaram a ser chamados assim.

Cada um dos capítulos seguintes foi dedicado à documentação da história de quarenta e nove famílias imigrantes. Durante a produção

do livro, houve uma tentativa de abranger o maior número de famílias, de modo que a responsabilidade em relação ao material fornecido coube a cada uma delas. Embora não tenha sido possível contemplar todas as famílias, nosso anseio é que todos os imigrantes sírio-libaneses de São João del-Rei sintam-se representados e homenageados neste livro.

A produção deste acervo sobre as famílias sírio-libanesas surgiu a partir de uma “prosa” entre o professor Abgar Campos Tirado e seu irmão, Airton Campos Tirado, ambos moradores de São João del-Rei. Na conversa, inicialmente despretensiosa, os irmãos comentavam sobre a importância que a comunidade dos sírio-libaneses teve para a construção da história da cidade mineira. Após tal ocasião, Airton começou a pesquisar mais sobre o assunto e produziu alguns artigos e Abgar entrou em contato com Ângela Hallak, Heleny Hallak, Maria Haddad e Vera Bittar, descendentes de algumas dessas famílias, com a ideia de documentar o patrimônio deixado por tantos imigrantes.

A proposta foi recebida com muito entusiasmo e começou a ganhar força e movimento: o grupo de organizadores começou a se reunir, uma vez por mês, desde maio de 2019, na acolhedora casa de Heleny Hallak para discutir a idealização do livro. A partir da lista com alguns sobrenomes, redigida pelo professor Abgar, as tarefas foram divididas entre os membros da equipe organizadora, de modo que cada um ficou responsável por fazer o contato com os representantes das famílias com quem tinha mais proximidade, explicando a proposta do livro.

Marcadas por inúmeras lembranças e deliciosos quitutes, as reuniões eram regadas à muita diversão, mas também pela seriedade necessária: foram feitos registros e atas de todos os encontros, até que em outubro de 2019 foi conquistado o patrocínio para produção do livro junto ao Prefeito de São João del-Rei, Sr. Nivaldo José de Andrade e ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, na pessoa da Sra. Ruth do Nascimento Viegas. O livro então foi finalizado graças à participação das quarenta e nove famílias, que compartilharam suas lembranças por meio de textos e imagens e ao trabalho da equipe organizadora, que contou ainda com a contribuição de diferentes profissionais até atingir o resultado final, que pretende ser uma forma de tributo às famílias sírio-libanesas e seus descendentes.

Bruna Monteiro Hallak

PARTE I

O LÍBANO: UM PAÍS DE CONTRASTES, TRADIÇÕES E DIVERSIDADES

As grandes diversidades topográfica, climática, religiosa e cultural da República do Líbano contribuíram para a formação de uma sociedade marcada por essas contradições, contrastes e diferenças. É um país de pequena dimensão territorial (10.400 km²) localizado na Ásia Ocidental, cercado ao leste pela Ilha de Chipre no Mar Mediterrâneo, ao sul por Israel e ao oeste e norte pela Síria. Seu território consiste de quatro distintas áreas topográficas e climáticas: 1) 225 km de planície costeira com lindas praias; 2) montanhas na Cordilheira do Monte Líbano; 3) campos agrícolas dos vinhedos do Vale do Bekaa; 4) a árida região da Cordilheira Anti-Líbano fronteiriça com a Síria. Seu clima temperado é caracterizado por verões quentes e secos proporcionando banhos de mar e rios além de passeios entre ruínas romanas e cavernas naturais. Suas altas montanhas cobertas de neve promovem esportes de inverno em estações de esqui durante os meses de dezembro a abril.

A população do Líbano é composta de variados grupos étnicos e religiosos como os muçulmanos (xiitas e sunitas), cristãos (maronitas, ortodoxos gregos, melquitas, greco-católicos, católicos romanos e protestantes), outros cristãos (armênios, coptas, caldeas, assírios) e muitas outras seitas, incluindo uma pequena comunidade judaica. “O Líbano chegou a ter dezoito religiões predominantes e com o Estado ausente, predominavam leis que regiam as relações na sociedade, envolvendo casamento, divórcio, partilha de bens, guarda de filhos em caso de separação dos pais, não sendo idênticas para todos.”¹ Devido

1 – Família Atalla, contribuinte neste livro.

aos muitos conflitos políticos e perseguições religiosas, a proporção entre estes grupos religiosos mudaram dramaticamente no decorrer de sua história. Uma grande parte desta população emigratória era de Cristãos perseguidos pelos muçulmanos.

As terras do Líbano foram descritas na Bíblia pela sua beleza e pelo seu perfume em mais de 100 versos, destacando-se o cedro-do-líbano.² O *Cedrus libani*, majestosa árvore conífera, tornou-se o símbolo do Líbano e foi descrito nas Escrituras como *seleto* e *majestoso*.³ Para os cristãos, a altura dos troncos dos cedros se tornou o símbolo figurativo dos soberbos, altivos e poderosos deste mundo, que são rebaixados por Jeová Deus (Isa. 2:13; Jer. 22:23; Eze. 31:2,3; Amós 2:9; Zac. 11:1,2). Sua fortitude é comparada com a poderosa voz de Jeová: “A voz de Jeová é poderosa; a voz de Jeová é esplêndida. A voz de Jeová destroça os cedros; sim, Jeová destroça os cedros do Líbano e faz que saltitem como o bezerro” (Sal. 29:4-6.).⁴ O cedro verde é seu símbolo maior representando eternidade, felicidade, prosperidade e, acima de tudo, de persistência. A bandeira do Líbano inclui a imagem do cedro verde centralizada sobre uma listra branca entre duas vermelhas que representam o sangue derramado por sua liberação política, enquanto que, a lista branca representa a paz, os picos nevados das montanhas e a pureza.

Estas diversidades religiosas, topográficas e climáticas estão também refletidas na música, literatura e culinária através de assimilações culturais das inúmeras civilizações que ocuparam o território, desde os primórdios do paleolítico, seguidas pelos canaanitas, egípcios, fenícios, assírios, persas, turcos, bizantinos e otomanos, para mencionar apenas algumas das muitas civilizações que contribuíram para a formação de uma distinta cultura mediterrânea e árabe. Qaraoun, uma das primeiras civilizações pré-históricas, deu origem a sofisticada cultura dos Canaanites durante o segundo milênio antes de Cristo. Estes foram os criadores do primeiro alfabeto de 30 letras sendo este, mais tarde, adotado e modificado pelos fenícios influenciando assim toda a região mediterrânea. Os gregos conheciam a costa do Líbano como Fenícia e, a sua navegação empreendedora espalhou-

2 – <https://www.openbible.info/topics/lebanon>.

3 – Cán. 5:15; Eze. 17:23.

4 – <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1975649>.

se por toda a costa do Mar Mediterrâneo de 1.500 a 300 a.C. levando, não somente o alfabeto, como também especiarias como a canela e os incensos. Os famosos centros culturais urbanos de Biblos, Berítos (Beirute), Sídon, Arvad e Tiro “mativeram sua importância durante o domínio romano.”⁵

A arte e a arquitetura clássica são encontradas em inúmeros monumentos espalhados por todo seu território com os templos romanos na região de Bekaa, conjuntos arquitetônicos em Baalbek, Tiro, Bziza, Beirute, Batron com templos, anfiteatros, casas de banho, planejamentos urbanos do *Cardo Maximus*, todos em excelentes estados de preservação. Todas as outras subsequentes civilizações, como a dos bizantinos, vários califatos árabes, o Reino de Jerusalém, os colonizadores otomanos, a Liga dos Mandatos das Nações e os franceses, contribuíram para o desenvolvimento das artes deixando monumentos espalhados por todo o país.⁶ O árabe é sua língua oficial, mas o francês e o inglês são utilizados nos meios jurídicos e econômicos.

A literatura libanesa é reconhecida mundialmente, sendo o artista, novelista e filósofo Khalil Gibran (1883-1931) seu mais famoso poeta e, na era moderna destacam-se Alexandre Najjar, Amin Maalouf, Hoda Barakat, Emily Nasrallah e outros. A UNESCO designou a cidade de Beirute como a *Capital Mundial do Livro*, em 2009, por sua diversidade cultural, diálogo e tolerância, como também pela variedade e dinamismo de programação. Beirute tem o segundo maior salão do livro depois de Paris. Suas publicações atingem todos os países onde existem uma grande imigração libanesa. Poemas tradicionais têm servido de inspiração para compositores; e os jornais têm poesia como um elemento literário de grande importância. O renascimento da literatura e da ciência ocorreu na segunda metade do século XIX com a criação de várias universidades.⁷

A mundialmente aclamada culinária tradicional mediterrânea consiste de grãos, laticínios, frutas e vegetais frescos, carnes e frutos do mar regados a azeite de oliva e temperados com especiarias e er-

5 – <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADbano>.

6 – Friedrich Ragette, *Architecture in Lebanon*, (Syracuse: Syracuse University Press, 1975).

7 – Said Abou Hamdeh, et all, eds, *A Poet and His Country: Gibran's Lebanon a Photo Essay* (Middle East Export Press Inc., 1970).

vas aromática. As azeitonas, o trigo e as uvas são uma constante na cozinha mediterrânea. A *mezza* inclui uma variedade de pratos frios e quentes seguidos com um cafezinho tipicamente árabe e por deliciosos bolos, pães e uma grande variedade de frutos secos de casca dura como as amêndoas, pinhões, pistaches, avelãs, nozes e muitas outras. Como é típico da diversidade do Líbano, suas receitas variam dependendo da região. Sua cozinha foi influenciada principalmente pela tradicional cozinha egípcia dos séculos III e IV a.C. A culinária mediterrânea está dividida em três grupos distintos: região leste que inclui o Líbano, Palestina, Turquia, Grécia, Síria, Israel e Egito caracterizadas pelos muitos produtos do leite como os iogurtes e os queijos. As especiarias mais comuns incluem a salsinha, sumac, hortelã, e o suco do limão. As outras duas regiões incluem o sul da Europa e o norte da África com suas distintas culinárias.⁸

O Brasil e o Líbano nos séculos XIX e XX

As muitas publicações de viajantes e estudiosos desde os primeiros anos do descobrimento do Brasil ajudaram a transformar a visão desta nova nação. Houve várias publicações de viajantes, artistas e cientistas antes do Brasil Império, sendo a mais importante, as encomendadas pelo Príncipe Maurício de Nassau durante o domínio holandês em meados do século XVII, documentando a fauna, a flora e a topografia do nordeste. Já no século XIX, vê-se a atenção voltada para o retrato da sociedade nos aspectos do comércio, artes e das etnografias das populações europeias, africanas e indígenas. A flora e a fauna continuam encantando os artistas, viajantes e cientistas, como no volume publicado em Viena em 1820 por Johan Christian Mika (1769-1844) com a mais completa documentação do mundo tropical das plantas e dos animais brasileiros.⁹ Entre os muitos franceses historiadores, viajantes e escritores destacam-se Hippolyte Taunay (1828-1993) e Ferdinand Denis (1798-1890), responsáveis pelo importante documentário antropológico sobre a história dos costumes e hábitos

8 – Claudia Roden, *Mediterranean Cookery* (New York: Alfred A. Knopf, 1992:7-59).

9 – <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/biblioteca/exposicoes-virtuais/exposicoes-virtuais-permanentes/relatos-de-viajantes-estrangeiros-sobre-o-brasil-dos-seculos-xviii-e-xix>.

dos habitantes do Brasil em seis volumes. August Saint-Hilaire (1779-1853) contribuiu com seu estudo científico geral do país com notáveis informações sobre as colônias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e outras localidades do Brasil.¹⁰ Estas são algumas das muitas publicações científicas e artísticas do Brasil Império destacando-se ainda as gravuras do alemão Johan Moritz Rugendas (1802-1858)¹¹ e do francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848),¹² integrantes da Missão Artística Francesa no Brasil encomendadas pelo Imperador Dom João VI a partir de 1816.

Entre o processo da Abolição da Escravatura (1850 a 1888) e a Proclamação da República (1889), o Imperador do Brasil Dom Pedro II, numa missão diplomática, visitou vários países para apresentar o Brasil como um país “moderno, cosmopolita e cidadão” participando de várias exposições universais as quais exibiam as últimas invenções industriais e científicas divididas entre os setores de manufaturas, maquinárias, matéria-prima e belas-artes.¹³ Dom Pedro também organizou exposições nacionais como a do Rio de Janeiro em 1861 e, no ano seguinte, o Brasil participa ativamente nas demais exposições internacionais como a de Londres (1862) quando expõe produtos agrícolas com a intenção de demonstrar que o Brasil era uma nação de solo “fertilíssimo e nacionalidade pacífica, inteligente e laboriosa.” A última exposição que o Brasil participou foi a de Paris em 1889 incluindo não somente produtos agrícolas e artesanato indígena, como também objetos de belas artes e uma coleção de plantas e flores entre elas as orquídeas, palmeiras e vitórias-régias do Amazonas sobre um lago artificial. Todas as exposições eram acompanhadas de folhetos educativos. O Brasil fica assim conhecido no exterior como uma nação progressista e civilizada.¹⁴

Além da participação do Brasil nestas exposições internacionais, em maio de 1871, Dom Pedro II em missão diplomática pela Eu-

10 – <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/biblioteca/exposicoes-virtuais/exposicoes-virtuais-permanentes/relatos-de-viajantes-estrangeiros-sobre-o-brasil-dos-seculos-xviii-e-xix>.

11 – <http://www.johann-moritz-rugendas.com/>.

12 – <https://www.britannica.com/biography/Jean-Baptiste-Debret>.

13 – Lilia Moritz Schwarcz, *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999:388).

14 – Schwarcz, 393-396.

ropa e o Norte da África, visita Portugal, Espanha, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália, Egito, Grécia, Suíça e França incentivando, desta maneira, o movimento imigratório no Brasil. Entre 1876 e 1877, Dom Pedro visita a Palestina, o Líbano, a Síria e o Egito e, cinco anos depois chegam ao solo brasileiro os primeiros imigrantes libaneses, cristãos maronitas vindos do Monte Líbano, na sua maioria. O Líbano impressionou muito ao Imperador durante sua primeira visita em 1871 e, ao retornar a Beirute cinco anos depois, em 11 de novembro de 1876, descreve que “A partir de hoje começa um mundo novo. O Líbano ergue-se diante de mim com seus cimos nevados, seu aspecto severo, como convém a essa sentinela da Terra Santa.”¹⁵ O escritor árabe Roberto Khatlab em sua obra *As Viagens de Dom Pedro II: Oriente Médio e África do Norte 1871 e 1876* descreve em detalhe a viagem do Imperador e a grande publicidade em todos os jornais da região sobre sua visita, promovendo, assim, as terras para o Brasil.¹⁶ O primeiro consulado Libanês no Brasil foi aberto em 1920 para facilitar a imigração de libaneses. Aproximadamente 7 a 10 milhões de brasileiros têm seus ancestrais no Líbano mantendo, desta maneira, estreito relacionamento histórico e cultural. As situações políticas e religiosas do Líbano contribuíram para o grande êxodo da população para outros países.

Entre 1967-1968, os selos dos correios do Líbano comemoram os 150 anos da Independência do Brasil (7/9/1822) com estampas das cidades de Salvador e de Brasília, do trajeto dos imigrantes do Líbano para o Brasil e, principalmente, dos retratos do Imperador do Brasil Dom Pedro I (1798-1834) com o primeiro líder do Monte Líbano Emir Fakh-al-Din II (1572-1635),¹⁷ ambos conhecidos como “Os Liberadores.” Enquanto Dom Pedro I foi o fundador e primeiro Imperador do Brasil, Emir Fakh-al-Din II foi o primeiro líder a lutar pela liberação do Líbano do domínio Otomano.

15 – <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1668705-as-viagens-de-pedro-2-ao-oriente-medio.shtml?cmpid=menutop>.

16 – Roberto Khatlab, *As Viagens de Dom Pedro II. Oriente e África do Norte, 1871 e 1876*. São José dos Campos, SP: Benvirá, 2015.

17 – Sandra A. Scham, “The Legacy of Fakhreddine II - Renaissance Prince of Mount Lebanon,” *Journal of Eastern Mediterranean Archaeology & Heritage Studies*, Penn State University Press, Vol. 3, No. 4 (2015), pp. 428-438.



Selos Libaneses comemorativos do aniversário
de 150 anos da Independência do Brasil

O domínio político turco-otomano (1516-1914) contribuiu para a emigração de sua população, que numa tentativa de evitar o alistamento militar obrigatório aos cristãos, emigraram para outros países. O Líbano do século XIX caracteriza-se pelo declínio econômico, criação de altos impostos dos muçulmanos aos cristãos e um completo desgoverno. Neste período, a falta de oportunidades, pobreza, doenças endêmicas e declínio das indústrias tradicionais reforçaram a emigração, primeiramente dos homens que mandavam dinheiro para suas famílias e, quando já estabelecidos, iam buscar suas famílias. Estas foram as situações da maioria dos imigrantes libaneses na região das Vertentes.

Algumas famílias tiveram que viajar escondidas em porões de navios e, até trocar seus sobrenomes ao chegar ao Brasil para evitar serem encontradas. Relata-se que a situação destes cristãos imigrantes tinha que ser plangente ao ponto de abandonar não somente a terra natal, largando seus usos e costumes árabes, mas, principalmente, seus familiares e amigos para viverem numa terra desconhecida de costumes diferentes e com grande dificuldade de comunicação. Aí se começa o processo não só de imigração como também o de adaptação à nova realidade e a busca de novos sonhos.

Havia diferentes rotas pelas quais os imigrantes eram atraídos como o Egito, Sudão, Colônias Francesas e Inglesas situadas na África e no Ocidente. Alguns cristãos árabes tentavam alcançar as Américas,

a Austrália, Nova Zelândia e as Ilhas do Pacífico devido a sua positiva tolerância religiosa. De acordo com o relato da Família Atalla: “O trajeto a seguir se fazia em duas etapas. Do Líbano seguiam para a Europa Ocidental aos portos de Marselha na França e ou Nápoles e Gênova na Itália e dali, sempre em 3E” classe dos navios, tentavam alcançar os países de destino.” De acordo com alguns relatos, os primeiros imigrantes sírios e libaneses vieram para o Brasil por não conseguirem vistos de entrada nos Estados Unidos da América do Norte devido a exigência do conhecimento da língua e de um bom estado de saúde. Como estas restrições não eram impostas pelo Brasil e outros países das Américas Central e do Sul, estes mudaram seus destinos. A emigração do Líbano continua e, devido ao estabelecimento da República em 1943, o Líbano tem sido cenário de vários protestos, crises, insurreições, guerras, revoluções, e conflitos incluindo a Guerra Civil do Líbano (1975-1990) e sua ocupação pós-guerra por Israel e Síria em 2005.

A Chegada aos Portos Brasileiros

Santos e Rio de Janeiro foram os primeiros portos de desembarque. “O censo de 1876 aponta o ano de 1871 como sendo a primeira vez que aparecem sírios e libaneses no Brasil. O censo menciona três “turcos” na cidade do Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.”¹⁸ A imigração árabe, a rigor, engloba outras nacionalidades, como egípcios, palestinos, sauditas, iraquianos e outros, porém os libaneses respondem por cerca de 70% dos imigrantes árabes no Brasil. Nos primeiros 50 anos da imigração, isto é, dos anos 1880 a 1930, predominou-se a imigração de libaneses cristãos.¹⁹ Outra causa para a emigração de libaneses ocorreu devido ao maior período de fome no Líbano durante a Primeira Guerra Mundial (1915-1918), o qual perdeu um terço de sua população. Durante estas décadas, os passaportes emitidos eram de nacionalidade turca, e, somente a partir de 1926, estes eram identificados como sírios. Por causa desta denominação de turcos, muitos descendentes são chamados de ‘turcos’ o que para muitos

18 – <https://pt.wikipedia.org/wiki/Liban%C3%AAs-brasileiro>.

19 – Paulo Daniel Farah, *Folha Especial*. São Paulo, domingo, 23 de setembro de 2001.

é uma ofensa.²⁰ Ao chegarem aos portos brasileiros, os imigrantes e suas famílias tinham um único passaporte, o do titular com seus acompanhantes, passando imediatamente por procedimentos semelhantes a registros de matrículas. Os nomes eram conferidos com as listas de bordo dos navios e a matrícula era efetivada. Porém, nem o passaporte e nem as informações eram registradas.²¹

Os imigrantes assim que chegavam a São Paulo eram acolhidos na Hospedaria do Bom Retiro, que era uma casa adaptada para apenas 500 ocupantes. Devido ao aumento de imigrantes, estes iam para uma hospedaria recentemente inaugurada, Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887-1978) e para outras casas que acolhiam as pessoas provisoriamente. Consequentemente, a aglomeração nas hospedarias e a falta de qualquer exame médico resultaram na insurgência de várias epidemias que assolararam a cidade de São Paulo no final do século XIX e início do próximo. Estas epidemias incluem a da varíola em 1887, Gripe Espanhola em 1918, sem contar com a instabilidade política com a Revolta Paulista em 1924 e a Revolução Constitucionalista de 1932. Durante estes períodos de epidemias e instabilidade política, as hospedarias se transformavam em hospitais ou presídios políticos.²²

As regiões que mais atraíram a imigração sírio-libanesa foram a Amazônia durante o Ciclo da Borracha, seguidas pelas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo no início de século XX. Minas Gerais também atraiu um grande número de imigrantes de vários países. Os imigrantes sírios e libaneses se concentravam nas áreas urbanas, diferentes dos europeus, que vieram para o trabalho do campo. Estes primeiros trabalhavam como mascates vendendo seus produtos de porta em porta, principalmente tecidos e materiais de alinhavo, para mais tarde, formarem redes de lojas de varejo, atacado e, finalmente, na fundação de indústrias nas regiões de São Paulo e Minas Gerais. De acordo com o censo de 1920 havia mais de 50.000 sírios-libaneses no Brasil sendo que 38% da população de São Paulo eram libanesas.²³

20 – Mayra Poubel, *A imigração Libanesa no Brasil*. <http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/imigracao-libanesa/>.

21 – Henrique Trindade de Abreu, *Acervo Digital do Museu da Imigração*, Museu da Imigração do Estado de São Paulo, <http://www.inci.org.br/acervodigital/>.

22 – Trindade de Abreu, *ibid.*

23 – https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_%C3%A1rabe_no_Brasil.

Contribuições religiosas e culturais dos sírios-libaneses no Brasil

De acordo com o artigo de Paulo G. Pinto, *The Religious Dynamics of Syrian-Lebanese and Palestinian Communities in Brazil* (2015:20-40) o termo Sírio-Libanês foi gradualmente sendo aceito depois de 1920 em referência a identificação genérica dos imigrantes da língua árabe dominados pelos Otomanos, incluindo os povos da Síria, Líbano e Palestina, como também os seus descendentes no Brasil. A maioria dos imigrantes pertenciam aos grupos religiosos dos Maronitas, Ortodoxos Cristãos, Melquitas e um pequeno grupo de muçulmanos e judeus que muito contribuíram na distinção entre os emergentes grupos das comunidades Sírio-Libanesas.

Já em 1897, foram criadas a Sociedade Ortodoxa de São Paulo e a Sociedade Ortodoxa de São Nicolau no Rio de Janeiro. Em São Paulo, foi construída a Igreja da Natividade em 1904 e no Rio de Janeiro a Igreja de São Nicolau foi inaugurada em 1918 como Catedral Ortodoxa do Brasil. Em 1940, a Catedral Metropolitana Ortodoxa de São Paulo, dedicada a São Paulo e seguindo o estilo Bizantino, é considerada como uma das mais lindas obras arquitetônicas do cristianismo mundial. A decoração em mármore Carrara foi doada pelo benemérito Assad Abdalla Haddad.

Os maronitas de São Paulo criaram a Sociedade Maronita de Beneficência em 1897 e a construção da igreja em 1903. Enquanto isso, no Rio de Janeiro a Irmandade Maronita (al-Akhwiyya al Maruniyya) criada em 1901 inaugura a Igreja de Nossa Senhora do Líbano em 1936. Os Melquitas estabeleceram o Conselho Grego-Católico Melquita em 1928 no Rio de Janeiro e a construção da Igreja de São Basílio em 1938. A primeira Sociedade Beneficente Mulçumana foi criada em São Paulo em 1929 e a primeira mesquita construída em 1942. O comando de construção teve sírios e libaneses e culminou com o estímulo à construção de inúmeras outras mesquitas no interior do Brasil, principalmente nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde se concentra um grande número de imigrados sírio-libaneses muçulmanos. Todavia, os drusos criaram na pequena cidade mineira de Oliveira a primeira Sociedade Beneficente Druziense. A partir daí, um grande número de sociedades religiosas sírio-libanesas e igrejas aparecem por todo o Brasil.

Em 1922, a coletividade sírio-libanesa doou ao Brasil o Monumento Amizade Sírio Libanesa do escultor Ettore Ximenez em comemoração ao centenário da Independência. Este monumento retrata a atuação fenícia que praticou a arte da navegação no mundo, bem como a construção de barcos e doando ao mundo o alfabeto. Inclui, neste monumento, a estátua de Hiran, Rei de Tiro que descobriu as Ilhas Canárias e a entrada dos árabes no Brasil.

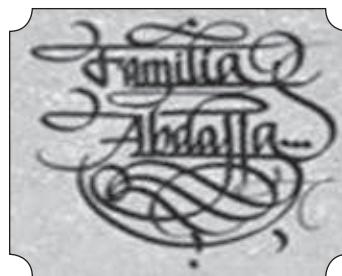
Com o aumento econômico desta população, os sírios-libaneses fundaram clubes, hospitais e centros culturais como o Hospital Sírio Libanês, Clube Atlético Monte Líbano e Câmara de Comércio Líbano Brasil. As gerações seguintes conseguiram grande notoriedade com sua participação nas áreas da política, médica, artística e literária do país.

Elizabeth N. Calil Zarur, Ph.D.

PARTE II

DEPOIMENTOS DAS FAMÍLIAS

Família Abdalla Jorge - Abdalla Yraige



É bonito saber que Abdalla significa “servo de Deus”. Também é bonito saber que nossa família atravessou o oceano, instalou-se em outro país, porém jamais se instalou em outra fé. Continuamos Abdalla, continuamos “servos de Deus”. E assim seremos.

O sobrenome se espalhou pelo Brasil a ponto de ser um dos mais comuns entre os árabes por aqui. É tão comum que também passou a ser usado como nome.

Era o ano de 1901. Meu Deus... quanto tempo! Lá da cidade de Kfar Habou, no norte do Líbano, saiu uma mulher em busca de nova terra. Seu nome? Maria Mockbel Yraige Abdalla. Ela era filha de Miguel Mebel e Antônia Mebel. Já era viúva de Abdalla Yraige. Teve coragem e determinação: com seus três filhos (José Jorge/ Jibreen Abdallah Greg, Jorge Abdalla/Greg e Marieta Abdalla/Chamma), chegou ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro.

Até hoje, uma pergunta nos vem à cabeça: Onde foi que Maria Mockbel Yraige Abdalla e seus três filhos se instalaram no Brasil

nos primeiros anos de sua chegada? Impossível responder, pois não temos notícias disso. Por outro lado, temos um documento muito importante, sendo ele o mais antigo: a certidão de casamento de José Jorge, seu filho mais velho, com Catharina Elias/Ktour, filha de José Messias e Amélia Messias, também libaneses, em 05 de julho de 1907, na Matriz de Santa Anna, em Barroso, MG. Também temos a certidão do casamento civil, na mesma data.

Segundo a certidão de casamento, Catharina Elias tinha desseis anos e José Jorge contava com vinte. Contudo, em um documento posterior, *Certificat Provisoire*, de 28 de dezembro de 1937, consta que a data de nascimento de José Jorge é de 1885, e não de 1887. Assim, podemos concluir que ele se casou aos vinte e dois anos. José Jorge e Catharina Elias tiveram dez filhos.

Também é importante destacar Marieta Abdalla e Jorge Abdalla. Marieta casou-se com o irmão de Catharina Elias, cujo nome era Salim Elias. O casal teve três filhos. Por sua vez, Jorge Abdalla casou-se com Rosa Cecin e tiveram quatro filhos.

A partir daí, inicia-se a primeira geração de descendentes da Família Abdalla Yraige (Abdalla Jorge) nascidos no Brasil.

Outra coisa importante: encontramos também certidões nas quais parentes – além de Abdalla e Jorge – recebem como sobrenome: Ireige, Yreige, Greg, Kemel.

José Jorge e seus filhos sempre se dedicaram à atividade do comércio. Tiveram três lojas de tecidos. Uma em Barroso, que ficou sob a responsabilidade de Fadul José Jorge; uma em Piedade do Rio Grande, que era de responsabilidade de Tufy José Jorge; e mais uma, essa em São João del-Rei. Chamava-se “Tecidos José Jorge” e ficava na Praça Severiano de Resende, 110. Era de sua responsabilidade e de seus filhos: Alfredo José Jorge (conhecido como Salim), Angelina Jorge e Rosa Amélia Jorge.

O filho mais velho de José Jorge Abdalla, José Jorge Abdalla Filho, apelidado de Zé Turco, tornou-se mascate, ou seja, um caixeiro viajante. Tinha registro na Associação Comercial de São João del Rei e fazia parte da União dos Viajantes Comerciais do Brasil. Quantas distâncias José Jorge Abdalla Filho percorreu! Viajava a cavalo e de trem, atendendo as localidades de Prados, Dores de Campos, Bichinho, Elvas, Pitangueiras, Ribeirão, Caixa d’Água da Esperança... Acabou sen-

do um importante elo da população dessas comunidades com São João del-Rei. Só para se ter uma ideia, acontecia muitas vezes ser ele quem comprava os remédios encomendados por várias pessoas dessas comunidades. Comprava e os levava na próxima viagem.

Miguel José Jorge também se tornou mascate. Com o mesmo espírito de iniciativa de seu irmão mais velho, empreendia suas viagens por Penedo, Santa Rita do Rio Abaixo (hoje, Ritápolis) e localidades adjacentes. Por onde passava, assim como seu irmão, conseguia fiéis clientes e ganhava a confiança das pessoas. Além de fazer o seu comércio, também comprava remédios e outros artigos de necessidade da população.

No ano de 1938, José Jorge Abdalla adquiriu a casa onde já morava com sua família, na Praça Embaixador Gastão da Cunha, 97. Essa praça é o Largo do Rosário. Ali, naquela casa, a família viveu até a morte da última filha e moradora: Amélia Hannas. José Jorge, então já viúvo, faleceu em 1967. As lojas de Barroso e de Piedade do Rio Grande foram fechadas. No entanto, seus filhos e filhas continuaram cuidando da loja “Tecidos José Jorge”, no Largo do Tamandaré, 110. Isso durou até o final da década de 1980.

O tempo... sempre o tempo. O ano de 1972 chegou e José Jorge Abdalla Filho fez a sua última viagem: para a morada celeste. Miguel Jorge, seu irmão, ainda continuou como mascate até meados da década de 1980. A partir daí, iniciou outra atividade.

Não só a nossa Família Abdalla, como também as outras famílias árabes, desempenharam relevante papel no desenvolvimento econômico de São João del-Rei. Também marcaram presença na vida social da cidade. Como é o caso de José Jorge Abdalla Filho: amava futebol e contribuiu bastante para a criação e manutenção do seu querido Athletic Club.

O que poderíamos dizer sobre as atividades de Jorge Abdalla e de Rosa Cecin? Infelizmente não foi possível colher informações suficientes para um relato. Jorge e Rosa já são falecidos. Além disso, suas duas filhas, Camélia Abdalla e Carmen Abdalla, que residiam em São João del-Rei, mudaram-se para Timóteo, MG, assim que ficaram mais velhas e doentes. Seus irmãos, Padre Abdalla Jorge e Carmelita Abdalla (a irmã mais velha) já moravam em Timóteo havia um bom tempo. Padre Abdalla estava morando em Timóteo desde 1953.

Quanto ao Padre Abdalla, foi ele uma figura de destaque na história da cidade de Timóteo, também conhecida como Acesita. O sacerdote esteve à frente dos trabalhos da Paróquia de São José Operário. Em toda a sua vida clerical, Padre Abdalla foi um exemplo de entrega total ao serviço a Deus, presente nos mais necessitados e nos trabalhadores. Mesmo trabalhando com humildade, recebeu inúmeras homenagens, sendo reconhecido por toda a população.

Muitos passam pelo mundo e deixam uma descendência numerosa. Outros passam e deixam poucos descendentes, porém deixam um precioso legado de valores. Foi o caso de Jorge Abdalla e Rosa Cecin. Nenhuma de suas filhas constituiu família. Mas guardaram e transmitiram o tesouro da formação que receberam de seus pais.

Há mais alguns nomes que também são aqui trazidos, de acordo com as informações que conseguimos obter. Marieta – conhecida como Chamma pelos parentes – casou-se com Salim Elias e tiveram três filhos: Nadir Salim, que se casou com Ione Hannas; Farid Salim, que não se casou; e Irene Salim, que se casou com Geraldo Castanheira.

E mais uma vez o tempo levando coisas, transformando outras... mas sempre deixando espaço para a história. À medida que os descendentes dessa sólida geração foram se envelhecendo; e outros já deixando essa vida, as atividades comerciais iam sendo abandonadas. Os que vieram depois, bem depois, se dedicaram a outros diferentes trabalhos, como Magistério, Exército, Medicina, Engenharia, Administração, Serviços Públicos, Direito...

Não só Maria Abdalla, aquela que, em 1901, corajosamente partiu viúva da cidade de Kfar Habou, no norte do Líbano, com os seus três filhos que vieram para o Brasil. Outros parentes também chegaram a São João del-Rei. Encontramos, entre os documentos, informações a respeito de uma família cujos três membros já são falecidos. Assim como talvez tenham se perdido as condições de obtermos quaisquer dados seguros a respeito deles, a não ser o registro de seus nomes: Latife Yreige e sua filha Nagiba Abdalla e o filho Kemel Abdalla.

Árvore Genealógica

Maria Mockbel Yraige Abdalla, filha de Miguel Mebel e Antônia Mebel, casada com **Abdalla Yraige/Abdalla Jorge**, nascidos em Kfar Habou, no Líbano, pais de José Jorge, Marieta Abdalla e Jorge Abdalla.

Descendência da família de **José Jorge Abdalla** (Jibreel Abdullah Greg) e **Catharina Elias**:

- José Jorge Abdalla Filho, casado com Maria Peixoto Abdalla
- Tufy José Jorge, casado com Rita Jorge
- Manila José Jorge, casada com Necside
- Angelina José Jorge, Alfredo José Jorge e Marieta José Jorge
- Rosa Amélia José Jorge casada com Alfredo Hannas
- Fadul José Jorge casado com Vitória Gomes
- Miguel José Jorge casado com Lenir Resende Jorge
- Malvina José Jorge casada com Álvaro Dias

Descendência da família de **Jorge Abdalla (Greg) e Rosa Cecin**: Padre Abdalla Jorge, Carmelita Abdalla, Carmen Abdalla e Carmélia Abdalla.

Descendência da família de **Marieta Abdalla e Salim Elias**: Farid Salim, Irene Salim, casada com Geraldo Castanheira e Nadir Salim, casado com Ione Hannas Salim.

Maria Carmem Abdala e
Sérgio Luiz Abdala



A matriarca Maria Mockel Abdalla



Documento de entrada no Brasil de Latife e seus filhos



Latife Yreige



Opção de manter a nacionalidade libanesa - José Jorge Abdalla



Casamento de Alfredo Hannas. Amélia Hannas, irmãos e cunhadas



José Jorge Abdalla



Catarina Elias, esposa de
José Jorge Abdalla



Malvina Jorge Dias, única filha
viva de José Jorge Abdalla



Miguel Jorge e sua
esposa Lenir Jorge



José Jorge Abdalla Filho



Alfredo José Jorge



Padre Abdalla

Família Abdo Haddad e Frangie

O Líbano chorou a morte e fuga de muitos de seus filhos por causa da guerra. Também os filhos choraram, ao verem seus familiares e amigos morrerem... sua pátria desfigurada pela violência. Também choraram quando tiveram que deixar tanta coisa para trás e fugir para o outro lado do oceano. A morte chegava cada vez mais perto.

Foi o que aconteceu com Abdo Haddad, nascido em Baalbick. Ele veio do Líbano, fugindo da guerra, assim como muitos dos seus patrícios. Era o ano de 1924 quando ele chegou ao Brasil. Tinha 28 anos de idade. Desembarcou no Rio de Janeiro.

Olhou para trás. O navio parado, já ao longe. Abdo nem acreditou que tivera feito aquela viagem de muitos dias, dentro de um navio de cargas. Mas voltou o olhar para a frente, pois a vida nova se apresentava.

Como não sabia a língua portuguesa e os costumes do novo país eram bem diferentes de sua cultura, chegou a São João del-Rei com muita dificuldade. Aos poucos, foi vencendo as barreiras.

João Pedro Ferreira, o irmão mais velho de Abdo, veio junto. Lá no Líbano, ficaram alguns parentes próximos que não tinham intenção de deixar o país.

Não havia tempo a perder. Abdo e João Pedro foram à luta. O começo foi bastante difícil mesmo. Em viagens árduas por meio de burros de carga, mascateavam de lugar em lugar, tendo que enfrentar os sérios problemas de comunicação, pois não sabiam quase nada da língua portuguesa. Negociavam em “barganha”, ou seja: tecidos, brins, gravatas e meias em troca de alimentos.

Abdo, com o tempo, ganhou o apelido de “Joaquim”. E assim ficou. Mas voltemos um pouco o tempo: Abdo, quando ainda estava em sua terra natal, sempre ouvia comentários a respeito de uma jovem muito bela. Ele ficou interessado nela. O nome da moça era Frangie. Sua mãe se chamava Neifa Haddad, natural de Yabroud, na Síria.

De acordo com o costume dos árabes na época, Frangie já estava prometida a um jovem. Ou seja, as famílias decidiam entre si o casamento de seus filhos.

Fazer o quê? Joaquim (Abdo), sem esperança de ter a linda Frangie, veio para o Brasil.

Joaquim já estava no Brasil havia, mais ou menos, um ano. O que aconteceu? Ficou sabendo que o esposo de Frangie havia morrido na guerra, deixando uma filha: Márian, de 9 anos de idade... ou 10. Tão logo soube disso, Joaquim mandou buscá-las, mãe e filha.

E elas vieram. Escondidas em um navio de cargas, vieram em companhia do irmão mais velho de Frangie: Ata Haddad. A viagem foi longa e muito difícil.

Joaquim a esperava ansiosamente no porto de Santos. Ela também queria muito conhecer Joaquim. Depois de se conhecerem, vieram para São João del-Rei e aqui se casaram. Uma vez casados, Joaquim abriu, numa casa alugada, sua loja de tecidos e outros artigos. Ficava na rua General Osório, nº 6, bairro do Tijuco.

Joaquim e Frangie tiveram 6 filhos, cinco homens e uma mulher, além da filha que Frangie tinha do seu primeiro casamento, Maria. Os filhos são: Chafick Haddad, Rafick Haddad, Tufick Haddad, Sadyck Haddad, Chaquick Haddad, Saada Haddad, conhecida como Aparecida. Alguns dados sobre a família.

- Chafick Haddad casou-se com Martha Haddad, filha de Eduardo Neif Haddad e Zalpha Habib Haddad, natural de Juiz de Fora. Tiveram 3 filhos: Fernando Haddad, Murilo Haddad e Júnia Haddad. Fernando é casado com Márcia Rodrigues Haddad. Ela é farmacêutica e ele, comerciante. O casal tem um filho: Victor Rodrigues Haddad. Murilo é casado com Maria Cristina Teixeira Haddad, professora de Filosofia. Murilo é engenheiro eletricista. Júnia é casada com João Bosco de Sousa e os dois têm uma filha: Rebecca, de 4 anos. Júnia é formada em Administração de Empresas e João Bosco em Ciências Econômicas. Chafick faleceu no dia 10 de agosto de 2001.

- Rafick Haddad casou-se com Maria Lourdes Haddad, filha de Eduardo Neif Haddad e Zalpha Habib Haddad, natural de Juiz de Fora, no dia 30 de outubro de 1954. Tiveram 3 filhos: Frederico Haddad, Ronaldo Haddad e Aloísio Haddad. Frederico, com formação em Engenharia Mecânica, tem dois filhos: Talissa Haddad Tedesco e Keller Carvalho Haddad. Talissa casou-se com Tiago Tedesco e moram em Santiago, no Chile. Ambos são administradores de empresa e têm uma filha de dois meses e meio: Mila Carvalho Haddad. Keller Carvalho Haddad é sol-

teiro e arquiteto. Por sua vez, Ronaldo é casado com Lizzie Bordallo Vale Haddad, do Rio de Janeiro. Ele é engenheiro mecânico e o casal tem dois filhos: Augusto Vale Haddad e Joana Vale Haddad. Augusto é solteiro e formado em Engenharia de Produção. Joana é solteira e formada em Odontologia. Por fim, Aloísio, que é casado com Maria Francisca Tereza Feres Nohra Haddad. Ela é natural de Muriaé (MG) tendo como pais Ivo Nohra e Laila Feres Nohra. São 3 os filhos do casal: Matheus Nohra Haddad, Thaís Nohra Haddad e Eduardo Nohra Haddad. Thaís é formada em Turismo e em Administração Pública. É solteira. Matheus é casado com Fernanda Luiza Teixeira Lima Haddad, natural de Belo Horizonte. Ela é Doutora em História e ele, Doutor em Ciência da Computação. Residem em Rio Paranaíba. Eduardo é engenheiro civil e é casado com Elizandra Grasiela Esperancini, modelo fotográfica. Residem em São João de-Rei. Têm um filho: Lucca Esperancini Haddad.

- Tufick Haddad casado com Zilda Tury Haddad em 27/09/1958, natural de São João del-Rei, tem 4 filhos:

Valéria Tury Haddad Savassi, Adriana Tury Haddad, Zuzana Tury Haddad e Leonardo. Tury Haddad Tufick, Comerciante aposentado.

Valéria Tury Haddad, casada com Haroldo Luiz Savassi Palmer, Natural de Belo Horizonte. Valéria, formada em comércio exterior e Haroldo, motorista. Tem dois filhos: Yan Tury Haddad e Maila Haddad Savassi Palmer. Maila casada com Guilherme Otávio Giarola, tem dois filhos João e José Haddad Giarola.

Adriana, formada em Assistência Social.

Suzana, viúva, formada em Odontologia.

Leonardo Yuri Haddad, casado com Renata Dornellas, natural de São João del-Rei, tem uma filha: Júlia Dornellas Haddad. Ele formado em Administração. Ela é formada em Biomedicina.

Sadick Haddad casou-se em 26/05/1979 com Maria Inês Moura Haddad, natural de São João del-Rei. Ele é comerciante aposentado. Tem um filho: Marcelo Ribeiro Haddad, militar, casado com Andréia Lucia Rangel em 16/03/2002. Tem dois filhos: Laura Rangel e Lucca Haddad.

Chaquick Haddad casou-se com Idalina Carvalho Haddad, natural de Belo Horizonte. Tem um filho: Bernardo Carvalho Haddad.

Chaquek é formado em Economia e Idalina formada em Advocacia. Bernardo formado em Direito. Chaquek faleceu 26/05/1994.

Saada Haddad, conhecida por Aparecida, foi a irmã que, juntamente com Márian, ajudaram seus pais e irmãos. Foram costureiras, fazendo os tecidos se transformarem em variadas vestes, como calças compridas, camisas, saias e até vestidos de noivas! Saada e Márian foi voluntária nas obras da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, ensinando culinária e tricô. Sempre juntas, Márian e Saada. Contribuíram anos a fio, renovando turmas e habilidades! Faziam com prazer, adquirindo muitas amizades. Aparecida foi sempre exímia cozinheira! Faleceu aos oitenta e sete anos. Márian adaptou-se logo com sua nova residência, São João del-Rei. Com sua humildade e bondade, ganhou amigas, revezando horário de almoço com seus irmãos no comércio e em casa. Aperfeiçoou-se em costuras, bordados e tricô. As duas irmãs foram um grande suporte para toda a família, fazendo dos trabalhos a arte de servir, com amor e carinho! Márian, com 50 anos, casou-se com José Aiex e foram morar em São Paulo. Quando seu marido faleceu os irmãos a trouxeram de volta para São João del-Rei.

Ainda sobre Abdo Haddad (Joaquim), uma informação importante e de caráter atual: Abdo, junto com seus filhos Chaquek e Rafick, iniciaram em 1949 um comércio de tecidos, cama, mesa e retalhos. Essa loja está em atividade até hoje. Trata-se da conhecidíssima loja “O mundo dos Retalhos”, situada na rua Marechal Deodoro. Aos poucos, Joaquim foi se afastando do comércio e seus filhos Chafick, Sadick e Tufick entraram na sociedade. Rafick, então, saiu da mesma e abriu uma outra loja, pois iria se casar. Essa outra loja se chamou, primeiramente, “Tecidos Novo Mundo”. Depois, tornou-se “Tecidos Malu”.

Maria Lourdes Haddad



Chafick



Família Chafick: Martha, filhos, noras, genros e netos



Rafick, Maria e os filhos Fred, Ronaldo e Aloisio



Família de Rafick: Maria, filhos, noras e netos



Frangie com as filhas Aparecida e Marme



Frangie e alguns dos filhos



Rafick e Maria



Ines e Sadyck



Joaquim, Frangie, filhos noras e netos



A matriarca Frangie, 1981



Casamento de Tufick e Santinha



Idalina e Bernardo



Idalina e Zuca

Família Abraão Hannas

No início do século XX, um imigrante libanês, oriundo de Carfalhab, aldeia de Trípoli, buscando melhores condições de vida, chega às terras brasileiras. Seu nome, na sua língua nativa, era Hannah Antunes. A etimologia vem do hebraico, idioma semítico, significando “Graça”. Daí procede, em árabe, o seu nome.

Uma vez no Brasil, Hannah Antunes tomou o nome de João Antônio e se instalou, inicialmente, em Barra Mansa (RJ). Depois, mudou-se para Resende Costa (MG). João Antônio voltou ao Líbano e trouxe com ele o seu filho mais velho, solteiro, chamado Kalil (nome traduzido para Calixto). Em Resende Costa, João Antônio conquistou a simpatia de todos, sendo carinhosamente chamado de João Velho. Mais tarde, João Velho mandou buscar parte de sua família, que ficara no Líbano. Vieram sua esposa Saada e os filhos Brorrim (Abrahão), com dez anos de idade, e Melhres (Alfredo), com oito. Liés (Elias), que era solteiro, veio mais tarde.

A chegada deles ao Brasil se deu por volta de 1910. Fixaram residência em Resende Costa, morando primeiramente numa casa da atual Praça Rosa Penido, em frente ao então Grupo Escolar “Assis Resende” (hoje, Escola Estadual “Assis Resende”).

Nessa casa, foi montada a primeira loja. Como todo personagem, que vive uma história, deve apresentar características que o tornem melhor conhecido, essa história aqui contada também traz alguns traços interessantes dos seguintes membros da família.

Hannah Antunes, carinhosamente conhecido como João Velho em Resende Costa. Era dotado de esplêndido e robusto físico, impávido e valente. Era um homem de mais de um metro e noventa de altura. Apesar disso, passava a impressão de um cordeiro, generoso e altruísta. Além das dificuldades financeiras e do idioma desconhecido, carregava, durante sua árdua tarefa de mascate, um pesado baú de mercadorias, que lhe deixou nos ombros duros calos.

Há ainda um outro caso, este engraçado. Aconteceu nos primórdios da vinda da família. João Velho mandou os dois filhos Abrahão e Alfredo buscarem um “cochonilho” (manta que se coloca sobre o arreio do cavalo), encomendado a um artesão. Os dois ainda não sabiam falar português direito e ressolveram ir repetindo a tal

palavra até chegarem à casa do artesão. Foram repetindo: “cochonilho... cochonilho... cochonilho...”. Repetiram tanto a palavra que cochonilho virou “cachorrinho”. Ao chegarem à casa do artesão, disseram: “Vimos buscar o cachorrinho.” O artesão não entendeu patavina. De tanto insistir naquela conversa que não chegava a lugar algum, perdeu a paciência e mandou os dois embora. Seus restos mortais repousam em Resende Costa. Morreu em consequência de AVC.

Saada Giraig Kemmel, assim que chegou ao Brasil, Saada passou a se chamar Dona Maria. Era de estatura baixa, magra, cabelos pretos e presos à moda de coque. Usava roupas longas, rodadas, como uma cigana. Tinha um temperamento forte, o que tornava difícil a sua convivência com a própria família. Saada falava mal o português. Era uma mulher de hábitos caseiros e seu bom coração fazia de sua casa um verdadeiro restaurante para os pobres. Seus restos mortais também repousam em Resende Costa.

Abrahão Antônio Hannas, nasceu no Líbano, em Calfahab, no ano de 1899. Veio para o Brasil em 1910 e se casou com Lucya. Tiveram dez filhos, como veremos mais à frente. Chegou ao Brasil aos dez anos de idade e se dedicou ao comércio. Muito trabalhador, vendia seus tecidos nas fazendas adjacentes. Iam, ele e seu empregado, montados nos cavalos Boneco e Pachola. Naquele tempo não havia inflação, assim as mercadorias eram vendidas para pagamento somente no próximo ano. Contam que, na cidade de Prados, havia uma trova que o povo dizia quando Abrahão chegava com as suas mercadorias: “Compre fiado, vista-se bem. Corra pro mato que o turco já vem.” Abrahão naturalizou-se brasileiro. Tinha um grande amor pelo Brasil, Resende Costa e São João del-Rei. Nesta última, adquiriu o sobrado que pertenceu ao libanês Yunes, conhecido como “palacete Yunes”, em estilo neoclássico. Era liderança política. Ao ser procurado pelo político Andradinha, que lhe pedia apoio nas eleições, Abrahão, então preocupado com o êxodo dos jovens para estudarem em outras plagas, disse ao candidato: “Nós o apoiaremos, desde que Vossa Exceléncia, se eleito, faça instalar um colégio em Resende Costa.”

Andradinha foi eleito e cumpriu a promessa, instalando na cidade o Colégio Nossa Senhora da Penha. Vítima de problema pulmonar decorrente do cigarro, Abrahão faleceu em 1973. Seus restos mortais repousam no cemitério do Carmo, em São João del-Rei.

Alfredo Hannas nasceu no Líbano, em 1902. Com oito anos de idade, veio para o Brasil. Alegre, carinhoso e empreendedor, era o caçula e o tio preferido. Separou-se da sociedade dos quatro irmãos e foi cuidar de seus próprios negócios em César de Pina. Ali adquiriu terras e montou uma estrutura comercial. Tinha também residência em São João del-Rei e uma fazenda em Prados. Casou-se com Esméria, também filha de libaneses. Dessa união nasceram Maria José (conhecida como Paixão), Ione, Carmen e João. Ficou viúvo e casou-se novamente, agora com Rosa Amélia, outra filha de libaneses. Com ela teve os filhos: Alfredo Hannas Filho e Luiz Alfredo (que faleceu logo após o nascimento). Mais tarde, operado em Juiz de Fora para extirpação de uma úlcera, não teve êxito na cirurgia. Faleceu em 1944. Está sepultado em Resende Costa. Calixto e Elias não se casaram.

Família Stephen

Antônio Stephen e Filomena Menassa eram libaneses residentes em Ghosta, colina de Beirute. Tinham como filhos: Marin (Maria), Simaen (Simão), Boulos (Paulo), Youssef (José), Butrus (Pedro), Wequim (Joaquim) e Lucya (Lúcia). Marin (casada com o libanês Miguel Salomão), Butrus, Wequim e Lucya. Marin teve onze filhos e seus irmãos, Butrus e Wequim eram solteiros. Wequim mudou-se para Salvaterra (MG). Interessante lembrar que a família Stephen sempre foi muito bem conceituada no Líbano, por sua integridade e cultura. Possui vários patriarcas, bispos e padres. O rei Luiz XIV, por causa da projeção da Família Stephen durante o domínio francês sobre o Líbano, doou a essa família um colégio para formação eclesiástica.

Lucya Stephen nasceu no dia 3 de fevereiro de 1900, em Ghosta, no Líbano. Viveu por lá até 1918, ano em que perdeu sua mãe. Quando veio para o Brasil, deixou seus irmãos Simaen, Boulos e Youssef, este último estudando no seminário.

Ao chegar ao nosso país, passou a residir com sua irmã Marin. Contam que a chegada de Lucya foi uma visão maravilhosa: montada num cavalo, trajando um belo vestido de seda e um bonito chapéu. Era clara, de olhos esverdeados, cabelos castanho-escuros, estatura média, magra e elegante. Conheceu o libanês Abrahão e casou-se com ele. Tiveram os filhos: Miled, Inésia, Jorge, Michel, Alba, Terezinha, Ibraim, Vânia, Lúcia e César. Todos nascidos em Resende Costa.

Apesar de não ter aprendido a escrita da língua portuguesa, Lucya era uma mulher sábia e além de seu tempo. Estimada por todos, possuía habilidades manuais, como costura, bordados e crochê.

Os filhos de Lucya e Abrahão

Todos os seus descendentes estudaram em São João del-Rei.

Miled Hannas nasceu em 1922. Fez o primário no Grupo Escolar “Assis Resende”, em Resende Costa, e iniciou o ginásial no Colégio Santo Antônio, em São João del-Rei. Não concluiu o curso, pois foi acometido por uma forte gripe. Por excesso de zelo, a família não permitiu o seu retorno ao colégio. De inteligência acima do normal, QI elevadíssimo, começou a estudar sozinho, tomando depois aulas de português com o ex-seminarista José Procópio. Em pouco tempo, superou o mestre, escrevendo inclusive belos sonetos e crônicas. Autodidata por excelência, profundo conhecedor do latim e do grego, publicou no jornal *A Tribuna*, em São João del-Rei, vários poemas na língua latina. Concomitantemente, cuidava da loja e da fábrica de latícios. Faleceu em 2007, vítima de problema cardíaco. Não se casou.

Inésia Hannas nasceu em 1923. Fez o primário no Grupo Escolar “Assis Resende”, em Resende Costa, e o Magistério no Colégio Nossa Senhora das Dores, em São João del-Rei. Retornando a Resende Costa, lecionou no “Assis Resende” e no curso ginásial. Em Belo Horizonte, fez o Curso de Administração Escolar, que lhe deu oportunidade de dirigir a Escola Estadual “Aureliano Pimentel”, em São João del-Rei. Ocupou o cargo de Supervisora, na Delegacia Regional de Ensino da mesma cidade. Cursou Pedagogia na então Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras. Não se casou. Faleceu em 2015, sendo sepultada em São João del-Rei.

Jorge Hannas nasceu em 1925. Fez o primário no Grupo Escolar “Assis Resende”, em Resende Costa, o ginásial e científico no Colégio Santo Antônio, em São João del-Rei. Cursou Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao se formar, foi convidado para exercer a Medicina em Patos de Minas. Mais tarde, foi para Manhuaçu, onde montou consultório e exerceu a profissão por mais de trinta anos, principalmente como cirurgião. Atuou como diretor do Hospital César Leite e como médico do batalhão da Polícia. Candidatou-se a Deputado Estadual, exercendo o

mandato por três legislaturas. Exerceu a presidência da Comissão de Saúde e apresentou vários projetos de lei. O que lhe deu maior notoriedade foi a criação da Hemominas, pioneiro no Brasil, erradicando o uso de sangue contaminado. Casou-se com Cleonice e tiveram dois filhos: Geórgia e Galeno (falecido ainda bebê). Faleceu em 1998, vítima de um trágico acidente, quando ia para um comício no interior, a uma semana das eleições. Seus restos mortais repousam em Manhuaçu (MG).

Michel Hannas casou-se com Ieda e tem os filhos: Túlio, Thales, Michel Júnior e Angélica. Formação Acadêmica e Especializações: fez o primário em Resende Costa e cursou, em São João del-Rei, o antigo curso ginasial e científico no Colégio “Santo Antônio”. É formado em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade Federal/RJ. Cursos de especialização: Radiologia e Radiologia da Cabeça, RJ; Anestesiologia, no Hospital Carlos Chagas, RJ; formação em Obstetrícia, no Hospital Pro-mater, em Bonsucesso, RJ; Patologia Clínica, RJ; Curso de Tomografia Computadorizada, CEDIRP, em Ribeirão Preto, SP; Curso de Mamografia, em Belo Horizonte. Atividades Profissionais: exerceu, entre outras, as seguintes atividades: Pronto-Socorro do Hospital Carlos Chagas (RJ), da Santa Casa (RJ) e do Hospital César Leite (Manhuaçu, MG). Médico radiologista do ambulatório do IAPI. Diretor Clínico do Hospital César Leite, por dois períodos, quando implantou, entre outros, os seguintes serviços: radiologia, tomografia, mamografia, anestesiologia, banco de sangue, laboratório de análises clínicas, tendo reequipado o hospital com verba do programa PRÓ-HOSP, tornando-o referência regional em atendimento e prestação de serviços de saúde de alta complexidade; Diretor Presidente da UNIMED, Vertente do Caparaó, sede em Manhuaçu. Atualmente trabalha com diagnóstico por imagem. Títulos: entre outros, Membro efetivo da Sociedade de Anestesiologia.

Terezinha Hannas Guimarães casou-se com José Resende Guimarães Filho (falecido) e tiveram os filhos: Flávio, Marcelo e Raquel. Fez o primário em Resende Costa e o curso de Formação de Professores em São João del-Rei, onde lecionou durante oito anos no Grupo Escolar “Maria Teresa”. A seguir, teve que pedir sua exoneração do seu cargo de professora, uma vez que fora aprovada em concurso público, sendo nomeada para o ex-IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos

Industriários), hoje INSS. Transferiu-se para Belo Horizonte, em 1965, sendo lotada na Delegacia Regional da entidade, onde ocupou vários cargos comissionados. Preocupada com a situação de abandono dos servidores aposentados, fundou uma associação: ASAS/MG. Durante doze anos trabalhou na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, como Assistente Técnico, no gabinete do então deputado Jorge Hannas. Saudosista de “carteirinha” e dotada de memória fotográfica, escreveu um livro de memórias da família, resgatando o passado. Em seguida, escreveu mais um livro, este de sonetos, quadras e trovas. Pelo significativo trabalho social, recebeu a Medalha do Mérito Legislativo, por indicação do deputado Estadual André Quintão.

Ibraim Antônio Hannas nasceu em 1935. Casou-se com Elga e tiveram os filhos: Liana, Márcio e Fábio. Fez o primário em Resende Costa, o ginásial e científico no Colégio “Santo Antônio”, em São João del-Rei. Fez o curso de Medicina na Faculdade Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especializando-se em Otorrinolaringologia. Mudou-se para Campo Grande/RJ, onde montou o consultório, atendendo durante 54 anos. Foi Auxiliar Acadêmico de Medicina Ref. “G”, médico CLT no então Estado da Guanabara, Presidente de Sindicância Interna pela OSV. Durante 43 anos foi médico do Hospital Nossa Senhora do Carmo, RJ. Eleger-se vereador à Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Vânia Hannas de Carvalho nasceu em 1938. Casou-se com Waldeciro (falecido) e tiveram os filhos: Maria Eugênia, Dione e Maurício (falecido logo após o nascimento). Fez o curso primário no Grupo Escolar “Assis Resende”, em Resende Costa, o ginásial e formação de professores no Colégio Nossa Senhora das Dores, em São João del-Rei. Ao se casar, mudou-se para Bom Sucesso (MG), onde lecionou no colégio local. Transferindo-se para São João del-Rei, cursou Pedagogia, na então Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras. Foi diretora do Colégio Estadual Cônego Osvaldo Lustosa, em São João del-Rei, cidade na qual também exerceu cargo na Delegacia Regional de Ensino. Por sua eficiente atuação na área da Educação, recebeu a Medalha do Mérito Educacional, da Secretaria de Estado da Educação, BH.

Maria Lúcia Hannas nascida em Resende Costa, Minas Gerais. Casou-se com Juarez Chaves Salgado e não tem filhos. Formação Acadêmica e Especializações: fez o curso de formação de professores (antigo Normal) em São João del-Rei, bem como os cursos de nível

superior. Graduada em Pedagogia e Psicologia. Fez especialização em Orientação Educacional. Atividades Profissionais: Diretora do Instituto de Psicologia e Pedagogia da FDB. Professora de Ensino Médio e Superior. Exerceu a Coordenação da Área de Educação e Cultura da então Delegacia Regional de Ensino. Foi Diretora de Ensino Superior em Minas Gerais, Secretaria de Estado da Educação. Foi coordenadora pedagógica da Faculdade de Direito Milton Campos/BH e da UTRAMIG. Atualmente, dirige o Centro de Educação Infantil “Professora Maria Lúcia Hannas”, (homenagem que lhe foi concedida pelo seu fundador e idealizador Dr. Vicente de Paula Mendes), Obras publicadas: *Psicologia do Ajustamento*, em 08 edições, Editora Vozes. *Coleção Novos Rumos da Educação*, em 02 edições, Editora Gente, SP. Essa coleção recebeu aprovação do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), do Ministério da Educação e da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, para a qual foi feita edição especial, tendo na capa de cada volume o selo dos órgãos envolvidos. Integram essa coleção as seguintes obras: *Educação com consciência* (vol. I), *Nova prática pedagógica* (vol. II) e *Pedagogia na prática* (vol. III). Também publicou o livro *Caminhos para a transformação* (edição própria).

César Temístocles Hannas nascido em Resende Costa, Minas Gerais, em 17/01/1944. Casou-se com Dorothy e tiveram uma filha: Narayana. Formação acadêmica e especializações: cursou, em São João del-Rei, o antigo curso ginásial no Colégio “Santo Antônio”. Graduado em Medicina Veterinária, em 1968, pela Universidade Rural do Rio de Janeiro. Em Goiânia, graduou-se em Direito, sendo 8866 o seu número na OAB. Pós-Graduado em Direito e Professor Titular no Curso de Direito (GO). Atividades Profissionais: Primeiro Extensista do Condepe (Cons. de Desenvolvimento da Pecuária, GO. Foi o primeiro Presidente da EMATER/GO (1975 a 1979). Chefe da Equipe de Veterinários dos cavalos do Jóquei Clube/RJ. Sócio-fundador da Associação dos Servidores do Ministério da Agricultura. Chefe de Gabinete Civil e Assessor Jurídico no governo Iris Resende e Maguito Vilela. Em 1985, cursou a Escola Superior de Guerra/RJ (ADESG).

Descendentes de Alfredo Hannas e Esméria

Maria José Hannas Chaves nasceu em 1924. Casou-se com Helvécio (falecido), sendo que ela faleceu em 1993. Não tiveram fi-

lhos. Está sepultada em Resende Costa. Fez o primário no Grupo Escolar “Assis Resende”, em Resende Costa, e o curso de Normalista no Colégio Nossa Senhora das Dores, em São João del-Rei. Lecionou em Piracicaba, antigo Rio do Peixe. Foi nomeada para professora no Grupo Escolar Assis Resende, do qual foi diretora, após fazer o curso de Administração Escolar, em Belo Horizonte. Lecionou também no colégio Nossa Senhora da Penha, em Resende Costa. Aprendeu pintura a óleo com o artista plástico Weber Lacerda. Dedicou-se também ao estudo do francês e do árabe.

Ione Hannas Salim nasceu em 1926. Fez o primário em Resende Costa e o curso de Normalista no Colégio Nossa Senhora das Dores, em São João del-Rei. Lecionou algum tempo na escola de César de Pina, pertencente a Tiradentes. Casou-se com Nadir Salim e tiveram os filhos: Sérgio, Jorge, Lécio e Juarez.

Carmen Hannas nasceu em 1928. Fez o primário no Grupo Escolar “Assis Resende”, parte do Ginásial em São João del-Rei e o restante em Barbacena, inclusive o curso de Formação de Professores. Lecionou nas Escolas “Padre Sacramento”, “Cônego Osvaldo Lustosa” e “Dr. Kleber Vasquez Filgueiras”, em São João del-Rei. Casou-se com Antônio Hipólito e tiveram um filho: Antônio Claret. Faleceu em 2016 e foi sepultada em Resende Costa.

João Antônio Neto nasceu em 1933. Fez o primário no Grupo Escolar “João dos Santos”, em São João del-Rei. Iniciou o ginásial no Colégio “Santo Antônio”, mas não concluiu os estudos. Mudou-se para São Paulo e ingressou na Igreja Brasileira, na qual se ordenou Bispo. Falecido, foi sepultado em Resende Costa.

Descendentes de Aldredo e Rosa Amélia (2º casamento)

Alfredo Hannas Filho fez o primário no Grupo Escolar “João dos Santos”, em São João del-Rei e o curso superior em Engenharia. Tornou-se alto funcionário da Hidrelétrica de Furnas. Casou-se, pela primeira vez, com Sônia e tiveram os filhos: Milena, Melissa e Alfredo Júnior. Seu segundo casamento foi com Lígia. Não tiveram filhos. Sepultado em São João del-Rei.

Luiz Alfredo Hannas faleceu ao nascer.

Terezinha Hannas Guimarães



Bodas de Ouro de Abrahão e Luci Hannas



Filhos de Abrahão e Lucia Hannas, sala do sobrado



Visita, no Líbano, da família Hannas / Stephen ao Colégio que pertenceu à família Stephen, doado pelo Rei Luiz XIV, para formação eclesiástica



Sobrado da família Hannas, em São João del-Rei

Família Alexandre Nacif



Casamento de Alexandre Nacif e Maria Nazaré

Meu pai, Alexandre Nacif, era um homem de pouca conversa e por isso não temos muito conhecimento da história da sua vida. Sabemos que veio do Líbano de navio, aos 14 anos de idade, junto com seus pais.

Instalou-se na cidade de São João del-Rei, onde se estabeleceu como comerciante no ramo de açougueiro. Construiu uma casa na antiga Avenida Rui Barbosa, onde morava com sua mãe já idosa e uma sobrinha de nome Sara, filha única, cujos pais faleceram cedo.

Meu pai teve uma noiva de muitos anos, mas desfez o noivado para se casar com a minha mãe. Casou-se aos 40 anos de idade com Maria Nazaré Nacif, também libanesa, de apenas 28 anos de idade. Minha mãe aceitou morar com a sogra e a sobrinha.

Conhecido como Zeca, era cobiçado pelas famílias de São João del-Rei, pois era um solteirão bem-sucedido. Do casamento com a minha mãe nasceram cinco filhos: Alexandrino Paulo Nacif (já falecido), Marly Nacif de Souza, Marcos Nacif, Márcio Nacif (já falecido) e Maria do Carmo Nacif (já falecida), todos se casaram e tiveram filhos.

Embora vindo do Líbano com o seu nome de origem (desconhecido), foi registrado no Brasil como Alexandre Nacif. Foram pessoas maravilhosas, quase todas já falecidas, deixaram muitas saudades.

Marli Nacif



Alexandre Nacif e sua família

Família Antônio Aiex

No dia 2 de abril de 1896, lá na Síria, nasceu Antônio Aiex. Era filho de Salum Aiex e Jane Arbex Aiex. Quando veio para o Brasil, Antônio Aiex se estabeleceu no estado do Rio de Janeiro, em Barra do Piraí.

Ele e José Challa Sade, então sócios, abriram um estabelecimento comercial com o nome de “A Invencível”. Mais tarde, a loja passou a se chamar “Casa Sade”, em São João del-Rei, Minas Gerais.

Mais tarde, Antônio providenciou a vinda de sua mãe e de sua irmã, Nida, para o Brasil. Nida casou-se com José, o sócio de Antônio. Por sua vez, Antônio Aiex se casou com Maria Arbex Aiex, que era filha de Jamile Arbex Aiex e Jorge Aiex. Tiveram oito filhos: Jane, Jamile, Antônio, José, André, Nida, Regina e Jorge. Os seis primeiros nasceram em São João del-Rei e os dois últimos, em Barra do Piraí.

Por algum tempo, as famílias de José Sade e de Antônio Aiex moraram juntas numa casa na Rua Getúlio Vargas, em São João del-Rei. José havia adquirido, da mãe de Tancredo Neves, essa casa. Também moravam ali a mãe de Antônio, chamada Jane.

Antônio trabalhou com José durante um bom período. No entanto, decidiu experimentar um outro modo de vida: ser fazendeiro. Comprou uma fazenda próxima a São João del-Rei e cuidou dela. Mais tarde, loteou-a. Hoje, onde era a fazenda, está o importante bairro Santo Antônio, bem próximo de Matosinhos.

Depois de se desfazer da fazenda, Antônio mudou-se para Barra do Piraí, em 1943. Lá ele se dedicou à atividade comercial.

Antônio faleceu em 26 de junho de 1986. No ano de 2008, no dia 21 de dezembro, faleceu Maria, sua esposa. Estava com mais de 100 anos de idade.

Roberto Chala Sade e Celina Sade de Paiva

Família Antônio Elias Cecílio¹

Comecemos com um pouco de história

Os primeiros imigrantes do Oriente Médio (Líbano, Síria e Palestina) que chegaram ao Brasil vieram fugidos da política, da prepotência otomana, da perseguição religiosa e da exploração fiscal dos turcos. Foram, movidos pelo espírito de aventura, em busca de novas terras. Tal espírito talvez seja um instinto da raça, herdado tanto dos fenícios e dos árabes.

Outro fator que levou sírios e libaneses a deixarem seus países foi o comércio. O Líbano é uma faixa de terra de 10.400km², que correspondia à Fenícia. Em virtude da circunstância geográfica das terras libanesas serem cercadas por mar e montanhas, os fenícios desenvolveram o comércio em lugar da agricultura. Daí, tradição secular comercial, que foi uma das referências quanto ao estabelecimento desses imigrantes no Brasil.

O libanês Salomão Cecílio

O imigrante Salomão Cecílio não fugiu a essa regra. Espírito aventureiro e ciente das oportunidades do Brasil, antevendo um futuro para sua família, resolveu deixar as cidades de Trípoli e Kfar Habou (ou Kfarhabou), distrito de Minieh-Dannieh (região norte do Líbano). Uma parte da família veio para o Brasil. Outros membros foram para a Argentina e Estados Unidos.

Diferentemente de outras famílias, nas quais, primeiro vem um parente e depois propicia a vinda de outros parentes, a família Cecílio, nos idos de 1920, ancorou em São João del-Rei.

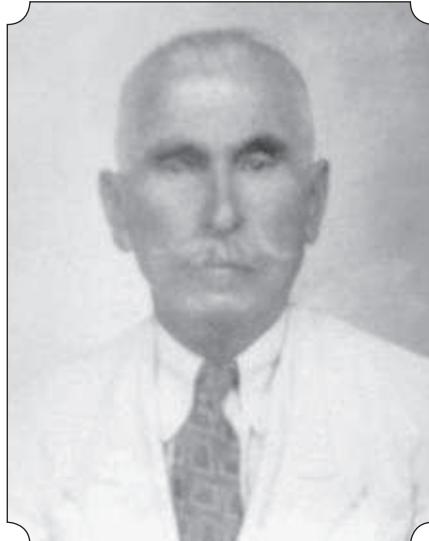
Ao longo do século XIX e no século XX, a história de São João del-Rei foi enriquecida com o advento de vários imigrantes, principalmente os sírio-libaneses, árabes e italianos.

1 – Também conhecido como “Sessin”.

Em São João del-Rei

O patriarca Salomão Cecílio estabeleceu-se em nossa cidade com um armazém de secos e molhados na Rua General Osório, nº 756.

PRIMEIRA GERAÇÃO



Salomão Cecílio



Rosa Jorge Cecílio

SEGUNDA GERAÇÃO



Ibrahim Salomão Cecílio

TERCEIRA GERAÇÃO



Antonio Elias Cecílio



Francisca dos Santos Cecílio

Até hoje ele é lembrado com seu nome, numa rua estreita que leva o nome de “Beco do Salomão”, que começa na rua Santo Antônio e termina na rua Rossino Baccarini, atravessando a rua General Osório. Seu armazém de secos e molhados era nessa região, daí a referência ao seu nome.

Do casamento com Rosa Jorge, nasceram os seguintes filhos: Ibrahim Salomão, Kétiba (casada com João Canaan Horeb), Maria Nazareth (casada com Azarias David), Sady, Miguel e Elias Cecílio.

Ibrahim Salomão Cecílio casou-se com Maria José Cecílio. O casal teve seis filhos: Antonio Elias (advogado; foi diretor do SENAI em Leopoldina e, posteriormente, em São João del-Rei. Em sua homenagem, uma das ruas de nossa cidade tem o seu nome). Casou-se com Francisca dos Santos Cecílio, carinhosamente chamada de “Chiquita”. Do matrimônio, nasceram os seguintes filhos, constituindo-se assim a quarta geração da Família Cecílio: Antonio Kleber dos Santos (casado com Lúcia Botelho).

Aroldo Celso (advogado), casado com Maria Perpétua Giarola, atualmente divorciados. O casal teve os filhos Samyra e Sumaya.

Andrea Cristina (casada com Nelson Batista Fonseca; é divorciada). O casal teve os filhos: Matheus, Sarah, Raquel.

Kétiba Cecílio (casada com João Canaan Horeb.) O casal teve os filhos Carmem, Dorotea, Antonio e Cyro.

Maria Nazareth Cecílio (casada com Azarias David.) Tiveram os filhos: Jorge, Suely, William, Maria de Lourdes e Benny.

Nota: dos filhos de Salomão e Rosa, apenas três criaram raízes em São João del-Rei, quais sejam: Ibrahim, Sady, Maria Nazareth (Neifa).

Antônio Guilherme de Paiva



Da esquerda para a direita: Andrea, Aroldo, Raquel, Antônio, Sumaya, Sarah, Samyra e Matheus

Família Antonio Elias Resende

Líbano, 17 de março de 1897. Nascia Antonio Elias Hallack Filho, fruto do casamento de Antonio Elias Hallack e Iara Moises Hallack. Viveu pouco tempo em seu país, pois veio ainda jovem para o Brasil. Também, como tantos imigrantes, enfrentou as dificuldades e os riscos de atravessar o oceano naqueles tempos.

Depois de morar certo período em São João del-Rei, Antonio Elias foi morar em Ibituruna (MG). Nessa cidade, ele conheceu Rita Antonia de Resende e casou-se com ela. Rita foi sua companheira de vida por quase cinquenta anos.

Três filhos nasceram desse casamento duradouro:

Maria Antonia de Resende nascida em Ibituruna em 28/03/1919. Faleceu em São João del-Rei, no dia 27/07/2003.

Nezia dos Reis Resende nasceu também em Ibiturana, em 06/01/1923. Faleceu em Divinópolis, em 1983. Nezia casou-se e teve uma filha, Lourdes, que lhe deu cinco netos. Mora em Divinópolis.

Antonio Elias de Resende (Nenem Coroa) casou-se com Zélia Leal Pinto e tiveram duas filhas: Tereza Cristina e Elizabeth Aparecida. Tereza tem dois filhos: Dalglish e Dereck, casados. Também há os dois netos: Caio e Otto. Zélia veio a falecer em 15/08/1965. Antonio Elias se casou novamente, com Suzana Maria Assis. O casal teve cinco filhos: Ana Rita (casada, três filhos: Felipe, Guilherme e Maria Eduarda); Débora (casada, sem filhos); Paulo Elias (casado, dois filhos: Bruna e Lucas); Moises (casado, uma filha: Ana Beatriz); Abdias Antonio (não se casou nem teve filhos).

Três filhos, oito netos, treze bisnetos e dois tataranetos. Foi assim que a família de Antonio Elias Hallack Filho se constituiu. Que Deus continue nos abençoando!

Débora Assis Resende



Antonio Elias (Nenem Coroa)



Maria Antônia de Resende (Nega)



Dalglish, Lucimara e Caio



Moises, Glorinha e Ana Beatriz



Derek, Michelle e Otto



Debora e Romulo



Cid e Elizabeth



Tereza e o neto Otto



Suzana e filhos



Suzana e netos

Família Antônio João Hallack

Que convite importante a Heleny Hallak me fez! Contribuir com este livro histórico sobre a imigração síria que nos originou. Esse convite muito me honrou e envaideceu. Eu, Vera Lúcia Reis e Silva, sou pouco conhecedora da história de nossos ancestrais. Então, mobilizei primos, tios, irmãos e mais gente ainda. Eu jamais poderia perder essa oportunidade maravilhosa que me foi concedida.

E qual não foi a minha supresa ao me deparar com meu pequeno conhecimento sobre o assunto! Ainda mais sem ter por perto nossa mãe, avós e tios mais velhos... Com certeza, todos eles poderiam nos relatar com exatidão fatos antigos. Desculpem-me se omiti informações importantes!

Vamos à história!

Antônio João Hallack era o meu avô materno. Nós, os netos, o chamávamos carinhosamente de “Gido”. Ele nasceu em labraid, na Síria. Casou-se com Habisse Arbex e tiveram duas filhas: Raja e Dalila.

Meu avô, com o sonho de construir um futuro melhor, veio para o Brasil em busca de trabalho. Ao partir, fez a promessa de buscar a família em dois anos. Essa promessa levou 22 anos para ser cumprida...

Com esse tempo todo, algumas coisas mudaram por lá. Por exemplo, Dalila já havia se casado e não quis vir para o Brasil. vieram minha avó Habisse e minha mãe Raja, que estava com 24 anos. A viagem foi feita em um navio italiano, no ano de 1946. Época de final de guerra.

Enfim, a família se reencontrou, mas essa felicidade durou pouco. Dois anos após ter chegado, minha avó Habisse faleceu devido a um câncer estomacal.

Meu avô Antônio (Gido) era comerciante. Trabalhou em sociedade numa loja de tecidos com outros dois patrícios que eram seus primos: Neify e José Tayer (fundadores da Casa Chic, estabelecimento que existe até hoje aqui em São João del-Rei). Tempos depois, não mais em sociedade com os primos, Antônio teve sua pró-

pria loja, “Casa Nova”. Ali ele trabalhou no ramo de tecidos, somente ele e sua filha.

Viúvo, meu avô casou-se com Maria José Ferreira, filha de patrícios e residente em Vassouras, RJ.

Por sua vez, minha mãe se casou com Geraldo Gonzaga Reis, neto de libaneses residentes em Resende Costa (MG): Miguel Salomão (Miguel Turco) e Maria Salomão, que tiveram os filhos, pelo que pude apurar: José Salomão, Florinda (mãe do meu pai), Filomena, Jamile. Florinda Salomão era a minha avó paterna, casada com Orestes Reis, descendente de portugueses, em Resende Costa. Tiveram oito filhos: Isabel, Milton, Maria Eni, Olga, Geraldo, Marlene, Terezinha e Maíse.

Do segundo casamento de meu avô (Antônio) com Maria José, nasceram quatro filhos: Dônia (que tem o seu filho Saulo), Munir, Marli e Soraia Hallack.

Do casamento de meus pais, Raja e Geraldo, nascemos eu (Vera), Valéria, Jorge e Vânia. Há ainda os netos Júlia, João Antônio, Sarah e Samira. Atualmente, duas bisnetas: Ana Laura e Lis.

Na década dos anos 1980, meu avô Antônio (Gido) retornou à Síria para ver Dalila e conhecer os netos: Antônio, Fozzi, Rismond, Habus e Jorgete. Também minha mãe, Raja, que mantinha contato com a sua irmã Dalila apenas por cartas e telefonemas, pôde revê-la... depois de 40 anos! Dalila faleceu alguns anos depois.

Em agosto de 2004, minha mãe também faleceu. Ela era o elo e a união entre nós e nossos parentes na Síria. Com a sua partida e os conflitos internos naquele país, perdemos completamente o contato com os familiares de lá. O que sabemos da história de nossos ancestrais nos foi contado pela minha mãe, Raja.

Nos dias atuais, conseguimos informações de nossa família por meio de parentes (residentes em Juiz de Fora) que costumam viajar à Síria. Sempre voltam com algumas notícias.

Todo passado tem qualquer coisa de nostálgico. Porém, o mais triste é quando esse passado não é registrado. Foi esse registro o que eu procurei deixar aqui.

Vera Lúcia Reis e Silva



Antonio Hallack e esposa Habisse Dunia Cury



Habisse, Raja e Antônio João Hallack



Raja e Habisse



Dalila e os filhos Antônio, Fozzi, Rismond, Habus e Jorge



Dalila e Raja



Raja, filhos, genro, nora e a primeira neta

Família Atalla



Nosso avô imigrante, Joseph Kiralla Atallah, nasceu em Jabail, Líbano, no ano de 1888. Era filho de Kiralla Atallhah e Nejm Atallah. Casou-se com Barisia Abi Saffi, nascida supostamente em 1911, em Halat, também no Líbano.

A decisão de sair da terra natal e ir para um país longínquo, com uma cultura bastante diferente dos usos e costumes dos árabes não foi uma tarefa tranquila. No caso de nosso patriarca, felizmente ele tinha um tio, na igreja de Nossa Senhora do Carmo, em São João del-Rei, que foi o porto seguro para que ele viesse para as terras brasileiras: padre Abdallah Atallah.

Esse vínculo familiar dava aos emigrantes o apoio ao início de adaptação e os encorajava a enfrentar a longa jornada de viagem, as dificuldades de comunicação, as diferenças de usos e costumes, como alimentação e clima. Além disso, nossos familiares professavam, no Líbano, a religião maronita, a qual sofria restrições das autoridades dominantes. Tudo isso contribuiu para a construção do sonho de uma vida nova.

Há poucos registros a respeito da vinda de meu avô para São João del-Rei. O que sabemos é por meio parcos documentos e pelo registro de chegada emitido pelo Comitê de São João del-Rei, em 12

de novembro de 1917. Nesse registro consta que ele tinha 21 anos e que sua procedência era de Humaire, distrito de Kesranan, uma província de Mont-Liban. Porém, Joseph Kiralla Atallah sempre dizia que sua origem era de Jbail, cidade litorânea do Líbano.

Em São João del-Rei, foi acolhido por seu tio, padre Abdallah Atallah. Tão logo chegou, meu avô já começou a trabalhar como mascate, vendendo de porta em porta, de preferência nas zonas rurais e fazendas. Esse tipo de trabalho oferecia a comodidade do comércio nas localidades fora do núcleo urbano das cidades e vilas.

Mais tarde, depois da atividade de mascate, teve um armazém na cidade de Passa Tempo, na rua das Pedras, com residência familiar anexa. Ali, juntamente com amigos e patrícios, ouvia as notícias da II Grande Guerra, conseguindo informações a respeito da região do seu querido e distante Líbano. Passa Tempo fica a 87,3 km de São João del-Rei. Era um ponto de acesso para abastecimento e encontros com patrícios.

Devido à presença da grande colônia italiana com o seu árduo trabalho, havia em São João del-Rei a produção de muitas verduras diversificadas, sendo que muitas delas eram difíceis de se conseguir em Passa Tempo. Porém, naquela época o transporte e a logística não facilitavam a muitas cidades o acesso diário a frutas e verduras variadas. Meu avô, então, eventualmente se abastecia aqui com legumes e verduras para a culinária árabe.

As viagens de São João del-Rei para Passa Tempo eram feitas em um tipo de ônibus, chamado de “jardineira”. O bagageiro era no teto. Como a estrada era de terra, todo mundo protegia as malas, encapando-as. Além disso, os passageiros também se “encapavam”, usando guarda-pó. Viagens difíceis, ora com momentos agradáveis, como lindas paisagens, ora com momentos desagradáveis, como os constantes atolamentos em época de chuvas. Mais um detalhe: as viagens duravam de 10 a 12 horas!

Com o tempo, meu avô avançava em idade e a sua saúde se debilitava. Estavam longe aqueles tempos de se lançar em viagens longas e cansativas como mascate, com tropa de animais, vendendo de lugarejo a lugarejo. Voltou-se, então, para o cultivo de roças, de cereais, frutas e criação animal. Meu avô era surpreendente: temos registros de sua atividade de confecção de quadros e feituras

de terços, como tarefas paralelas às atividades de cultivo da roça. Também confeccionava espelhos, demonstrando técnica e perícia no manuseio da fórmula de opacidade dos vidros, atividade difícil e guardada notadamente a sete chaves pelos fabricantes, em grandes centros comerciais da época.

Meu avô... quantas histórias!

Ainda em São João del-Rei, mais jovem, também acompanhava o tio padre em várias tarefas. Com o falecimento do padre Abdallah Atallah, couberam ao meu avô Joseph Kiralla o acompanhamento e a manutenção das obrigações com o sepulcro: jazigo perpétuo de número 149, no cemitério da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo.

Meu avô... quantas memórias!

Joseph Kiralla Atallah... sandálias de couro cru, camisa (Herring) de malha branca e com gola olímpica, cinto de couro e a calvície dividindo espaço com alguns cabelos brancos. Era extremamente afável. Lembro-me dele ensinando meu irmão a dar os primeiros passos, arrastando devagar uma cadeira, segurando-a por uma extremidade enquanto meu irmão se agarrava à outra extremidade.

Um dia, pude acompanhar meu avô no preparo de um carneiro. O destrinche das peças do animal... o gosto, para mim, inusitado... o deleite em saborear um pedaço do fígado após encostá-lo num pires com sal... Lembro-me também dos muitos canteiros de hortaliças e temperos, todos eles cuidados com rara dedicação pelo meu avô. Domínio pleno de suas origens!

Numa noite de tempestade, a rede elétrica caiu. Todo mundo no escuro e a família reunida na cozinha, à luz do fogão a lenha. E aí, o primeiro neto – eu, no caso – se aventura a cantar: “Rala... Rala... Rala... Coitado do Sô Atala... Carregando as malas...” Recebi uma leve e paternal palmada nos ombros.

A memória dele também continua em um pequeno livro guardado por tia Lucy. São preces religiosas em língua árabe, de seu uso diário. Meu avô tinha uma fé sólida no Deus Maior, cujo filho, Jesus Cristo, por sua terra natal, pregou e deixou marcas indeléveis que esse imigrante trouxe em sua bagagem quando veio para o Brasil.

Mais memórias!

Pois é... o futebol... Na cidade de Passa Tempo, havia dois times: o Passa Tempo Futebol Clube, alvi-negro, e seu rival, o Fita Azul

Futebol Clube, azul celeste. E não é que o filho Libinha (Lepnene) do Senhor Jose Atallah se destacava na lateral esquerda do Passa Tempo Futebol Clube? Lembro- me de vê-lo sentado na arquibancada rústica do campo, apreciando o desempenho do filho jovem atleta.

Também o futebol foi o cenário do fortuito encontro de meu pai com minha mãe. Numa excursão do clube América, daqui de São João del-Rei, a Passa Tempo, meus pais se conheceram e deram início a um relacionamento que se materializou na minha querida família.

E as memórias continuam vindo, em forma de aluvião:

Tia Rosa, irmã de minha mãe, não se esquece do delicioso doce “pé-de-moleque” que vovó Barisia preparava com requinte e aptidão. Tia Rosa também se lembra das cantigas de ninar, em língua árabe, que vovó cantava para ela dormir.

E o tio Aicedro? Professor de matemática e tia Lucy, professora de geografia. Tio Aicedro, antes de iniciar carreira brilhante no Banco do Brasil, trabalhou nas prefeituras de Passa Tempo e Piracema, pois tinha sólido conhecimento em contabilidade. Já no Banco do Brasil, coordenava um consórcio de Automóveis, iniciativa pioneira nascida no âmbito dos funcionários do Banco do Brasil S.A., que inicialmente tinha objetivo de arrecadar recursos para as edificações dos Clubes AABB's. Meu tio me patrocinou o curso de datilografia e, assim, pude auxiliá-lo em vários trabalhos.

Era um verdadeiro empreendedor esse meu tio. Montou, também de forma pioneira, o Curso de Preparação para Concursos. As apostilas eram por ele compostas, multiplicadas em mimeógrafos e remetidas, via correios, para estudantes em diferentes localidades do Brasil. Não havia muitas televisões nem muitos rádios e as escolas eram em número reduzido. Além de empreendedor, meu tio foi um visionário e um precursor do ensino a distância.

Outra presença especial em nossa família foi a Tia Olímpia. Mulher negra, magra, bondosa sem limite, nos honrava com sua personalidade. Foi acolhida por nós como integrante inseparável da família. Trouxe-nos, de suas origens africanas a cultura, a culinária, o saber medicinal caseiro. Foi mãe de colo dos filhos de Sr. Joseph Atallah e dona Barisia. Era madrinha de batismo de tio Aicedro e tinha nele um apoio incondicional e presente.

Voltando ao meu avô, Joseph Kiralla Atallah, próximo do final da sua vida, já debilitado com uma enfermidade progressiva, tinha no filho primogênito, Alicedro Atalla, o apoio e o conforto de ter assumido muitos encargos nas tarefas familiares de sustentação e orientação. Vovô nos legou valores e parâmetros de caráter que, com orgulho e serenidade, nossos pais vão repassando de geração a geração. Valores que dão suporte ao enfrentamento dos desafios da convivência humana e dos embates da vida.

Minhas memórias agora chegam à minha avó Barisia Abi Safi Atalla. Tem-se que aqui chegou a São João del-Rei em companhia de um irmão mais velho, de nome Toufic, em razão da fragmentação familiar no Líbano e da guerra civil, na qual perderam os pais e de mais irmãos. Em um dos documentos nas versões em árabe e francês, consta o nome da mãe, Rose Charbel. Também constam o local de nascimento Halat – e pai: Milleo Saffi.

Barisia contraiu núpcias com Joseph Atallah em 25 de dezembro de 1926. Ele, com 31 anos; ela, com 18 anos. Passaram a residir em Passa Tempo, MG. Geraram sete filhos: Licedra, Alicedro, Atalla Jose, Jose Atalla Filho, Lucy Atalla, Lepnene Atalla e Rosa Geralda Atalla.

Minha avó Barisia tinha uma prima próxima, Mantharan Charbel Messias, residindo inicialmente em Passa Tempo e, posteriormente, vindo para São João del-Rei. Ainda temos contato com familiares em Halat – familiares Abi Safi – que sobreviveram aos conflitos mais recentes no Líbano e que ainda residem nas imediações onde os avós, pais e parentes residiam.

São muito próximas as relações entre as famílias Atalla, Abi Safi, Charbel e Messias.

O irmão de minha avó, Toufic, contraiu matrimônio com Essime e constitui sua família, gerando filhos brasileiros (São João del-Rei, Tiradentes e Barroso). Toufic ainda voltou para o Líbano e lá também gerou filhos libaneses.

Eu, Jefferson Atala Lombelo, na condição de neto mais velho, tive oportunidade de conviver com os avós maternos e presenciar muitas rotinas da vida familiar. Por exemplo, tenho nítida na memória a chegada do vovô ao retornar de uma viagem com a tropa de animais. Também me lembro nitidamente das vezes em que eu tomava o

café da tarde com minha avó Barisia: ela me solicitava ansiosamente a leitura para ela das revistas e jornais semanais, como a *Manchete* e o *Jornal do Brasil*, os quais traziam relatos da interminável guerra civil no Líbano.

Como me esquecer do privilégio de ser o primeiro neto e poder usufruir do convívio familiar com meus avós maternos? Como me esquecer daqueles finais de ano, das férias escolares em que eu ia para Passa Tempo? Lá eu usufruía de uma cidade pequena e acolhedora, os matinês aos domingos, natação nos córregos, visitas às fazendas próximas.

Sabe como minha avó me corrigia quando eu aprontava as minhas peraltices? Punha-me para separar feijões e milhos por ela misturados. Uma forma de exercitar minhas habilidades cerealistas e dar a ela um tempo para seus afazeres domésticos.

Que saudade eu tenho da feitura do característico pão árabe, assado em fundo de vasilha alargada! Era saboreado com os diversos pratos árabes, muitas vezes numa deliciosa coalhada.

Tudo passa. Muita gente já partiu para junto de Deus. O falecimento do patriarca Joseph Kiralla Atallah, em 07 de dezembro de 1961, e as ocupações dos filhos maiores trouxeram a família de volta a São João del-Rei. Inicialmente, a família residiu na Praça Embaixador Gastão da Cunha (Largo do Rosário), n° 8, onde hoje está o Museu de Arte Sacra. Depois, a família se mudou para a Rua Antônio Rocha, n° 397 e, mais tarde, para a Rua Maria Teresa, n° 86.

Se temos alguns relatos do passado, temos também do presente. A família se multiplicou através das gerações que vieram depois. Todos demonstramos solidariedade e compromisso, quer seja emocional quer seja financeiramente dizendo. Quando necessário, unimo-nos em todas as gerações.

Esse são os “Atalas”, com LL ou com L. Sabemos que, mesmo distantes, estamos unidos. No dia a dia, podemos contar com a família unida e solidária, herança maior deixada por nossos antecessores, legado esse que temos que passar às gerações que chegam.

A família, já na terceira geração e há muitos membros espalhados e residindo em outros centros, tais como Belo Horizonte, Barbacena, Juiz de Fora, Brasília, Bélgica e Holanda.

Listo, a seguir, as gerações da nossa família:

Joseph Kiralla Atallah casou-se com Barisia Abi Saffi e tiveram os seguintes filhos: Licedra, Aicedro, Atalla Jose, Jose Atalla Filho, Lucy Atalla, Lepnene Atalla e Rosa Geralda Atalla.

2^a Geração – Licedra, exímia costureira, complementava a renda familiar de forma reconhecidamente profissional e competente. Primeira filha, contraiu núpcias com José Lombello, filho de italiano (Leone Lombello, de origem Due Carrara, cidade perto de Padova, região do Veneto, Itália). Primeiramente, técnico em fundição na fábrica Dom Boco. Depois foi ferroviário na RMV (EFOM) em São João del-Rei. Também trabalhando com fundição em alumínio, confecionava panelas e objetos vários. Geraram três filhos: Jefferson, William e Denise.

3^a Geração – Jefferson Atala Lombelo, primeiro filho, bancário. Em 1976, contraiu núpcias com Nilma das Mercês Najm Lombelo, filha de pai sírio – Said Halle Najm – e mãe brasileira: Maria da Conceição. Jefferson e Nilma geraram quatro filhos: Daniel Michel Najm Lombelo, Rachel Najm Atala Lombelo, Sarah Najm Atala Lombelo e Rafael Najm Atala Lombelo.

4^a Geração – Daniel Michel Najm Lombelo, primeiro filho de Jefferson, militar, e Kátia Motta geraram Daniel Motta Lombelo.

4^a Geração – Rachel Najm Atala Lombelo, segunda filha de Jefferson, funcionária pública, e Felipe Augusto, de Vassouras (RJ), geraram Bárbara Augusto Najm Atala Lombelo e Henrique Augusto Najm Atala Lombelo.

4^a Geração – Sarah Najm Atala Lombelo, terceira filha, funcionária pública, e Ronaldo de Souza geraram Giovana Zanalo, Bernardo Zanalo e Helena Zanalo.

3^a Geração – William Atala Lombelo, segundo filho de Licedra, bancário, contraiu núpcias com Nilde de Castro, de Cataguases, bancária, e geraram três filhos: Humberto de Castro Atala, Ligia de Castro Atala e Laura de Castro Atala, com formação em Engenharia Florestal.

4^a Geração – Ligia gerou um filho, de nome Zion.

3^a Geração – Denise Atala Lombelo, terceira filha de Licedra, funcionária pública, contraiu núpcias com Rubens de Oliveira Campos e geraram duas filhas: Carolina Atala Lombelo Campos, bióloga, PhD em Genética Floral (hoje residindo e trabalhando na Holanda), e An-

gérica Atala Lombelo Campos, enfermeira com formação superior e Mestrado em Saúde Coletiva. Seu Doutorado está em andamento.

2^a Geração – Alicedro Atala, bancário, segundo filho de Joseph Atallah, contraiu núpcias com Therezinha Massote Cardoso Atala, de Campo Belo, MG, professora e educadora. Geraram três filhos: Marcelo Cardoso Atalla, Márcio Cardoso Atalla e Marcos Cardoso Atalla.

3^a Geração – Marcelo Cardoso Atalla, primeiro filho de Alicedro, Engenheiro Eletricista, e Rozana de Fátima Néri Teixeira Atalla, de Dores de Campos, MG, geraram dois filhos.

4^a Geração – Pedro Henrique Teixeira Atalla e Maria Fernanda Teixeira Atalla.

3^a Geração – Márcio Cardoso Atalla, segundo filho de Alicedro, Engenheiro Agrônomo, e Marta Moreira Santiago Atalla, de Barbacena, geraram dois filhos.

4^a Geração – Mateus Santiago Atalla e Marina Santiago Atalla.

3^a Geração – Marcos Cardoso Atalla, terceiro filho de Alicedro, Funcionário Público, e Juliana Cioglia Dias Hipólito, Defensora Pública, de origem Belo Horizonte, MG, geraram Thiago Hipólito Atalla.

4^a Geração – Thiago Hipólito Atalla.

2^a Geração – Atalla Jose, terceiro filho de Joseph Atalla, funcionário público, e Dulce geraram uma filha: Ana Paula.

3^a Geração – Ana Paula

2^a Geração – José Atalla Filho, quarto filho de Joseph Atalla, solteiro

2^a Geração – Lucy Atalla, quinta filha de Joseph Atalla, solteira

2^a Geração – Lepnene Atalla, quarto filho de Joseph Atalla, petroleiro, e Efigenia Atalla, de Conselheiro Lafaiete, MG, geraram três filhas: Patrícia Vieira Atalla, Paula Vieira Atalla e Juliana Vieira Atalla

3^a Geração – Patricia Vieira Atala, primeira filha de Lepnene, bancária, e Adriano Testoni geraram três filhos: Mariana Atala Testoni, Gustavo Atala Testoni e Guilherme AtalaTestoni.

4^a Geração – Mariana Atala Testoni, Gustavo Atala Testoni e Guilherme Atala Testoni.

3^a Geração – Paula Vieira Atalla, segunda filha de Lepnene, empresária, promoter, e Wellington Ferreira, de Conselheiro Lafaiete, MG, geraram duas filhas: Luciana Atala Ferreira e Laura Atala Ferreira.

4^a Geração – Luciana Atala Ferreira e Laura Atala Ferreira.

3^a Geração – Juliana Vieira Atalla, terceira filha de Lepnene, funcionária pública, e Luiz Fernando Guimarães, bancário, de Brasília, DF, geraram dois filhos: Felipe Atalla Guimarães, Rafael Atalla Guimarães.

4^a Geração – Felipe Atalla Guimarães, Rafael Atalla Guimarães.

2^a Geração – Rosa Geralda Atalla Alves, sétima filha de Joseph Atalla, e Antônio Alves, de Carrancas, MG, geraram dois filhos: Antônio Márcio e Ana Cristina

3^a Geração – Antonio Márcio e Cláudia Gonçalo, de Juiz de Fora, MG, geraram Otávio Gonçalo Atalla Alves

3^a Geração – Antonio Márcio e Gisele de Castro, de Juiz de Fora, MG, geraram dois filhos: Pedro Antonio de Castro Atala Alves e João Paulo de Castro Atala Alves

4^a Geração – Pedro Antonio de Castro Atala Alves, Joao Paulo de Castro Atala Alves

3^a Geração – Ana Cristina, Licenciatura em Biologia, e David, funcionário público, nascido em Carrancas, MG, geraram dois filhos: Isabella e Victor.

4^a Geração – Isabela Atala Alves Souza, Victor Atala Alves Souza.

Findo o meu relato, deixando registrado o quão é importante sabermos nossas origens. Tal conhecimento nos orienta a entendermos gostos, preferências, aptidões, tendências, características de personalidades, entre outros. Muitas coisas que não entendemos talvez tenham suas origens na composição das personalidades daqueles que nos antecederam.

A eles e aos desígnios de nosso Pai Criador, nosso reconhecimento, gratidão e fé.

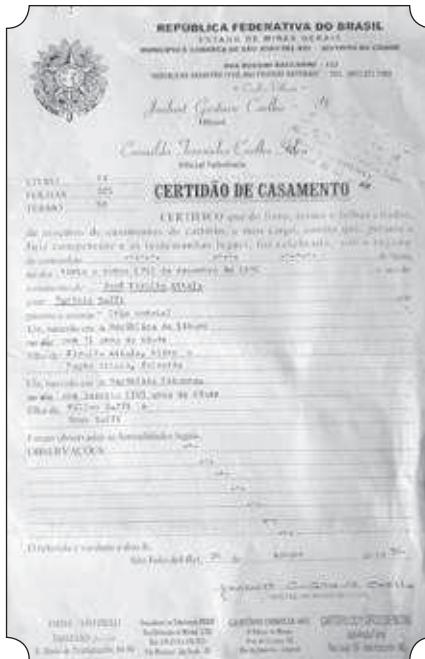
Lembrança, registro e homenagem aos extremos da família: à mais longeva, Tia Lucy, no auge de seus muitos anos vividos, e à Helena, a pequena princesa, com os seus 12 meses de vida. Deus abençoe a elas e aos familiares intermediários em sua jornada terrena.

Olhando tudo isso que aqui relatei, lembro-me do poeta Gonzaguinha: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz... Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz.”

Jefferson Atalla Lombello,
Marcelo Cardoso Massote Atalla e
Rosa Geralda Atalla



Casamento de Joseph Kiralla
Atallah e Barisia Abi Safi



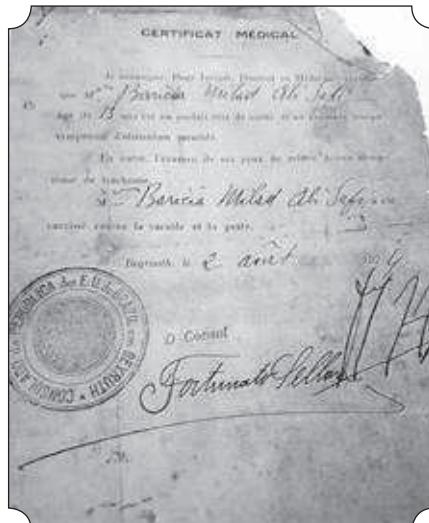
Certidão de casamento
de Joseph e Barisia



Documento de identificação
fornecido pelo Consulado da França
no Rio de Janeiro (RJ), legalizando
sua permanência no Brasil



Documento de identidade com
características físicas do portador,
emitido pelo Consulado Francês
no Rio de Janeiro



Certificado Médico de Barisia Abi Safi com reconhecimento do Consulado do Brasil em Beirute



Recibo emitido pela Irmandade do Carmo referente à conservação de Jazigo do tio Pe. Abdalla Atallah





Encontro familiar Abi Safi/Atallah, abril de 1980



Netos e bisnetos - Abi Safi/Atalla, dezembro de 1995

Família Atta Haddad

Dentro daquele navio, em 1924, atravessava o oceano Atlântico uma família em busca de nova vida. Travessia difícil, desconfortável e longa. Mas o coração ansiava por chegar ao Brasil.

Naquele navio, entre vários passageiros, havia um homem que nascera em Yabroud, na Síria. Vinha bem acompanhado: sua mãe, Nayeffa; duas irmãs, Marian e Frangie; sua esposa, Chafica; seus três filhos, Abdón, Youssef e Toufic.

A família desembarcou em Niterói, uma vez que Atta já conhecia a cidade. São João del-Rei também já era uma cidade conhecida por Atta. Decidiram, então, vir para cá.

Aqui, em São João del-Rei, como praticamente todos os seus patrícios que vinham para o Brasil naquela época, Atta começou a trabalhar como mascate. Trabalho árduo e cansativo, viagens constantes, levando mercadorias de porta em porta.

O ofício de mascate aprimorou nesse homem o seu tino comercial. Tanto foi que ele deixou o ofício, sentindo-se apto para ter sua própria loja. E teve mesmo uma pequena loja de tecidos.

Mais tarde, ampliou a loja com os seus filhos mais velhos: Abdón e Youssef. A loja recebeu o nome de “A Primavera”. Era a melhor e maior loja de tecidos que havia na avenida principal de São João del-Rei.

Atta e sua esposa Chafica tiveram oito filhos: Abdón, Youssef, Toufic, Antônio, Nabiha, Miguel, Jorge e Ivone. Desses, apenas Nabiha, Jorge e Ivone estão vivos.

Em agosto de 1968, Atta repousou seu coração nas terras do Brasil. Nasceu na Síria, mas completou o seu ciclo terreno no seio brasileiro. Quando faleceu, Atta estava com 84 anos.

Que Deus o tenha em sua glória, assim como todos os seus que já se juntaram a ele na pátria celestial!

1º filho: **Abdón** era gerente da loja “A Primavera”; depois passou a ser o dono, junto com Youssef. Abdón foi casado com Zélia Rocha. E tiveram quatro filhos: Luiz Sérgio: formou-se em Engenharia Mecânica, casado com Wilma. Filhos: Bruno, formado em Admi-

nistração; Raquel, Assistente Social e Daniel em Administração. Eles moram no Rio de Janeiro.

Mary, casada com Hélio B. de Oliveira, formada no Curso Normal, moram todos em Brasília. Filhos: Flávio, Educador Físico; Fernanda, Publicidade; Gustavo, Educador Físico e Fabrício, Hotelaria.

Regina, viúva de Neydmar Vassali Baião, mora em Belo Horizonte. Seus filhos também residem na capital mineira. Filhos: Rodrigo, Engenharia Mecânica; Adriano, Administração e André, Administração.

Marco Antônio mora em Belo Horizonte. Era casado com Tânia e tiveram dois filhos: Samira, formada em Física, e Tiago, formado em Jornalismo. A atual esposa de Marco Antônio é Áurea Solange.

2º filho: **Yussef**, dono da loja de tecidos “A Primavera”; foi casado com Leia Pastorini. Ambos falecidos. Filhos: Wilson, casado com Sonia Moraes, médico gastroenterologista. Filhos: Augusto, Advogado, e Vanessa, proprietária da pousada “Paço do Lavradio”.

Willer, casado com Maria Ligia. É médico-cirurgião e gastroenterologista. Filhos: Vitor, Médico; Priscila, Advogada e Thiago, Administração. Todos moram em São João del-Rei, exceto Priscila.

Wander, casado com Alzira Agostini; moram em São João del-Rei. Filhos: Iza, Arquiteta e Hugo, Designer de Produto.

Wainer, formado em Economia e proprietário da loja “Miga Esporte”; casado com Maria Inês. Moram em São João del-Rei. Filhos: Pedro Henrique, Ortopedista e Raquel, estudante de Medicina.

3º filho: **Toufic**, casado com Teresa, ambos falecidos. Proprietário da loja: “A Insinuante Calçados”, localizada na avenida principal de São João del-Rei. Depois de falecido, seus filhos venderam-na. Filhos: Tuffi, ginecologista, casado com Maria de Fátima; moram em São João del-Rei. Seus filhos: Igor, Médico Anestesista, mora em Mato Grosso; Yuri, Engenheiro de Produção e Yan, Oftalmologista.

Nádia, formada em Psicologia e Piano, casada com José Geraldo. Mora em São João del-Rei. Seus filhos: Sara, Oncologista; Toufic, Engenheiro Mecânico e Diego, Ortopedista.

Douglas, Engenheiro Eletricista, casado com Cristina. Douglas já é falecido. Seus filhos: Yasmim e Douglas, estudantes.

4º filho: **Antônio (Tote)**, era casado com Maria de Lourdes, ambos falecidos. Tinha uma loja “A Nacional”; depois de tê-la vendido, foi trabalhar com seus irmãos na loja “A Primavera”. Filhos:

Ulisses, Engenheiro Eletricista, casado com Anete Conceição; moram em Belo Horizonte. Filha: Carol, formada em Gastronomia.

Maria do Carmo, mora no Sul, formada em Psicologia. Filhos: Pablo, Mateus e Mariana.

Telma, viúva de João Antônio Borges, formada em Administração; mora em São João del-Rei. Filhos: Mayara, casada, formada em Turismo – Gestão de Projetos; Gabriela, solteira, formada em Engenharia Elétrica; Maria Cristina, casada com Jorge Edgar. Sua filha, Sara, é Médica e possui especialização em “Imagens”; mora em Juiz de Fora; Renata, mora em Belo Horizonte, casada com Cid Valério. Filhos: Júlia e Bernardo, estudantes; Raimundo e Ricardo, Médico, ambos falecidos.

5º filho: **Nabiha**, viúva de Antônio Meana, morava em Juiz de Fora. O casal não teve filhos. Depois de ter ficado viúva, mudou-se para São João del-Rei. Seu marido era descendente de sírios.

6º filho: **Miguel**, era casado com Dorayde, ambos falecidos. Era dono da loja “Miga Sport”, vendida para seu sobrinho. Mudou-se para Belo Horizonte. Filha: Soraya, mora em Belo Horizonte.

7º filho: **Jorge**, único casado com uma descendente síria, Hane. Mora em São João del-Rei. Depois de trabalhar desde seus onze anos de idade numa papelaria, abriu uma loja com seu irmão Miguel “A Colegial” – loja de papelaria, brinquedos e presentes. A loja foi aberta em 1948. Depois, a sociedade com seu irmão terminou e Jorge administrou sozinho a loja. Mais tarde, seus filhos vieram trabalhar com ele: Ronan e Renê.

Ronan, casado com Cláudia Barreto, moram em São João del-Rei. É Engenheiro Eletricista, sócio e administrador da loja “A Colegial”. O casal tem duas filhas: Paula, formada em Comércio Exterior e Lídia, Arquiteta.

Ramon, casado com Luiza de Marilac, é Engenheiro Eletricista e vice-presidente, no Brasil, da Companhia Elétrica “Stand Grid” (empresa chinesa). Mora no Rio de Janeiro. Filhos: Sabrina, casada, formou-se em Administração e mora na Irlanda; Paloma mora em Belo Horizonte e é formada em Publicidade e Jéssica, Médica.

Rosane, formada em Relações Públicas. É proprietária de uma pousada em Tiradentes, onde mora com sua filha Samantha, estudante.

Renê, mora em São João del-Rei, é sócio-administrador da loja “A Colegial”. Filhos com Cláudia: Carolina, casada, fez Administração e mora na Suíça, onde faz Doutorado. Gabriel, estudante de Engenharia Civil, mora em Florianópolis. Com a atual esposa Pollyanne, Renê tem a filha Ana Carolina, que é estudante.

Ralf, casado com Flaviana, mora em Ribeirão Preto. É Engenheiro Civil e diretor da construtora “MRV”. Filho: Henrique, estudante.

8º filho: **Ivone**, casada com Ayrton. Mora em São João del-Rei. Filhos: Lílian, formada em Administração, tem um filho: Lucas, cursando Fisioterapia; Maurício. Filhas: Marina, formada em Letras e em Direito; e as gêmeas Isabela, estudante de Zootecnia, e Isadora, estudante de Letras. Simone, casada com Scott Backman, mora nos Estados Unidos. É formada em Letras e Supervisora da escola Kaplan, inglês para estrangeiros.

Hane Sade Haddad



Atta com sua mãe Nayeffa, sua mulher Chafica e seus oito filhos: Abdon, Antonio, Nabia, Toufic, Yussef, Jorge, Atta, Nayeff, Ivone, Chafica e Miguel



Jorge e Hane com seus 5 filhos:
Ralf, Ronan, Jorge, Renê, Hane Rosane e Ramon



Os três filhos do “Seu” Atta: Nabiha, Jorge e Ivone e alguns de seus netos

Família Aziz Elias Farah

Começo a história a partir de Minas Gerais. Mais precisamente de Alfenas. Azis Elias Farah nasceu em Alfenas. Era filho de Abdala Elias Farah, que tinha vindo do Líbano para o Brasil. Abdala também tinha vivo no coração, assim como todos os seus patrícios imigrantes, o sonho de uma vida mais diferenciada nas promissoras terras brasileiras.

Voltemos a Azis Elias Farah. Ele se casou com Hadla e tiveram três filhos: Paulo, Nelson e Renato. E sou eu, Hadla, que vou contar um pouco da história. Por volta de 1943, 1944, foi enviada à Escola Politécnica uma amostra a ser analisada. Veio o parecer: não era cassiterita, mas um minério qualquer. Apesar desse parecer reconhecidamente técnico, Azis não se deu por vencido. E resolveu analisar melhor o material. Era cassiterita!

Aziz não perdeu tempo. Na semana seguinte, pegou o trem para São João del-Rei e procurou o proprietário da mina, Ramiro Mattar. Aziz conheceu o local de onde foi extraído o material para análise: Nazareno. Dessa visita, surgiu uma parceria e ambos começaram a extraír o minério.

Inclusive, comunicaram ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, sobre a descoberta e extração da cassiterita, a qual era uma raridade naquela época. Veio a resposta do presidente num telegrama: parabenizou-os e lhes desejou sucesso no empreendimento.

Aziz e Ramiro Mattar, por alguns anos, exploraram a mina em Nazareno. Até que a venderam a um grupo estrangeiro.

Morando em São João del-Rei, Aziz e João Hallak deram início a uma fábrica de tecidos.

Aziz não era de ficar parado. Construiu prédios nesta cidade e, como engenheiro e co-proprietário da Companhia de Melhoramentos e Obras de São João del-Rei S/A, CIMOSA, assessorou as principais obras da Prefeitura Municipal de São João del-Rei, executando projetos e obras comerciais e industriais.

Também construiu várias edificações residenciais, tendo sido o Edifício da Feira dos Calçados, de Miguel Haddad, o Edifício Sade

de José Sade, a antiga Estação Rodoviária (já demolida) e o Edifício São João, suas principais obras. E ainda algumas casas, como a residência em que a Sra. Lígia Velasco morava, casa que foi considerada bem moderna na época.

No período em que morou em São João del-Rei, Aziz residiu na casa paroquial da igreja cujo pároco era Padre Osvaldo Torga. Depois de 10 anos vivendo aqui, retornou à cidade de São Paulo e junto com seu irmão Fariz também engenheiro deram início à Construtora Elias & Elias e Predial Berenice, que desenvolveram seus trabalhos por 25 anos. Foram umas das maiores firmas de engenharia da cidade de São Paulo, construindo nesse período 211 prédios anos.

Ainda, em 1966, a pedido da irmã superiora do Colégio Nossa Senhora das Dores, em São João del-Rei, lançou a pedra fundamental da sala onde seria servida a sopa para os pobres. Também, nesta mesma cidade, em 1967, recebeu – com muita honra e alegria – o título de Cidadão São-Joanense, conferido a ele pela Câmara Municipal de São João del-Rei.

Aziz faleceu em São Paulo, no dia 10 de março de 1980. Estava com 61 anos.

Hadla Milan Elias



Azis, esposa Hadla e os filhos Paulo, Renato e Nelson

Família Bacil

Os queridos patrícios sabem como São João del-Rei foi generosa em acolher a colônia sírio-libanesa em seu seio. Não foi diferente com a Família Bacil.

Sophia Bacil se casou com João Nacif. Dessa união, nasceram seis filhas: Nacima, Francisca, Conceição, Alif, Nair e Jamile.

A partir daí, temos os seguintes dados: Francisca casou-se com Alexandre Bacil e tiveram duas filhas: Sophia Nacif Bacil, já falecida, e Elza Nacif Bacil. Ambas as filhas solteiras e não tiveram filhos.

Por fim, Conceição se casou com José Antônio Bacil. Também não tiveram filhos.

Bacil... Brasil... nomes próximos na pronúncia.

Bacil... Brasil... almas unidas em um só coração: a alegria de amar e ser amado em uma terra nova e hospitaleira.

Maria Lourdes Haddad

Família Bastone



De acordo com historiadores e com a tradição, as origens da Família Boustani remontam ao século XVI. Suas raízes são de um local chamado El-Bassatin, na vila de Geblé, perto de Lattaquieh, na Síria.

A história conta que, no início do século XVI, e após a conquista otomana do Oriente Médio, nosso antepassado Muquim (Abu Mahfouz) deixou sua cidade natal e foi em direção ao Monte Líbano, parando em Dahr Safra, depois em Bquerqacha, uma vila ao pé dos cedros do Líbano.

Muquim teve três filhos: Mahfouz, Abd el Aziz e Nader.

Abd el Aziz residia em Deir el Kamar. Nader e sua família se estabeleceram na região de Chouf, principalmente Deir el Kamar e Debbiyé.

O que aconteceu a partir daí? Muquim e seu filho mais velho, Mahfouz, voltaram para as regiões do norte do país. Seus descendentes ainda levam o nome de Mahfouz.

Após revoltas sociais e políticas, os Boustanis se estabeleceram em todas as regiões do Líbano – em Giyeh, Marj, Jounieh, Trípoli, em Koura e Beqaa – bem como na Síria, Alepo, Turquia e Egito.

Ao longo dos dois últimos séculos, e especialmente no início do século XX, começou a grande migração dos Boustani para a Euro-

pa e o Novo Mundo. Muitos talentos nasceram na Família Boustani, como eminentes arcebispos, grandes estadistas, escritores e poetas. Talentos que nasceram no Líbano e nos países da diáspora.

Desde o século XVI a Família Boustani existe com esse nome. No entanto, ao longo dos dois últimos séculos, membros da família emigraram para diversos países, a partir de diferentes cidades libanesas. Apesar disso, os Boustani residentes no Líbano ou nos países da diáspora constituem uma mesma e única família.

E o que significa o nosso sobrenome? “Boustani” é de origem árabe e tem um significado bonito: “jardineiro”. O sobrenome passou a ser grafado de maneiras diferentes ao longo do tempo.

Essa diferenciação se deve ao momento do registro de chegada de nossos antepassados emigrantes a cada país. Ao se registrarem junto às autoridades dos países que os acolheram, nossos antepassados tiveram de alterar a grafia de seu nome, de modo a torná-lo pronunciável na língua local. Por causa disso, surgiram os Bestany, Bistani, Bistany, Bastone, Boustani, Boustany e Bustani.

Cabe aqui um relato mais próximo e um pouco mais detalhado: Jorge Boustani e Sofia Boustani, por questões políticas e religiosas, fugiram para a Europa, onde o sobrenome foi reescrito e registrado como “Bastone”. De lá, embarcaram de novo, pensando estarem indo para os Estados Unidos.

Quando deram por si, estavam, na realidade, em terras brasileiras: Rio de Janeiro.

Como a maior parte de seus bens, tais como terras, imóveis e “masári” foi deixada para trás, e o visto seria muito difícil de conseguir, o casal foi direcionado para Minas Gerais, mais precisamente para Pirapora. Nessa nova cidade, tiveram seus filhos Paulo Bastone, Tannus Bastani (erro de cartório), Jane Bastone e Angelina Bastone.

Vida nova... ofício novo: começaram a trabalhar com lavoura e, mais adiante, com o comércio de pedras preciosas.

Aqui, em São João del-Rei, a Família Bastone se configura assim:

Paulo Bastone se casou com Amélia Lourenço de Oliveira Bastone e tiveram oito filhos: Vera, Caio, Sofia, Manuel, Douglas, Otília, André e Adelaide.

Vera teve uma filha: Yokania Bastone Mauro.

Caio teve um filho: Caio Teixeira Bastone.

Sofia teve dois filhos: Paula Bastone Zerlotini e Jorge Bastone Zerlotini.

Manuel teve duas filhas: Diane Uzai Knauer e Manuela Uzai Knauer.

Douglas não teve filhos.

André teve dois filhos: Paulo Galli Bastone e Laura Galli Bastone.

Otília teve uma filha: Mariana Bastone Guglielmele.

Adelaide teve uma filha: Petra Bastone Torga.

Infelizmente, a maioria dos Boustani emigrados perderam completamente o contato com sua família, tanto no Líbano quanto no resto do mundo.

Sofia Bastone



Amélia e Paulo Bastone

Família Calil Zarur

A cidade de Cornat Chehwa se localiza na região de El Matn, ao norte de Beirute, no Líbano. Lá vivia o casal Domingos Calil (1874/1941) e Salime Calil (1888/1934). Domingos Calil era filho de Calil Zarur e Celume Zarur. Por sua vez, Salime Calil era filha de Naum Riscala Zogbi e Racine Elias Gebara. Todos libaneses.

Domingos e Salime, atraídos por novas oportunidades em terras distantes, embarcaram para o Brasil. Era junho de 1906.

Salime tinha duas irmãs, Tacla e Barbara, que se casaram com dois irmãos Gebara: Salomão e Elias. Das duas irmãs de Salime, apenas Barbara veio para o Brasil, fixando residência em Campinas (SP).

Quanto a Domingos Calil, naturalizou-se brasileiro em 20 de agosto de 1938. Passou a morar em Sertãozinho-SP. Domingos e Salime tiveram 7 filhos em Sertãozinho: Elias Calil (1908/1964 - três filhos); Amélia Calil (1910/1970 - sem filhos); Julia Calil (1913/1983 - sem filhos); Jamil Calil Zarur (1916/1966 - cinco filhos); Jose Calil (1918/1972 - duas filhas); Orlando Calil (1921/2000 - três filhos); Ameiris Calil (1925/2017 - dois filhos).

Os pais e outros membros da família estão sepultados no jazigo perpétuo da família Calil, localizado no Cemitério Municipal de Sertãozinho. Na sua grande maioria, os filhos eram comerciantes, como seus pais, nessa mesma região. Jamil foi o único a se fixar fora do estado de São Paulo.

Enquanto morou em São Paulo, Jamil foi membro administrador e mestre geral de ensino industrial e desenho técnico na Escola Profissional de Jacareí (SP). Lecionou também na Escola Técnica Profissional Santa Rosa, em Santos. A década de 50 chegou e, no início dela, Jamil veio para a região das Vertentes com a Mineração Geral do Brasil. Instalou-se por aqui e conheceu Leda Castanheira Netto, filha de Manuel de Almeida Netto e Clarice Castanheira de Almeida Netto. Manuel era comerciante na cidade de São João del-Rei e proprietário da Casa Alves Netto Ltda.

O casal teve cinco filhos: Elizabeth (1952), Jamil (1954), Domingos (1956), Maria Aparecida (1957) e Margareth (1961).

Jamil Calil Zarur nasceu em Sertãozinho, no dia 4 de março de 1916, e faleceu em Mogi das Cruzes, dia 5 de abril de 1966. Ambas cidades são no Estado de São Paulo. Sua esposa, Lêda Castanheira de Almeida Netto, nasceu em 1927 e faleceu em 2000.

Quanto aos cinco filhos do casal, um pouco da história deles: Elizabeth doutorou-se em Filosofia da Arte e foi professora de História da Arte nos Estados Unidos, em Wheaton College, Massachusetts, por 6 anos, e também na New Mexico State University, por 23 anos. Casou-se com William Lamar Giles, em 1980, de origem americana. Ambos residem nos Estados Unidos e não têm filhos.

Jamil Júnior, comerciante, é casado com Marlei de Resende e tem um filho universitário, Angelo Resende Zarur. O filho mais velho de Júnior, Victor Hugo de Camargo Kalil Zarur mora no Paraná e tem uma filha Luana Morelli Zarur.

Domingos Neto é casado com Marien Fares. Também filha de libaneses. O casal tem duas filhas: Daana Fares Calil, médica pediatra, e Barbara Fares Calil, publicitária. Domingos é comerciante.

Maria Aparecida é professora de Matemática. Casou-se com Silvio Gontijo, Administrador de Empresa e Analista de Sistemas. O casal tem dois filhos: Sarah Calil Gontijo, advogada, casada com Rakesh Guptá, que reside nos Estados Unidos, e Matheus Calil Gontijo, engenheiro de automação e piloto da Latam.

Margareth, conhecida por Meg Zarur, é viúva de Paulo Aurélio Campos. São dois, os filhos do casal: Raphael Calil Campos, dentista, e Lila Calil Campos, ambos cirurgiões-dentista. Meg Zarur tem programas diversos nas rádios e televisões da região.

Há somente uma bisneta do casal Jamil Calil Zarur e Lêda Castanheira Netto Zarur.

Certidões de nascimento, de casamento, de naturalização e de óbitos foram as fontes consultadas para as informações aqui expostas. Agora, o que aqui foi exposto ganha uma outra certidão: a lembrança.

Elizabeth Netto Calil Zarur



Domingos Calil, Salime Zogbi Calil e filhos
mais velhos: Júlia, Amélia e Elias, 1915



Casamento de Jamil e Lêda, 1951, com a família de Manuel de Almeida Neto



Filhos, cunhados e netos de Domingos e Salime,
no casamento de Ameris Calil, 1955



Lêda, Jamil com os filhos: Domingos, Elizabeth e Jamil Júnior



Filhos de Jamil e Lêda: Maria Aparecida, Meg, Elizabeth, Jamil e Domingos

Família Charbel

A Família Massaad deu origem à Família Charbel. O primeiro antepassado chamava-se Chehin Al-Marchruti e chegou ao Líbano em 1470, habitando em Asroun, ao lado de Becharre. O tempo passou bastante e Massaad Abi Chaloub teve os seguintes descendentes: Barukat, Tanus, Charkis e Charbel. Charbel Tanus Massaad deixou sua terra natal e seus parentes para morar em Halat, em En-Nakour, hoje Beit Charbel. Aí se estabeleceu e originou nova família.

O seu nome próprio criou um nome de família, deixando de lado o nome Massaad. Charbel Tanus comprou uma propriedade em En-Nekour, dando origem à Beit Charbel, em Halat. Sua esposa chamava-se Catourra (Catarina) Jáber-Dau, sendo chamada de “Charbelie”, que significava: mulher do Charbel.

Charbel faleceu em 1983 e Catourra, em 1902. Catourra vivia um ano com cada filho e se vestia com um longo manto, à moda das mulheres beduínas. Charbel teve 4 filhos e 4 filhas: Rosalina, Jamie, Tanus, Zacarias, Antônio, José, Maria e Josefina. Tanus se casou e teve os filhos José e Sejan.

Sejan se casou com Maria Antonio Hachem e tiveram nove filhos, dentre os quais: José, Tufik, Fuad, Tanus, Ester, Essin. Sejan José Charbel era o pai de José Sejan Charbel, nascido em Monte Líbano, em 1895. Veio para o Brasil mais ou menos em 1917. Em sua casa, Beit Charbel, havia uma capela dedicada a São José, chamada “Mar Youssef”. Ao lado, havia um colégio, construído pela família, onde se ensinavam francês, árabe e siríaco, a língua da liturgia maronita.

Em 1921, veio para o Brasil Youssef Sejan Charbel, libanês nascido em 08/09/1899, em Haalat, que pertence a Jbeil e Biblos. Mais um emigrante a navegar sobre o oceano Atlântico, na esperança de uma vida nova. Era filho de Sejam Charbel e Maria Charbel. Youssef tinha uma irmã, chamada Essin, que era casada com Tufik Abi-Safi. Moravam em Barroso, Minas Gerais. Quando Youssef chegou, encontrou-se com eles. Youssef (José) e Tufik eram mascates, exercendo incansavelmente seu ofício tanto em Barroso como em São João del-Rei.

Já era o ano de 1926 e o mês era maio. José se casou com Alida Canaan e abriu uma pequena loja em São João del-Rei: “Casa São Jor-

ge". Ficava na então avenida Rui Barbosa (hoje, avenida Presidente Tancredo Neves), nº 469. José e Alida tiveram sete filhos: a primeira nasceu morta; logo depois vieram: Fuad, Maria, Cyro, Cleia, Marli (falecida aos 3 anos de idade, devido ao apêndice supurado) e Miriam.

Quanto a Alida, ela veio para o Brasil em 1923, com 13 anos de idade. Veio com sua irmã, Libéria, de 16 anos, e o menino Zahia, de 11 anos. Vieram por causa da guerra civil e também da febre espanhola, que vitimou seus pais e sua irmãzinha caçula, Rosa, que tinha 4 ou 5 anos. Chegaram ao Brasil e foram morar com seus tios, irmãos do pai Resgalla Canaan.

Infelizmente, Zahia não se adaptou por aqui. Na terra natal, moravam em um lugar alto, arejado, tendo o mar como vista. Aqui no Brasil, as condições de moradia eram outras e Zahia sentia muita falta de ar. Veio a falecer.

A história dos três irmãos é triste. Quando seus pais morreram, os três ficaram abandonados, sendo cuidados por vizinhos. Eram doídas as recordações de Alida: "Em troca, por estarem cuidando de nós, os vizinhos foram levando tudo o que a gente tinha: uma caixa de joias, móveis e outras coisas. Era como se fosse um 'pagamento', uma troca. Nós três éramos crianças, éramos ingênuos ainda. Não fizemos nada para impedir."

E ainda houve mais: quando Raimundo, irmão do pai das três crianças, percebeu que elas estavam órfãs, mandou, por três vezes, o dinheiro das passagens das suas sobrinhas, a fim de que elas viessem para o Brasil. O dinheiro foi mandado para um vizinho, chamado Nagib. No entanto, Nagib ficava com o dinheiro para pagar as despesas com as crianças.

O tio chegou a mandar o dinheiro pela quarta vez. As passagens foram, enfim, compradas. Os três irmãos puderam vir para o Brasil. Vieram no navio "Princesa Mafalda". Três órfãos, sem pai nem mãe, agora também sem terra natal, em busca de quem cuidasse deles, em busca de uma nova terra que fosse para eles o aconchego e a possibilidade de viverem melhor.

Segundo Alida, quando os três vieram embora, deixaram a chave na porta da casa. O que foi que o Nagib fez? Pagou os impostos e tomou posse da casa. Ah! Nagib... Ele não era fácil!

O navio zarpou, mas ainda ficou parado na Itália por 20 dias. Quando chegaram ao Brasil, os três desembarcaram no Rio de Janeiro. Depois de ficarem um tempo com parentes, mudaram-se para São João del-Rei. Uma vez aqui, Alida e Zahia ficaram com o Tio João Canaan, casado com Francisca. E Libéria ficou com o Tio José, casado com Kétiba Canaan.

A história é formada pelo passar dos dias. Com o decorrer deles, José conheceu Alida e se casaram. Começo de vida difícil, coitados! Não tinham conhecimento de nada naquela época, nem a respeito de documentos nem a respeito de escrituras. Além disso, assim como os outros patrícios, tiveram que vencer a barreira da língua desconhecida e dos costumes diferentes.

O casal lutou muito e conseguiu um bom patrimônio. Mas o principal patrimônio que eles nos legaram foram os preciosos valores, como a honra, a honestidade e o trabalho. José e Alida viveram em São João del-Rei, formando uma bela família.

Quanto a mim, estive em Halat, no ano de 1998. Conheci a casa, o pé de azeitona na porta da cozinha, conforme mamãe contava. Estendendo mais o olhar, pude ver, na sala, tapetes de cerâmica, desenhados. Na porta da frente, a inscrição: “Aqui moram pessoas felizes.”

É uma felicidade e uma honra para nós saber que São Charbel optou por esse nome para a sua vida religiosa. É o nome da nossa família. São Charbel, um grande santo libanês, cujo nome de batismo era Youssef Makhluf, nasceu em Bigah-Kafra, em 1928. No mosteiro de São Maron, ele fez os votos e abandonou seu nome de batismo, escolhendo o nome “Charbel” para sua vida religiosa, conforme tradição no Oriente. É um santo milagroso e seu corpo se encontra incorrupto, como mostra a foto no livro dedicado à sua história.

Fechando os relatos, estes dados:

José Sejam Charbel - Veio em 1921 - Navio

Pai: Sejam Charbel - Faleceu em 08/09/1895

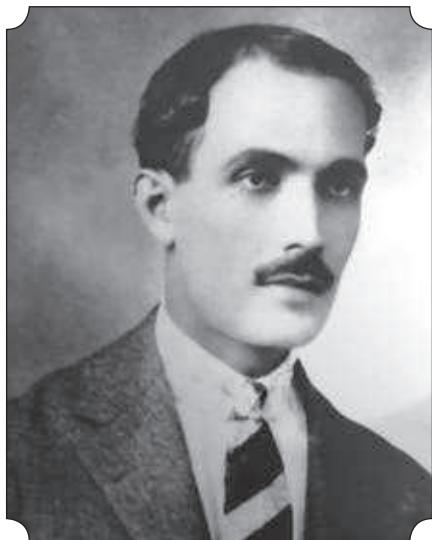
Mãe: Maria Charbel - Faleceu em 09/08/1955

Alida - Lídia Charbel - Vieram em 1923 - Navio

Pai: Resgalla Kanaan - Faleceu em 20/06/1908

Mãe: Izia Kanaan - Faleceu em 22/11/2004

Vera Maria Bittar Oliveira



José Sejan Charbel



Alida Canaan Charbel



Alida com sua irmã Libéria



Casamento de José Sejan Charbel e Alida Canaan Charbel

Família Charbel Messias

Família Charbel, de Alet, no Líbano. A família é composta por José Charbel, sua esposa Maria Charbel e seus três filhos Estevan Charbel, Mantarra Charbel e Eugenie Charbel. Em 1911, deixaram o Líbano e vieram para o Brasil José Charbel, Maria Charbel, a filha Mantarra Charbel na época com 11 anos de idade. O filho mais velho Estevan veio alguns anos antes, ficando no Líbano a filha Eugenie que seguiu vocação religiosa como freira da congregação Vicentina e lá vivendo até o seu falecimento.

Chegando ao Brasil residiu inicialmente em São João del-Rei (MG). Aos 18 anos, a filha Mantarra Charbel contraiu matrimônio com o comerciante, também de origem libanesa, Youssef Neder Rottar, natural de Trípoli, no Líbano, (registrado no Brasil com o nome de José Messias). O casal José Messias e Mantarra Charbel tiveram os filhos Juarez, Luriz (Helena), Geny, Antonio, Miguel e Aluizio. Após o nascimento de Aluizio a família de José Messias, Mantarra Charbel Messias, filhos e sogros mudaram-se para a cidade de Passa Tempo (MG) onde viveram por um bom tempo e lá nasceram Maria e José, filhos caçulas. Ao todo o casal teve 8 filhos, e mais Antero Jorge Messias, filho mais velho de José Messias do seu primeiro casamento.

Posteriormente, com o falecimento do Sr. José Messias, a família retornou para São João del-Rei, ficando em Passa Tempo apenas o filho Antonio Messias que se casou com Ilma e tiveram 3 filhas: Maria José, Gisele e Ronise. Os outros filhos permaneceram em São João del-Rei, onde alguns deles contraíram matrimônio. Juarez casou-se com Marilia Tortoriello e tiveram 3 filhos: Leonardo, Luiz Fernando e Paulo Ricardo. Miguel casou-se com Lenir Nascimento e tiveram 3 filhos, Cláudio, Flávio e Miguel Júnior. Aluizio não se casou nem Luriz (Helena). Geny casou-se com Morelande Vianini e tiveram 3 filhos: Sérgio, Paulo e André. Maria casou-se com Antônio Tarcísio e tiveram 4 filhos: Márcia, Tarcísio, Flávia e Lidiane e José Messias Filho casou-se com Janete Esquierdo e tiveram 2 filhos: Marcelo e Aline.

Bisnetos: Cláudio Messias (Gabriel), Luiz Fernando (Samuel), Maria José (Milena e Natália), Gisele (Leandro, Laísa e Lorraine), Ronise (Pedro Henrique e Luisa), Márcia (Luiz Otávio Charbel), Tarcísio (João Pedro), Aliane (Matheus e João Vitor), Marcelo (Marcelinho).

Sérgio Geraldo Messias Vianini



Vovó Mantarra



Vovó Mantarra



Família Charbel Messias



Irmã Eugenie

Família Elias Hallack

“Casa das Meias”! Todos, em São João del-Rei, já ouviram falar dessa loja. Qualidade e tradição. Eram casados e nasceram na Síria. Quando vieram para São João del-Rei, dedicaram-se ao comércio varejista, abrindo uma loja na atual Avenida Presidente Tancredo Neves: CASA DAS MEIAS.

Adélia era irmã de José Challa Sade, que havia mandado buscá-la para o Brasil.

Elias Hallack e Adélia Sade Hallack e sua família moravam na casa aos fundos da loja. O casal teve cinco filhos: Alberto, Lourdes, Abdo, José e Resmonde.

No dia 09 de março de 1951, Elias faleceu. Depois de algum tempo de sua morte, a família mudou-se para Resende, RJ. O ano de 1968 foi marcado, para a família, com uma triste coincidência: Adélia faleceu no dia 16 de setembro de 1968; seu irmão, José, também morreu nesse mesmo ano.

Com exceção de Resmonde, todos os filhos de Elias e Adélia já faleceram. Elias, Adélia e Abdo estão sepultados no cemitério da Ordem Terceira de São Francisco, em São João del-Rei.

Falemos um pouco de cada um dos filhos.

Alberto foi piloto da aviação comercial. Mudou-se para Belo Horizonte e lá se casou com Giselda. Tiveram uma filha: Antônia.

Lourdes, depois da mudança para Resende, casou-se com Michel Mokdessi. Os dois tiveram os filhos: Samir, Solange, Sérgio e Sônia.

Abdo mudou-se para o Rio de Janeiro e trabalhou na Datamec (firma da Caixa Econômica Federal que controlava os sorteios das loterias). Casou-se com Maria do Carmo e tiveram os filhos: Elias e Neusa.

José Hallak foi funcionário do Banco do Brasil e trabalhou em vários lugares. Casou-se com Simone Cerqueira e tiveram as filhas: Patrícia, Érica e Renata.

Resmonde, em Resende (RJ), casou-se com Elias Atta. Tiveram os filhos: Regina, Eliane e Elias.

Roberto Chala Sade e Celina Sade de Paiva



José Chala Sade, com sua irmã Adélia e seu cunhado Elias Hallack

Família Elias Isaac El-Corab

Na cidade de Hallet, no Líbano, viviam Hushalla Kanaan El-Corab e Maria Carbel El-Corab. Eram casados e exerciam a atividade do comércio. No dia 05 de janeiro de 1905, o casal teve uma filha, chamada Libéria Rushalla Kanaan. Os pais de Libéria viveram no Líbano a vida inteira. Mas com Libéria foi diferente.

Por causa da I Grande Guerra, Libéria, Alídia e Larria vieram para o Brasil. Seus tios José Kanaan El-Corab, João Canaan El-Corab e Raimundo Kanaan El-Corab providenciaram tudo. Sem saber uma palavra da língua portuguesa, embarcaram para o Brasil.

À medida que o navio avançava, a terra natal e os pais iam desaparecendo no horizonte.

Libéria tinha 16 anos quando se casou com Elias Isaac El-Corab. Ele também era libanês. Em 1º de novembro de 1922, saiu do Líbano e veio para o Brasil em busca de novos horizontes. Elias Isaac El-Corab veio com seus dois irmãos, Ibrahim Isaac El-Corab e Tobias Isaac El-Corab, também comerciantes.

Do casamento de Libéria com Elias Isaac, nasceram dois filhos: Oriette Isaac e Celso Isaac. De Patrocínio (MG), onde morava, a família veio para São João del-Rei. Elias Isaac El-Corab era comerciante. Teve, no Largo do Carmo, um armazém onde vendia cereais. O estabelecimento ficava onde é hoje o Solar da Baronesa, atualmente prédio da Universidade Federal de São João del-Rei. Celso Isaac, foi comerciante por mais de 40 anos.

Libéria e Elias Isaac tiveram dois filhos: Oriette Isaac e Celso Isaac. Oriette casou-se com Ruy Kanaan e tiveram quatro filhos: Elias Isaac Kanaan (um filho: Matheus); Eliana Isaac Kanaan (solteira); Márcia Regina Isaac Kanaan (um filho, Alexandre Isaac Kanaan Rodrigues); Miriam Isaac Kanaan Lara (dois filhos: Micheline Isaac Kanaan Lara e Guilherme Isaac Kanaan Lara).

Celso Isaac foi proprietário do Hotel Colonial, na rua Manoel Anselmo, esquina com a rua Arthur Bernardes, em frente à Ponte da Cadeia. Foi proprietário de loja e fábrica de móveis, chamada “Lehneiro Móveis”, na Avenida Presidente Tancredo Neves. Além disso,

foi vereador por quatro mandatos consecutivos, num período de 20 anos. Celso ainda foi proprietário do Clever's Bar, na avenida Tiradentes. Casou-se com Maria José dos Santos Isaac e não tiveram filhos. No entanto, cuidou dos filhos de sua irmã, Oriette, cujo marido, Ruy Kanaan, havia falecido muito cedo, ao 33 anos, deixando pequenos os seus filhos.

Celso Isaac faleceu em 1998. Por sua vez, Libéria viveu até os 100 anos.

Eliana Isaac El-Corab Kanaan e Elias Isaac Kanaan



Vovó e Alídia



Casamento de Libéria e Elias



Casamento de Oriette e Ruy



Celso e mamãe



Maria José e Celso



Oriette



Ruy

Família Estevam Charbel

A Família Charbel, da cidade de Halat no Líbano, originou-se da Família Massaad. O nosso antepassado da Família Massaad, de nome Charbel Tanus Massaad, deixou a sua terra natal e seus parentes para habitar em Halat, uma cidade litorânea do Líbano. Nessa cidade, Charbel Tanus Massaad deu origem a uma nova família, que recebeu seu nome próprio, Charbel, e esqueceu o antigo nome da Família Massaad.

Há outras famílias Charbel no Líbano, em Zahle e em Chouf, ao sudoeste de Beirute, mas não têm parentesco com a Família Charbel de Halat.

Charbel Tanus Massaad casou-se com Catourra Jáber Dau (Catourra = Catarina), conhecida por Charbeléh (que, em árabe, significa “mulher do Charbel”). O casal teve quatro filhas e quatro filhos (**Figura 1**), cujos nomes eram: Rosalina Charbel, Jamili Charbel, Maria Charbel, Josefina Charbel, Tanus Charbel, Zacarias Charbel, Antônio Charbel, José Charbel.

Nascia, assim, a primeira geração da Família Charbel em Halat, Líbano. Dos filhos de Tanus Charbel e Antônio Charbel descendem as famílias Charbel de São João del-Rei (MG).

Explorando mais detalhes, eis aqui uma rápida exposição sobre os filhos:

- Tanus Charbel casou-se com Antoniéh e teve cinco filhos: Genoveva Charbel, Marina Charbel, Tanus Charbel, José Tanus Charbel e Sejan Tanus Charbel
- Antônio Charbel casou-se com Natalina Chehin Feres Dau e tiveram cinco filhos, que, por ordem de nascimento eram: Felipe Antônio Charbel, Maria Charbel, Rosa Charbel, Zacarias Charbel, Charbel Antônio Charbel.
- Dos filhos dos irmãos Tanus e Antônio, as famílias Charbel de São João del-Rei descendem de Rosa Charbel, Sejan Tanus Charbel, José Tanus Charbel e Maria Charbel.
- Rosa Charbel casou-se com Milad Pedro Safy. Eles tiveram três filhos homens e uma filha mulher, chamada Barícia, que se casou com José Atallah. Daí, a relação entre as Famílias Charbel e Atallah de São João del-Rei.

Sejan Tanus Charbel casou-se com Maria Hâchem, prima de José Nahli Hâchem, que tinha vindo para São João del-Rei. Eles tiveram qua-

tro filhos e cinco filhas. Os nomes dos filhos eram: José Sejan Charbel, Tufik Sejan Charbel, Fuad Sejan Charbel e Tanus Sejan Charbel.

Os primos José Tanus Charbel e Maria Charbel casaram-se e tiveram cinco filhas e dois filhos, todos nascidos em Halat, no Líbano. Os nomes dos seus filhos são: Zahía, Antonieta, Geny, Muntaháh, Carolina, Simão e Estevam.

José Tanus Charbel, sua esposa Maria Charbel e alguns filhos vieram para o Brasil no século XX, enquanto outros filhos permaneceram no Líbano. José Tanus Charbel faleceu em São João del-Rei, no ano de 1927, em abril ou maio. Maria Charbel veio a falecer muitos anos depois, em 1963.

Mais algumas informações importantes:

Dentre os filhos de José Tanus Charbel e Maria Charbel, aqueles que deram origem às famílias Charbel, as quais moram e moraram em São João del-Rei, são:

- Estevam José Charbel: casou-se com Josefina de Oliveira e seu filho perpetuou o nome da Família Charbel em São João del-Rei.
- Zahía Charbel: casou-se com Rescála El-Kourab. Daí, a relação entre as Famílias Charbel e El-Kourab, de São João del-Rei. O casal teve três filhos, Zahia, Libéria e Alida. Alida casou-se com José Sejan Charbel (filho de Sejan Tanus Charbel) e seus filhos perpetuaram, também, o nome da Família Charbel em São João del-Rei.
- Muntaháh Charbel: casou-se com José Messias e deu origem à Família Messias. Daí, a relação entre as Famílias Charbel e Messias de São João del-Rei.
- Carolina Charbel: casou-se com José Nahli Háchem. Daí, a relação entre as Famílias Charbel e Háchem, de São João del-Rei.

Essas informações foram extraídas de um documento intitulado “Histórico da Família Charbel de Halat (Líbano)”, elaborado pelo Padre Antônio Charbel, filho de Charbel Antônio Charbel (da família Charbel que se estabeleceu no Espírito Santo). Padre Antônio Charbel colheu tais informações no Líbano, com Felipe Antônio Charbel, seu tio, em 1948, e também com o Padre José Abi Safy, pároco de Halat, o qual conhecia perfeitamente toda a história da família. Os nomes foram traduzidos para o português, com algumas exceções.

Relata-se, a partir desse ponto, o histórico da Família Charbel que descende de Estevam José Charbel (**Figura 1**).

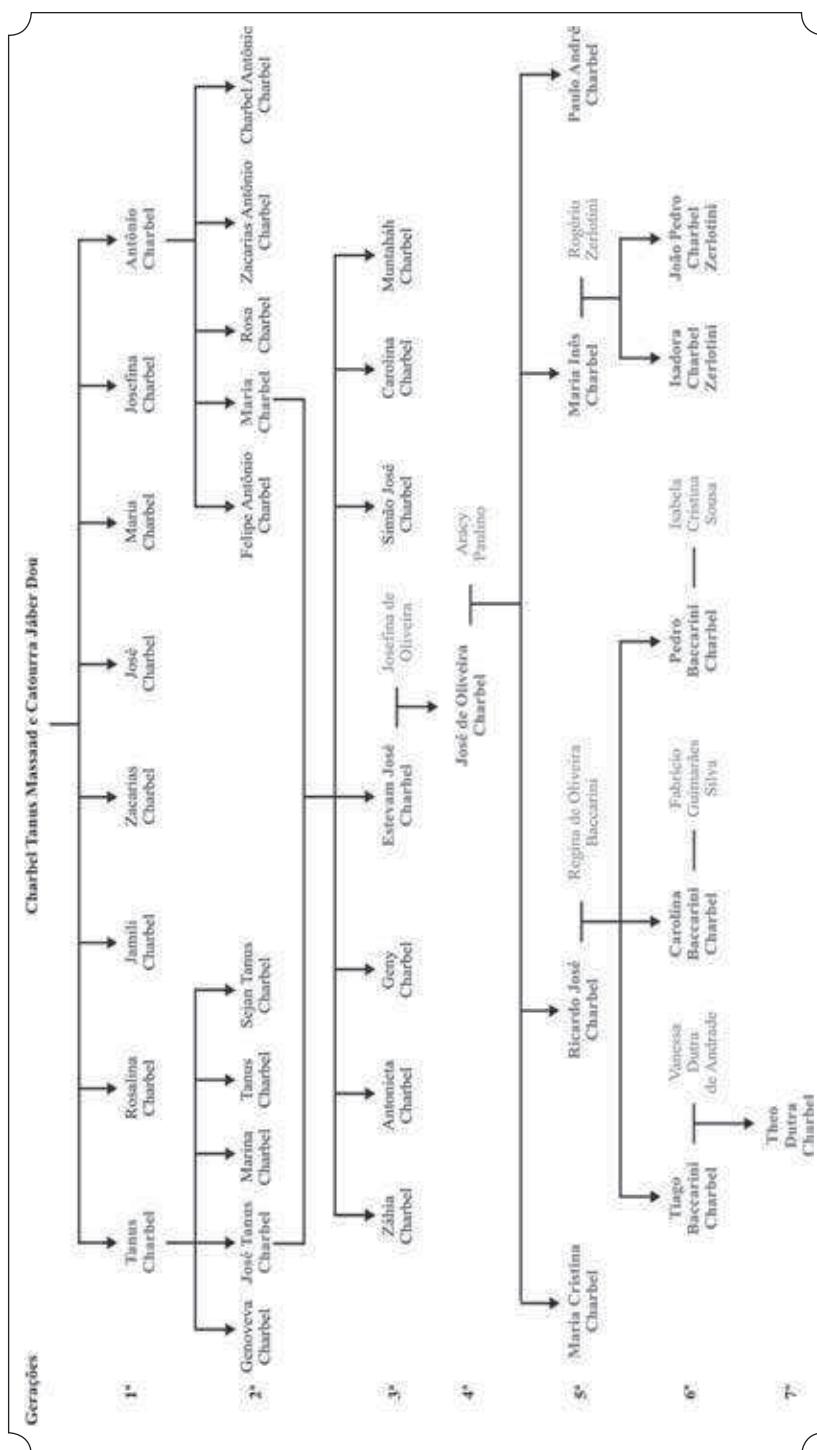


Figura 1 - Árvore genealógica da Família Charbel descendente de Estevam José Charbel, elaborada com base no documento intitulado Histórico da Família Charbel de Halat, Líbano (1948), escrito pelo Padre Antônio Charbel.

Filho de José Tanus Charbel e Maria Charbel, Estevam José Charbel nasceu em Halat, cidade litorânea do Líbano, em 04 de fevereiro de 1894. Ele foi o primeiro dos filhos de José Tanus Charbel e Maria Charbel a chegar ao Brasil acompanhado da mãe. Isso foi por volta de 1909, quando tinha 15 anos de idade. No Brasil, Estevam José Charbel registrou-se como Estevam Charbel.

Ao chegar ao Brasil, Estevam foi para o estado do Espírito Santo. Havia alguns parentes lá. Posteriormente, seguiu para o estado da Bahia. Trabalhou como mascate, transportando mercadorias em mulas para abastecer o mercado na região cacauíra da Bahia.

Foi nessa época que ele conheceu o amor da sua vida, Josefina de Oliveira, neta de portugueses, nascida em Alagoinhas, Bahia. Josefina era uma jovem estudada e escrevia poesias. E Estevam? Estevam era um mascate. Bastou isso para que a família de Josefina fosse terminantemente contrária a um possível relacionamento entre eles.

Apesar da posição contrária da família, o amor entre eles e a coragem foram maiores. Estevam e Josefina decidiram fugir por três dias. Depois regressaram. A família dela, então, teve que aceitar o casamento da poetisa e do mascate.

Estevam orgulhava-se de dizer à sua neta mais velha, Cristina, que, durante os três dias em que fugira com Josefina, jamais encostara um dedo em sua amada.

Uma vez casados, Estevam Charbel e Josefina de Oliveira Charbel mudaram-se para Barroso, MG. Eles tiveram seis filhos. Cinco filhos morreram ainda bebês, por motivos desconhecidos. O único filho que cresceu foi José de Oliveira Charbel, nascido em 24 de maio de 1921, em Barroso. O nome “José” foi uma homenagem ao seu avô, José Tanus Charbel.

Assim como a poesia, a vida também surpreende. E Josefina, a jovem que fazia versos, teve que aprender a rimar amor com morte. Ela faleceu em 1923, na cidade de Barroso, vítima de influenza. Morreu jovem, 24 anos. Aproveitou pouco o casamento... aproveitou pouco também o seu único filho que sobreviveu. Faleceu dois anos após o nascimento do menino.

O tempo passou e Estevam se casou de novo: Maria da Conceição Lopes do Nascimento foi a sua segunda esposa. O casal não teve filhos. Maria da Conceição faleceu em 31 de dezembro de 1968.

Estevam Charbel foi comerciante em algumas cidades de Minas Gerais, como Barroso, Belo Horizonte, Tiradentes, Passa Tempo. Mas foi em São João del-Rei que ele se estabeleceu definitivamente. Estevam enfrentou muitas dificuldades econômicas ao longo de sua vida, dificuldades estas que impediriam o seu filho de realizar o sonho de ser engenheiro. Entretanto, esses entraves não o impediram de ensiná-lo valores humanos e a importância de observá-los ao longo da vida. Esse foi o maior legado deixado ao filho.

Apesar das muitas adversidades ao longo da vida, Estevam manteve-se um homem amoroso e alegre com a família e com os amigos que fez.

Em São João del-Rei, o “vô Estevam”, como os netos o chamavam, morou na avenida Josué de Queiroz, nº 486, no bairro de Matosinhos, onde tinha um estabelecimento comercial. No bairro, ele era admirado pela sua honestidade e alegria, razão pela qual fez grandes amizades e foi padrinho de batismo de muitas crianças do bairro.

Os netos iam com frequência à sua casa para brincar. Cristina, a neta mais velha, contava que tentou aprender o árabe com ele. Ela e suas amigas adoravam ir para a casa do vô Estevam para conversar com ele. Ricardo, o segundo neto, constantemente passava dias na casa do vô Estevam e da vó Conceição. Lá participava do terço que era rezado às dezoito horas e à noite ouvia o rádio com os avós. A propósito, o rádio tinha destaque na sala.

Inês, a terceira neta, lembra-se com carinho das conversas e brincadeiras que tinha com seu avô e também do cuidado que ele tinha com os animais, pois se preocupava em voltar cedo para casa para alimentar os gatos que sempre por ali passeavam. Inês também se lembra da vitrola tocando os discos de vinil com músicas libanesas que seu avô tanto gostava de escutar.

Recorda também dos passos largos, dos pulsos fortes e do chapéu-panamá que seu avô sempre usava. E rememora, com afeição, o amor, o respeito e a grande amizade que existia entre o seu avô Estevam e o filho Charbel, nosso pai.

Paulo, o neto mais novo, embora tenha convivido pouco tempo com ele, lembra-se das músicas que seu avô lhe ensinou. Eram músicas que vô Estevam aprendera no tempo em que trabalhou como mascate na Bahia.

Seu único filho, nosso pai, sempre se referia a ele carinhosamente como “papai”, com uma voz e um olhar cheios de ternura e gratidão.

Estevam foi, também, um irmão muito amoroso. É vivo em nossas lembranças o fato de todos os sábados, após o almoço, o nosso pai, seu filho, levá-lo para visitar a irmã dele, a doce e amável tia Muntaháh, que se mudara de Passa Tempo para São João del-Rei. Eles se sentavam à mesa da sala de jantar da casa da tia Muntaháh e conversavam em árabe por longo tempo. Naquela época, no final da década de 70, ela era a sua única irmã viva no Brasil. A outra irmã era Geny, uma irmã de caridade que morava no Líbano, com a qual ele se comunicava por meio de cartas desde sua vinda para o Brasil.

Estevam era um avô muito amoroso, atencioso e nos impressionava por ser um homem fisicamente muito forte, apesar da idade, e por falar o português sem sotaque... certamente, ensinado pela amada Josefina durante os poucos anos felizes que dividiram. Ainda hoje, a casa dele, na avenida Josué de Queiroz, está em posse da família e nós ainda nos referimos a ela como “a casa do vó”. Alguns registros de Maria Charbel, seu filho Estevam e sua família estão presentes nas **Figuras 2 a 7**.

José de Oliveira Charbel, o único filho de Estevam Charbel, era carinhosamente chamado pelo seu pai, por tios e alguns primos de “Suf”. Porém, fora do convívio familiar ele era conhecido, desde novo, somente por Charbel. Nascido em Barroso (MG) em 24 de maio de 1921, Charbel passou sua infância em algumas cidades de Minas, onde seu pai morou.

Ele se mudou cedo da sua cidade natal, Barroso, e não se recordava dos momentos lá vividos. Em Belo Horizonte, ele se lembrava de brincar próximo à região da Praça Sete. Entretanto, suas maiores e mais vívidas lembranças referem-se àquelas vividas na cidade de Tiradentes, onde passou grande parte de sua infância. Lá, ao lado de seu amigo e parceiro de travessuras Ligério, Charbel, usando suspensório, com estilingue no bolso e com os pés invariavelmente descalços, viveu uma infância intensa, cheia de momentos felizes. Mas carregava na alma a dor da falta da mãe que ele não conhecera... da mãe que partira tão prematuramente. Esse sentimento o acompanhou ao longo de toda sua vida.

Apesar disso, o amor que sua avó, Maria Charbel, devotava a ele e a todos os netos fazia-o sentir o amor de mãe que não tivera. Ele sempre recordava, com ternura, o jeito carinhoso que a sua vó chamava os netos: “Ya’ayouni”, que em português significa “luz dos meus olhos”.

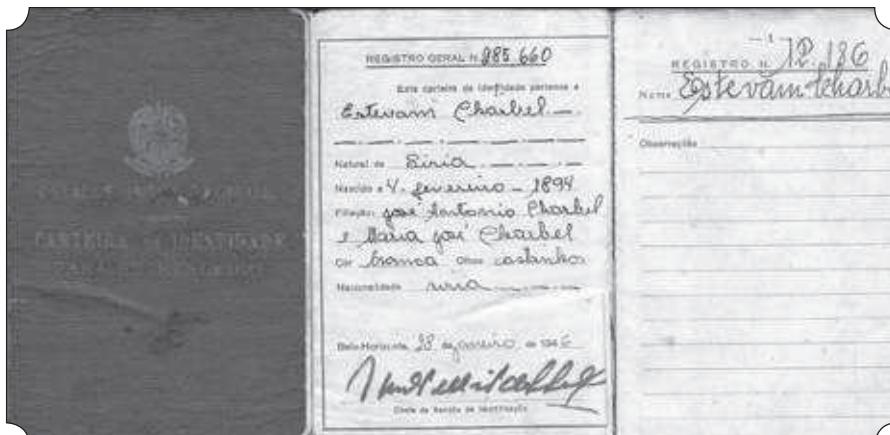


Figura 2 - Carteira de Identidade para Estrangeiro de Estevam Charbel, onde constam, equivocadamente, sua origem como natural da Síria e não do Líbano, sua terra natal, e o nome de seu pai que era José Tanus Charbel



Figura 3 - Quatro gerações da Família de Maria Charbel, da esquerda para a direita: Maria Cristina Charbel (bisneta), José de Oliveira Charbel (neto), Maria Charbel e Estevam José Charbel (filho)



Figura 4 - Maria Charbel e sua bisneta Maria Cristina Charbel



Figura 5 - Estevam José Charbel e seu filho José de Oliveira Charbel



(a)



(b)



(c)

Figura 6 - Estevam Charbel com o filho e os netos, (a) da esquerda para a direita, Charbel, Estevam José com sua neta Maria Cristina nos braços e Aparecida, (b) da esquerda para a direita, Maria da Conceição (segunda esposa de Estevam), Ricardo, Maria Cristina, Maria Inês e Estevam José, (c) Maria Cristina à esquerda, Ricardo à direita e Paulo André no colo de seu avô

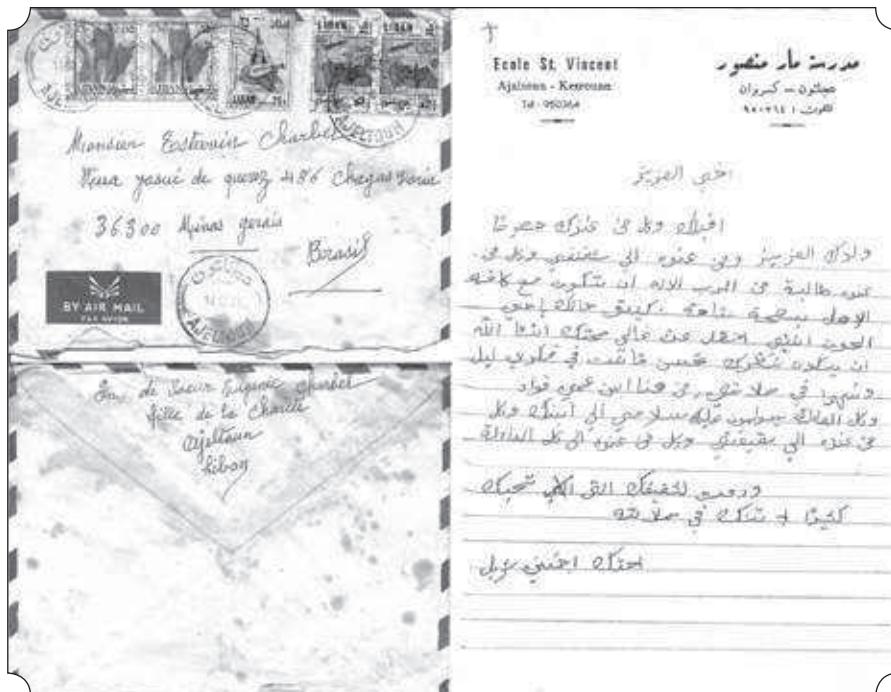


Figura 7 - Carta enviada a Estevam Charbel pela sua irmã Geny Charbel (Eugenie) que permaneceu no Líbano

Charbel já estava adolescente quando seu pai Estevam mudou-se para São João del-Rei. Na nova cidade, foi aluno no Colégio Santo Antônio, onde adquiriu o gosto pelos estudos. Tinha uma incrível facilidade com matemática, latim e língua portuguesa. Apesar do seu entusiasmo pelo saber, não seguiu o sonho de ser engenheiro por limitações financeiras. Aos dezoito anos, em 1939, Charbel serviu no Exército Brasileiro, no 11º BI, também em São João del-Rei. Posteriormente, ingressou na Companhia de Cigarros Souza Cruz, em Belo Horizonte.

Em 1943, Charbel foi convocado para compor o Exército Brasileiro, que se preparava para combater na Segunda Guerra Mundial. Durante alguns meses, os soldados fizeram exaustivos treinamentos de preparação, denominados manobras, nas montanhas em torno de São João del-Rei. Parte dos soldados do 11º BI foi convocada para integrar o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que seguiria para combater em solo italiano. Charbel foi um daqueles convocados do 11º BI para integrar o primeiro escalão.

Inicialmente, eles foram transferidos para o Rio de Janeiro-RJ, por meio de viagem de trem. Algum tempo depois, em 5 de julho de 1944, o primeiro escalão da FEB, cerca de 5.075 combatentes, embarcados no navio “USS General W. A. Mann”, navio de transporte de tropa da Marinha americana, zarpou para o continente europeu. Onze dias depois, chegaram ao porto italiano de Nápoles.

Durante a guerra, o medo de voltar mutilado era constante, mas dentre os muitos momentos de guerra que marcaram a sua memória, um ele repetiu por diversas vezes à sua esposa e aos seus filhos: a deplorável condição de miséria humana imposta por uma guerra a uma nação.

As informações sobre os soldados, durante a guerra, eram obtidas através do Exército Brasileiro. Charbel relatou que seu pai Estevam, em uma das muitas vezes que procurou notícias sobre ele, foi informado de que o filho havia falecido em combate. Estevam, então, não se conteve: sentou-se no chão da rampa que dá acesso ao 11º BI e chorou amargamente. Felizmente, era uma informação equivocada e, meses depois, o seu único filho retornava e mais uma vez Estevam podia abraçá-lo. Alguns registros de José de Oliveira Charbel na II Guerra Mundial na Itália estão presentes nas **Figuras 8 a 11**.

De volta ao Brasil, Charbel retornou aos trabalhos na Companhia de Cigarros da Souza Cruz, em Belo Horizonte. Não ficou por muito tempo, pois tinha sido aprovado no concurso para o Banco do Brasil, em 1947. Charbel foi efetivado em Três Lagoas, em 21 de agosto de 1947. Trata-se de uma cidade do antigo estado do Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, e que se situa a aproximadamente 1.000 km de São João del-Rei.

Novamente, o filho ficava longe do pai que tanto amava. A distância, então, seria encurtada por meio de cartas que Charbel sempre escrevia ao seu pai. Em uma das vezes em que ele postou uma carta nos Correios para seu pai, conheceu Aracy, uma jovem bonita que trabalhava na agência dos Correios e Telégrafos de Três Lagoas. Aracy Paulino, nascida em Três Lagoas em 14 de maio de 1926, era a segunda dos seis filhos de Antônio Paulino (paraibano de Campina Grande) e Maria Jardim Paulino (mato-grossense de Cuiabá). Era jogadora de vôlei de sua cidade.

Assim como Charbel, Aracy descendia de uma família simples e com pouco recurso financeiro. Por essa razão, ela trabalhava, desde nova, para ajudar sua família. Charbel e Aracy apaixonaram-se, namoraram e se casaram (**Figura 12**).



Figura 8 - Foto tirada na Itália de oficiais do Estado Maior (sentados) e de soldados do I Batalhão do 6º RI, o primeiro da esquerda para a direita é José de Oliveira Charbel

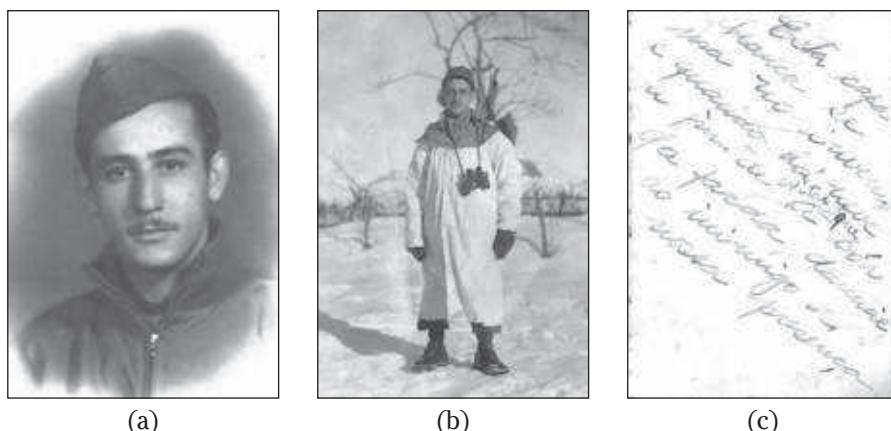


Figura 9 - Foto de José de Oliveira Charbel tirada em março de 1945 no front italiano (a); foto e o verso da mesma com texto escrito por José de Oliveira Charbel onde se lê: "Esta capa branca se usa no inverno e quando há neve a fim de evitar que a cor da farda denuncie ao inimigo a nossa presença" (b e c)



Figura 10 - Certificado de reservista de José de Oliveira Charbel por participar do Teatro de Operações da Itália no período de 2 de julho de 1944 a 6 de julho de 1945



Figura 11 - Diploma concedido a José de Oliveira Charbel por participar da Força Expedicionária Brasileira em operações de guerra na Itália

Já casados, morando em Três Lagoas, Charbel e Aracy buscaram uma transferência para São João del-Rei. A razão que motivou a transferência era o fato de Charbel ser filho único e o pai estar tão distante, longe do seu amparo. Por sua vez, os pais de Aracy, Antônio e Maria, estariam amparados pelos seus irmãos que moravam em Três Lagoas. Passado algum tempo, eles conseguiram a transferência, Charbel e Aracy foram transferidos para as agências, respectivamente, do Banco do Brasil e dos Correios e Telégrafos, em São João del-Rei.

Assim, crescia uma das Famílias Charbel nesta cidade, descendentes, agora, de José de Oliveira Charbel e Aracy Paulino Charbel. Além de Maria Cristina, nascida em Três Lagoas, nasceram, em São João del-Rei, mais três filhos: Ricardo José Charbel, Maria Inês Charbel e Paulo André Charbel.

Charbel e Aracy viveram uma vida de amor e respeito. Não raro, nós, os filhos, presenciamos a nossa mãe, já com mais de sessenta



Figura 12 - Casamento de José de Oliveira Charbel e Aracy Paulino na cidade de Três Lagoas, no Estado de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul

anos de idade, chamar o nosso pai de “amor da minha vida”. Eles eram pais extremamente amorosos e carinhosos, mas também austeros quando necessário. Preocuparam-se em dar a nós, seus filhos, as oportunidades de estudos que não tiveram. Por outro lado, igualmente, preocuparam-se muito em nos ensinar os valores humanos e a importância de se observá-los ao longo da vida.

Na agência do Banco do Brasil de São João del-Rei, Charbel trabalhou até a sua aposentadoria, em 1978. No banco e fora dele, fez grandes amigos e construiu uma história pessoal e profissional bonita, recheada de detalhes bonitos que nós, seus filhos, sabemos pelos seus amigos e colegas de trabalho.

Charbel era chamado pelos seus netos de “vovô Bel”. Uma das grandes felicidades dele era reunir-se com sua família, momentos de muitas alegrias, registrados nas fotos presentes nas **figuras 13 a 15**. Na última comemoração de aniversário do nosso eterno *superman* (**Figura 15**), a família reuniu-se para festejar e agradecer por mais um ano de vida do vovô Bel.

No dia 29 de janeiro de 2017, aos noventa e cinco anos, Charbel despediu-se da sua jornada terrena. Ele teve a graça de ver seus netos nascerem e crescerem. Também teve a graça de vivenciar com eles e toda a família muitos momentos felizes. Nos últimos anos de vida, ele foi presenteado com seu bisneto, Theo, filho de seu neto mais velho, Tiago.

Quanto a Aracy, ela trabalhou na agência dos Correios e Telégrafos de São João del-Rei até a sua aposentadoria, em 1976. Nos Correios e também fora do ambiente de trabalho, fez grandes amigos. Aracy adaptou-se bem à cidade, mas se lembrava com muito carinho de sua terra natal, onde deixou sua família e amigas, as quais sempre revia quando lá retornava.

Sua habilidade com o tricô brindava toda a família com lindas e quentes blusas de lã, a cada ano, que usávamos durante o inverno. Aracy despediu-se da sua jornada terrena muito cedo, em 13 de julho de 1989, aos sessenta e três anos. Foi vítima de um infarto fulminante. Ela teve a graça de conviver, ainda que por pouco tempo, com os dois netos mais velhos, Tiago e Carolina, filhos do casal Ricardo José Charbel e Regina de Oliveira Baccarini Charbel.

Não há como falar de Charbel, Aracy e filhos e não se lembrar da Cida, ou seja, Aparecida da Silva (**Figura 6a**). Cida foi a nossa segunda



Figura 13 - Fotos de família da esquerda para direita, em pé, Pedro (neto), Tiago (neto), Maria Inês (filha), Ricardo (filho), João Pedro (neto), Isadora (neta), Carolina (neta) e Regina (nora), sentados, Sr. Joaquim (amigo), Charbel, na sua frente Matheus e ao fundo amigos



Da esquerda para a direita, em pé, Carolina (neta), Regina (nora), Maria Inês (filha), Rogério (genro), Tiago (neto), Ricardo (filho), Isadora (neta), sentados, Maria Aparecida (Dona Lia) e Walter Luiz (pais da Regina) e Charbel



Figura 14 - Charbel e seus filhos, (a) em pé, da esquerda para a direita, Ricardo, Paulo André, sentados, Maria Inês, Charbel e Maria Cristina; (b) Maria Cristina; (c) os irmãos Maria Inês e Ricardo ao lado do pai Charbel; (d) os irmãos Paulo André e Ricardo ao lado do pai Charbel

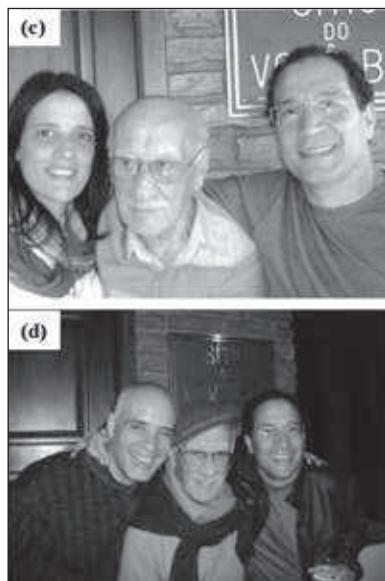




Figura 15 - Aniversário de 95 anos do vovô Bel, da esquerda para direita, em pé, Rogério (genro), João Pedro (neto), Maria Inês (filha), Regina (nora), Ricardo (filho), Pedro (neto), Vanessa (esposa do neto Tiago) e Paulo (filho). Agachados, Isadora (neta), a sua frente Theo (bisneto), e Tiago (neto) e, ao centro, José

mãe, um anjo que veio para ajudar a nossa criação. Enquanto nossos pais trabalhavam, nós, os filhos, ficávamos sob o olhar atento e aos cuidados da Cida. Ela se despediu desta vida duas décadas depois de nossa mãe, em dezembro de 2009, aos oitenta e três anos. Também, teve a graça de ver duas gerações da família nascerem, crescerem e de vivenciar muitos momentos felizes com todos nós.

A primeira filha de Charbel e Aracy, Maria Cristina Charbel, nasceu em 21 de julho de 1953, em Três Lagoas. Aracy, já residente em São João del-Rei, viajou para Três Lagoas, sua terra natal, para ganhar sua primeira filha perto de sua mãe, nossa avó. Inês se recorda do pai falando que recebeu um telegrama informando que a sua “filharada” havia nascido. Ele contava rindo que se assustou quando leu o telegrama que falava em “filharada”: imaginou que tinha nascido mais de uma filha. Também ria pelo fato de ter tomado ciência do nascimento de sua filha somente sete dias depois.

Maria Cristina era psicóloga e psicanalista, integrante da Escola Freudiana de Belo Horizonte/IEPSI. Cristina, ou Cris, ou ainda tia Cris,

como era chamada por irmãos, sobrinhos e amigos, residia em Belo Horizonte. Faleceu em 19 de março de 2008, aos cinquenta e quatro anos.

O segundo filho de Charbel e Aracy, Ricardo José Charbel, nasceu em 29 de abril de 1959, em São João del-Rei. É engenheiro. Trabalhou na CEMIG, Empresa Energética de Minas Gerais, de 1983 a 2016, onde ocupou vários cargos. Morou em Belo Horizonte, São João del-Rei, Conselheiro Lafaiete, Ouro Preto e Juiz de Fora. Desligou-se da CEMIG em 2016 e foi trabalhar na Energiza Sergipe, em Aracaju. Por lá ficou de 2016 a novembro 2018, quando, então, foi trabalhar na Energiza Paraíba na cidade de João Pessoa.

Ricardo casou-se com Regina de Oliveira Baccarini em 29 de janeiro de 1983. Regina é filha do Dr. Walter Luiz Baccarini e Maria Aparecida de Oliveira Baccarini, conhecida como Dona Lia. Ricardo e Regina têm três filhos: Tiago Baccarini Charbel, nascido em São João del-Rei, em 8 de maio de 1983, Carolina Baccarini Charbel, nascida em 19 de agosto de 1988 e Pedro Baccarini Charbel, nascido em 13 de abril de 1990.

Tiago casou-se, em 2011, com Vanessa Dutra de Andrade, com quem têm dois filhos: Theo e Liz.

Carolina é formada em comércio exterior. Casou-se em abril de 2014 com Fabrício Guimarães Silva. Mora na cidade de Belo Horizonte e frequentemente vai a São João del-Rei.

Pedro é formado em engenharia de produção. Casou-se em 2019 com Isabela Cristina Souza. Mora em Belo Horizonte e constantemente vai a São João del-Rei.

A terceira filha de Charbel e Aracy, Maria Inês Charbel, nasceu em 22 de janeiro de 1961, em São João del-Rei. Graduou-se em Administração de Empresas. Em 28 de setembro de 1984, casou-se com Rogério Zerlotini, empresário e sócio majoritário da Rogério Tratores Ltda., em São João del-Rei. Rogério é filho de Adhemar Zerlotini e Leda Silva Zerlotini.

Em 10 de janeiro de 1991, o casal foi presenteado por Deus com o nascimento da primeira filha, Isadora, em São João del-Rei. O nascimento de Isadora trouxe uma grande alegria à família, pois sua avó materna havia falecido há 1 ano e 6 meses. Aos dezoito anos, Isadora mudou-se para Belo Horizonte a fim de cursar o ensino superior. Graduada em Publicidade e Propaganda.

Em 13 de agosto de 1995, o casal foi novamente presenteado por Deus com o nascimento do segundo filho, João Pedro. Seu nascimento também trouxe muita alegria, pois nesse exato dia, além da sua feliz chegada, comemorava-se o dia dos pais.

O quarto filho de Charbel e Aracy, Paulo André, nasceu em 1º de setembro de 1967, em São João del-Rei. É engenheiro. Paulo é divorciado e, atualmente, mora em Goiânia, onde é professor do Instituto Federal de Goiás (IFG), desde 1997, e atua como engenheiro.

Maria Inês Charbel Zerlotini,
Ricardo José Charbel e Paulo André Charbel

Família Francisco Mattar

Chico Turco! Assim era carinhosamente conhecido por todos Francisco Guimarães Mattar. Nasceu em 1902, no Líbano. Sua vinda para o Brasil tem uma passagem pitoresca: Francisco saiu do Líbano em um navio clandestinamente. O que aconteceu? Foi descoberto! O que fazer, agora já em alto mar? Descascar batatas!

E Francisco Guimarães Mattar veio descascando batatas durante toda a viagem...

Era homem de coração bom, porém exigia que as pessoas andassem “na linha”, ou seja, do jeito dele. Para se ter um exemplo, homens e rapazes não entravam de short ou sem camisa em sua casa. Respeito era tudo o que ele fazia questão.

Casou-se com Odete Resende Mattar e tiveram quatro filhos: Charife (conhecida como Lilica), Nacib, Euber e Laid Mattar. Além desses, teve mais outros dois filhos: Said e Miro (conhecido como Miroca).

Chico trabalhou na mineração, na limpeza de rego de moinho d’água, e até como carvoeiro. Além de trabalhador, era inteligente e criativo: construiu uma represa e fez um rego para levar água até o moinho... que também foi feito por ele. Chico Turco ainda atuou em Goiás, na extração de cristais, e em Ritápolis, MG, com cassiterita.

Tinha fama de bravo, o Chico. Quando se falava em Chico Turco, muitas pessoas temiam. Um dia, por uma questão de acerto de contas, Chico arrancou a orelha de um rapaz, mostrando ser justo. Acabou sendo preso em Tiradentes. Como a vida é irônica...! Algum tempo depois, foi delegado de polícia em Ritápolis. Mesmo com essa fama, Chico tinha muitos amigos, como Octávio Neves, Tancredo Neves, Vandico e Sra. Durvalina, pais de Wainer Ávila... entre outros.

Quando Chico ia às fazendas para limar as pedras de moinho, havia sempre uma comitiva que o acompanhava. Quanto fubá e canjiquinha foram feitos nessas fazendas!

Era um verdadeiro personagem, o Chico. Gostava muito de cavalgar. Fazia isso sempre usando uma capa preta. Nem é preciso dizer que as pessoas se assustavam quando se encontravam com ele pelas estradas de terra!

O homem Francisco Guimarães Mattar também experimentou a dor de ver filhos morrerem precocemente: Said e Laid.

Margarida e seu irmão João – já falecido – foram criados por Chico Turco. Margarida acompanhou a vida de Chico. Hoje, no alto dos seus 92 anos, não se lembra de muita coisa. Ela acompanhava Chico nas minerações e no carvoeiro. Ela e seu irmão.

Voltando aos filhos de Chico Turco, Charife, conhecida como Lilica, casou-se com Rubens Santiago dos Santos, em São João del-Rei. Rubens era filho de Onofre e Dejanira. Pai e filho trabalharam com transporte de lenha e, posteriormente, passaram a trabalhar com táxi.

Lilica e Rubens tiveram cinco filhos: Fancisco, Rosangela, Rubens, Renata (faleceu com 12 anos) e Silvana, conhecida como Dula. Francisco casou-se com Jane Resende e tiveram um filho: Rafael, engenheiro de produção. Dula casou-se com Paulo e tiveram um filho: Leonardo.

Chico Turco – Francisco Guimarães Mattar – faleceu em 1987.

Família Mattar



Chico Turco, sua filha Lilica e netos



Lilica seus filhos Rubinho, Rosângela e Francisquinho



Charife (conhecida por Lilica) em 1949

Família Gabriel Simões El-Corab e Maria Najme Meskeni



Maria e Gabriel
Simões El-Corab



Casamento de Conceição
e Orígenes de Castro Leite

Antes de relatarmos alguns fatos da história, eis os dados de Gabriel e Maria:

Gabriel Simões El-Corab: filho de Simões Merhi El-Corab e Duna El-Corab. Nasceu por volta de 1877, em Freguesia de Halati-Monte (Líbano-Síria). Faleceu em 23 de setembro de 1965, aos 88 anos, em São João del-Rei.

Maria Najme Meskeni: filha de Najme Meskeni e Zehr El-Bem Ganen Meskeni. Nasceu por volta de 1893, também em Freguesia de Halati (Líbano-Síria). Faleceu, aproximadamente, em 1929, aos 36 anos, em São João del-Rei.

Gabriel Simões, quando chegou ao Brasil, teve seu nome no registro trocado para João Gabriel. Acredita-se que, ao chegarem às terras brasileiras, os imigrantes vinham com seu sotaque de origem ainda muito carregado, e assim não se entendia o que estavam falan-

do. Fazia-se, então, o registro com o que se entendia da pronúncia deles. Gabriel Simões e Maria Najme se conheceram e se casaram no Brasil, em 25 de setembro de 1909, na cidade de São João del-Rei. Estava com 32 anos e ela, com 16 anos. Dessa união, o casal teve 7 filhos: Pedro, Joffre, José, Paulo, Duna, Odette e Conceição.

Conceição Gabriel de Castro Leite nasceu no dia 11 de maio de 1924, em São João del-Rei. Era a caçula das três filhas do casal Gabriel Simões e Maria Najme. Todos que conviviam com ela a conheciam como “Geni”.

Quando tinha 5 anos de idade, sua mãe faleceu ainda jovem, deixando uma grande lacuna na família, uma grande dor que foi difícil de ser superada. Desde então, foram anos de sofrimento pela perda da mãe.

Conceição morou na companhia de alguns parentes, devido à difícil situação financeira que a família passava na época. Já adulta, conheceu o comerciante Orígenes de Castro Leite, tratado na cidade como “Gegê”. Em 13 de junho de 1953, casaram-se e tiveram dois filhos: João Arthur e Orígenes.

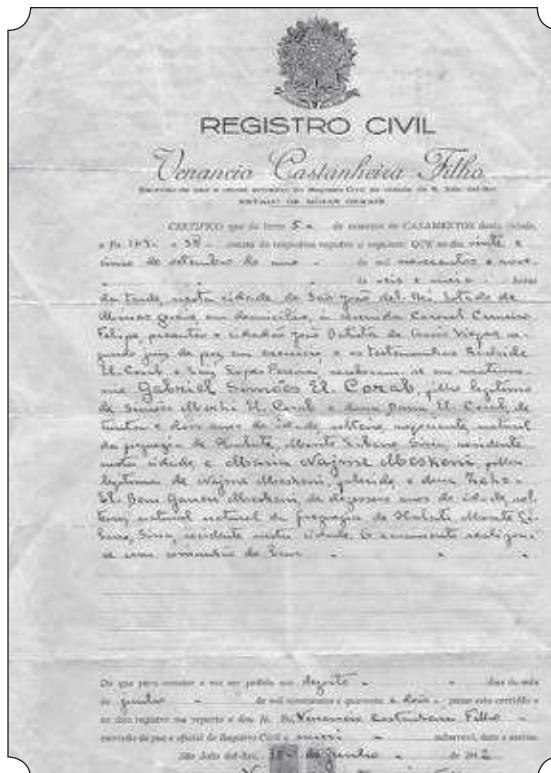
João Arthur, com alguns dias de vida, teve uma convulsão e, a partir daí, uma paralisia cerebral que deixou sequela. Foram anos de sofrimento para o casal, vendo um filho acamado e sem previsão de cura. Em outubro de 1967, João Arthur veio a falecer, com 13 anos. E a vida continuava seu percurso.

No ano de 1996, no dia 19 de dezembro, aos 86 anos, “Gegê” faleceu, deixando muita saudade.

Geni, como era conhecida por todos, mesmo tendo enfrentando desafios com as perdas de entes queridos, era uma pessoa alegre, vaidosa, gostava de conviver e conversar com todos. Para ela, não havia idade: frequentou durante muitos anos aula de ioga; também foi aluna assídua da Flex Academia, no primeiro horário, às 7 horas, bem cedinho. Com sol ou com chuva, Geni estava firme e forte lá.

Em 2012, no dia 28 de junho, era ela que partia do convívio das pessoas que ela amava. Também deixou muitas saudades, por ter sido uma mulher de muitas qualidades, íntegra, amorosa e muito caridosa.

O segundo filho, Orígenes, foi um grande filho: sempre cuidadoso com seus pais e presente na vida do casal. Após o falecimento



Certidão de casamento

de seu pai, redobrou os cuidados para com sua mãe, sendo um filho amoroso. Orígenes é natural de São João del-Rei, nascido em 1º de julho de 1961. Fez seus estudos no Colégio Nossa Senhora das Dores, desde o jardim de infância até o primeiro ano do ensino médio (na época, curso científico). Em 1978, foi para o Colégio São João, onde cursou o segundo ano. Concluiu o curso científico na cidade do Rio de Janeiro, em 1979, fazendo, ao mesmo tempo, o cursinho pré-vestibular. Em 1980, passou no vestibular na Universidade Gama Filho, para o curso de Arquitetura e Urbanismo. Formou-se em 1986, voltando para sua cidade natal, onde exerceu sua profissão. Não se casou e não teve descendentes. Sempre foi um filho muito agradecido aos pais. Agradecido também pelos ensinamentos recebidos, os quais o permitiram seguir sua trajetória de vida.

Orígenes Gabriel de Castro Leite

Família Georges Jabour Hallak

Georges Jabour Hallak, filho de Jabour e Mariam, nasceu em 1896, em Yabroud, na Síria. Lá, conheceu Salma Nasser, nascida em 1895, filha de Mahul e Mariam. Casaram-se em 1918, na Síria, e tiveram seis filhos. O primeiro filho Naby Hallak, nasceu em 1919, em Yabroud, Síria.



Georges Jabour Hallak



Salma Nasser

Por volta, de 1920, vieram para o Brasil, precisamente para Juiz de Fora, que naquela época, era o segundo posto de imigração do país, onde abriram uma loja de tecidos que se chamava “Flor do Brasil”.

Aqui, no Brasil, já se encontrava o seu irmão mais velho, Moysés Jabour Hallak.

Em Juiz de Fora, nasceram Miguel Jorge Hallak, em 1921, e Maria Hallak, em 1923.

Depois de aproximadamente 3 anos, a família retornou à Síria, onde nasceu a quarta filha Nabiha Hallak, em 1925, também na cidade de Yabroud. Mas, devido aos conflitos religiosos na Síria, vol-

taram logo ao Brasil, após 6 meses lá. Naquela época, a viagem durava em torno de 30 dias de navio.

Em 1925, retornaram para Juiz de Fora, onde estabeleceram residência e onde nasceram os outros 2 filhos: Eduardo Hallak, conhecido como “Dudu” e Aparecida Hallak.



Passaporte de Georges



Passaporte da família

Georges Hallak, viveu somente por 4 anos em Juiz de Fora, vindo a falecer, prematuramente, em 1929, aos 33 anos de idade.

Depois do seu falecimento, a viúva Salma Nasser Hallak, e seus 6 filhos permaneceram por mais alguns anos em Juiz de Fora, onde trabalhavam, junto com os filhos Miguel e Naby, para dar o sustento à família órfã. E foi assim por um tempo, até que se mudaram para São João del-Rei.

Chegaram em São João del-Rei e se instalaram numa casa localizada no Largo da Cruz, no Beco do Cotovelo. Vieram em busca de uma vida melhor e de melhores oportunidades. Mais tarde, os filhos, Maria, Eduardo e Aparecida, mudaram-se para o Rio de Janeiro, onde constituíram famílias e viveram lá até falecerem.

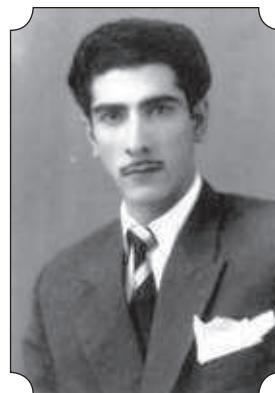
Maria Hallak casou com José Nicolau Sarkis e tiveram 5 filhos: Jomar Sarkis, José Carlos Sarkis, Tânia Maria Sarkis, Kátia Mary Sarkis e Marco Túlio Sarkis.



Naby Hallak



Miguel Hallak



Eduardo Hallak



Salma Nasser e filhos, Nabiha, Aparecida e Dudu Hallak



Netos: Aline, Felipe, Caroline, Bernardo, Érika, Gabriel e Giovana. Bisnetos: Maria Luiza, Maria Fernanda, João Pedro, Guilherme e Joana.

Eduardo Hallak casou-se com Silvia e teve uma filha: Salma.

Aparecida Hallak não teve filhos.

A matriarca Salma Nasser morou em São João del-Rei até o seu falecimento ocorrido em 15/06/1974.

Em São João del-Rei, ficaram Miguel, Naby e Nabiha, também conhecida por Maria Helena, falecida em 12/06/2009.

Por volta de 1950, Miguel e Toufic Ayoub, abriram em São João del-Rei, a Camisaria Nacional, que funcionava no porão da casa



Maria Hallak Sarkis e netos

do primo João Hallak, na Avenida Tiradentes, onde fabricavam com muita qualidade as camisas Aristocrata, Majestic e Nacional. Toufic saiu da sociedade em 1960, e a fábrica ficou em atividade até janeiro de 1964.

Em 1961, Miguel e Naby, fundaram a loja “A Imperatriz Confecções”. Loja especializada em confecções masculinas, tendo como freguesia, moradores de São João e das cidades vizinhas e redondezas. Primeiro, localizada na Avenida Rui Barbosa e, posteriormente, por muitos anos, até o final de funcionamento, na Rua Marechal Deodoro. A Imperatriz não funcionava somente como um comércio, mas também como um ponto de encontro de grandes amizades e vizinhos, que ali se encontravam diariamente, para bater papo e contar casos. Saudosos e queridos amigos como Vavá Jóias, Vinagre, Hélvio, Luso, Ibrahim, Coqueiro, Osmar viajante, Pardal, Zé Relógio, Sargento Milton, Major Bidart, Tilita, Gonçalo e outros que passaram por lá e deixaram suas marcas.

Naby era solteiro e um homem extremamente dedicado à mãe. Católico fervoroso, se dedicou às obras de caridade de sua paróquia, por muitos anos de sua vida. Aqui viveu e faleceu em 11/06/2007, aos 88 anos.

Miguel Jorge Hallak, foi um homem de personalidade firme e austera. Era um homem digno, correto, honesto e dono de um caráter invejável. Esse foi o legado que ele deixou para os seus filhos, netos e bisnetos, um exemplo a ser seguido por todas as pessoas de bem.

Era um pai amoroso, preocupado e devotado à família, tanto à sua família originária, quanto à família que ele construiu com sua dedicada esposa. Iniciou uma vida de luta já na sua infância, aos 8 anos de idade, adquirindo responsabilidades de uma pessoa adulta, enquanto era apenas uma criança. Isso porque seu pai faleceu precocemente, e ele, além de ser filho e irmão, contraiu para si a obrigação de ser o provedor da família, assumindo papel de pai dos seus 5 irmãos, cuidando também de sua mãe Salma. Filho devotado, trabalhou duro e se preocupou em garantir a subsistência de todos, alimentação e moradia para sua mãe e irmãos.

Arrimo de família que era, passou toda sua infância e juventude em busca de recursos, lutando dia e noite para sustentá-la. Chegou a ser mascate, engraxate, vendedor ambulante de balas, balões, carretéis de linhas e material para costura. Batia de porta em porta para vender. Até que Deus lhe abriu uma delas e ele foi aproveitando as oportunidades que surgiram.

Miguel veio de Juiz de Fora para São João del-Rei, onde conheceu sua esposa, a virtuosa Violeta Jorge Hallak, filha de imigrantes libaneses, que também vieram para São João del-Rei.

Com sua esposa, não foi diferente, casaram-se em 21/01/1956, e tiveram 6 filhos. Se entregou ao trabalho com empenho e dedicação, para que nada faltasse à família que construiu. Sempre foi um pai lutador, dotado de um caráter íntegro e irretocável, rígido na educação de seus filhos, mas tudo isso, sem deixar de ser amoroso por um dia sequer.

Sempre tinha uma palavra amiga para incentivar, para ajudar seus filhos, pois tinha um coração sensível aos eventuais problemas que porventura lhe apresentassem.

Nessa toada, não obstante às dificuldades, formou os seus 6 filhos, custeando seus estudos até a universidade.

Tão grande era o seu caráter, que vale repetir, que Miguel Hallak era um homem de integridade admirável, de valores e princípios morais e inabaláveis, principalmente na forma de educar seus filhos, mostrando a eles o caminho certo a ser seguido e a importância de estarem sempre unidos, em qualquer circunstância. Foi um guerreiro incansável, mas também um vencedor, um homem forte e corajoso, deixando a lição de que nunca se pode perder a fé e a es-



Casamento de Miguel e Violeta



Carnaval.
Miguel e Violeta



Lua de Mel.
Miguel e Violeta

perança, sendo possível vencer se você perseverar e trabalhar com honestidade e afinco.

Bom filho, bom marido, e bom pai! Bom amigo e bom homem!
Em 16/08/2000, de uma forma inesperada, sua amada o deixou!

Aos 79 anos de idade, viúvo, apesar da tristeza, não se deixou abater. E nos momentos mais difíceis, de dor e de saudades, confortava os filhos, com lindos versos e poemas dedicados à tão querida e estimada esposa Violeta. Miguel era um homem que apesar do pouco estudo que teve, era muito inteligente. Tinha uma sabedoria de vida enorme e o dom da palavra, que gostava de usar sempre em reuniões e festas de família.

Assim, preencheu o vazio deixado por ela e cumpriu muito bem o papel de pai e mãe para os seus filhos.

E a vida foi seguindo em frente!

Como forma de distração e passatempo, e como também, gostava de uma boa prosa, Miguel, e o querido primo Acíbio, por quem tinha muito apreço, adquiriram o hábito diário de se reunir na pracinha da Avenida Tancredo Neves com amigos. Ali, todas as manhãs, ou às vezes à tarde, dependendo do clima, durante muitos anos, foi palco de uma boa e produtiva conversa.

Algum tempo depois, o seu primo-irmão Acíbio Hallak, como assim o considerava, faleceu. Foram dias difíceis! Foi uma perda muito sentida! Eles foram amigos, companheiros, confidentes e conselheiros um do outro.

Alguns dias antes de falecer, numa tarde fria de domingo, Acíbio, mesmo com toda dificuldade de andar, fez uma visita inesperada ao primo Miguel. Sem que pudessem imaginar, que aquele dia era de despedida e ficaria marcado para sempre.

No dia 03/11/2017, aos 96 anos, seguindo os desígnios de Deus, Miguel Jorge Hallak, faleceu e se juntou à sua amada Violeta, tendo cumprido sua missão aqui na terra de forma singular.

Batalhou para ter os seus 6 filhos bem formados: dois médicos, uma advogada, uma psicóloga, uma administradora e uma engenheira e famílias estruturadas e felizes, além de 12 netos, que sempre o tiveram como referência de amor, segurança e integridade.

Deixou uma família unida, da maneira que sempre sonhou.



Miguel Hallak



Miguel Hallak discursando em família



Miguel e Acíbio na praça da Av. Tancredo Neves. Foto: João Ramalho



Naby Hallak



Salma e Nabiha

Para quem o conheceu restou o belo exemplo de retidão, caráter e lisura, como também os ensinamentos de que a família é a base, o alicerce para uma vida amorosa, bem-sucedida e feliz. Esse foi o legado que ele deixou para os seus filhos, netos e bisnetos, um exemplo a ser seguido por todas as pessoas de bem.

Miguel e Violeta tiveram 6 filhos, 12 netos e 2 bisnetos (terceira geração):

- Márcia Regina Hallak Ferreira, médica, casada com Bernardo Bauer Ferreira. Seus filhos: Bernardo Bauer Ferreira Júnior, universitário, e Natália Hallak Ferreira, universitária.
- Maria Cristina Hallak, advogada, casada com Antônio Miranda de Mendonça. Seus filhos: Fernanda Maria Hallak de Mendonça, advogada, e Matheus Hallak de Mendonça, universitário.
- Maria Elizabeth Hallak Dias, psicóloga, casada com Ricardo Maurício Chucre Dias. Seus filhos: Ricardo Maurício Chucre Dias Júnior, advogado, pai de João Anthony Braga Hallak Dias e Téo Hallak Dias, filho de Ricardo e Juliana Júnia dos Santos. Leonardo Hallak Dias, advogado e Bruna Hallak Dias, advogada.
- Marco Antônio Tadeu Hallak, médico, casado com Márcia Carolina Chaves Hallak. Sua filha: Carolina Chaves Hallak, estudante.
- Moema Lúcia Hallak Campos, administradora de empresas, casada com Luiz Paulo Goddi Campos. Suas filhas: Paula Hallak Goddi Campos, universitária e Luiza Hallak Goddi Campos, estudante.
- Mônica Beatriz Hallak Valle, engenheira eletricista, casada com Carlos Magno Valle. Seus filhos: João Carlos Hallak Santos Valle, estudante, e Rafaela Hallak Santos Valle, estudante.

Família de Miguel Jorge Hallak



Família de Miguel e Violeta

Família Georges Tayer e Suçan

Família de Habib Georges Tayer

Habib Georges Tayer era o filho caçula de 9 irmãos. Nasceu em 20 de julho de 1932 e vivia na cidade de Nabec, na Síria. Perdeu o pai ainda muito pequeno e ajudava a mãe e os irmãos no pastoreio de ovelhas. Tinha uma vida simples e toda a família lutava com dificuldade para sobreviver. Desde pequeno já conhecia alguns desafios difíceis e dolorosos que vida muitas vezes oferece.

Três irmãos seus já haviam vindo para o Brasil: José, Nayeff e Ibrahim. Vieram em busca de melhores condições de vida, motivados por José Chala Sade, também sírio, que já havia se estabelecido aqui em São João del-Rei.

Habib tinha 16 anos quando embarcou no avião para o Brasil. Estava com sua mãe Suçan e sua irmã Ássima. Era o ano de 1948. Na verdade, estavam vindo para visitar os irmãos, que há muito tempo não viam, e, logo depois, seguir viagem até a Argentina, onde residia sua tia.

No entanto, as correntes do mar da vida mudaram de direção: ficaram sabendo que a avó havia falecido. Em vista disso, decidiram permanecer em São João del-Rei. A família passou a residir na casa de um dos irmãos. Habib fez amizade com os filhos de José Chala Sade e também com uma das irmãs (Judith), que futuramente passaria a ser sua esposa.

Habib trabalhava com seus irmãos Nayeff e José no comércio, isto é, na loja de tecidos Casa Chic. Passados alguns anos, Ibrahim, seu outro irmão, ficou sabendo de uma loja pequena, com pouco estoque de mercadorias, no bairro do Tijuco, ajudando-o a adquiri-la e montar seu próprio negócio. Fazendo jus à fama de que os árabes são excelentes comerciantes, Habib prosperou e conseguiu comprar o terreno onde construiu um prédio com 02 lojas e 04 apartamentos.

Em 1957, Habib começou a namorar Judith Chala Sade, também descendente de sírios (era costume que as pessoas se casassem sempre com parceiros de nacionalidade árabe). Os dois se casaram

em 1960, união que perdurou por 52 anos. Suçan, sua mãe e Ássima, sua irmã, vieram morar com o casal.

Dessa união, nasceram os filhos: Sávio, Jacqueline, Raquel, Elen e Paula Sade Tayer. A família crescia e, com ela, as despesas. Judith ajudava no que podia, dando assistência tanto na loja – Bazar São Caetano – como em casa, com os filhos e afazeres domésticos. A vida não era fácil, o trabalho era árduo e incansável.

De personalidade forte, Habib sabia negociar como ninguém e cada vez mais atraía a clientela, principalmente das cidades vizinhas de São João del-Rei. Essas cidades se tornaram o seu público-alvo. Para elas, Habib vendia confecções de adultos e crianças, roupa de cama e banho e também calçados. Todos na cidade o conheciam e diziam serem fregueses da “Loja do Habib”. Futuramente o nome Bazar São Caetano foi substituído por “Loja do Habib”.

Vivia para o trabalho e para a família, não negligenciando, em momento algum, seus deveres como pai, esposo, irmão e comerciante. Apesar de sua sobrancelha contradizer isto, Habib era alegre e amoroso. Fazia muitos amigos por onde passava e tinha um cuidado extraordinário com os filhos, seu maior orgulho.

Os netos são em número de sete: de Sávio: Isabella e Giovanna; de Jacqueline: Murilo, Victor e Vanessa; de Elen: André; de Paula: Gabriel.

Vamos às principais características de Habib Georges Tayer:

A palavra “Habib” em árabe quer dizer “querido”. Realmente, ele era um homem apaixonante. Quem o via superficialmente, encontrava em seu rosto uma expressão sisuda, por vezes interpretada como sendo um homem muito bravo. A “monocelha” (as sobrancelhas se emendavam, formando uma só) era a marca registrada de sua aparência, facilmente identificada como de origem árabe. No entanto, quem tinha a oportunidade de conhecer mais de perto o nosso “querido”, se surpreendia com a docura, a cordialidade e o tamanho de seu coração.

Outro aspecto que marcava sua vida era a paixão que tinha pela pescaria. Pescava, pelo menos, duas vezes por ano, juntamente com Judith. Eram viagens para pescar nas mais inusitadas regiões: Córrego do Pescador, Pantanal, Itutinga, Aiolas, na Argentina... e demais lugares para onde “conversas de pescadores” os pudessem levar.

Bastava alguém falar que lá em algum canto estava dando peixe, já iam eles conferir de perto. Sempre chegavam satisfeitos com o

bom êxito da viagem. Os filhos faziam uma roda em volta do isopor para ver o resultado da empreitada. Por ocasião de suas “Bodas de Prata”, os filhos tiveram que ludibriar o casal, pois haviam preparado uma festa surpresa e eles já estavam com a pescaria marcada. Essas histórias de pescaria preencheriam, com facilidade, um livro inteiro.

Exímio cozinheiro, contava vantagens de sua culinária bem elaborada e saborosa. Afinal, as comidas árabes que fazia eram espetaculares. Depois dos pratos vazios e muitos elogios, gabava-se dizendo que os melhores quitutes eram sempre os dele. Mas como negar isso? De fato, enchia a casa com aromas maravilhosos já no café da manhã – linguiça com ovos mexidos... hummmmm... era uma delícia!

No almoço, conversava com Judith, combinando o que seria o jantar. Adorava colocar pão em tudo que comia: era pão com charuto de folha de uva, pão com azeitona, pão com azeite e sal, pão com tomate e queijo e por aí vai. Alguns desses hábitos ainda permanecem com os filhos. Seu maior prazer era receber os parentes e amigos ao redor da mesa.

Mãozinha para trás, com os dedos entrelaçados, andar vagaroso, achegava-se para junto da família falando alto e firme, contando como foi o movimento da loja e os negócios que havia feito. Sua risada era maravilhosa: balançava toda a barriga. Jamais deu um tapa nos filhos. Protegia-os dos castigos e represálias de Judith. Fazer o quê? Afinal, mãe tem que ser mais enérgica mesmo.

Gostava de jogar baralho com os irmãos e amigos, o que muitas vezes lhe rendia várias broncas em casa. Não tinha inimigos, mas sua franqueza era assustadora para quem não o conhecia. Direto, dizia sempre o que pensava – doa em quem doer. Era perigoso perguntar sua opinião sobre alguma coisa.

Enfim, quem teve o privilégio de tê-lo como esposo, pai, avô, irmão e amigo sabe definir a real descrição do que é ser “gente boa”.

Infelizmente, Habib veio a falecer em 14 de maio de 2012, vítima de mieloma múltiplo. Queria viver, queria continuar sua história, mas Deus o chamou para junto de Si e aliviou sua dor. Contudo, sua história continua – sim, viva! – viva em seus familiares, através de seu legado de sinceridade, amizade e integridade.

HABIB – QUERIDO – HABIB

Jacqueline Sade Tayer



Associação Comercial - Habib e Judith, 2009



Lua de mel, em Poços de Caldas, 1960



Habib, Judith e os filhos Sávio, Jacqueline e Raquel, 1970

Família de Ibrahim Georges Taier

Foi no dia 03 de janeiro de 1925, em Nábek, na Síria, que Georges Taier nasceu. Era filho de George Taier e Suçan Daud Taier. Viveu os primeiros anos de sua existência pastoreando ovelhas pelas montanhas.

Durante a II Guerra Mundial (de 1939 a 1945), a Síria ficou sob o controle de franceses ligados à Alemanha Nazista até que franceses e ingleses livres do jugo alemão ocupassem o país, em 1941, expulsando os inimigos. Naquela época, até o término da Guerra (1945), os tempos foram muito difíceis. Os nacionais (sírios) sobreviviam prestando pequenos trabalhos às tropas ocupantes, tais como cavar trincheiras e outros serviços que os soldados não queriam realizar.

Terminada a Guerra, em 1946, Ibrahim emigrou para o Kuwait. Mas a vida por lá também estava muito complicada. Assim, retornou à Síria. Dois anos se passaram e, em 1948, decidiu vir para o Brasil. A vinda de Ibrahim para o Brasil foi uma verdadeira peregrinação: viajou de Damasco, na Síria, para Beirute, no Líbano, de automóvel; dali até Dakar, no Senegal, onde realizou uma escala. Depois, até Recife, em um avião turboélice. De Recife foi até o Rio de Janeiro, RJ, a bordo de um navio. Desembarcou no Rio de Janeiro em companhia de seu amigo e companheiro de viagem, Tuffi Ayub, onde foi recebido pelo seu irmão que estava no Brasil, Jose Taier. Por fim, foi levado para São João del-Rei, onde se estabeleceu como comerciante.

Na década de 1950, vieram para o Brasil sua mãe, Suçan, sua irmã Ássima e seu irmão Habib, que também se radicaram, respectivamente, em Barra do Piraí, RJ, e em São João del-Rei.

Em uma de suas viagens de trem a São Paulo, fez uma baldeação (conexão) na cidade fluminense de Barra do Piraí. Resolveu, então, andar um pouco pela cidade enquanto aguardava o trem de outro ramal, que o levaria a São Paulo. Nessa caminhada, deparou-se com uma moça bem formosa que se esforçava para levantar a porta de aço de uma loja. De pronto, solícito como sempre fora, ajudou-a na tarefa. Foi amor à primeira vista. A linda moça se chamava Jamile Aiex, filha de Antonio Aiex e Maria Aiex, também imigrantes sírios, fixados naquela cidade.

Dois anos depois, casaram-se, formando uma linda família, dessa vez que se tem orgulho, e foram morar em São João del-Rei. Da união, nasceram quatro filhos: Maria Aparecida, Márcio Túlio, Cristina Mara e Maria do Carmo, que herdaram dos pais os valores da vida.

Apesar de desembarcar no Brasil sem conhecer uma palavra sequer da língua portuguesa, Ibrahim, que possuía o equivalente ao ensino fundamental, cursou novamente o ensino fundamental, o médio e graduou-se, no nível superior, em Administração de Empresas, no Brasil. Como se não bastasse, ainda escreveu um livro: "Alma Penada". Não obstante à sua dedicação ao idioma português de sua Pátria de Adoção, Ibrahim não se descurou de sua língua natal, o árabe, que continuou dominando na escrita e na fala.

O tempo transcorreu rápido e os filhos cresceram. Um dia, Jamile foi chamada pelo Senhor de Nossas Almas e muita saudade deixou. Mas a vida tem que continuar.

Os netos começaram a chegar e a vida de Ibrahim foi de muita emoção. Mariana (bióloga) foi a primeira; depois Yasser (biomédico); Diogo (advogado); George, Aron e Tárek (oficiais das Forças Armadas); Jamile (designer), Samira (Artes Cênicas); o caçula Márcio Túlio (estudante) e uma nova companheira.

Ibrahim teve participação efetiva na sociedade são-joanense como integrante da Associação Comercial e um dos fundadores da Associação dos Aposentados de São João del-Rei, dentre outras atividades que desenvolveu junto à comunidade.

No dia 17 de outubro de 2008, Ibrahim retornou à Pátria Espiritual, chamado pelo Mestre Jesus, Senhor de Nossas Vidas. Deixou um legado de amor à sua família, seus amigos e a todos aqueles que tiveram o privilégio de gozar de sua convivência.

Ibrahim foi um homem afável e pacífico. Possuía uma singular capacidade de gerenciar fatos e problemas de grande complexidade, sem conflito e violência. São atributos que o tornaram amado pelos seus familiares e querido pelas pessoas que o rodeavam. Foi imortalizado pela comunidade são-joanense ao ter seu nome atribuído a uma rua no bairro Jardim das Alterosas.

Por tudo o que representou em sua existência, será eternamente recordado, com muito carinho, pelos seus descendentes de várias gerações e tomado como exemplo de trajetória vitoriosa de vida por aqueles que tiveram o privilégio de compartilhar de sua convivência.

Família Ibrahim Georges Taier

Família de José Jorge Taier

José Jorge Taier (Youssef Georges Taier) nasceu na Síria, em 1912, na cidade de Nabek, situada a 80 km de Damasco. Era o filho primogênito de Georges Taier e Suçan Daud Taier. Tinha oito irmãos. Quando menino, acompanhava o pai pelos campos de Nabek ajudando-o no pastoreio de um pequeno rebanho de ovelhas.

Era o ano de 1928 e José Taier estava com 16 anos. Ele atravessou o Monte Líbano e, num porto de Beirute, no Líbano, embarcou em um navio (cargueiro) com destino ao Brasil. Do Rio de Janeiro, onde desembarcou, mudou-se para São João del-Rei, vindo morar inicialmente na residência de José Chala Sade, que já havia se fixado nessa cidade como comerciante.

Enquanto estudava e se exercitava para aprender a língua portuguesa, José Taier se desdobrava em fazer serviços domésticos e no comércio. Em 1932, comprou um pequeno comércio de artigos dentários. Depois, juntamente com Antônio João Hallack, o Tonos, como era conhecido, também vindo da Síria, montaram uma sociedade e transformaram o comércio de artigos dentários em uma loja de tecidos e armários: a “Casa Chic”, com endereço na então avenida Rui Barbosa, hoje avenida Presidente Tancredo Neves. Já estabelecido no comércio, fez vir da Síria seu irmão Nayeff Jorge Taier, que, mais tarde, com a saída de Tonos da sociedade, assumiu seu lugar como sócio.

Em 1938, José casou-se com Ana Hallack, sobrinha de Antônio João Hallack, o Tonos, e filha de José Hallack e Maria Naem Haddad. Desse casamento, nasceram cinco filhos nesta ordem: Leila, Munira, Jorge, Antônio e Roberto Taier.

José ainda fez chegar também em São João del-Rei seu irmão Ibraim Taier, que, pouco tempo depois, em sociedade com Tuffy Ayoub, imigrante sírio, fundaram a “Casa Combate”, loja de tecidos estabelecida na rua Marechal Deodoro. A vinda dos familiares não parou por aí: José Jorge Taier, em 1952, trouxe da Síria sua mãe Suçan, seu irmão Habib e sua irmã Ássima.

Construiu, em 1961, um edifício de três pavimentos na rua Artur Bernardes, onde, com seu irmão Nayeff, então seu único sócio, instalou a Casa Chic em sede própria. A loja ficou sendo então a maior loja de tecidos, armários e confecções da cidade e região.

Com forte presença na vida da sociedade são-joanense, Zé Taier, como era conhecido, foi co-fundador da União Sírio Libanesa, clube social que congregava os imigrantes árabes de São João del-Rei.

Já naturalizado brasileiro, recebeu, em sessão solene da Câmara de Vereadores, o título de Cidadão Honorário de São João del-Rei. Também recebeu homenagens da Associação Comercial e do Sindicato do Comércio Varejista, ambos de São João del-Rei.

José Taier faleceu em janeiro de 2000. Foi homenageado pela Câmara de Vereadores de São João del-Rei, que deu seu nome a uma avenida no Condomínio Colinas dos Inconfidentes. Deixou a seguinte descendência:

Leila Taier Martins Ferreira, cantora lírica, que foi casada com José Martins Ferreira e tiveram uma filha, Ana Cristina Martins Ferreira (esses dois últimos precocemente falecidos).

Munira Taier Sade, casada com Jorge Chala Sade, filho de José C. Sade. Tiveram três filhos: Wagner Sade, formado em Engenharia e professor universitário, casado com Jaqueline Teixeira sendo que o casal tem uma filha: Samira; Marcelo Sade, Coronel Aviador, casado com Myriam de Resende Hallack; Cláudia Sade Hoefert, odontóloga, com consultório na cidade de Tubigen, na Alemanha, casada com Sebastian Hoefert.

Jorge José Taier, arquiteto e professor universitário.

Antônio Taier, médico. Do seu casamento com Olívia Sequeira, tem dois filhos: Bernardo Sequeira Taier, advogado; Isabela Sequeira Taier, médica.

Roberto Taier, engenheiro de aeronáutica e estruturas.

Jorge José Taier



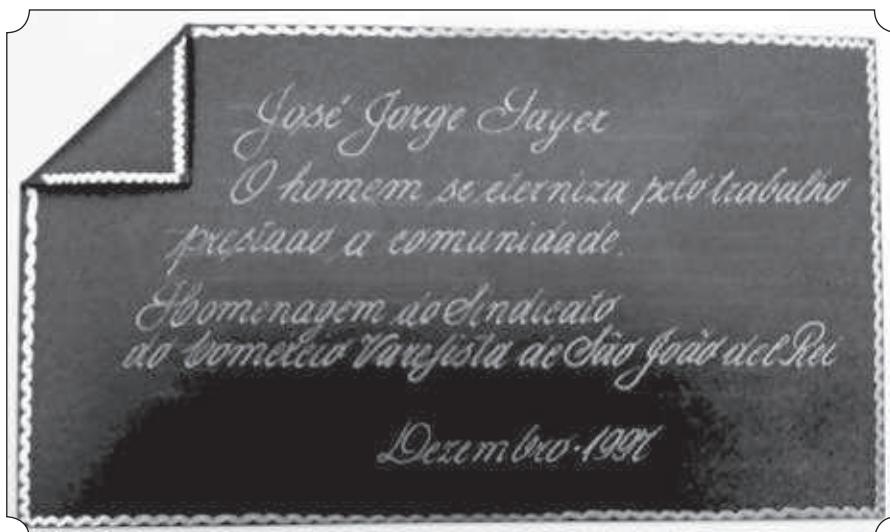
Casal Suçan e George Taier e seus filhos Ássima e Habib



José Taier e Ana



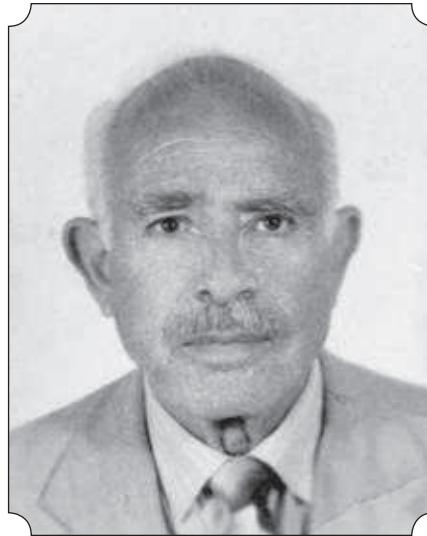
José Taier recebendo título de cidadão honorário de São João del-Rei



Placa recebida do Sindicato do Comércio Varejista de São João del-Rei



Os irmãos José Taier e Nayeff



José Taier



Passaporte de José Taier



Verso do Passaporte

Família de Nayeff Georges Tayer

“TAYER” foi um apelido dado a Georges, por sustentar a família pastoreando carneiros e não possuir paradeiro, sempre procurando pastoreiros em melhores condições, para alimentar os animais. Andava de um lado para outro e estava sempre se mudando. Esse é o significado de “TAYER”: “aquele que voa”. Assim Georgis ficou conhecido e posteriormente passou a ser seu sobrenome.

Atualmente, na Síria, todos os descendentes diretos da família possuem o sobrenome “AL TAYER” (filho de Tayer). Os cônjuges recebem somente “TAYER” por serem agregados e não terem vínculo sanguíneo com o progenitor.

Georges Tayer, então casado com Suçan Georges Daut Tayer, teve 8 filhos: Youssef, Assad, Nayeff, Marian, Moussa, Assima, Ibrahim, Habib. Era uma família abastada, pois possuíam muitos carneiros, e com a venda dos animais e do retiro do leite, conseguiam sobreviver com fartura.

Nayeff Georges Tayer, filho de Georges Tayer e Suçan Georges Daut Tayer, nasceu no dia 1º de março de 1919, em Al-Nebek, cidade da Síria, localizada ao norte de Damasco.

A partir de uma certa idade (7 ou 8 anos) o pastoreio passava a ser a obrigação dos filhos, que, como de costume, ficavam dias fora de casa, atrás de pastos para alimentar o rebanho. As crianças levavam alimentos e água em seus sacos de viagem, pois as vezes ficavam semanas caminhando pela região e dormiam ao relento.

Era muito comum naquela época, o roubo de rebanhos, e em uma dessas missões, Nayeff e seu irmão Ibrahim já estavam há algum tempo pastoreando, quando foram surpreendidos por beduínos a cavalo, que levaram todo o rebanho e seus pertences. Depois de andar por dias com fome e sede, encontraram um acampamento e pediram por socorro. As mulheres lhes serviram carne e água em uma vasilha. Nayeff teve que conter as lágrimas ao notar que o pratinho onde lhes fora servido os alimentos, pertenciam a ele e ao irmão. Por sorte, os beduínos não os reconheceram. Eles se alimentaram e partiram para casa, contando a todos, os seus infortúnios.

Nessa mesma época o país se encontrava sob o domínio francês. Os sírios tentavam retomar o poder, porém sem sucesso. Depois de muita luta, conquistaram o direito de eleger um presi-

dente. Mas a França deixou clara a intenção de não permitir a autonomia interna. Com esse conflito, os motins e as manifestações provocaram fúria, e a economia ficou paralisada.

A família de Nayeff sentiu os efeitos da crise com muita força, de forma que ele e seus irmãos mendigavam nas ruas de Al-Nebek, para conseguirem o que comer. No frio, saíam a procura de estrume de camelo, para que Suçan preparasse tudo em uma lata, no meio da casa, para queimar e aquecer o ambiente.

Com a morte do pai, Nayeff decidiu deixar a Síria e ir ao encontro de seu irmão Youssef, que já havia emigrado para o Brasil. Saiu de Al-Nebek, com destino a Damasco, em 02 de maio de 1934, onde tentou tirar o passaporte. Mas como tinha apenas 15 anos, foi impedido pelas autoridades de adquirir o documento e, por conseguinte, iniciar sua jornada. Alterou então o ano de nascimento para 1918, e assim se apresentou com 16 anos e conseguiu o passaporte e pôde embarcar para seu destino. Deixou Damasco com a roupa do corpo, o passaporte, uma carta de recomendação do irmão e a dúvida de que, se algum dia voltaria a ver sua mãe e seus outros irmãos. Embarcou em um navio, no dia 04 de maio, no porto de Beirute, com destino ao Rio de Janeiro. A embarcação parou em Marseille no dia 12 de maio e ficou atracada por 10 dias. Nayeff saía do navio e passava os dias em uma praça, ouvindo os pássaros cantarem, esperando a hora de voltar e tentar conseguir algo para comer e então dormir. Seguia sempre sozinho pelos cantos da embarcação.

Sem dinheiro, com medo, sozinho e com apenas 15 anos, fez boa parte do trajeto se escondendo e fugindo das pessoas. Com o passar do tempo, um casal de franceses percebeu o pobre menino se esgueirando pelo navio e, por piedade começou a se aproximar dele, para ganhar sua confiança. Nayeff se sentiu seguro e amparado e a viagem se tornou menos aterrorizante.

Ao chegar ao porto do Rio de Janeiro, em 24 de junho de 1934, não pôde desembarcar, pois seu irmão, que havia enviado uma carta para a Síria, se responsabilizando pela sua guarda, não o esperava no setor de imigração. O navio sairia para a Argentina em dois dias e levaria o adolescente para um plano desconhecido. Assim Nayeff ficou dentro da embarcação, ajudando na cozinha para pagar pela sua estadia, com muita fome e sem saber o que fazer,

chorava desesperado. Antes de o navio zarpar, Youssef o encontrou tremendo, chorando e temendo pelo que poderia acontecer com ele.

Depois de regularizarem a entrada de Nayeff ao Brasil, viajaram para Barra do Piraí (RJ), onde parentes os esperavam. Nessa cidade, Nayeff foi apresentado a alguns primos e também conheceu – ainda sem saber – seus futuros sogros, José Chala Sade e Nida Aiex Sade, ambos imigrantes sírios. Ali, na companhia de seu irmão, começou a se refazer, apesar da saudade que sentia de sua mãe, de seus irmãos e de sua pátria.

Após uma semana, seguiram viagem para São João del-Rei, onde Youssef já se encontrava instalado, morando na casa de familiares. Foi então que Nayeff percebeu que deveria encarar os desafios e seguir adiante para que pudesse prosperar.

Nayeff foi morar na residência de José Chala e começou a trabalhar para ele. Nessa época, em 1934, o casal José e Nida já tinham 6 filhos. A quarta filha, Maria, tinha 5 anos quando viu Nayeff pela primeira vez.

Em meados do ano de 1943, Nayeff Georges Tayer simplificou seu nome para Naief Jorge Tayer e se naturalizou brasileiro, conseguindo o seu primeiro documento de identificação, sendo admitido em caráter definitivo no Brasil, com o visto permanente.

Youssef havia constituído uma empresa com um conterrâneo: “J. TAYER & HALLACK”, que mais tarde colocou Naief como sócio e alterou a razão social para “TECIDOS CASA CHIC LTDA.” e consistia em um comércio de tecidos. Foi com o trabalho nessa empresa, que Naief teve várias conquistas e construiu sua vida na nova pátria. A Casa Chic foi o segundo lar de Naief.

A princípio, esse comércio se localizava à antiga Avenida Rui Barbosa, hoje Avenida Tancredo Neves. Com o crescimento financeiro, os sócios compraram um terreno e construíram a loja, onde se encontra até hoje, na Rua Arthur Bernardes.

Quando seu irmão faleceu (1999), ele cuidou da loja com o maior carinho e atenção. Aquela loja representava a memória de um irmão que o orientou e o encaminhou no novo mundo. Para ele, Youssef era seu pai aqui no Brasil, onde encontrava conforto e segurança. Respeitava-o demais, até mesmo depois de adulto, quando

Naief continuava sendo aquele “moleque levado” e ao mesmo tempo responsável e trabalhador, que ficou em sua essência, trazendo essa personalidade forte de sua terra natal, a Síria.

No ano de 1948, Naief teve uma grande alegria, ao rever seus irmãos Habib e Assima, que vieram da Síria, com sua mãe Suçan. Suçan era uma pessoa séria, calada e muito observadora. Finalmente, sua família estava se reunindo novamente.

Naief fez muitos amigos, mas começou a sentir falta de constituir sua própria família. Foi aí que começou a se enamorar por Maria Aiex Sade.

Descendente de nômades sírios, nascida em São João del-Rei (MG), em julho de 1929, cursou o primário e aprendeu, de acordo com a cultura síria, a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Porém, como toda adolescente – já com 15 anos – era vaidosa, faceira e muito alegre. Isso chamou a atenção de Naief, que em maio de 1948 pediu a José Chala Sade, a mão de sua filha, Maria, em casamento. Com essa união Naief resgatou o conceito de família e, muitos anos depois, mostrou que, segundo suas próprias palavras: “A partir da data do meu casamento, não soube mais o que era solidão!”

Maria exerceu seu papel de “dona de casa” de maneira exemplar e de tal forma que seu marido Naief, não se preocupava com nada, além de trabalhar para o sustento e formação de todos seus filhos. A primeira filha tinha hidrocefalia e faleceu logo após o parto. Depois veio Suzana, Moema, Tânia, Omar e José Naief. Seis anos após o nascimento do último filho, nasceu Kátia e Cesar.

Com todos os filhos encaminhados, Maria se juntava a sua irmã Judith e saíam para viajar. Adoravam pescar e buscavam cada vez mais lugares distantes para se aventurarem.

Os filhos do casal se casaram e deram netos aos dois, aumentando a família. Erika, foi a primeira neta, filha de Tânia e José Augusto Lasmar. Depois nasceu Lawrence, filho do mesmo casal. Três anos mais tarde, Suzana e Carlos Amaral ampliaram a família com o nascimento de Felipe. Moema se casou com Cláudio Lemos e teve Michelle e Loraine. Moema faleceu com 42 anos, logo após o nascimento de sua segunda filha. Omar e Angélica de Castro também tiveram duas filhas: Larissa e Laila. José Naief e Cláudia Del Negro, deram ao casal dois netos, André e Pedro. Kátia não teve fi-

lhos e Cesar, já com um filho, o Thiaggo, se casou com Simone Costa e tiveram mais três meninos: Gustavo e os gêmeos, Rodrigo e Alexandre. Até o dia do falecimento de Naief, o primeiro bisneto, com o mesmo nome do bisavô – Naief, estava a caminho, porém nasceu sem o conhecer.

Em 1999, Naief retornou à Síria para encontrar suas origens e rever seus dois únicos irmãos que não saíram de lá. Foi com sua esposa e, ao chegar ao aeroporto, onde seus irmãos o esperavam, Moussa passou por ele e um não reconheceu o outro. Nessa viagem, Naief relembrou muitos episódios vividos em sua infância, visitando cada lugar marcante em sua vida.

Assad e Moussa o receberam com muita alegria e não o largaram enquanto esteve em Al-Nebek. Assad se tornou um homem quieto, observador e introspectivo. Não externava seus sentimentos e pensamentos, enquanto Moussa era exatamente o oposto. Um homem alegre, contagiate como um passarinho fora do ninho. Naief voltou ao Brasil com uma felicidade indescritível refletida nos olhos.

A vida continuou e em 2003 Naief apresentou um sério problema de saúde que o levou a falecer em 2007. Durante todo o período de tratamento, ele não se abateu, e quem olhasse em seus olhos, via a vontade de viver. Mas seu corpo cansado, teimava em dizer não. Mas mesmo contra o tempo, ele lutou. Mostrou que tudo se pode, quando se quer – até mesmo VIVER.

Naief foi um homem guerreiro, homem herói, com uma força interior que empurrava todos ao seu redor a viver. Senhor dos contrastes! Alta estatura, baixa empáfia. Coração generoso e olhar desconfiado. Sorriso meigo e contagiate de menino levado e dono de uma gargalhada que envolvia a todos ao redor. Possuidor de uma inteligência ímpar, um conhecimento vasto e sem nenhum estudo. Detinha um grande senso de justiça e de uma responsabilidade inquestionável. Naief guardava sonhos repleto de lutas, derrotas e vitórias, mas sempre seguindo os caminhos do coração.

Kátia Taier



Nayeff ao chegar ao Brasil



Casamento de Nayeff e Maria



Nayeff, Maria e a primeira filha, Suzana



Assad, Nayeff e Moussa



Nayeff com os irmãos Assad, à direita, e Moussa, à esquerda



Nayeff com seu
irmão Moussa



Nayeff em Al-Nabek:
de volta às origens



Passaporte de Nayeff ao sair da Síria



Passaporte



Passaporte

Família Halle Najm

Antes da revolução de 1930, Halle Najm Maceik, natural de Monte Líbano - Síria (na época não havia divisas entre Líbano e Síria, o Monte Líbano era uma região tradicional e tipicamente Libanesa), filho de Najm Saíd e Sarha Saíd, imigrou para o Brasil, com 15 anos de idade. Não se sabe sua data de nascimento, tão pouco a data certa que chega-
ra ao Brasil.

Já no Brasil, conheceu, namorou e casou-se com Maria Conceição, com a qual teve 4 filhos, sendo eles, Salim, Saíd, Leia e Latif. Maria da Conceição passou assinar Maria Conceição Resende, ela faleceu em 13 de novembro de 1975.

Halle teve outros 2 filhos, com outra senhora, Félix e Terezinha. Halle Najm Maceik era lojista, teve uma mercearia e depois uma loja de tecidos. Quando foi ao Estado do Rio de Janeiro para fazer umas compras para sua revenda, após a revolução de 1930, teve que se naturalizar brasileiro, passando a se chamar Felippe José de Resende. Seus filhos, todos nascidos em São João del-Rei (MG), com parteiras e dentro de casa, ficaram com o sobrenome Resende e somente Saíd e Latif permaneceram com nome sírio libanês, Saíd Halle Najm e Latif Halle Najm Seik.

Halle Najm Maceik, agora Felippe José de Resende, faleceu dia 11 de agosto de 1940, de acordo com sua certidão de óbito, aos 60 anos de idade, porém não se sabe ao certo sua data de nascimento. Sua certidão de óbito foi declarada por algum conhecido, o escrivão escreveu o que ouviu do relator, não se apresentou nenhum documento além de um atestado de óbito. Sendo assim não dá para dar credibilidade para a forma escrita de um documento tão antigo, que foi escrito de acordo com o que o escrivão da época ouviu e entendeu. Consideramos a certidão de nascimento de Saíd Halle Najm como mais correta, uma vez que ele fora registrado pelo próprio pai, Sr. Felippe José, e pela forma escrita, acredita-se que tiveram o cuidado de perguntar como se escreviam os nomes e os mesmos foram devidamente soletrados.

Felippe José deixou como herança, casa, loja e um valor declarado de aproximadamente 7 contos de réis, que hoje equivalem a 821 mil reais. Tudo se perdeu com a vida boêmia de seu filho Salim.

Nesse momento cabe observar que “Saíd” era o sobrenome da primeira geração, “Halle” o prenome e “Najm” o nome do meio da segunda geração, passando para terceira geração “Saíd” como prenome, “Halle” nome do meio e “Najm” como sobrenome.

Salim Felipe José Resende, nascido no ano de 1923, falecido em 07 de janeiro de 1978, casou-se com Maria Leite Resende (Zinha) nascida dia 24 de março de 1924, falecida em 29 de setembro de 1991, juntos tiveram dois filhos; Salim Eustáquio Leite Resende, nascido em 07 de junho de 1948, falecido em 21 de março de 2001, e Benevides Leite Resende, falecido em 10 de julho de 1955.

Saíd Halle Najm, nascido em 29 de julho de 1925. Aos 7 anos de idade começou a estudar na Escola Estadual Maria Tereza, estudou por 3 anos e largou os estudos para trabalhar, o que não foi do agrado de seu pai. Saíd começou a trabalhar aos 10 anos de idade, na garagem oficina central, como ajudante de mecânico de autos. Dia 12 de fevereiro de 1942, passou a trabalhar no serviço noturno, no Cine Capitólio como operador de cinema. Casou-se com Maria da Conceição dos Santos, natural de Pitangui (MG), em 05 de janeiro de 1947, que após o casamento passou a assinar Maria da Conceição Najm, nascida em 13 de junho de 1925, falecida em 11 de setembro de 1988. Juntos tiveram 10 filhos. Saíd faleceu dia 08 de junho de 1986. Deixou 4 casas no centro de São João del-Rei, e a maioria de seus filhos todos com casa própria.

1 - **Nilson Halle Najm**, nascido em 01 de novembro de 1947, militar do exército brasileiro, casou-se com Nilza Higina de Paula, em 31 de maio de 1969, Nilza, após o casamento passou a assinar Nilza Higina Najm, juntos tiveram 3 filhos, todos nascidos em São João del-Rei (MG), Mauro Halle Najm, Márcio Halle Najm e Isis Halle Najm. E com outra mulher teve Néftis Henriques Halle Najm.

1.1 - Mauro, nascido em 31 de março de 1970, formado em Assistente Social, funcionário da Cemig, casou-se no dia 15 de julho de 1995 com Maria Cristina Perini, que após o casamento passou a assinar Maria Cristina Perini Najm e juntos tiveram 2 filhas, Nathália Perini Halle Najm, universitária, nascida em 06 de janeiro de 1999 e Laura Perini Halle Najm, estudante, nascida em 09 de junho de 2004.

1.2 - Márcio, nascido em 07 de maio de 1972, bombeiro militar, casou-se e teve 1 filho, Matheus Aguiar Halle Najm, universitário, nascido em 15 de junho de 1995. Márcio faleceu dia 26 de março de 2003.

1.3 - Matheus, teve 1 filho Bernardo Mattos Halle Najm, nascido em 29 de janeiro de 2021.

1.4 - Isis, nascida em 13 de outubro de 1982, bacharel em direito, iniciou a realização de seu sonho em maio de 2021, cursar Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), solteira, teve 3 filhos; Lucas Halle Najm Almeida, em nascido em 27 de abril de 1998, militar do Exército, Igor Halle Najm Almeida, nascido em 27 de abril de 1998, falecido em 30 de abril de 1998, e Nicole Borges Halle Najm Lages, nascida em 26 de maio de 2015.

1.5 - Néftis, universitária, nascida em Cataguases (MG), no dia 26 de outubro de 1995.

2 - **Neima do Carmo Najm**, nasceu em 02 de novembro de 1948, no momento em que estava sendo pesada pela parteira, caiu e “partiu a coluna”, andou por alguns anos, mas sofreu um acidente por volta dos 10 anos de idade, onde levou muito choque, tornou-se especial, cresceu presa à cama encolhida, de cócoras, apoiada nas pernas e braços. Faleceu em 25 de abril de 1988.

3 - **Nilma das Mercês Najm**, nascida em 11 de fevereiro de 1951, casou-se com Jefferson Atala Lombelo, nascido 28 de março, tiveram 4 filhos; Daniel Michel Najm Lombelo, Rachel Najm Atala Lombelo, Sarah Najm Atala Lombelo, e Rafael Najm Atala Lombelo.

3.1 - Daniel, nascido em 27 de julho de 1977, solteiro, militar do exército brasileiro, teve 1 filho, Daniel Motta Najm Lombelo, nascido em 2 de junho de 2003.

3.2 - Rachel, nascida em 16 de dezembro de 1978, funcionária pública, casada com Fellipe Lima, de Vassouras (RJ), tiveram 2 filhos, Bárbara Baptista Najm Atala Lombelo e Henrique Baptista Najm Atala Lombelo.

3.3 - Sarah, nascida em 17 de março de 1980, funcionária pública, casada com Ronaldo de Souza, tiveram 3 filhos, Giovana Zanalo, Bernardo Zanalo e Helena Zanalo. Fato interessante sobre a nova família constituída por Sarah, para que as crianças não ficassem com nome comprido demais, e para não ter que deixar de colocar um sobrenome, ela, junto com seu esposo, criaram um novo sobrenome a partir da junção das iniciais de seus sobrenomes. Za de Souza, N de Najm, A de Atala e Lo de Lombelo.

3.4 - Rafael, nascido em 11 de agosto de 1983, solteiro, militar do Exército.

4 - **Saíd Halle Meileide Najm**, nascido em 29 de abril de 1953, casou-se com Margarida Maria Silva em 06 de dezembro de 1975, que passou a assinar Margarida Maria Najm, tiveram 3 filhos; Alexandre Halle Najm, nascido em 10 de junho de 1977, economista, professor universitário, funcionário público, solteiro; Marcelo Halle Najm, nascido em 17 de julho de 1979, engenheiro agrônomo, funcionário público, solteiro; e Leandro Halle Najm, nascido em 26 de junho de 1982, Mestre em Ciências da Computação, professor universitário, casado com Bianca Lopes Elias de Moraes.

5 - **Naime Halle Najm**, nascida em 04 de setembro de 1955, pedagoga, vive uma união estável com José Sesso, moram em Piracicaba (SP). Não teve filhos.

6 - **Michel Antônio Halle Najm**, nascido em 23 de abril de 1960, técnico de segurança do trabalho, casou-se com Maria do Carmo Carvalho, em 03 de janeiro de 1987, que passou assinar Maria do Carmo Carvalho Najm, tiveram 1 filho, Isaías Carvalho Halle Najm.

6.1 - Isaías, nascido em 14 de janeiro de 1993, solteiro, militar do exército brasileiro, teve 2 filhos; Isaac Gualberto Halle Najm, nascido em 05 de maio de 2014 e Israel Henrique Halle Najm, nascido em 24 de outubro de 2018.

7 - **Elizabete Halle Najm**, nascida em 17 de abril de 1961, teve 2 filhos, Rômulo Najm de Sá, nascido em 18 de abril de 1988, Engenheiro Eletricista, e Lívia Halle Najm de Sá, nascida em 15 de fevereiro de 1993, Geóloga.

8 - **Ramil Halle Najm**, nascido em 17 de setembro de 1962, casado, teve 2 filhas, Juliana Halle Najm e Ana Clara Halle Najm, nascida em 18 de janeiro de 2004.

8.1 - Juliana, nascida em 26 de maio de 1982, casou-se com Vitor César Muffato no dia 15 de janeiro de 2005, juntos tiveram 1 filho; Davi Halle Muffato, nascido dia 27 de agosto de 2011 na cidade de Brusque (SC).

9 - **Jamil Halle Najm**, nascido em 1º de fevereiro de 1965, dia 18 de novembro de 1989 casou-se com Soraya Maria Silva Ferreira, que após a união passou assinar Soraya Maria Silva Ferreira Najm, juntos tiveram 2 filhas, Vanessa Ferreira Halle Najm, nascida em 04 de agosto de 1991 e Amanda Ferreira Halle Najm, nascida em 29 de julho de 1994.

10 - **Maurício Felipe Halle Najm**, nascido em 06 de maio de 1971, policial militar, casou-se com Cláudia de Oliveira, que após passou assinar Cláudia de Oliveira Halle Najm. Não tiveram filhos.

Leia Resende Santos, nascida em 06 de junho de 1927, falecida em 09 de novembro de 1979, casou-se com Geraldo Pereira dos Santos, juntos tiveram três filhos; Marcos Pereira Santos, nascido em 16 de agosto de 1954, e falecido em 09 de março de 1997, Edson Expedito dos Santos, e Elza dos Santos Pinto, nascida em 16 de janeiro de 1956.

1 - Marcos casou-se com Marise Bernardo dos Santos, no dia 24 de novembro de 1976 e juntos tiveram 3 filhos, Denise Maclane dos Santos, Revisom Peter dos Santos, e Patrícia Bernardo dos Santos.

1.1 - Denise Maclane dos Santos Almeida, nasceu no dia 25 de agosto de 1977, casou-se dia 23 de julho de 1994 com Silvanio Gesse de Almeida, juntos tiveram 2 filhos; Wanderson Santos Almeida e Guilherme Augusto de Almeida.

1.2 - Patrícia Bernardo dos Santos, nasceu dia 19 de abril de 1984, casou-se no dia 08 de dezembro de 2004 com Adilson Trindade do Nascimento, juntos tiveram 2 filhas.

2 - Elza casou-se com Fernando de Andrade Pinto, juntos tiveram: Andréa de Andrade Pinto, Fábio de Andrade Pinto, Leandro de Andrade Pinto e Aline de Andrade Pinto

2.1 - Andréa teve 4 filhos, Daniela Nathália (teve 1 filho Davi), Daniel 28 anos gêmeo da Daniela (teve 1 filho Téo), Maria Fernanda 15 anos e Rafael 8 anos,

2.2 - Fábio teve 1 filho, Fernando 16 anos.

2.3 - Leandro teve 1 filho, Filipi 16 anos.

2.4 - Aline teve 4 filhos, Lívia 17 anos, Vinícius 13 anos, Lucas 3 anos e Lorena 4 meses. O Fábio, o Leandro e o Daniel todos são da Polícia Militar.

3 - Edson, nascido em distrito de São Tiago (MG) que se chama Carapuça, no dia 20 de abril de 1960, casou-se no dia 30 de julho de 1980 com Maria do Carmo de Carvalho Santos, juntos tiveram dois filhos; Eduardo Carvalho Santos e Franciane de Carvalho Santos.

Até o dia de 24 de novembro de 2019, Isis, quem transcreve todo o texto, não sabia nada sobre sua tia-avó Latif, mas sempre teve curiosidade e interesse em saber mais sobre a família.

No dia 07 de setembro de 2019, Isis conheceu Edson, filho de Léia, tiraram fotos juntos, trocaram números de telefone para contato. Foi através de Carminha, esposa de Edson, que Isis conseguiu o contato de José Tiago, um dos 15 filhos de Latif. No domingo, 24 de

novembro, Isis falou pela primeira vez com José Tiago. No decorrer da semana Isis foi até o cartório de registro civil e teve conhecimento do registro de nascimento de Latif. No livro de registros consta que Latif fora registrada como Latif Aly Nagem Seik, coisa que ninguém sabia, nem seus filhos. Funcionárias do cartório informaram que na época pode ter acontecido de o escrivão não questionar como se deveria escrever o nome, escreveu conforme ouviu, por isso a diferença do Halle Najm de Saíd e Aly Nagem de Latif. José Tiago acreditava ser Suk ao invés de Seik. E pensando que o Sr. José Felippe Resende se chamava, antes de se naturalizar brasileiro, Halle Najm Maceik, já levantaram a hipótese de Seik ser na verdade Maceik, mas isso é apenas uma suspeita sem ter como comprovar.

Latif nasceu dia 02 de maio de 1932, faleceu 30 de dezembro de 1999. Latif casou-se com Vicente Desposório de Castro, no dia 11 de abril de 1949 e passou a assinar Latif Seik Castro, juntos tiveram 15 filhos e teve um aborto de filhas gêmeas.

1. Maria da Glória de Castro nasceu dia 15 de agosto de 1951, casou-se com Sebastião Lemes da Silva, no 15 de maio de 2004, sem filhos.
2. Maria Petrina de Castro Ribeiro, nasceu dia 20 de dezembro de 1952, casou-se com Antônio Diomedes Ribeiro, no dia 26 de dezembro de 1982, juntos tiveram 3 filhos, Antônio Diomedes Nazareno Ribeiro, Antônio Abel Dirlei Ribeiro, e Antônio Mecias Pedro Ribeiro.
3. Raimunda do Carmo Castro Alves, nasceu no dia 02 de julho de 1954, casou-se no dia 18 de dezembro de 1976 com Leonardo Alves de Lourdes, juntos tiveram 7 filhos; Luciene Aparecida Alves, Lucrênia Sebastião Alves, Luciano Geraldo Alves, Alana Filomena Alves, Alcilanea de Fátima Alves, Marcelo José Alves, e Uanderson Antônio Alves.
4. José Tiago de Castro, nasceu dia 10 de novembro de 1955, casou-se com Maria Fátima Paula Castro, casou-se no dia 31 de dezembro de 1983, juntos tiveram 3 filhos; Janaina Aparecida de Castro, Cibelli Paula de Castro, e Thiago José de Paula Castro.
5. Leila Aparecida de Castro Sousa, nasceu no dia 29 de novembro de 1957, casou-se com Antônio Resende de Sousa, nascido 12 de julho de 1955, casaram-se no dia 16 de dezembro de 1978, juntos tiveram 3 filhos; Maria de Fátima Sousa Batista, Hélder Antônio de Sousa, que infelizmente faleceu aos 7 anos de idade, e Helena Aparecida Sousa Oliveira.

6. Gilda Sebastiana de Castro, solteira, nasceu no dia 7 de janeiro de 1959.
7. Afonso Sebastião de Castro, solteiro, nasceu no dia 01 de maio de 1960.
8. Antônio Filipe de Castro, solteiro, nasceu no dia 31 de outubro de 1961.
9. Aparecida Celeida de Castro Sousa, nasceu dia 28 de fevereiro de 1963, casou-se com Geraldo Andrade de Sousa, juntos tiveram 2 filhos e 3 netos. Filhos: Gustavo Geraldo Castro Sousa, e Amanda Aparecida de Sousa Dinale.
10. Vicente Américo de Castro, nasceu dia 17 de outubro de 1964, amigado com Carmelita Florence dos Santos, juntos tiverem 2 filhos; Ana Cláudia Seich Santos de Castro, e Vicente Seich Santos de Castro (falecido dia 30/09/2021).
11. Antônia Aparecida de Castro Ribeiro, nasceu dia 12 de junho de 1966, casou-se com Antônio Venâncio Ribeiro, no dia 25 de dezembro de 1990, juntos tiveram um filho: Enrique Seih Ribeiro.
12. Maria das Mercês de Castro Ribeiro, nasceu dia 26 de outubro de 1967, casou-se com Antônio José Ronan Ribeiro, no dia 11 de dezembro de 1992, juntos tiveram 3 filhos; Elvis Vicente Ribeiro, Mirian Aparecida Ribeiro, e Rafael William Castro Ribeiro.
13. João Batista de Castro, solteiro, nasceu dia 20 de maio de 1969.
14. Salim Saulo de Castro, nasceu no dia 23 de agosto de 1970, casou-se com Maria Aparecida Silveira, no dia 07 de setembro de 2019, juntos tiveram uma filha; Mariana Silveira Castro.
15. Kléber Saide de Castro, nasceu dia 26 de setembro de 1973, casou-se dia 17 de dezembro de 2011 com Ranginere Maria da Silva, juntos tiveram um filho; Kléber Júnior Seiki.

No dia 1º de dezembro de 2019, Isis Halle Najm teve a honra de conhecer 9 dos 15 filhos de sua tia-avó Latif, também o patriarca dessa grande e linda família, Sr. Vicente. Eles residem na pequena cidade Morro do Ferro (MG). Gilda, Afonso e Antônio ainda moram com Sr. Vicente.

Por fim, observa-se que infelizmente não sabemos a data certa que José Felippe Resende veio para o Brasil, tão pouco os caminhos que percorreu até sua chegada a São João del-Rei, mas foi possível constatar a enorme família.

Eu, Isis Halle Najm, agradeço a oportunidade de fazer parte deste lindo projeto, não sou capaz de transcrever tamanha felicidade e gratidão que sinto, pois foi através dessa iniciativa que pesquisei mais e encontrei meus familiares. Queria poder colocar todas as fotos que tenho, e ser capaz de transcrever todo amor, mas infelizmente não é possível, então espero que o pouco que expus seja o suficiente para enriquecer toda a obra. Finalizo com minha eterna gratidão por fazer parte de tudo!

Sem considerarmos os pais de José Felippe, aqui tem-se a primeira e segunda geração da grande família Halle Najm.

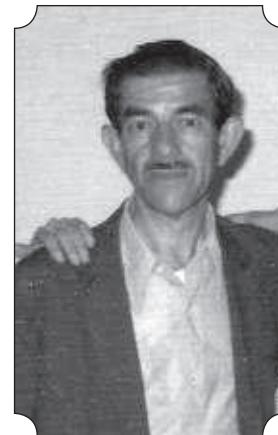
Isis Halle Najm



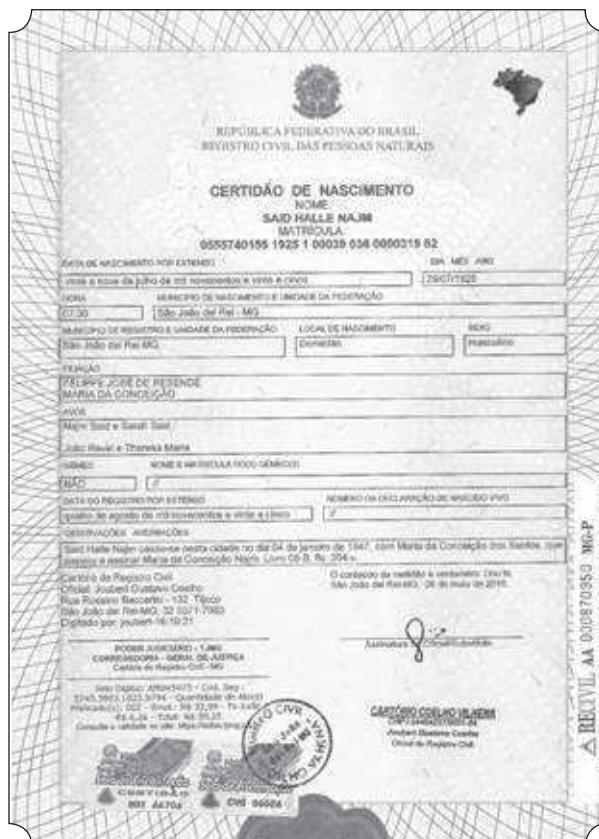
1. Saíd, Isis e Rafael; 2. Saíd e Maria; 3. Saíd, Nilson e Maria; 4. Maria, Isis, Saíd e Juliana 5. Saíd, Maria e Nilson; 6. Maria; 7. Saíd; 8. Maria e Saíd



Felipe José de Resende e
Maria Conceição Resende



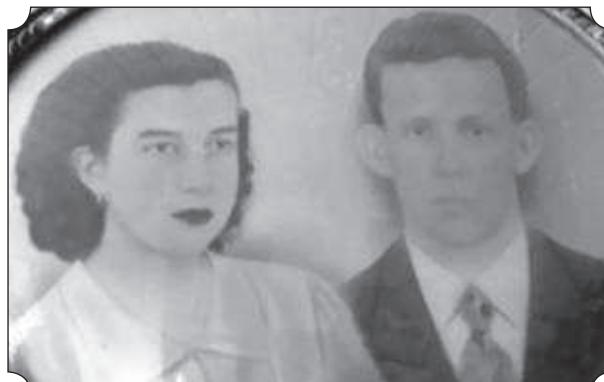
Salim José
Felipe Resende



Nayeff, Maria e a primeira filha, Suzana



Maria Conceição Najm e Saíd Halle Najm



Latif Seik Castro e Vicente Desposório de Castro



Geraldo Pereira dos Santos e Leia Resende Santos

Família Ivo Nohra

A Família Nohra se origina em Zarle, no Líbano.

A guerra... sempre a guerra matando ou expulsando pessoas de suas terras. Foi assim também com Simeão Féres. Ele veio do Líbano, fugindo da guerra. Instalou-se em São Paulo do Muriaé, hoje Muriaé (MG).

Passaram-se uns meses e chegou o primo Antônio Abraão Nohra. Assim como os seus patrícios, veio de navio, fugindo da guerra. Antônio veio para trabalhar com Simeão. Quando desembarcou no porto de Santos, Antônio só se comunicava usando a única expressão que sabia falar em português: “São Paulo do Muriaé”.

Isso gerou uma confusão: em vez de ser mandado para São Paulo do Muriaé, Antônio foi enviado para São Paulo. Por fim, conseguiu ir para Muriaé. Encontrou-se com o primo Simeão para, com ele, trabalhar como mascate.

Antônio, depois de alguns anos, conheceu Sada Messias Nohra, que também tinha vindo do Líbano. Eles se casaram e moraram no sul de Minas, na cidade de Andradas. Foi lá que nasceu Ivo Nohra, fruto dessa união.

Por sua vez, Ivo casou-se com Laila, que era filha de Simeão Féres. Ivo e Laila tiveram 4 filhos: Luiz Augusto (Dudu), Ivo Júnior, Maria Francisca Tereza (Kika) e Fernando Antônio. Luiz Augusto e Ivo Júnior nasceram em Andradas; Maria Francisca (Kika) e Fernando Antônio nasceram em Muriaé.

A família se mudou para São João del-Rei em janeiro de 1969, pois Ivo veio gerenciar a extinta fábrica de tecidos Marlbrás, onde hoje é o supermercado Bahamas. Alguns anos depois, a fábrica fechou. Ele ainda teve uma fábrica de guarda-chuvas e sombrinhas.

Ivo Nohra também foi professor. Lecionou no antigo Colégio Santo Antônio (São João del-Rei) e em várias outras escolas da cidade e vizinhança. Também foi diretor da Escola Estadual Amélia Passos (Santa Cruz de Minas, MG). Interessante saber que Ivo Nohra criou o primeiro curso pré-vestibular em São João del-Rei, numa parceria com o curso Promove, de Belo Horizonte.

Ivo se aposentou como professor da Universidade Federal de São João del-Rei.

Por onde andava, sempre encontrava um ex-aluno, o que lhe enchia de orgulho. Era muito alegre, um piadista nato. Buscava sempre alegrar a todos que estavam à sua volta.

Ivo Nohra faleceu aos 90 anos no Rio de Janeiro. Era o dia 31 de agosto de 2018.

Maria Francisca Feres Nohra Haddad



A família Nohra

Família Jamil Resgalla

Família Tauffick Hizkallah passou a ser Tuffy Resgalla

Nossa história é bem maior do que a parte que conhecemos. Segundo os dados que temos, nossa família começa no final do século XIX. Nos idos de 1885, na aldeia de Kfarh Amam, no Líbano, nascia Tauffick Hizkallah. (Hizkallah, os preferidos de Allah, Deus). Casou-se, por volta de 1906, com Lulia Messias, que passou a se chamar Lulia Messias Resgalla.

Tauffick Hizkallah chegou no Brasil em 1910. Primeiramente, morou em Nazareno. No ano seguinte, em 1911, se estabeleceu em São João del-Rei. Do seu casamento com Lulia, nasceram 6 filhos. Vovô Tauffick não chegou a conhecer a primeira filha, pois, quando ele veio para o Brasil, vovó Lulia ficou no Líbano. Ele não sabia que vovó estava grávida.

Vovô Tauffick trouxe consigo para São João del-Rei uma muda de parreira, plantada inicialmente em Nazareno. Levou-a consigo para sua casa na rua Santo Antônio e, depois, para sua nova casa, no Largo Tamandaré (praça Severiano de Rezende).

Mais tarde, Lulia veio para o Brasil também. Os outros 5 filhos filhos são brasileiros:

Charrid Resgalla, conhecido como Farid; Narrid Resgalla, vulgo Neném; Odete Resgalla; Jamille Resgalla; Jamil Tuffy Resgalla.

Tauffick trabalhava como mascate, comerciando tecidos e pequenas utilidades para os fazendeiros da região. Era um ofício que exigia bastante sacrifício, pois demandava muitas viagens, sendo que as condições de deslocamento eram precárias.

Em 1920, estabeleceu-se no Largo do Tamandaré. Abriu uma loja de tecidos, que era comandada por sua esposa Lulia. Mesmo tendo uma loja como ponto comercial fixo, não abandonou o ofício de mascate. Inclusive, orgulhosamente ensinou o ofício aos filhos. Tio Neném chegou a exercer essa atividade.

O nome do vovô foi trocado para Tuffy Resgalla. Ele ficou revoltado quando isso aconteceu. Odete contava isso muito bem.

Segundo ela, vovô desembarcou no Rio de Janeiro com passaporte turco. Isso se explica: antes da I Grande Guerra (até 1922), o Líbano fazia parte do Império Otomano. Vovô não falava sequer uma palavra em português.

Veja o que aconteceu: o burocrata que o recebeu pegou o passaporte turco, escrito em francês, e grafou o nome do vovô como quis. Tauffick transformou-se em Tuffy... Hizkallah passou a ser Resgalla... e, mais tarde, no caso da vovó, Feres virou Felix... Mussi se tornou Messias.

Uma vez, Jamil contou que nos anos 50 o governo abriu um canal para que todos corrigissem os nomes que foram trocados indevidamente. Porém, apareceu muita gente mudando de nome apenas para dar trambique. Vovô preferiu deixar as coisas como estavam, pois não queria ser confundido com essa gente.

Resultado: vovô – que era Tauffick Hizkallah – passou a se chamar Tuffy Resgalla. Por sua vez, vovó – que era Lulia Mussi Feres (e após casada, Lulia Mussi Hizkallah) – passou a ser Lulia Messias Resgalla.

Dona Lulia, como era conhecida, era uma típica matriarca árabe. Cuidava da casa e ainda tomava conta da loja de tecidos do vovô. Mais tarde, com a desativação da loja de tecidos e criação da “Mascote Ferragens”, ela passou a cuidar da integridade dos filhos, como era costume no Líbano.

Sua cadeira ficava bem em frente ao balcão principal da loja, de onde um simples olhar era motivo de aceitação ou recusa a um cliente desconhecido. Todos os conhecidos de vovô e vovó, ao entrarem na Mascote, primeiro vinham até seu lugar cumprimentá-la, para, então, se dirigirem ao balcão, onde eram atendidos por um dos três irmãos.

Ao final da vida, vovó adquiriu arteriosclerose, doença senil que a fazia confundir São João com sua cidade natal. Era triste vê-la, às vezes, fugir de casa para tentar se dirigir àquilo que julgava ser sua residência, ao correr do rio. Normalmente, isso se traduzia em ir ao bairro das Fábricas, onde sempre havia uma alma caridosa que a reconhecia e avisava aos filhos, ou mesmo a trazia de volta para casa.

Vovô Tuffy faleceu em 19 de outubro de 1955, aos 70 anos de idade. Vovó Lulia se foi em 15 de agosto de 1970, contando 80 anos.

Aqui estão alguns dados da geração:



Da esquerda para a direita: Vovô Tuffy e Tio Abrahão Feres – irmão de vovó Lulia – Narrid, Vovó Lulia grávida de Jamille, Odete e Charrid



Vovô Tuffy Resgalla

Jamil Tuffy Resgalla: Filho caçula de Tuffy Resgalla e Lulia Messias Resgalla. Nasceu em São João del-Rei, no dia 06 de março de 1932. Foi comerciário de 1951 a 1956, quando assumiu a sociedade com os irmãos Charrid e Narrid Resgalla, mais tarde se transformando na “A Mascote Ferragens”, líder em material de construção. Formou-se Técnico em Contabilidade em 1952. Foi Presidente e Sócio Benemérito do Minas Futebol Clube. Também exerceu o cargo de Tesoureiro e Provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento, na Catedral de Nossa Senhora do Pilar. Além de ter sido membro ativo da Comissão de Fundação da Funrei (hoje, UFSJ). Jamil exerceu diversos cargos na diretoria do Lions Clube de São João, inclusive a presidência. Casou-se, em 12 de outubro de 1958, com Maria Cecília de Assis Resgalla. O casal teve 5 filhos:

Jamil Tuffy Resgalla Filho. É cientista da computação aposentado. Nasceu em 14 de fevereiro de 1960 e se casou com Magali Spineli e Silva Resgalla, pedagoga. Tiveram 3 filhas: Keyjlah Silva Resgalla, Lulia Maria Silva Resgalla e Nicolle Caecília Silva Resgalla.

Lucília Maria Assis Resgalla Vasconcelos. Nasceu em 16 de março de 1962. É casada com o engenheiro José do Carmo Vasconcelos. São dois os filhos do casal: Anna Carolina Resgalla Hannas, casada com Júlio Vernec Guimarães de Melo (dois filhos: Julia Resgalla Guimarães de Melo e Pedro Resgalla Guimarães de Melo); Daniel Resgalla Vasconcelos, casado com Mônica de Souza Mattar Vasconcelos (filha: Maria Luiza Mattar Resgalla Vasconcelos).

Maria Isaura Assis Resgalla Fernandes, empresária, nascida em 13 de fevereiro de 1964. Casou-se com José Ronaldo Fernandes Teixeira, engenheiro. (3 filhas: Marina Resgalla Fernandes (casada com Rodolpho Martins Cavalcanti), Luana Resgalla Fernandes e Gabriela Resgalla Fernandes.

Ana Patrícia de Assis Resgalla, nascida em 16 de agosto de 1965, divorciada. É proprietária do *Buffet Cecília Resgalla*, que fundou junto a sua mãe Cecília e a irmã Maria Isaura. Continua mantendo o buffet com suas três filhas: Erika Resgalla da Matta; Renata Flora Resgalla da Matta, casada com Vitor Amoras; e Natalia Resgalla da Matta, mãe de Marcos Felipe Resgalla Arvelos.

Cristiane Maria de Assis Resgalla, nascida em 11 de setembro de 1966. É dentista, viúva de Joaquim Levindo Pereira de Carvalho e



Prédio da loja A Mascote Ferragens Ltda., 1972



Casamento de Jamil e Maria Cecília, 12 de outubro de 1958, na Igreja Dom Bosco. À direita da noiva, D. Cecília Assis (mãe da noiva) e Odete Resgalla de Castro. À esquerda desta, Farid Resgalla e D. Lulia Messias Resgalla (mãe do noivo)

mãe de Isabela Resgalla Carvalho, que nasceu em 13 de dezembro de 1999.

Jamille Resgalla Benedito: Nasceu dia 29 de julho de 1927. Foi casada com José Antônio Benedito e adotaram uma filha: Fátima Resgalla Benedito. Era carinhosamente conhecida como Santinha. Foi muito atuante em associações de bairros de moradores de São João del-Rei. Trabalhou por muitos anos na loja dos irmãos, A Mascote Ferragens. Sempre cativava os clientes com seus conselhos e experiências. Também fazia parte de grupos de crochê e participava da Conferência de São Vicente de Paulo, da qual foi presidente. Católica fervorosa, era presença constante no Terço das Mulheres. Recolhia pontualmente o dízimo na comunidade. Era membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Odete Resgalla de Castro: Era a quarta filha de Tuffy e Lulia. Nasceu no dia 10 de setembro de 1925. Odete casou-se com Joaquim de Castro, em 24 de fevereiro de 1945. Morou por um tempo em São João del-Rei, no Largo das Mercês. Casou-se com Joaquim de Castro em 24 de fevereiro de 1945. Depois mudou-se para Belo Horizonte, onde criou seus 8 filhos:

Joaquim de Castro Júnior, militar, casado com Rita de Cássia Moraes e Castro (duas filhas: Fernanda de Moraes Resgalla e Castro; Flávia de Moraes Resgalla e Castro)

Luliana de Castro Linhares, viúva. Tem 4 filhos, todos casados: Liz Angélica Castro Linhares; Leonardo Castro Linhares; Luciana Castro Linhares; Ludmila Castro Linhares

Maria Madalena de Castro Clark, falecida. Teve duas filhas, todas casadas: Clarissa de Castro Clark e Amanda de Castro Clark.

José Augusto de Castro, militar, viúvo. Tem duas filhas: Carolina Fonseca de Castro (casada) e Laura Fonseca de Castro.

Lucia Teresa de Castro Gürbüzatik, química. É casada com Ercan Gürbüzatik.

Marília Goretti de Castro, arquiteta.

Luiza Pilar de Castro Pozzato Leão, médica. Tem dois filhos: Pedro de Castro Pozzato Leão e João de Castro Pozato Leão.

Míriam Adriana de Castro Oliveira, engenheira. Tem dois filhos: Mariana de Castro Oliveira e Mateus de Castro Oliveira.

Família Jamil Resgalla



Os cinco irmãos Resgalla: Odete, Jamil, Farid, Neném e Santinha



Santinha, seu marido José Antônio Benedito, sua irmã Odete Resgalla de Castro e seu irmão caçula Jamil Tuffy Resgalla



Jamil Tuffy Resgalla sua esposa Maria Cecília Assis Resgalla e
seus filhos Jamilzinho, Isaura, Cristiane, Patrícia e Lucília



Família do primogênito Jamil Tuffy Resgalla Filho.
Sua esposa Magali e as filhas Lulia, Nicolle e Keylah



Família de Lucília Resgalla Vasoncellos: Júlio Verne, sua esposa Anna Carolina e os filhos Júlia e Pedro. Lucília, sua mãe Maria Cecília, Mônica, sua nora e seu esposo José do Carmo



Lucília entre seus dois filhos
Anna Carolina e Daniel



Cristiane Resgalla e
sua filha Isabela



Maria Isaura e sua família: José Ronaldo, Gabriela, Marina e Luana.



Ana Patrícia e sua família: Marcos Felipe, seu neto; Vitor e Renata; Érika e Natália

Homenagem aos idealizadores da FUNREI, cada um plantou uma árvore nos fundos da Faculdade, atualmente *Campus Dom Bosco*





Casamento de Odete e Joaquim



Santinha segurando o sobrinho Joaquim e sua irmã Odete com a filha Luliana e seu marido Joaquim de Castro

Odete Resgalla e Joaquim de Castro com alguns de seus filhos. Em pé, da esquerda para direita estão Luiza Pilar, José Augusto, Luliana, Adriana e Madalena. Assentados, à esquerda de Odete, está Lúcia e, à direita de Joaquim, está Júnior



Os netos de Odete. Da esquerda para a direita: Laura, Carolina, Luciana, Ludmila, João, Liz Angélica, Amanda, Clarissa e Mariana. Assentados estão Leonardo, Odete, Joaquim e o filho Júnior

Família Jorge João Bechalení

Jorge João Bechalení, filho de João Jorge Bechalení e Marhaba Nagim Youssef Bechalení, nasceu em 05 de abril de 1893, em Salíma, no Líbano. Em 1921, veio do Líbano, com primos, para encontrar irmãos no Brasil, precisamente na cidade de Cláudio (MG).



Jorge João Bechalení

Em Cláudio, trabalhou com o comércio de armazém. Lá conheceu sua esposa, Labibe Cury, filha de Nascim Cury e de Marhuld Cury. Nascida em Beirute, no Líbano, em 12 de março de 1906, veio em companhia de sua prima, para encontrar com o irmão no Brasil. Em 1925, com apenas 19 anos de idade, chegou em Cláudio, onde tinha parentes.

Casaram-se em 08 de agosto de 1929, na cidade de Cláudio, onde nasceram os seis filhos. Por volta de 1940, a família mudou-se para a cidade de Oliveira, onde Jorge trabalhava com máquinas de beneficiamento de arroz. Em 1941, aproximadamente, a família chegou em São João del-Rei, onde trabalhou com auxílio de sua esposa Labibe, no comércio de carne, localizado na esquina da Travessa Lopes Bahia, no centro da cidade, até se aposentar em 15/09/1958.



Casamento de
Jorge e Labibe



Filhos de
Jorge e Labibe



Casamento de
Violeta Jorge e Miguel Hallak



Jorge e as netas
Márcia e Cristina Hallak

Formou os filhos, nos Colégios Nossa Senhora das Dores e no extinto Colégio Santo Antônio, respectivamente, onde estudaram e fizeram amizades duradouras. Em 1963, mudou-se com parte da família para Belo Horizonte, onde veio a falecer em 18 de agosto de 1965, aos 72 anos. Sua esposa Labibe Cury, faleceu no dia 27 de junho de 1983.

Nossos avós maternos nunca mais voltaram ao Líbano, e sofriam com saudades dos parentes que lá deixaram. Enfrentaram muitas dificuldades no Brasil, devido à língua diferente, culturas adversas, discriminação e preconceitos. Mas, apesar de tudo, foram acolhidos no Brasil, o qual, consideravam como sua segunda Pátria, e onde trabalharam e criaram as suas raízes.

As filhas, Violeta Jorge e Nédia Jorge, se casaram, formaram famílias e fixaram residência aqui, em São João del-Rei. Ambas, foram esposas de comerciantes conhecidos das lojas “A Imperatriz” já extinta e “A Fonte dos Calçados”, até hoje em funcionamento.

Nédia Jorge casou-se com João Alves, em 22/07/1960, em São João del-Rei, tiveram 5 filhos e 8 netos. Todos os filhos residem nesta cidade.

Jorge João Bechaleni e Labibe Cury

Seus filhos (segunda geração):

- Odete Jorge, nascida em 03/07/1930, solteira.
- Violeta Jorge Hallak, nascida em 07/09/1931 e falecida em 16/08/2000, Professora, casada com Miguel Jorge Hallak, comerciante. Tiveram 6 filhos, 12 netos e 2 bisnetos (terceira geração):
 - Márcia Regina Hallak Ferreira, nascida em 21/12/1956, médica, casada com Bernardo Bauer Ferreira. Filhos: Bernardo Bauer Ferreira Júnior, universitário, e Natália Hallak Ferreira, universitária.
 - Maria Cristina Hallak, nascida em 08/01/1958, advogada, casada com Antônio Miranda de Mendonça. Filhos: Fernanda Maria Hallak de Mendonça, advogada, e Matheus Hallak de Mendonça, estudante.
 - Maria Elizabeth Hallak Dias, nascida em 21/03/1961, psicóloga, casada com Ricardo Maurício Chucre Dias. Filhos: Ricardo Maurício Chucre Dias Júnior, advogado, pai de João Anthony Braga Hallak Dias e Téo Hallak Dias, filho de Ricardo e Juliana Júnia dos Santos; Leonardo Hallak Dias, advogado e Bruna Hallak Dias, advogada.

- Marco Antônio Tadeu Hallak, nascido em 19/09/1963, médico, casado com Márcia Carolina Chaves Hallak. Filha: Carolina Chaves Hallak, estudante.
- Moema Lúcia Hallak Campos, nascida em 05/04/1966, administradora de empresas, casada com Luiz Paulo Goddi Campos. Filhas: Paula Hallak Goddi Campos, universitária e Luiza Hallak Goddi Campos, estudante.
- Mônica Beatriz Hallak Valle, nascida em 01/09/1967, engenheira eletricista, casada com Carlos Magno Valle. Filhos: João Carlos Hallak Santos Valle, estudante, e Rafaela Hallak Santos Valle, estudante.



Família de Violeta e Miguel

- Nadim Jorge Bechalení, nascido em 10/07/1933 e falecido em 21/04/2010. Foi médico em Belo Horizonte. Primeiro casamento com Maria Eugênia Lacerda Rodrigues. Filhos: Antônio Carlos Lacerda Rodrigues Bechalení, advogado, falecido em 14/07/2012, e Mônica Rodrigues Bechalení, médica. Netos: Isabela Bechalení e Rafael Bechalení, estudantes. Segundo casamento com Gerusa Assis.

- Ivete Lúcia Jorge Ferraz do Amaral, nascida em 07/08/1935 e falecida em 19/12/2019, foi casada com Creso Ferraz do Amaral, falecido.

- Zilda Jorge, nascida em 01/04/1937, solteira. Formou-se em Administração de Empresas, Contabilidade e Economia.



Odete e Zilda Jorge



Nadim Bechalení



Ivete Jorge



Nédia Jorge e filhos



Nédia Jorge e netos

- Nédia Jorge Alves, nascida em 27/09/1938, casada com João D'Angelo Alves, comerciante, falecido em 03/09/2011. Tiveram 5 filhos e 8 netos (terceira geração):
- Valéria Alves de Carvalho, nascida em 22/10/1961, médica, casada com Ronaldo Couto Carvalho. Filhos: Renato Alves Carvalho, médico e Rafael Alves Carvalho, médico.
- Cláudia Jorge Alves, nascida em 25/03/1962, solteira, geóloga e empresária.
- Eduardo Jorge Alves, nascido em 07/03/1965, dentista. Filhas: Maria Eduarda Figueiredo Alves, estudante e Manuela Figueiredo Alves, estudante.
- Patrícia Jorge Alves Iarede, nascida em 15/11/1966, fisioterapeuta, casada com Fábio Iarede. Filhos: Pedro Alves Iarede, universitário e João Alves Iarede, universitário.
- Luciane Jorge Alves, nascida em 28/07/1968, dentista, casada com Alexandre Schirm. Filhos: Guilherme Alves Schirm, universitário, e Júlia Alves Schirm, universitária.

Violeta Jorge Hallak

Filha de Labibe Cury e Jorge João Bechalení, dona de uma força sem igual, mãe e esposa devotada, Violeta Jorge Hallak, criou seus 6 filhos de forma exemplar, sendo companheira e amiga de todos eles. Repleta de virtudes, sabia costurar, bordar, pintar, fazer tricô e crochê, além de realizar outros trabalhos manuais com perfeição. Tratando-se do seu dom na cozinha, qualquer elogio é simples demais: fazia pratos e quitutes como ninguém, sendo o amor, a dedicação e a alegria de viver, seus principais temperos. Foi uma mulher de garra, que viveu para a sua família, sendo esposa fiel e companheira, além de mãe amiga e presente na vida dos filhos, sempre lutando de forma incansável para garantir a felicidade de todos. Ela era o ponto de apoio, a força e o esteio de cada um: marido, irmãos, filhos e netos, sendo extremamente querida por quem a tinha como amiga. Por motivos que ainda não somos capazes de entender, partiu de forma precoce deixando saudades em todos aqueles que tiveram o prazer de conhecê-la. Porém, seu amor pela vida e pela família, era tão grande, que, mesmo aqueles que não a conheceram, sentem a sua presença até hoje pelas boas lembranças contadas em uma boa conversa, ou pelos lindos ensinamentos deixados por ela. A verda-

de é que sem a Dona Violeta tudo ficou mais vazio, mas o seu modo de viver e ver a vida nos ensinou que o amor é sempre o melhor remédio, sendo capaz de fazer brotar uma linda flor em qualquer lugar do mundo em que vivemos. (Fernanda Maria Hallak de Mendonça).

Família Zilda e Violeta Jorge



Violeta Jorge com filhos, netas e o esposo Miguel

Família José Challa Sade



José Challa Sade e Nida Aiex Sade

A Família Sade teve início com José Challa Sade, nascido na cidade de Nabek, Síria, no dia 24 de fevereiro de 1897, filho de Kalil Challa Sade e Joana Kause. Aos 12 anos, perdeu sua mãe quando mais dela necessitava. Sentiu que se lhe agravara o sofrimento projetado entre a saudade e a pobreza. Tendo seu pai contraído novas núpcias e sofrendo a falta de amor de sua madrasta, decidiu enfrentar qualquer situação longe de sua terra natal e de seus pais.

Foi então que, ouvindo falar do Brasil, país que se desenvolvia e crescia em ritmo acelerado, rico e promissor, resolveu, tendo apenas 15 anos, deixar sua terra natal, seus pais, seus familiares e seus amigos, em demanda de um futuro que se lhe pudesse ser próspero e feliz.

Cruzou os mares, num navio, como clandestino, e chegou ao Brasil, à terra que elegera, num desafio que se propusera no sentido de construção de sua vida. Desconhecendo o idioma, sem dinheiro e sem amigos, inicia sua peregrinação na busca incansável de algum trabalho que lhe viesse prover sua subsistência. As dificuldades se lhe apresentam quase insuperáveis, mas José Challa Sade, homem de decisão, re-

soluto e firme, não cede à diversidade. Era ele o indomável à procura da conquista de melhores dias e da felicidade que se lhe deslumbrava em seu sonho de oriental. Quanto mais sente a rudeza do destino, a aspereza do caminho a trilhar, mais fortalece a sua convicção de atingir a meta que buscava.

Nessas andanças, encontrou um patrício, o sr. Elias Aiex, no Rio de Janeiro, que o ajudou na aquisição de quinquilharias e, com algumas bagatelas, inicia o ciclo de mercador ambulante. Enfrentando as hostilidades do meio ambiente, quase sempre a pé, sem conhecer a cidade e o idioma, consegue vender todo material que lhe foi oferecido e volta para se reabastecer de novas mercadorias. Nessas idas e vindas, embrenha-se pelo interior, visitando fazendas e pequenos arraiais, levando em seus ombros um baú com pequenos objetos de adorno, brinquedos e miudezas.

Em 1918, deixando o estado do Rio de Janeiro, onde começara sua vida de mercador, e já com algumas economias, resolve vir para Minas Gerais onde conhece e passa a residir na cidade de São João del-Rei. Nesta cidade, novos obstáculos se interpõem ao objetivo comercial: surge a dificuldade na compra de mercadorias; o transporte é difícil e a concorrência é grande. Foi por essa ocasião que fundou sua casa comercial, dando-lhe o nome de “A Invencível”; mais tarde mudou o nome para Casa Sade, que perdura até hoje. Sentindo necessidade de ajuda, convidou o Sr. Antônio Aiex, um conterrâneo seu, e o mesmo passou a ser sócio da Casa Sade. Antônio, conhecendo o problema que havia se instalado na Síria, onde os católicos sofriam grande pressão dos muçulmanos, que eram a maioria, trouxe para o Brasil sua mãe e sua irmã Nida. José se apaixonou pela Nida, o que ocasionou seu casamento, no dia 2 de maio de 1925.

Deste matrimônio nasceram os seguintes filhos: Kalil, Jorge, Geni, Maria, Roberto, Antônio, Hane, Judith e Celina.

Em 1925, adquiriu a casa situada a Rua Getúlio Vargas, 130, imóvel este pertencente aos pais do Presidente Tancredo Neves. Nesta casa residiram, por algum tempo, as duas famílias: a de José e de Antônio, num total de 5 adultos e 14 crianças. Sr. José mandou vir da Síria seu primo José Tayer, que com ele residiu algum tempo, e mais tarde veio também seu primo Nayeff, que tornou-se seu genro, casando-se com sua filha Maria.



Primeiro plano: Kalil. Segundo plano: Maria, Antônio, Roberto, Celina, Hane e Judith. Terceiro plano: José, Nida, Jorge e Geny

Em 1930, na época da recessão, José Challa Sade quase perdeu tudo aquilo que, com sacrifício, havia conseguido, em seu comércio.

Em 1935, comprou, de sociedade com seu cunhado, o Cine Capitólio, na Av. Presidente Tancredo Neves, que posteriormente foi vendido e se transformou em vários imóveis; em um deles funciona o Supermercado Kitzan, atualmente. Os seus negócios progrediram e, em 1948, comprou o prédio do Café Rio de Janeiro – ponto tradicional da cidade, onde se reunia a sociedade são-joanense, reconstruindo-o como um edifício de três pavimentos, cujas linhas eram as concebidas dentro da melhor arquitetura moderna da época.

Em 1953, com a retirada de seu sócio Antônio, a firma passou a ser denominada José Sade & Filhos Ltda. e foi instalada no novo prédio. José Challa Sade não se limitou ao comércio em São João del-Rei, pois, em 1951, foi instalada a filial da Casa Sade, em Barbacena, quando alugou a loja: O Primeiro Barateiro, de propriedade do Sr. Chaquib Itar Sad. A loja progrediu rapidamente pela afluência de fregueses. Em 1956, José comprou o Hotel Brasil e seu terreno, em Barbacena, com área de 2.600m², dando logo início à construção do Edifício Sade, construído



Edifício Sade

com 7 andares e base para dez andares. O moço pobre de Nabek realizara seu sonho. O seu espírito empreendedor, a sua luta, a sua dignidade e lealdade e os princípios morais que marcavam a sua vida, fizeram de José Challa Sade o homem que, por merecimento e justiça, haveria de receber, da Câmara Municipal de São João del-Rei e Barbacena, os títulos de Cidadão São-Joanense e Barbacenense. Era o reconhecimento do povo das duas cidades que, em homenagem sincera e comovedora, exaltava o homem e sua obra.

Em 10 de maio de 1964, José Challa Sade sofre um acidente de automóvel. Veio a falecer a 10 de maio de 1968. Dele se pode dizer: “Era chefe de família exemplar, generoso e humano. Passou pela vida fazendo o bem a todos.”

Famílias de José Sade e Antônio Aiex em 1935

Nida Aiex Sade

Com apenas 18 anos, nascida em 14 de setembro de 1907, em Yabrud, Síria, Nida veio para o Brasil com sua mãe, fugindo das contrariedades motivadas pela perseguição muçulmana. Embarcou num navio e após uma longa viagem chegou no Rio de Janeiro, onde seu irmão Antônio já a esperava.

Por intermédio de seu irmão, conheceu o Sr. José Challa Sade e, após um curto prazo, casou-se com o mesmo, vindo morar em São



Da esquerda para a direita, em pé: Naief, Antônio, José, José Challa e Jorge (Grande).
Sentados (adultos): Maria, Jane, Kalil e Nida. Crianças, em pé: Geny, Maria, Jane, Antônio, Roberto e Jorge. Crianças, sentadas: Jamile, Judith e Hane

João del-Rei, onde se localizava a residência e a casa comercial do Sr. José. Ainda jovem, teve que enfrentar uma vida quando tudo era difícil: cozinar num fogão a lenha, porque ainda não havia fogão a gás; a água do chuveiro era aquecida através de serpentinas (canos que passavam pelo fogão); usar o forno a lenha; cuidar de todo serviço caseiro e da alimentação de todos. O tradicional quibe, comida árabe, era socado em pilão de mármore, com um grande soquete de madeira. Tudo isso sem contar as dificuldades com a língua e a adaptação à nova cultura, que veio a se tornar a sua. Para auxiliá-la, somente tinha sua cunhada Maria, esposa de Antônio. Além dos afazeres domésticos, ainda ajudava seu marido na loja, quando o mesmo viajava para fazer compras. Tempos depois, trabalhava na loja regularmente, após os trabalhos matinais; podia ser encontrada no Caixa, as mãos sempre ocupadas com lindos trabalhos de tricô e crochê. Todos os filhos e netos foram presenteados com ricas colchas e outros trabalhos.

As famílias cresciam, tanto a de Nida como a de Maria, chegando a ser formada por 14 crianças, sua mãe Jane, e os esposos.

Foi um período no qual, ao lado do amor pelos filhos e bondade para com os adultos, ela necessitava ter energia bastante para dirigir seu lar e colaborar com seu marido. Com o falecimento de José em 10 de maio de 1968, em meio ao sofrimento e à saudade, encontrou forças

para ajudar os filhos na direção da Casa Sade. Mulher forte e determinada, foi fundamental para o crescimento dos negócios da família. Caridosa como era, repartia o que recebia do INPS com os pobres e vivia apenas com o dinheiro que arrecadava na loja. Foi também ela que manteve sua família unida; com muito amor e firmeza, ensinou aos filhos, ao redor de sua mesa e na acolhida de seu coração, os valores cristãos, a dignidade, a honestidade e a força para a superação de obstáculos. Foi um modelo, ensinando a seus filhos e filhas a não temerem o trabalho, preparando-os para a vida. Veio a falecer em 12 de fevereiro de 1988, num acidente de carro ao lado de seu filho Jorge. Guardamos sua lembrança como mulher trabalhadora, bondosa para com todos e principalmente religiosa convicta, o que a levou a educar seus filhos com a mesma religiosidade com que sempre viveu.

Kalil Chala Sade

Kalil nasceu aos 18 de fevereiro de 1926, primeiro filho de José e Nida; teve uma criação aos moldes de muito trabalho, amizade e respeito às leis de Deus e dos homens.

Como primeiro filho, além de estudar, começou cedo a trabalhar, ajudando seu pai no comércio da Casa Sade. Assim foi tomando gosto pela profissão e também a respeitar o próximo.

Casou-se com Dinorah Sadi, filha de Hafiz e Chamsi, ambos sírios e moradores em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 8 de dezembro de 1945.

Em 1948, com a abertura da filial da Casa Sade, em Barbacena, Kalil ali passou a residir, ficando como responsável pelo bom andamento do comércio.

Em 31 de março de 1973, faleceu sua esposa Dinorah, fato que abalou um pouco sua saúde e seu espírito. Como jovem forte e resoluto enfrentou a situação e continuou seu trabalho com a ajuda de seu irmão Roberto, o qual, depois de 6 anos, trocou com seu irmão Antônio a permanência em Barbacena, voltando para São João del-Rei.

Quando morava com Dinorah, em Barbacena, adotou uma menina de nome Maria Alice, a que casou-se com Luís Sérgio Ladeira e tiveram dois filhos: Isabelli (falecida em 2018) e Luís Sérgio.

Em 10 de janeiro de 1981, casou-se com Elvira Teresinha de Assis, filha de Carmélio e Elvira Assis. Com a chegada de sua aposentado-

ria, voltou para São João del-Rei, onde mora até hoje, tendo a seu lado sua esposa carinhosa e que sempre lhe dedicou muito amor e alegria.

Jorge Chala Sade

Jorge nasceu a 02/03/1927. Era o artista da família: desenhista, músico e poeta. Como músico, era o primeiro violinista de São João del-Rei, pertencendo a várias orquestras da cidade. Foi professor de violino no Conservatório Padre José Maria Xavier. Como poeta, lançou dois livros maravilhosos de poesia. Foi membro do Lions Clube e da Academia de Letras de São João del-Rei; foi Presidente e um dos fundadores da SACE (Sociedade de Auxílio a Criança Enferma). Muito simpático e risonho, era amigo dos fregueses da Casa Sade e de todos que com ele conviviam.

Casou-se com Munira Taier Sade, filha de José Jorge Taier e Ana Hallack Taier, em 24/10/1959. Munira estudava com sua irmã Celina e vinha muito à sua casa. Desta convivência, surgiu o namoro. Do casamento, nasceram 3 filhos: Wagner, Marcelo e Cláudia.

Wagner nasceu em 04/08/1960; formou-se em Engenharia pelo Instituto Militar do Exército; com doutorado, é professor do CEFET em Belo Horizonte; casou-se com Jaqueline Teixeira em 06/01/1996 e tiveram uma filha Samira, nascida a 22/03/1997; moram em São João del-Rei.

Marcelo nasceu em 07/05/1965; aposentou-se como oficial da Aeronáutica.

Cláudia nasceu em 18/02/1971; formou-se como dentista e foi aprimorar seus estudos na Alemanha, onde completou o doutorado e é professora universitária; ali conheceu Sebastian, com quem se casou em 08/05/2009.

Jorge faleceu num trágico acidente de carro, juntamente com sua mãe, em 12/02/1988. Munira, inteligente e habilidosa, era professora de trabalhos manuais no SESI, além de administrar sua casa. Faleceu dois anos depois, em 29/06/1990.

Geny Sade Fonseca

Nasceu em 20 de março de 1928 e faleceu em 1º de fevereiro de 2002. Como primeira filha mulher, desde cedo teve muitas responsabilidades; trabalhava ao lado de sua mãe, ajudando-a nas tarefas cotidianas e na educação dos irmãos e irmãs.

Casou-se com Geraldo Lucinda Fonseca, em 13/09/1964. Deste casamento surgiram 3 filhos:

Nida Regina, nascida em 23/04/1967, na cidade de São Paulo, que se casou com Tarcísio de Assis Resende Filho, em 26/09/1987; formou-se em Administração e exerce cargo de liderança na Prefeitura Municipal de SJDR; tiveram 2 filhos: Denise, nascida em 18/07/1987 e Diego, nascido em 19/09/1989 e falecido em 2017.

Marcos Rogério, nascido em 15/11/1968, que se casou com Iraci Luiza do Carmo Fonseca, no dia 27/07/1996, e tiveram uma filha Thaís, nascida em 06/05/2007; formou-se em Engenharia Elétrica, até hoje exercendo essa função.

Mara Lúcia nasceu em 20/02/1970; uniu-se a Adauri Gouveia Dias e desta união nasceu Áser, em 16/06/1999. Mara é psicóloga e tem todas as qualidades necessárias para sua profissão.

Geny e Geraldo, mais tarde, adotaram o menino Daniel, nascido em 17/04/1988.

Após seu casamento, dedicou-se com toda energia ao seu marido, construindo um lar pleno de amor e alegria. Geny foi uma esposa dinâmica e educou seus filhos com muito amor e energia, pois seu marido sempre estava à disposição de seu trabalho. Costurava e era cozinheira excelente, pois foi instruída pela mãe, que lhe transmitiu a arte culinária síria e moldou-a na esposa maravilhosa que sempre foi. Além de cuidar de sua casa, estava sempre pronta a ajudar todos da família, principalmente sua afilhada Celina, sua irmã mais nova que ajudou a criar.

Geny foi uma das fundadoras do “Terço da Amizade”, um grupo formado por suas irmãs e amigas, que se reuniam periodicamente para rezar, conviver, lanchar, cultivando os laços de amizade.

Maria Sade Tayer

Nasceu em 18/07/1929. Casou-se com Nayeff Tayer, de Nabek, Síria, conhecido de muitos anos, no dia 22 de maio de 1949. Muito nova quando se casou, logo teve que cuidar de todos os afazeres domésticos e dos vários filhos.

Por algum tempo, morou com eles o irmão do Nayeff, que se chamava Ibrahim, recém-chegado ao Brasil.

Nayeff, após um período morando e trabalhando com José Sade, foi trabalhar com seu irmão José, que o trouxe da Síria, na loja

chamada “Casa Chic”, loja esta localizada no centro da cidade e hoje dirigida por sua filha Kátia. A loja é especializada em tecidos, cama, mesa e banho.

Do enlace de Nayeff e Maria surgiram 7 filhos: Suzana, Moema, Tânica, Omar, José Nayeff, Kátia e César (ver família Nayeff Tayer).

Maria tem 13 netos e um bisneto. Maria sempre teve um espírito forte nas suas crenças e muita alegria de viver, que contagia todos com quem convive. Muito prendada, sempre soube bordar, cozinar, costurar, fazendo de tudo em sua casa. Toca piano muito bem e gosta de viajar.

Roberto Challal Sade

Roberto nasceu em 28/08/1930, casou-se com Nancy Assis, nascida em 18/02/1938. Seu casamento realizou-se em 09 de julho de 1966. Tiveram uma filha: Liliane Assis Sade, nascida no dia 27 de maio de 1968. Liliane casou-se com Humberto Silva Resende no dia 26 de maio de 1993. O casal teve uma filha: Júlia Sade Resende, que nasceu no dia 27/06/1997.

Roberto fez curso secundário no antigo Ginásio Santo Antônio. Mais tarde, diplomou-se em Contabilidade, o que o auxiliou muito com o trabalho da Casa Sade. Terminando o ginásial, pediu a seu pai licença para trabalhar na loja. Seu pai aceitou-o como funcionário, mas no princípio Roberto teve que começar na limpeza e arrumação do estabelecimento. Somente após três meses, ele teve a permissão para trabalhar como vendedor. Roberto fez também o curso de Economia na então Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Fundação Municipal de São João del-Rei, hoje, Universidade Federal de São João del-Rei, tendo sido aluno da primeira turma de Economia criada na instituição.

Com visão empresarial, no decurso de sua vida, fez parte de várias diretorias do Sindicato do Comércio Varejista, tendo sido eleito presidente. Fez o curso de Teoria e Solfejo no Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier, o que lhe garantiu sua participação em diversos corais da cidade, como: o Coro do Conservatório, Coro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Coral da professora Mercês Bini, Coral da Orquestra Sinfônica de São João del-Rei e, finalmente, ingressou na Tricentenária Orquestra Lira São-Joanense, da qual foi presidente no período de 2009 a 2010. Roberto também foi presidente da SACE

(Sociedade de Auxílio à Criança Enferma) e fez parte do Lions Clube de São João del-Rei.

Nancy, por sua vez, sempre ao lado de seu marido, se esforçou para o bem da família e do trabalho. Atuou como professora da rede escolar são-joanense e de Introdução Musical, no Conservatório Estadual de Música, tendo sido muito estimada por todos. Após sua aposentadoria, decidiu dedicar-se, assim como seu marido, ao ramo do comércio. Abriu uma boutique, denominada YCNAN Presentes, a qual foi muito bem sucedida. Posteriormente, foi responsável por um restaurante e salão de bailes, denominado “Salão Rosado”.

Embora trabalhando, nunca deixou de auxiliar seu marido no trabalho e nos afazeres diários. Mesmo quando Roberto necessitou de uma cirurgia, Nancy estava a seu lado, levando conforto e carinho, assumindo a direção da loja, juntamente com sua filha Liliane.

Fiel à fé cristã, Nancy se destacou pelo seu amor para com o próximo e trabalho voluntário realizado junto aos padres, auxiliando-os durante as cerimônias mais importantes da Igreja e atuando como integrante de várias Irmandades e como Juíza da Irmandade dos Passos e, por quatorze anos, na Irmandade de Nossa Senhora das Mercês.

Liliane formou-se no curso de Ciências Econômicas da então Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei, hoje UFSJ. Foi também professora de inglês em diversas instituições de São João del-Rei e cidades vizinhas, como: CCAA, Bozel, Sesi/Senai, UNIPAC (Barbacena), IPTAN e Instituto Auxiliadora. Fez Mestrado e Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira na Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2009, passou no concurso para professora efetiva da Universidade Federal de São João del-Rei, instituição na qual trabalha até a presente data, atuando como professora de língua inglesa e supervisora de estágio. Em 2012, foi convidada pela então reitora a assumir a posição de Assessora para Assuntos Internacionais da UFSJ, função essa exercida até a presente data. Seu marido, Humberto Silva Resende formou-se em Odontologia; é dentista na cidade de SJDR, com especialização em Endodontia e Implante. A filha do casal, Júlia Sade Resende, é aluna do Curso de Medicina da Faculdade Ciências Médicas, em Belo Horizonte.



Nida Aiex Sade, aos 80 anos, em setembro de 1987, com seus filhos, genros e noras. Primeiro plano: Geraldo, Jorge Haddad, Naief, Heloísa, Antônio (filho). Segundo plano: Geny, Kalil, Maria (filhos), Habib, Judith (filha). Terceiro plano: Roberto (filho), Nancy, Elvira, Hane (filha), Jorge (filho), Munira, Guilherme, Celina (filha)

Antônio Chala Sade

Antônio nasceu no dia 20/03/1932, em São João del-Rei. Cursou o ginásial e, após o término do curso, foi trabalhar ao lado de seus irmãos, na Casa Sade. Após um período de trabalho, quis variar e trocou com seu irmão Roberto, que dividia a gerência da loja, com Kalil, em Barbacena. Antônio, filho de São João del-Rei, distinguiu-se socialmente e, como empresário, ocupou vários cargos importantes na sociedade barbacenense. Foi presidente do Clube de Diretores Lojistas de Barbacena, repetidas vezes, e seu representante estadual. Ele e esposa são membros atuantes do Rotary Club de Barbacena.

Em 19 de setembro de 1965, casou-se com Heloísa Helena, filha de Orlando e Alice Tymburibá. Tiveram as filhas gêmeas Elizabeth e Margareth, que nasceram a 14/11/1966.

Elizabeth formou-se em Medicina. Casou-se com Luciano Sfredo e morreu a 19/08/2011.

Margareth formou-se em Direito e trabalhou em Belo Horizonte. Uniu-se a Manoel Castanõn e dessa união nasceu Mateus, em 17/08/2001.

Cristiane nasceu a 10/07/1968. É bacharel em Ciências Contábeis e Direito, com pós-graduação *Lato Sensu*. Trabalha em Brasília, na Caixa Econômica Federal. Eliana nasceu em 19/05/1974; formou-se em Publicidade e Propaganda. Casou-se com Carlos Reis, militar, e tiveram a filha Larissa, nascida a 25/02/2008. Exímia confeiteira, faz lindos doces e bolos enfeitados para as comemorações da família. Antônio e Heloísa adotaram Carlos José, nascido a 08/08/1986, formado em Jornalismo, atualmente professor em Barbacena. Antônio montou o Museu Sade, que mantém viva a memória do Sr. José Sade, contendo itens adquiridos pelo patriarca. O museu é aberto ao público e faz parte do calendário de visitas da cidade de Barbacena.

Hane Sade Haddad

Hane nasceu no dia 02/07/1933. Como todas as outras filhas, aprendeu a cozinhar, bordar, costurar, etc. Entretanto, destacou-se das outras por suas habilidades em tricô e crochê, fazendo trabalhos belíssimos como blusas, caminhos de mesa, colchas e outros trabalhos



Nida Aiex Sade, aos 80 anos, com seus netos e bisnetos. Primeiro plano: Nida, Raquel, Mara, Karen, Sávio, Rosane, José Naieff, Ronan e Ralf. Segundo plano: César, Elen, Eliana, Liliane, Jaqueline e Cláudia. Terceiro plano: Elizabeth, Margareth, Suzana, Tânia, Moema, Cristiane e Omar. Quarto plano: William, Paula, Dona Nida com Carlos José, Erika (bisneta) e Cíntia. Quinto plano: Daniel, Lawrence (bisneto) e Sabrina

variados. Estudou na Escola de Comércio Tiradentes, onde completou o curso correspondente ao atual Ensino Fundamental completo.

Como era o costume da época, casou-se cedo, com Jorge Haddad, no dia 08/09/1957. Jorge era o “Médico das Canetas”, trabalhando numa pequena loja na atual avenida Presidente Tancredo Neves. Essa loja cresceu, transformando-se na conhecida “A Colegial”, especializada em material escolar, brinquedos e outros artigos.

Todos os casamentos das filhas do sr. José e D. Nida eram comemorados com festas na própria casa do casal. Salgados e doces eram preparados pelos membros da família, liderados pela matriarca. O casamento de Hane, particularmente, contou com enfeites ricos e individuais para cada unidade servida, formando uma rica mesa para os convidados. O noivo também ajudou na confecção dos enfeites.

O casal teve 5 filhos: Ronan, Ramon, Rosane, Renê e Ralf (ver família Jorge Haddad).

Por muito tempo, o casal participou do Lions Clube de São João del-Rei, trabalhando efetivamente. Hane é mais do que esposa, mãe, avó, bisavó e sogra: ela é amiga e querida por todos.

Judith Sade Tayer

Judith nasceu em 21/10/1934; era a oitava filha do casal José e Nida. Ressentia-se das obrigações impostas pela mãe, tais como cozinhar, bordar e outros afazeres domésticos: queria brincar, passear. Apesar disso, é excelente cozinheira e já fez, tricotando, quase 500 sapatinhos de bebê para crianças carentes, além de atender a todos que batem à sua porta.

Conta algumas lembranças de criança:

A família saía todos os dias de manhã para caminhar, para comprar pão ou só pelo exercício. Os pais de mãos dadas, pelas ruas de São João del-Rei... Lembra-se também dos folguedos e das brigas com os irmãos e primos, todos morando na mesma enorme casa, com um porão assombrado!

Não gostava de estudar, mas terminou o curso na Escola de Comércio Tiradentes. Sempre teve vários admiradores e namoros superficiais, sem compromisso ou seriedade.

Finalmente, decidiu-se por Habib Tayer, sírio, irmão de seu cunhado Nayeff. Casaram-se em 30/10/1960 e, dessa união, nasceram

os filhos: Sávio, Jaqueline, Raquel, Elen e Paula. Habib era dono de uma loja na avenida General Osório, chamada “Loja do Habib”, com confecções para homens e mulheres, a qual gerenciou até sua morte em 14/05/2012 (ver família Habib).

Além das obrigações de dona de casa, Judith ajudava na loja, quando necessário. Formou um grupo de parentes e amigos com quem jogava vôlei. Mas, na realidade, do que gostava mesmo, e ainda gosta, é de pescar. Pescava em Itutinga, onde mantinham um barco. Pescava no Pantanal matogrossense, com seu marido. E pesca, atualmente, no seu sítio, em Ritápolis.

Celina Sade de Paiva

Celina nasceu a 02/05/1942, a nona filha do casal José e Nida. Seu nascimento causou ciúmes nas irmãs, principalmente Judith, que, por 8 anos, tinha sido a caçula da família. Sua educação foi um pouco mais liberal que a das irmãs. Geny e Maria, suas madrinhas, ajudaram muito na sua criação. Desde menina, ia com os irmãos aos bailes para dançar.

Sempre gostou de estudar, tendo completado os cursos superiores de Filosofia, Ciências, Pedagogia e Mestrado em Educação. Lecionou as disciplinas Ciências, Matemática e Biologia, nos Ensinos Fundamental e Médio. Destacou-se como supervisora da Escola Estadual “Cônego Oswaldo Lustosa”, de São João del-Rei, nos cursos do Ensino Médio. Através de concurso, ingressou na Universidade Federal de São João del-Rei, atuando como pedagoga no Setor de Tecnologia Educacional. Após novo concurso, tornou-se docente da área de Educação.

Conheceu Antônio Guilherme de Paiva nos bailes que aconteciam na sede da União Sírio-Líbanesa, que se localizava no segundo andar do prédio da Casa Sade, esquina das ruas Artur Bernardes e Presidente Tancredo Neves. Dançaram no tempo de namoro, de noivado e dançam até hoje nos clubes da cidade. Casaram-se no dia 02/03/1969, um ano após a morte de José Sade.

Guilherme trabalhou inicialmente, por cerca de 8 anos, na Cemig. Posteriormente, trabalhou na empresa Hidrominas, sendo responsável pela Gruta do Maquiné, em Cordisburgo, pelas Termas de Araxá e pela Estação Balneária de Caxambu, MG. Em todos esses lugares, Celina o acompanhou e atuou como professora.



Guilherme, Celina, Cíntia, Karen e William, nas Bodas de Ouro do casal, em 2019

Depois de 5 anos, regressaram para São João del-Rei, onde Guilherme gerenciou e modernizou o Balneário de Águas Santas. Completoou o curso superior e se tornou professor da Fundação Municipal de Ensino e, posteriormente, da Universidade Federal de São João del-Rei. Guilherme foi um dos fundadores do Movimento Escoteiro em São João del-Rei. Atuou como chefe durante 10 anos no Grupo Escoteiro Sargento Orlando Randi. Participa da Maçonaria há mais de 40 anos e é o Grande Inspetor Litúrgico da Sétima Região de Minas Gerais.

Tiveram os filhos Cíntia, Karen e William. Cíntia nasceu em 26/12/1970. Formou-se em Oftalmologia pela UNICAMP, doutora pela USP de Ribeirão Preto e atualmente é pesquisadora pelo Baylor College em Houston, EUA. É referência mundial em síndromes de “olho seco”. Casou-se com Ricardo Fujisaki em 16/12/2000 e tiveram os filhos Lucas e Eric.

Karen nasceu em 18/02/1973. Formou-se em Letras, Administração, tendo pós-graduação e Mestrado em Administração. Atua como gerente bancária em Vitória (ES). Casou-se com Márlia Filgueiras em 26/05/2001 e tiveram os filhos Karine e Victor.

William nasceu em 21/01/1976. Formou-se em Tecnologia em Informática, com pós-graduação em Engenharia de Software, pela UFMG.

Trabalha como Analista de Sistemas em Belo Horizonte. De sua união com Thaís Mary Silva, nasceu Jonathan. Também é dançarino, apresentando-se em escolas de dança.

Em julho de 1995, quando o casal e sua filha Karen estavam conhecendo a Terra Santa, aconteceu um incêndio que destruiu totalmente o casarão da rua Getúlio Vargas, onde moravam. O casal perdeu sua casa, seus pertences e todas as suas lembranças... A casa foi reconstruída muitos anos depois, com a mesma fachada de antigamente, e a família voltou a residir ali em 2008.

Com suas irmãs Maria, Hane, Judith e várias amigas, Celina continua coordenando o Terço da Amizade, um grupo que começou com sua irmã Geny, que reza e cultiva a amizade. Com seu marido, faz parte do Ministério de Leitores da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar.

Todos os anos, coordena a reunião da Família Sade, um almoço de confraternização.

O casal José e Nida deu origem a uma grande família: 09 filhos e seus consortes, 34 netos e seus consortes, 46 bisnetos e seus consortes; e 03 trinetos, num total de 137 membros.

Roberto Chala Sade e Celina Sade de Paiva

Família José Hallack

José Hallack era irmão de Antônio João Hallack, o Tonos, e Elias Hallack. Nasceram em Yabroud, na Síria. Vieram para o Brasil, também em busca de novos e promissores horizontes. Todos os três fixaram residência e comércio em São João del-Rei. Falemos um pouco da família:

Antônio Hallack, inicialmente, foi sócio de José Jorge Taier na “Casa Chic”. Depois, deixou a sociedade e criou o seu próprio comércio: “Casa Nova”. Assim que a loja começou a funcionar, trouxe, da Síria, sua esposa Habissa Dunia Cury e sua filha, Raja.

Elias Hallack, por sua vez, era proprietário da Casa das Meias. Casou-se com Adelia Sade, irmã de José Chala Sade.

José Hallack, o terceiro dos irmãos, era casado com Maria Naem Haddad, sogros de José Jorge Taier.

Do casamento de José Hallack e Maria, vieram os filhos: Antônia Conceição Hallack e Antônio José Hallack (que foram os sucessores do pai e tio na loja “A Fortaleza”), e ainda Adélia, Julieta e Ana, que se casou com José Jorge Taier.



Antônia Hallack

Miguel era casado com D. Júlia Ferreira, filha de João Pedro Ferreira, também árabe, e irmã de Assad, Naib, Jorge, Antônio e Alzira Ferreira.

Maria N. Haddad era irmã de Ata, Frangia, Miguel e João. Este último era proprietário da loja “A Fortaleza”, juntamente com o cunhado José Hallack.

Jorge José Taier



Irmãos Frangie, João, Maria e seu filho Antonio João Hallak

Família José Ibrahim El-Corab

El-Corab vem de “El-Horeb”. Trata-se do monte Horeb, onde, segundo a Bíblia (Dt 4,10-15), Deus ditou a Moisés os mandamentos para o povo de Israel.

E os El-Corab daqui da região das Vertentes? Eles são uma árvore de muitos ramos, devido ao costume árabe de se colocar o primeiro nome do pai após o nome próprio de cada filho, seguido depois pelo sobrenome. Por causa disso, muitos desses nomes aqui no Brasil transformaram-se em sobrenomes.

Por exemplo, aqui Kanaan virou sobrenome. O mesmo ocorreu com Isaac, Salomão e muitos outros, que não contestaram na época do registro dos filhos e porque não falavam nada em português.

Os El-Corab chegaram ao Brasil na transição do século XIX para o XX (1899, 1900 e 1905). Um dos primeiros a sediar-se em São João del-Rei foi Youssef (José) Kanaan El-Corab, portanto um dos pais fundadores dos Kanaan.

Mais tarde, aportou outro fundador da família, Ibrahim Isaac El-corab, junto com seus irmãos, Tobias Isaac El-Corab e Elias Isaac El-Corab, deixando ainda no Líbano outros irmãos: César Isaac El-Corab, Rafa Isaac El-Corab, Jacob Isaac El-Corab, entre outros.

Entre 1910 e 1920 eles emigraram do Líbano, vindo da cidade de Halet, distrito de Byblos (Jbeil). Estabeleceram-se na cidade de Patrocínio, no Triângulo Mineiro. Mais tarde, por volta de 1939, fixaram-se em São João del-Rei, que na época era considerada a “Princesinha do Oeste”. Aqui eles prosperaram, tecendo uma ampla rede econômica (transportadora, posto de gasolina, padaria, cerealista, armazém, hotel, pedreira, bares).

Ao emigrar do Líbano em busca de melhores dias, Ibrahim Isaac El-Corab deixou lá quatro filhos de seu casamento com Rima Nacif El-Hachem: Youssef Ibrahim El-Corab (José Abraão, como era conhecido em São João del-Rei), Licher Ibrahim El-Corab, Sadya Ibrahim El-Corab e Chamel Ibrahim El-Corab. Do segundo casamento, com May Absaf, teve os filhos: Antenor e Clemence. Rima Nacif El-Hachem faleceu no Líbano, quando Chamel nasceu. O pequeno



Da esquerda para a direita: Latifha, Licher, Yussef Ibrahim, Mona, Ghassan, Antenor, May, Ibrahim Isaac e Ibrahim Antenor

Chemel foi, então, levado para um orfanato, por causa da guerra. Nunca mais tiveram notícias dele.

Yussef, quando ainda estava no Líbano, por ser o irmão mais velho, junto com a madrasta May sustentou a família com a venda de produtos agrícolas (pepinos, principalmente). Tinham muitas terras e, com as plantações, comercializava em Beirute, capital do Líbano. Ele resolveu vir para o Brasil buscar o pai, Ibrahim Isaac El-Corab. Ele ficara no Brasil, em Patrocínio (MG). Por causa da guerra, não tinha conseguido voltar.

No dia 05 de novembro de 1935, aportou no Brasil, após 22 dias de viagem de navio, viagem também sacrificada, o jovem Joseph Ibrahim El-Corab (nascido em 20 de dezembro de 1918), de 27 anos. Vinha da cidade de Halet, onde nascera, no Líbano. Chegou ao Brasil sabendo conversar em árabe e francês, porém nada em português!

Veio a guerra e a viagem de volta foi adiada. O jovem teve que se estabelecer no Brasil, não podendo voltar ao Líbano. Somente



Da esquerda para a direita: Clemence, Licher e Antenor

voltou em 1962, para rever a família. Aqui ele fixou seu comércio e se casou com uma também descendente de libaneses: sua prima Isarina Kanaan. Tiveram 14 filhos:

Ibrahim José El-Corab (falecido), casado com Maria Helena Barros Prado El-Corab. Filhos: Patrícia (divorciada). Seus filhos: Otávio Augusto, Luiz Ricardo, Sarah (solteiros); João Francisco, casado com Márcia. Seus filhos: Ana Laura, Alice, João Ibrahim (solteiros).

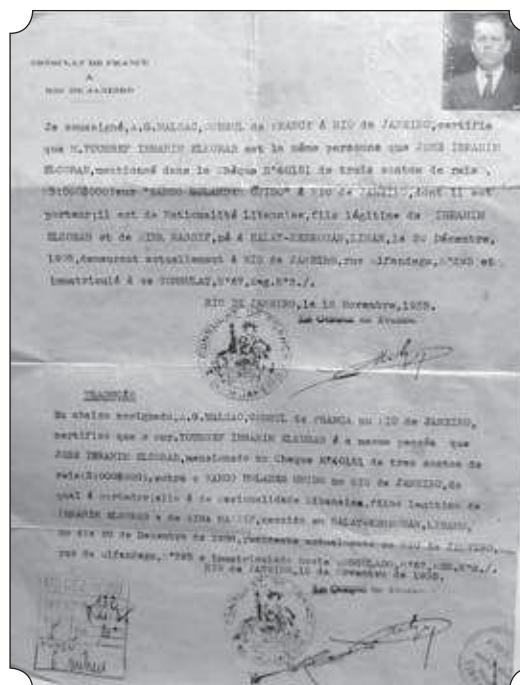
Elizabeth José El-Corab Trotta, casado com Helvécio de Góes Trotta. Seus filhos: Viviane, casada com José Renato (filhos: Marina e Vitória); Herbert (solteiro). Karina, casada com Cláudio (filhos: Thiago e Maria Eduarda).

Leila José El-Corab, solteira.

Raimundo José El-Corab, solteiro.



O passaporte de José Ibrahim El-Corab



Documento de José Ibrahim El-Corab

José Ibrahim El-Corab Filho, casado com Marlene Silva. Filhos: Maysa, casada com Leonardo. Filhos: Maria Luiza. Fernanda, casada com André. Filhos: Isadora.

Francisca José El-Corab, casada com Olavo Chitarra. Filhos: Deborah, casada com Rodrigo. Filhos: Henrique. Alexandra, casada com João Francisco. Filhos: Eduardo, Cecilia. Letícia, casada com Erick. Filha: Beatriz.

Roseleine José El-Corab, casada com Paulo Sérgio Rodrigues. Filhos: Wladmir, casado com Eny. Filhos: Rafael. Vitor, casado com Katia e Paula, solteira.

Jorge José El-Corab, divorciado. Filhos: Raphael e Samuel, solteiros.

William José El-Corab, casado com Mercês Terezinha Aziz El-Corab. Filhos: Felipe Ibrahim, casado com Thalita. Lucas, casado com Thais e Mônica, solteira.

Angela Maria El-Corab, casada com Luiz Artur Fiche de Carvalho. Filhas: Carollyne e Gabriela, solteiras.

Marcelo José El-Corab, casado com Marise de Castro Teixeira. Filhos: Marcella, solteira. Vinicius, casado com Priscilla. Filhos: Júlia e José Ibrahim, solteiro.

Fernando José El-Corab, casado com Rita de Cássia Lara de Oliveira. Filhos: Pedro Augusto, Emanuel e Matheus, solteiros.

Charles El-Corab, casado com Maria do Pilar D'angelo Martins. Filha: Mariana, casada com Marcos. Filho: Dante.

Soraya El-Corab, casada com Otávio Henrique Veiga Esteves. Filhos: Gabriel, Bruno e Isabela, solteiros.

José Ibrahim El-Corab também comprou, junto com seu pai, uma padaria. Chamava-se “Padaria Brasil”. Além disso, comprou um prédio na rua Paulo Freitas, onde montou a “Cerealista São José”, que existe até os dias de hoje, mantida pelos filhos.

Foi também presidente da União Sírio-Líbanesa nos tempos áureos!

Ângela Maria El-Corab Fiche



Da esquerda para a direita: Ibrahim Antenor El-Corab, Richard Antenor El-Corab, Antenor Ibrahim El-Corab (irmão de José Ibrahim El-Corab), Ghassan Antenor El-Corab. As crianças, da esquerda para a direita: Réa Ibrahim El-Corab, Antony Ibrahim El-Corab e Charbel Richard El-Corab (primos e tio)



Yussef e sua esposa Isarina Kanaan



Yussef, Isarina e filhos: Elizabeth, José Ibrahim Filho,
Leila, Raimundo e Ibrahim José El-Corab



Em pé, da esquerda para a direita: Jorge, Roseleine, José Ibrahim Filho,
Leila, Raimundo, Francisca, Elizabeth, William e Ibrahim José



Da esquerda para a direita, em pé: William, Fernando, Marcelo, Raimundo, José Ibrahim (Zezinho), Charles. Assentados: Roseleine, Francisca, Soraya, Isarina, José Ibrahim, Elizabeth, Leila e Angela



Familiares de José Ibrahim e Isarina



José Ibrahim e Isarina



Isarina El-Corab, 100 anos, ao redor de seus filhos

Família Kanaan El-Corab

O Líbano foi cenário de um casamento que aconteceu há muito tempo. Kanaan Merry El-Corab se casava com Rosa Kanaan El-Corab. Dessa união entre os dois, nasceram os filhos, que receberam os seguintes nomes: José Kanaan, João Kanaan, Raimundo Kanaan, Pedro Kanaan, Hushalla Kanaan. Todos nasceram no Líbano.

Os filhos foram crescendo e atingindo a maturidade. Veio também a urgência da emigração. Já no Brasil, João Kanaan casou-se com Ketima. Tiveram 3 filhos, nascidos em terra brasileira.

Hushalla Kanaan, no Líbano, casou-se com Zerriza e tiveram três filhos: Alida, Libéria e Zarria. Todos libaneses.

José Kanaan, também no Líbano, casou-se com Francisca Arsenios Kmaid Kanaan. Tiveram os filhos: Jorge Kanaan, que nasceu na cidade de Fariassim (Líbano), e os seguintes, que nasceram no Brasil: Rosa Kanaan (falecida), Nair Kanaan (falecida), José Kanaan (falecido).

A família continuou se expandindo. Lenira Kanaan casou-se com Benedito Oliveira. Tiveram os filhos: Dulcileá, Rosa, José Kanaan e Dayse. Por sua vez, Norberto Kanaan desposou Elza de Goes. Rui Kanaan se casou com Oriette Isaac Kanaan, que era sua prima. Os dois tiveram os seguintes filhos: Eliana, Elias, Márcia, Miriam. Netos: Alexandre, Micheline, Guilherme, Matheus.

Isarina Kanaan casou-se com seu primo José Ibrahim El-Corab. Dessa união, nasceram os filhos: Ibrahim José, Elizabeth José, José Ibrahim, Leila José, Raimundo José, Francisca José, Roseleine José, Jorge José, William José, Angela Maria, Marcelo José, Fernando José, Charles El-Corab, Soraya El-Corab. É interessante perceber a presença do nome “José” nos nomes dos filhos. Isso se deve a uma tradição árabe de se colocar no segundo nome do filho o primeiro nome do pai.

Ainda há os netos: Patrícia, João Francisco, Helbeth, Viviane, Karina, Maysa, Fernanda, Deborah, Alexandra, Letícia, Vladimir, Vítor, Paula, Raphael, Samuel, Felipe, Lucas, Mônica, Carollyne, Gabriela, Marcella, Vinicius, José Ibrahim, Pedro, Emanuel, Matheus, Mariana, Gabriel, Bruno, Isabela.

Netos geram bisnetos. Eis os bisnetos: Otávio Augusto, Luiz Ricardo, Ana Laura, João Ibrahim, Alice, Thiago, Maria Eduarda, Ma-

rina, Vitória, Maria Luiza, Isadora, Henrique, Eduardo, Cecília, Beatriz, Júlia e Bernardo.

Ângela Maria El-Corab Fiche



José Kannan El-Corab e Francisca Arsenios Kmaid



José Kanaan, Francisca e Filhos

Família Mansur

João Mansur nasceu em 18 de março de 1896, na cidade de Hasbaya el Maten, no Líbano. Viveu boa parte de sua vida no Brasil e, nesse país, terminou a sua jornada terrena. No dia 19 de outubro de 1959, em São João del-Rei, João Mansur faleceu.

No Líbano, Mansur é prenome, e não sobrenome. Quem diz isso é Gilberto A. Mansur, filho de João Mansur: “O que eu deduzi é que o papai chegou ao Brasil com o nome de Hana Mansur el Dib Mechelany. A tradução de Hana é João e Mansur era o prenome do pai dele, que o passou para ele. Penso que ele, sabiamente, resolveu simplificar passando a ser João Mansur e criando, a partir disso, uma ‘nova’ família com sobrenome/nome.”

João Mansur foi proprietário de um açougue de carne de porco e também da fábrica de banha “Sanitas”, localizados na rua Paulo Freitas, em São João del-Rei. Também foi sócio do sr. Zacharias El Corab em uma leiteria e sorveteria localizadas no prédio onde atualmente funciona o banco Bradesco aqui em São João del-Rei.

João se casou com Adélia Alípio Mansur. Era era natural da cidade de Oliveira (MG), onde nasceu em 19 de dezembro de 1903. Os pais de Adélia, José Pedro Alípio e Genoveva Alípio, vieram do Líbano. Primeiro o pai e, muitos anos depois, a mãe. Tiveram outras filhas. Voltaram ao Líbano por algum tempo. Já no final da vida, Genoveva esqueceu o português e só falava árabe. Adélia chegou a morar no Líbano dos 4 aos 9 anos com os pais. Faleceu em São João del-Rei, no dia 31 de janeiro de 1981.

Uma curiosidade: João Mansur foi proprietário de um dos primeiros automóveis de São João del-Rei. Filhos de João Mansur e Adélia Mansur:

1. Emílio Alípio Mansur

Nascido em 10 de maio de 1923 e falecido em 26 de outubro de 1987, em São João del-Rei. Médico radiologista. Casado com Maria de Lourdes Ferreira Mansur, nascida em 18 de fevereiro de 1919 e falecida em 21 de maio de 1996. Professora e dona de casa. Filhos de Emílio e Maria de Lourdes:



Casamento de
João Mansur e Adélia



João Mansur com o irmão
Abdo e sua filha Vitória



Com os filhos, exceto Ronaldo



Os quatro filhos mais velhos

- a) Maria de Lourdes Mansur de Godoy, professora aposentada da UFSJ. Marido: Rogério Carvalho de Godoy, geofísico, professor aposentado da UFSJ, ceramista.
- b) Regina Lúcia Mansur de Sena Vale, professora aposentada. Marido: Francisco Carlos Sena Vale, funcionário aposentado da UFSJ.
- c) Emílio Alípio Mansur Filho, empresário do setor energético (energia solar). Esposa: Teresa Lacerda Mansur.



Vovó Genoveva e Lourdinha



João Mansur jogando bocha



João Mansur e Adélia

2. Anésia Mansur Assad

Nascida em 19 de outubro de 1924. Viúva de Maurício Assad comerciante. Filhos de Anésia e Maurício:

- a) Maria Teresa Mansur Assad.

3. Valdete Mansur Simões Coelho

Nascida em 21 de janeiro de 1929. Foi interna no Colégio Santa Isabel, em Petrópolis, onde fez o curso Clássico. Foi, possivelmente, a primeira mulher a dirigir automóveis em São João del-Rei (primeira habilitação em 1948). Viúva de Adenor Simões Coelho, jornalista. Filhos de Valdete e Adenor:

- a) Ana Maria Simões Coelho, professora do instituto de geociências da UFMG. Ex-marido: Mike Dillinger.
- b) Míriam Lúcia Simões Coelho Wiley, jornalista, falecida. Viúva: Bruce Wiley.
- c) Marco Túlio Simões Coelho, engenheiro agrônomo, Analista ambiental do Ibama. Esposa: Soraya Alves Pereira, psicóloga.
- d) Paula Valéria Simões Coelho, psicóloga

4. Maria Carmen Mansur Saadallah

Nascida em 10 de junho de 1934 e falecida em 15 de fevereiro de 2006. Professora. Casada com Abdo Saadallah, empresário atacadista do setor alimentício em Belo Horizonte, falecido.

Abdo Saadallah veio para o Brasil com 18 anos. Era sobrinho de Antônio Saadallah, casado com Alda Alípio (irmã de Adélia), residente em São João del-Rei, onde era proprietário de armazém. Filhos de Maria Carmen e Abdo:

- a) André Mansur Saadallah, professor. Ex-esposa Verônica Farias de Oliveira.
- b) Márcia Mansur Saadallah, professora do curso de Psicologia da PUC-MG.
- c) Adriana Mansur Saadallah, professora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, MG. Marido: Miguel Renato de Almeida, professor.

5. Anjoul (Lenita) Mansur Alves

Nascida em 20 de julho de 1926. Falecida em 10 de maio de 2016. Casada com Francisco José Esteves Alves, nascido em São João

del-Rei, no dia 09 de março de 1924. Falecido. Por erro do cartório, foi retirado o nome 'Lenita' da certidão de casamento, ficando apenas Anjoul Mansur Alves. Filhos de Lenita e Francisco:

- a) Arnaldo Mansur Alves. Bancário, aposentado, esposa: Ângela Maria de Freitas Alves.
- b) Maria Carmen Mansur Alves. Ex-marido: José Dinalli do Nascimento.
- c) Maria Eunice Mansur Alves. Funcionária da EMATER, aposentada. Marido: Márcio Luiz Damaso.
- d) Sônia Maria Mansur Alves.
- e) Ângela Mansur Alves, Empresária, falecida. Ex-marido: Domingos Sávio Jaques.
- f) Lenita Maria Mansur Alves. Bancária, aposentada.

6. Zoé Mansur Simões

Nascida em 26 de outubro de 1938. Viúva de Romeu José Simões, comerciante e funcionário do Ministério das Minas e Energia. Filhos de Zoé e Romeu:

- a) Cláudia Simões Coelho Campos, jornalista. Marido: Miguel Marcellino de Campos, engenheiro mecânico.
- b) Fernando Simões Coelho, licenciado em letras, professor. Viúvo de Jaqueline de Freitas, pedagoga e professora.
- c) Raquel Simões Coelho, enfermeira da Secretaria de Saúde.
- d) Marcelo Simões Coelho, médico. Casado com Ana Paula Silveira Lopes, médica.
- e) Luciana Simões Coelho, jornalista. Marido: Alessandro Carvalho, jornalista e fotógrafo.
- f) Romeu Simões Coelho, empresário. Viúvo de Kriscia Campos Pires.

7. Gilberto Alípio Mansur

Jornalista e escritor. Ex-mulher: Vivina de Assis Viana, escritora. Filhos de Gilberto e Vivina:

- a) Mariana Viana Mansur, jornalista e publicitária, faz trabalho voluntário em hospitais com crianças com câncer. Marido: Fábio Farah, jornalista e escritor.
- b) Bernardo Mansur, administrador, trabalha com recursos humanos.
- c) Fabiano Viana Mansur, administrador de empresa, empresário na área financeira. Esposa: Mariana Nascimento.

8. Ronaldo Alípio Mansur

Professor do departamento de Física da UFMG, falecido. Viúva: Maria de Lourdes Lages Mansur. Filhos de Ronaldo e Maria de Lourdes:

- a) Flávia Lages Mansur, arquiteta, casada com Alexandre Bragança de Matos, arquiteto.
- b) Letícia Lages Mansur, arquiteta, casada com Antônio Carlos Valdetaro Pierre, empresário.
- c) Alexandre Lages Mansur, administrador de empresa, casado com Helga Meireles Medeiros.

Família Mansur



Passeio de carro na Pampulha
em Belo Horizonte (MG)



Recibo da compra
de um ford modelo A1929



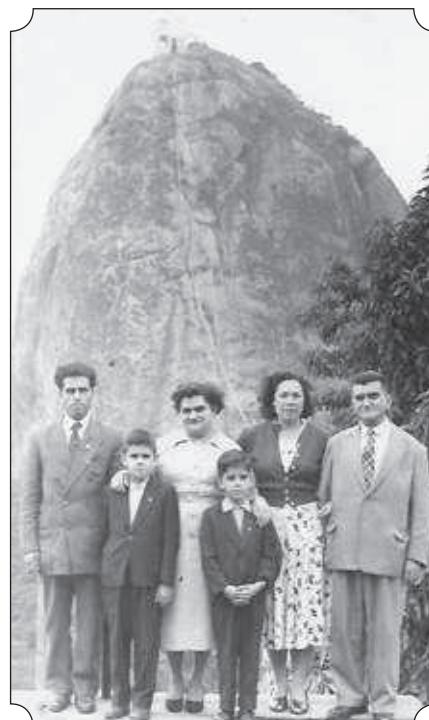
Visitando Lenita e Valdete em Petrópolis (RJ)



Piquenique: o programa dos fins de semana



João Mansur
com Adélia e a filha



Adélia com Aziz Alípio, Rosa,
Gilberto e Ronaldo.
Pão de Açúcar, Rio de Janeiro



João Mansur, setembro 1920



João Mansur



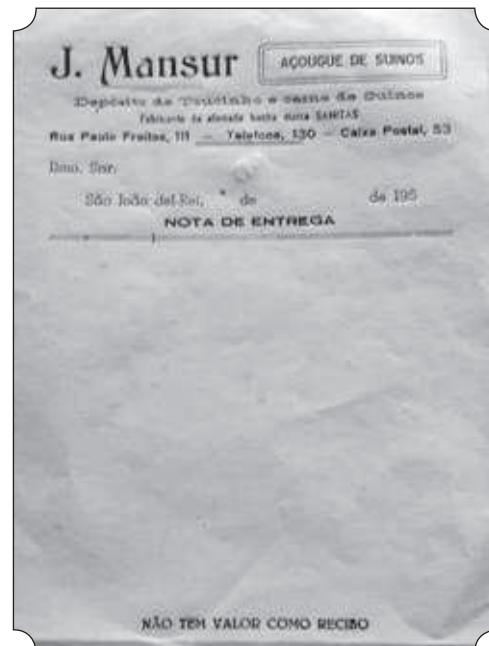
João Mansur e seus netos



João Mansur



Produtos da leiteria



Nota de entrega do açougue

Família Messias Bittar

Jorge Turco... Papai Jorge... Muitos eram os seus nomes... e em muitos lugares se tornou amigo de todos. Generoso e destemido, defendia sempre os mais necessitados. E foi com muita dedicação que ele virou orgulho para todos nós. Os netos têm uma frase interessante quando contam a história dele, repleta de coragem, otimismo e aventuras: "Vovô??? Jamais! Fazia questão de ser chamado de "Papai Jorge".

Nasceu, certamente, no Líbano, numa cidade praieira chamada Isgharta. Fica localizada a mais ou menos 12 km de Beirute. Avaliamos o nascimento de papai Jorge em 1855. Muito jovem ainda, soube que seus parentes vieram para o Brasil. Logo arranjou um navio repleto de patrícios, sem documentos. Eram refugiados e imigrantes. Temerosos da epidemia da Febre Espanhola e também para fugir da guerra, chegaram ao Brasil por volta de 1902. Nessa viagem no navio, fez uma tatuagem, cobrindo toda a parte externa da mão direita. Era muito azul: uma âncora, uma espada e uma cruz. Simbolizava a Fé, a Esperança e a Caridade.

Não temos registros de como foi a sua chegada ao Brasil. Mas que chegou... chegou! Foi para Barroso. Casou-se com Maria Fraga, filha do Sr. Elias Patrício com uma índia. Tiveram dois filhos: Marieta e Paulo.

Fato curioso: o sobrenome de Marieta (Miêta) é Messias, nasceu em 1909. Paulo nasceu em 1911 e o seu sobrenome é Bittar. Isso nos leva a crer que o fato de ser "Pai" de um "Homem" o emocionou.

Enquanto os filhos cresciam, Papai Jorge mascateava. Vendia e negociava de tudo. Viajava com seu burro. Lá ia Papai Jorge, firme no lombo do burro, com os embornais lotados de mercadoria. Não demorou muito, já possuía uma tropa considerável de animais, que emprestava com orgulho para quem dela necessitava. Por causa dessas andanças, dizia conhecer mais de quarenta lugarejos.

Nosso papai Jorge, corajoso e destemido, tinha uma especial amizade por Bias Fortes. Defendia-o e era poderoso em angariar votos e o eleger. Adiantava a idade dos filhos para que eles já fossem eleitores.

Soubemos, mais tarde, depois de adultos, que Maria Fraga teve uma possível demência e teve outros filhos, Teobaldo e Adelaida. Soubemos ainda que ela recebeu a visita de seus filhos Paulo e Marieta com a família. Marieta via nos irmãos os filhos que nunca gerou. Seu noivo Mazinho falecera antes de se casarem.

Não sabemos o porquê, mas Papai Jorge levou Marieta e Paulo para “Curral Novo”, onde conheceu Augusta, moça inteligente e proprietária de um comércio muito sortido. Com ela, teve duas filhas: Josefina (a “Zizica”) e Alice (a “Cicinha”). Cresceram os quatro filhos juntos. Frequentaram bons colégios, “Liceu”, e as duas mais novas se formaram normalistas, mesmo com frequentes mudanças. Marieta se tornou costureira famosa. Sua clientela era da alta sociedade, assim como as noivas mais requintadas.

Quando Augusta, “Vovó Duta”, faleceu, em 1948, deixou a família muito triste. Precisou ficar internada na Santa Casa da Misericórdia de São João del-Rei. Sofreu bastante. Foi sepultada em São Tiago.

Josefina (Zizica) se casou com Raul de Oliveira, de família de fazendeiros afortunados e bem sucedidos da região de São Tiago. Tiveram sete filhos: Antonia Vilma, Miriam, Geraldo, Ariane, Maria Lúcia, Jorge e Maria Auxiliadora.

Zizica morava na Fazenda do Retiro. Ficava entre São Tiago e Bom Sucesso. As crianças moravam com a Cicinha e a Miêta residia na casa da loja – “Casa Sibéria” – para estudarem. Durante todas as férias, íamos todos os primos para a fazenda. Guardamos as melhores impressões da infância.

Alice, muito graciosa e evoluída para sua época, noivou cinco vezes. Nunca se casou. Empresária e empreendedora, acumulou bens.

Em Crucilândia, numa fazenda, Papai Jorge conheceu Geraldina, filha de José Fernandes Vilaça e órfã de mãe. Logo se casaram. Não tiveram filhos. Mas com a chegada dos netos, sua casa era uma alegria só. Cantava e dançava ao som de um velho gramofone suas músicas árabes. Estava sempre muito bem vestido. Terno completo, com colete, chapéu de lebre combinando com a cor dos sapatos. No bolso do colete, uma grossa corrente de ouro. Além disso, trazia na ponta da calça um pesado relógio de abrir em duas partes.

Papai Jorge e Geralda adotaram uma menina, Vilminha, cuja mãe, Cacilda, parenta dos Vilaça, havia falecido. Hoje, Vilminha reside em Boa Esperança com sua família.

Papai Jorge cantava de pé, versos da Bíblia, sempre de trás para frente. Balançando-se para frente e para trás. O rosário também era seu preferido. Lia a coleção inteira das “Mil e uma noites”. Tudo em árabe, pois não sabia escrever o próprio nome. Nessa época, tinha uma linda loja muito bem estocada, em Crucilândia – “Bazar do Povo”. Na loja, os fregueses podiam encontrar muitos tecidos, como, casemiras, brins, sedas, voal e até crepe da China.

Paulo se casou com Luíza, filha de imigrantes italianos da família Lombello e Canavez. Tiveram oito filhos: Vera, Paulo, Jorge, José, Dora, Berta, Fábio e Luiza Valéria.

Paulo, com uma caligrafia invejável, gostava de escrever cartas e lia bastante. Fato é que o meu nome “Vera Maria” foi sugestão de um romance: “Sangue de Tigre”. Paulo e sua família moraram por alguns anos em Crucilândia. Depois, mudaram-se para Rio do Peixe. Retornaram para São João del-Rei, em 1953. Logo, nasceu Berta; em seguida, Fábio e Valéria.

Nossa família se revelou como negociantes genuínos. Três lojas e todos aqui em São João del-Rei. Papai Jorge morou na praça Dr. Salatiel e depois, na rua José Zarum, onde viveu até o seu falecimento.

Nas festas de final de ano, um ritual era sagrado. Ele criava um carneiro e o abatia. Reuníamos para comer e festejar. Participavam também seus amigos patrícios: Calil e Onório Elias, que vinham do Curral Novo.

Não tiveram filhos, mas tiveram netos. Além disso, nossas tias eram atrizes, escritoras, leitoras e fizeram muitas viagens juntas, que nos renderam famosas crônicas.

Por fim, mais estes dados: Marieta nasceu em Barroso, no ano de 1909. Faleceu em São João del-Rei. Paulo nasceu em Barroso, no dia 05 de dezembro de 1911. Faleceu em São João del-Rei, em 22 de novembro de 2011. Josefina nasceu em Curral Novo e faleceu em Bom Sucesso. Alice nasceu em Curral Novo, em 26 de junho de 1921. Faleceu em São João del-Rei, no dia 03 de novembro de 2017.

Vera Maria Bittar Oliveira



Alice, conhecida por Cicinha,
filha de Augusta e Jorge



Dona Augusta, segunda
esposa de papai Jorge



Alice, Geralda, Jorge e Paulo na
frente da loja “Bazar do Povo”



Paulo, Luisa e filhos



Jorge e esposa Geralda



Jorge sua filha adotiva Vilminha



Josefina, a irmã Alice e seus quatro filhos



Josefina e Raul, 1964



Luiza, esposa de Paulo



Marieta, irmã de Paulo
(filhos de papai Jorge)



Papai Jorge

Família Miguel Haddad

São João del-Rei já teve a maior loja de calçados, tanto da cidade quanto da região. Várias pessoas de diversos lugares mantinham a freguesia nela. A loja ficava na esquina da rua Marechal Deodoro com a rua Arthur Bernardes. Bem no centro da cidade: “A Feira dos Calçados”!

O estabelecimento funcionava no edifício construído pelos fundadores e proprietários da loja: Miguel Haddad e Julieta Haddad.

Do casamento deles, nasceram os filhos: Antônio Haddad, José, João Miguel e Maria do Carmo. Mais uma família a abrilhantar o movimento comercial de São João del-Rei!

Jorge José Taier



Atta Haddad, em pé, à esquerda,
e o irmão Miguel Haddad, em pé, à direita



Edifício da Feira dos Calçados, de Miguel Haddad



Miguel Haddad

Família Moysés Jabour Hallak e Málaque Arbex Hallak



O casal Jabour Hallak e Mariam Hallak morava em Yabroud, na Síria. Os dois formaram uma família de 6 filhos: Moysés, Georges, Nicolau, Abdo, Michael e Jamile. Embora o casal tenha permanecido na Síria, todos seus filhos vieram para o Brasil.

Moysés Jabour Hallak nasceu em 18 de fevereiro de 1879, na cidade de Yabroud, na Síria. Em 1910, juntamente com sua esposa Málaque.¹ Uma vez no Brasil, o casal foi morar em Macuco, localidade próxima a São João del-Rei. Ali, Moysés Jabour Hallak iniciou seu trabalho como mascate. Ser mascate era um ofício bastante árduo, também pouco gratificante. O que ganhava não compensava, de maneira justa, o sacrifício dos muitos deslocamentos, carregando peso, enfrentando sol quente ou chuva. Além disso, não rendia os ganhos suficientes para o casal se manter. Para se ter uma ideia, Moysés correu risco de morrer em suas viagens. Havia assaltantes nas es-

1 – Jabour Hallak e Mariam Hallak são os pais de Moysés Jabour Hallak e Aboud Arbex e Toli Saad Arbex são os de Málaque Arbex Hallak.



Moysés Jabour Hallak



Mariquinhas

tradas. Era um trabalho arriscado. Durante o tempo em que Moysés mascateou, o casal passou por muitas necessidades. Málaque teve até que vender o seu vestido de noiva para ajudar nas despesas da casa. Tempos muito difíceis.

Mais tarde, o casal se mudou para a cidade de Palmira, hoje Santos Dumont, possuíam uma pequena loja de tecidos.

A situação melhorou e, em 1923, Moysés e Málaque fizeram um passeio à Síria com os filhos João, Tuffy, Chafy e Acíbio. Viagem de 30 dias no mar! Em 1924, ainda na Síria, nasceu a primeira filha deles, Maria.

Depois de dois anos na Síria, a família voltou para o Brasil, em 1925. Estabeleceram-se em Juiz de Fora, continuando no comércio de tecidos. A atividade comercial sempre foi a marca registrada da família. Em Juiz de Fora, MG, Moysés abriu a loja “Casa Linda”. Nessa mesma cidade, nasceram as filhas Ana, Linda e Alice.

Todos os filhos aprenderam a língua árabe.

Em 1938, após enchente ocorrida em Juiz de Fora, atingindo a Casa Linda, a família se mudou para São João del-Rei em definitivo. João e Chafy compraram um estabelecimento comercial e inauguraram uma grande loja de tecidos: “Casa Victória”, para que todos os

irmãos pudessem trabalhar no mesmo estabelecimento. Isso facilitou a vinda da família de Moysés e Málaque para São João del-Rei.

Málaque passou a ser conhecida por Mariquinhas. Era filha de Aboud Arbex e Toli Saad Arbex. Morreu aos 48 anos de idade, no dia 03 de agosto de 1943, em São João del-Rei.

Moysés era um homem muito voltado para a família. Gostava de reuniões em casa e participava de comemorações junto a outras famílias. Era um perfeito anfitrião. Quando recebia em sua casa alguma visita, quer da família ou de algum amigo, só com o olhar as filhas entendiam que era para oferecer às visitas um cafezinho com biscoitinhos ou outros quitutes. A visita não poderia sair de lá sem um cafezinho ou o que fosse. Isso é bem próprio dos sírios.

Uma vez, em sua residência, Moysés, seus familiares e patrícios receberam um bispo que veio diretamente da Síria.

Moysés ficou viúvo muito novo, com filhas ainda pequenas. Mas nada abalou sua fé. Era muito católico, frequentava a missa diariamente. Sua figura era física, chapéu e guarda-chuva eram indispensáveis. Gostava muito de ir ao Mosteiro São José, localizado na rua Padre José Maria Xavier, a tradicional Rua da Prata.



Casa Victória

Em 1946, a família abre a fábrica de tecidos “Fiação e Tecelagem São João Ltda.” com os acionistas: Tancredo Neves, João Hallak e Eduardo Ávila. Paralelamente ao funcionamento da fábrica São João, a família Hallak decidiu fazer um novo empreendimento: a “Fábrica de Tecidos Moysés”. Além dessas duas, a família teve outras fábricas: “Cotonifício Chagas Dória”, que ficava no bairro de Matosinhos, em frente à estação do trem, e a “Fiação e Tecelagem Dom Bosco”.

Nas quartas-feiras de cinza, após a missa, pegava cinza benta, colocava num pedaço de papel de pão e levava para casa, a fim passá-la na testa de todos os familiares que fossem à sua casa, além dos que lá moravam.

Em comemoração aos seus 96 anos de idade, em 18 de fevereiro de 1975, houve uma missa em sua casa, com a participação de seus familiares.



Residia à Rua Hermilo Alves, nº 126, casa ao lado da Escola Estadual “João dos Santos”. Moysés, em determinadas horas, ficava assentado em uma cadeira bem em frente à porta principal de sua casa, que permanecia aberta enquanto fumava o narguilé. Todos o conheciam pelas suas características peculiares.

Moysés faleceu aos 96 anos, no dia 23 de fevereiro de 1975.

Até a data de dezembro de 2019 foi registrado a seguinte descendência de Moysés e Mariquinhas: 8 filhos, 37 netos, 83 bisnetos e 50 pentanetos.

Alice Moysés Hallak



Narguillé



Moysés e seu narguillé



Málaque, à esquerda,
com uma amiga em Juiz de Fora



Moysés, as filhas Maria, Ana
(com o filho Eduardo no colo),
Linda e o sobrinho Naby



Moysés com os filhos, filhas, noras, genros e netos



Residência de Moysés e Mariquinhas

Família Acíbio Moysés Hallak e Dalila Gattás Hallak

O ano é 1910! Na cidade de Yabroud na Síria, Moysés Jabour Hallack e Málaque Arbex Hallak, conhecida como Mariquinhas, se casaram e vieram para o Brasil, formando uma família de 8 filhos. Em 28 de novembro de 1919, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, nasce Acíbio.



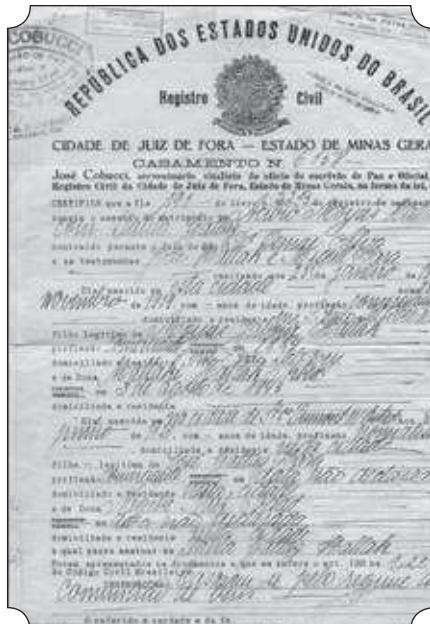
Acíbio



Dalila

No mesmo ano de 1910, José Gattás Bara e Nagibe Haddad Bara, também de Yabroud, se casam e vêm para o Brasil no ano de 1911, formando uma família de 12 filhos; fixando residência em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Em 1920, residindo em Santos Dumont ainda, no dia 8 de junho, nasce Dalila. Acíbio e Dalila teceram sua história fascinante, bordada com os fios do amor, da paixão, da coragem e da fé, iniciada



Certidão de casamento



Casamento de Acíbio e Dalila

no dia 25 de janeiro de 1945, na Catedral de Juiz de Fora. Após o casamento, fixaram residência em São João del-Rei, MG.

Essa linda história durou 62 anos, sempre um se apoiando no outro, enfrentando os desafios e celebrando a vida com alegria, momentos inesquecíveis juntos da família e dos amigos. As festas eram realizadas em grande estilo. Os discursos não podiam faltar. Acíbio fazia questão de transmitir uma mensagem, enfatizando o valor da família e dos amigos.

Todos os aniversários de casamento foram comemorados. A data marcante foi em 2005, quando celebraram as Bodas de Diamante, 60 anos de união. Nesta ocasião, numa fala meiga e carregada de paixão, Dalila confirma seu amor incondicional a Acíbio.

Determinada, sensível, Dalila era mulher de fibra, de personalidade forte e de grande sabedoria em todas as circunstâncias, quer como esposa, quer como mãe, ou amiga. Sua presença era notada, pois atuava na comunidade são-joanense em vários segmentos.

Acíbio, era pura ternura, espelhava alegria e muito amor, e dizia sempre que “o sorriso embeleza a alma e alegra o coração”.

Constituíram uma família de 8 filhos, 13 netos e 6 bisnetos.



Bodas de Diamante de Acíbio e Dalila

A chegada de cada membro da família era celebrada com muita alegria, agradecendo sempre a Deus por tão incomensurável bênção. A formação da família teve em Acíbio e Dalila os grandes exemplos de trabalho, honestidade, companheirismo, amizade, fidelidade aos valores imutáveis e presença constante de Deus.

Diziam eles que “o sucesso só acontece quando se é capaz de reconhecer as falhas e de recomeçar no amor”. Forma de imortalidade, a família aprende a ver o mundo pela magia do exemplo. Acíbio e Dalila foram uns dos fundadores do Movimento Familiar Cristão de São João del-Rei, atuando como palestrantes em Cursos de Noivos e Encontro de Casais, testemunhando e reafirmando a fé cristã.

Na Feira da Paz, Acíbio e Dalila trabalhavam na Barraca Árabe. Vestidos a caráter, vendiam pratos típicos deliciosos que eram o sucesso da Feira. Uniam cultura e gastronomia sírio-libanesas, fortalecendo a tradição e divulgando a presença da colônia dos imigrantes na cidade.



Feira da Paz

Acíbio e Dalila também fizeram parte da 1^a Turma do Programa da Universidade Federal de São João del-Rei. Receberam o certificado de conclusão do curso, o qual foi marcado pela assiduidade, comprometimento, companheirismo e muita alegria.



Formatura da teceira idade

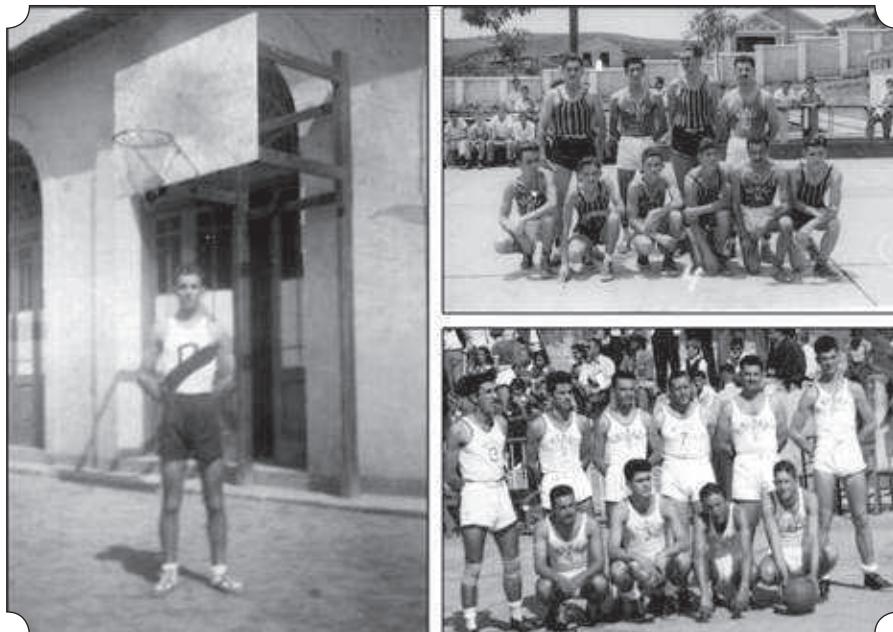
Sempre muito animados, participavam dos aniversários, formaturas dos filhos e netos e outras conquistas, não importando o lugar que fosse: Belo Horizonte, Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Vitória ou mesmo em Campinas. Lá estavam eles, pois a distância jamais foi empecilho. Anualmente, marcavam presença nas Mostras de Cinema, realizadas pelas netas Raquel, seu esposo Quintino, sua irmã Fernanda e também a Equipe da Universo Produção. A força de vontade, alegria de viver e a união da família, são legados deixados por Acíbio e Dalila.

Aos 4 anos de idade, Acíbio, foi à Síria com seus pais e seus irmãos João, Tuffy e Chaffy. Lá enfrentaram muitas dificuldades e grandes desafios da época.

Acíbio deixou registrada a marca do trabalho, pois, aos 8 anos, na cidade de Juiz de Fora, trabalhava como mascate, indo de casa em casa, oferecendo botões, agulhas, retroses, lixas e, aos domingos, vendia tecidos na feira.

Em 1938, após a enchente em Juiz de Fora, seu irmão mais velho, João, veio para São João del-Rei e se estabeleceu aqui. Trouxe toda a família e inaugurou a “Casa Victória” que se destacou pela variedade de tecidos e outros artigos do gênero.

Em junho de 1946, Acíbio foi convidado pelo seu irmão João, para trabalhar na Fiação e Tecelagem São João, localizada na Av. José de Queiroz, no bairro de Matosinhos, exercendo o cargo de 2º tesoureiro. Tiveram também a Fiação e Tecelagem Dom Bosco, localizada na avenida Leite de Castro, onde funcionou o UNIPTAM. Além



Times de basquete

disso, foram proprietários da Fábrica Moysés, também na avenida Leite de Castro, hoje Casa Diocesana de Pastoral. Até um cotonifício eles tiveram: “Cotonifício Chagas Dória”, em Matosinhos.

Em 1968, com a venda da Fábrica São João, Acíbio abre seu próprio negócio: a “Loja do Acíbio”, na avenida Leite de Castro, demonstrando sua coragem para enfrentar mais uma etapa de sua vida profissional.

Sua paixão pelo esporte iniciou em Juiz de Fora. Ainda solteiro, jogava basquete no Sport Clube e, vindo para São João, deu continuidade jogando pelo Minas Futebol Clube. Mais tarde, tornou-se técnico, elevando o nome do clube. Sua filosofia: “O que torna a pessoa atleta é o treinamento”. Acompanhava sempre os jogos e campeonatos não só pela TV, como ia ao campo torcer com entusiasmo pelo seu time em disputa. Sempre motivou a família mostrando a importância do esporte.

Assim, seu filho caçula Sérgio, como também seus netos José Vicente e Bruno deram continuidade a essa paixão. Atualmente, além de jogar basquete, Bruno é o técnico do Athletic Club de São João del-Rei.

Acíbio, o pai! Pedaços rasgados de ternura se juntam na saudade. Como é bom lembrar as noites de Natal, quando Acíbio se vestia de Papai Noel, levando alegria, criando fantasias e imaginação. Caminhava no passeio de sua casa, carregando, nos ombros, o saco de presentes para serem distribuídos na família. Anunciava sua chegada através do sininho, tocado com entusiasmo. Para os pequeninos, a cena era real e seus olhinhos brilhavam num misto de alegria e de excitação.



Acíbio, durante o Natal, vestia-se de Papai Noel

Durante 37 anos, foi membro efetivo do Grupo Escoteiro Guarany. Muito atuante, conseguiu junto a políticos, amigos e empresas, várias doações para o grupo, sempre buscando melhorias e proporcionando condições para o melhor crescimento e atuação do mesmo. Valorizava a filosofia do escotismo a qual se refere ao desenvolvimento físico, espiritual e mental dos jovens preparando -os para superarem adversidades e, consequentemente, serem cida-



Reunião na sede dos escoteiros

dãos inseridos na comunidade. “Sempre Alerta” é o lema do escotismo. Alguns filhos e filhas também participaram deste movimento de escotismo.

Acíbio, aquele que sabe criar. Fazendo uso de uma cachaça artesanalmente envelhecida, soube dar a ela um novo sabor e daí, passou a ser conhecida como a “Cachaça do Acíbio”, muito disputada entre os apreciadores do “néctar da cana”. Ele degustava uma pequena dose diariamente antes do almoço e dizia que era para ralear o sangue. Hoje, sua filha Denise, mantém com excelência essa tradição da cachaça, que também é muito apreciada pelos gringos que anualmente participam da Mostra de Cinema de Belo Horizonte, Cine BH.

Muito comunicativo, solidário, amigo e companheiro, recebeu várias homenagens em São João del-Rei em reconhecimento aos trabalhos realizados na comunidade.

Em 09 de junho de 2005, Acíbio foi convidado para representar a Terceira Idade, no Conselho Municipal do Idoso levando a este reivindicações e demandas dos idosos, como também contribuindo com ideias e se colocando à disposição para trabalhar em prol dos direitos dos idosos.



Posse de Acíbio no Conselho Municipal do Idoso

Em 18 de dezembro de 2011, foi homenageado pelo Projeto Estadual Ginástica para Todos, através de uma academia ao ar livre, que leva seu nome “Academia Acíbio Hallak, que funciona numa Praça em Matosinhos. Isso foi uma demonstração de reconhecimento tal por sua paixão pelo esporte e pelo incentivo a todas as pessoas para praticarem qualquer tipo de atividade física. Dizia ele: “O esporte faz falta; quem fica parado é poste, o corpo precisa se movimentar e a mente agradece.”



Inauguração da Academia Acíbio Hallak

Em 10 de novembro de 2012, foi homenageado pelo Governo do Estado de Minas Gerais com a Medalha da Liberdade e da Cidadania, evento ocorrido na Fazenda do Pombal em Ritápolis.



Acíbio recebendo a Medalha da Liberdade e da Cidadania

Os fios do patriotismo e do civismo o levaram a participar dos desfiles e comemorações cívicas na Av. Tancredo Neves, como também no 11º Batalhão de Infantaria de Montanha. A cada novo comandante do Batalhão, lá estava ele dando as boas-vindas e se colocando à disposição como cidadão atuante e pelo seu amor à Pátria.

Os concertos no Teatro Municipal mereciam sempre os aplausos calorosos de Acíbio e de Dalila que sempre o acompanhava.

Acíbio encantava a todos e todas com suas gentilezas: cartões em datas especiais, discursos em aniversários e outras comemorações. Como demonstração e admiração às mulheres, no Dia Internacional da Mulher, distribuía mais de 80 botões de rosas ver-

melhas, sendo o primeiro para sua querida Dalila, pelo amor que se fortalecia dia após dia. Em seguida, para as filhas, noras, sobrinhas e amigas que faziam parte do seu relacionamento. E, até hoje, todos lembram com saudade e muito carinho desses gestos.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”... mas Acíbio foi o eterno romântico. Exímio dançarino, tinha uma predileção pelo tango, sendo que a música de que mais gostava era “La Cumparsita” que dançava com sua esposa, sua irmã Alice e também algumas amigas da família.



Gostava de jogar cartas com seus amigos e amigas. Após aposentar-se, foi para ele a melhor distração e terapia. Acíbio se fez presença constante pelo amor que dedicava às pessoas através do diálogo, da generosidade de gestos, do acolhimento, da justiça e da fé.



Doação para o Albergue Santo Antônio

Esposo apaixonado, amigo e companheiro, pai presente e presença, dedicava às suas irmãs e irmãos um carinho especial, assim como aos sobrinhos, sobrinhas e a todos os familiares, amigos e amigas.

Sempre tinha uma palavra de incentivo e fazia com que todas as pessoas se sentissem amadas por ele, pois grande era seu carisma em agregar, e celebrar a beleza da vida e a maravilha de viver.



Acíbio que, de tão múltiplo, perdeu na própria rotação, nos fragmentos infinitos do distribuir-se, vivenciou o verdadeiro sentido, da amizade sincera e real. Acíbio, de tão único, não soube o quanto imenso foi. Adorava comemorar seus aniversários rodeado por todos. Eis alguns registros.

Em 19 de outubro de 2006, perde Dalila com 86 anos, o grande e verdadeiro amor de sua vida. Pela coragem que lhe era peculiar, continuou à frente da família, exercendo papel de pai.



Em 29 de junho de 2015, com quase 96 anos, ainda se sentindo jovem, nos deixou para alçar outro voo. Não realizou seu sonho de completar 100 anos. Do horizonte de um filho, esposo, pai, avô, bisavô, para o horizonte de todos.

Acíbio e Dalila, nossos pais, deixaram em nós a imensidão do Amor. Nossa eterna gratidão e carinho: Heleny, José Luiz, Angela, Cristina, Ricardo, Denise, Roberto e Sérgio.



Os filhos, netos e bisnetos de Acíbio e Dalila

Heleny Hallak d'Angelo e família

“As pessoas se tornam especiais não apenas por sua maneira de ser ou agir, mas sim, pela profundidade com que tocam nossos sentimentos”.

“Ninguém passa na vida por engano. Não existem erros nos planos de Deus.”

E assim foi que eu tive o privilégio de nascer como primo-gênita, no dia 24 de outubro de 1945 em Juiz de Fora. Meu pai era caixeiro viajante, e desde os meus 8 anos de idade, o acompanhava nas viagens, nas quais vendia produtos da Casa Victória. Observava seu jeito de ser e algo tocou em mim: a tradição sírio-libanesa para o ramo do comércio.

Formei-me como normalista no Colégio Nossa Senhora das Dores, de lindas lembranças. Mas não poderia ser diferente. Seguindo as pegadas de meu pai, fiz escolha para o ramo do comércio, inaugurando uma boutique em fevereiro de 1971, a Boutique Bimba, a “Boutique da Heleny”, que está completando 49 anos. No dia 15 de janeiro de 1966, casei-me com João Bosco d'Angelo, bancário e tivemos 4 filhos.

Trabalhei junto de meu marido João Bosco, durante 35 anos no Movimento Familiar Cristão, coordenando o Curso de Noivos da Paróquia de São Francisco e ministrando palestras. Também fundamos a “Escolinha dos Sonhos” para alfabetização de adultos. Há 20 anos, sou colaboradora do programa “Universidade para a Terceira Idade” como professora de Bio Expressão. Minha filosofia de vida: viver é uma dádiva, conviver é uma arte. Meu maior desejo: viver intensamente cada momento como um milagre que não se repete.

A exemplo dos meus pais, com muito amor, respeito mútuo e alegria, vivemos um casamento feliz durante 44 anos, quando então, João Bosco faleceu no dia 5 de junho de 2011, deixando para sua família a certeza e a graça de terem tido como esposo e pai, um homem justo, honesto, excelente profissional, amigo de todos. Um homem de fé e de coragem.

Da união de João Bosco e Heleny nasceram: José Vicente Hallak d'Angelo, Engenheiro Químico pela UFMG, Doutor em Engenharia Química pela UNICAMP, Campinas (SP), e professor titular da UNICAMP desde 2002, do Departamento de Faculdade de Engenharia Química. Professor por vocação, mostra o valor da Química na Vida e da Vida na Química.

Raquel Hallak d'Angelo Vargas, formada em Relações Públicas e Jornalismo pela PUC-MG. Empresária no segmento da economia criativa. Junto com seu marido Quintino Vargas Neto, são sócios diretores da Universo Produção, empresa que idealizou e realiza anualmente o programa Cinema sem Fronteiras, que reúne as três Mostras audiovisuais de destaque em Minas Gerais, de alcance nacional e internacional; a Mostra de Cinema de Tiradentes na sua (23^a edição), a CINEOP – Mostra de Cinema de Ouro Preto (14^a edição) – e a Cine BH – Mostra Internacional de Cinema de Belo Horizonte (13^a edição). Da união de Raquel e Quintino nasceu Maria Hallak d'Angelo Vargas, a primeira bisneta do casal Acíbio e Dalila. Isabela Vargas e Jorge Vargas Neto, filhos de Quintino, com muita alegria, passam a fazer parte integrante da nossa família.

Fernanda Hallak d'Angelo, formada em Ciência da Computação pela PUC-MG. Integrante da Universo Produção como Diretora de Logística, em especial, responsável pela coordenação e planejamento de programas sociais e culturais, com destaque para as Mostras de Cinema, o Cine Expressão e “A Escola vai ao Cinema”, que beneficia anualmente milhares de estudantes e educadores da rede pública de ensino.

Renata Hallak d'Angelo, nasceu prematuramente no dia 14 de abril de 1975 e faleceu três dias após seu nascimento.

Após 5 anos de ter ficado viúva, me uni a Francisco Lins de Carvalho, paraense e advogado aposentado.

Plagiando Fábio Júnior e Sérgio Bittencourt, papai e mamãe eu canto em homenagem a vocês: “Eu não quero e não vou ficar muda, pra falar de amor prá vocês.” “Naquela mesa está faltando eles e a saudade deles está doendo em mim”.

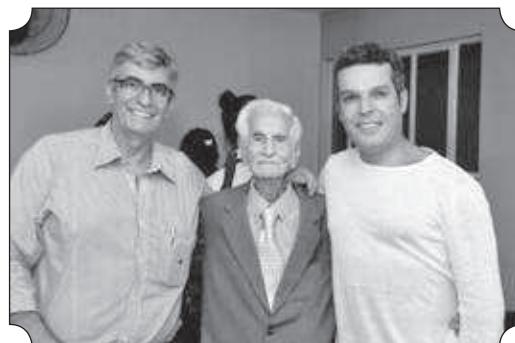
Todo meu reconhecimento e gratidão por ter sido tão amada.

Heleny Hallak d'Angelo



A família de Heleny

José Luiz Gattás Hallak, nascido em 09/12/1948, na cidade de São João del-Rei. Formado em Engenharia Elétrica pela UFMG e em Administração pela FUMEC. Companheiro de José Luiz Silveira, ator, nascido na cidade de Belo Horizonte em 14/01/1964, desde dezembro de 1987.



José Luiz, Acíbio e José Luiz Silveira

Angela Maria Gattás Hallak, nascida em 31/03/1952, na cidade de São João del-Rei, Bióloga pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, mestre pela UFLA - Lavras, aposentada como professora adjunta pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. “Desfrutei muito da companhia e ensinamentos dos nossos pais. Como fui a última a me casar, morei junto deles por mais tempo, podendo, assim, cuidar deles mais de perto, o que foi muito gratificante para mim. Aos meus 23 anos de idade tive meu filho Bruno Gattás Hallak, nascido em 30/06/1975, na cidade de São João del-Rei. Bruno é a alegria do meu viver, amigo e companheiro. É Engenheiro Químico, pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. É Gerente de Meio Ambiente da empresa Lafarge-Holcim. Casado com Márcia Elisa Rezende Hallak, nascida em 20/06/1975, na cidade de São João del-Rei. Educadora Física, atua como *personal training*. Bruno e Márcia nos presentearam com uma filha, Laura Maria Rezende Hallak, nascida em 23/02/2012, na cidade de São João del-Rei. Laura é estudante e veio para alegrar toda a família. Estou casada há 20 anos com Horácio Wagner Leite Alves, nascido em 19/10/1960, na cidade de São Paulo. Doutor em Física pela USP, professor na Universidade Federal de São João del-Rei-UFSJ.”



Angela e sua família

Maria Cristina Gattás Hallak, natural de São João del-Rei, psicóloga, casada com Servio Túlio de Freitas Vanucci, natural de Uberaba, administrador de empresa. O casal reside em Belo Horizonte e tem 2 filhas: Yasmin Hallak Vanucci, nascida em 08/01/93, economista e Jullia Hallak Vanucci, nascida em 13/07/95, estudante de administração de empresas. Ambas nascidas em Belo Horizonte. “Eu e minha família tivemos o privilégio e a oportunidade de passarmos todas as férias em companhia do papai e da mamãe e, depois que mamãe fez a passagem, ainda aproveitamos 9 anos de convivência com o papai. Uma pessoa

livre de preconceitos que nos ensinou o valor da palavra, do caráter, da solidariedade e dos estudos. Acíbio, um homem de fala simples, gestos genuínos, mas, de sentimentos profundos que amou intensamente a esposa, os filhos, a família, os amigos e a vida em toda sua essência.”



Maria Cristina e sua família

Ricardo Gattás Hallak nasceu em 03/11/1955, na cidade de São João del-Rei. Formado em Engenharia Elétrica pela Universidade Católica de MG- PUC. Casado com Angela Maria Vecchio Salomon Hallak, nascida em 29/05/1954, natural de Paraisópolis, MG, Bacharel em Direito. Tiveram dois filhos: Gabriel Moysés Salomon Hallak, nascido em 07/07/1983, na cidade de Belo Horizonte. Engenheiro de Telecomunicações, mestre em Administração, atualmente trabalha na GOL, empresa aérea na cidade de São Paulo. Casado com Taiana de Freitas Vanucci, Professora/Mestre em Língua Espanhola no Colégio Santo Américo, na cidade de São Paulo, onde residem. O casal tem um filho Arthur Vanucci Hallak, nascido em 31/12/2018, na cidade de São Paulo. O outro filho é Tiago José Salomon Hallak, nascido em 01/02/1985, na cidade de Belo



Ricardo e sua família

Horizonte. Advogado, atua na empresa Simas de Faria Advogados - BH. Casado com Juliana Guimarães de Oliveira, nascida em 10/11/1983, na cidade de Belo Horizonte, fisioterapeuta - Villa SPA.

Denise Maria Gattás Hallak, com formação acadêmica em Psicologia e Educação Física, professora especialista, reside hoje em Belo Horizonte. Foi servidora pública do estado nos últimos 13 anos (até 2019) na Secretaria de Estado de Esportes. Atualmente aposentada. Foi casada com o médico anestesista, Heitor Campos dos Reis residindo em Juiz de Fora. Separada judicialmente, formou sua família com duas filhas e uma neta: Carolina Halfeld C. dos Reis, médica anestesiologista, residente em São Paulo (SP). Sua filha: Helena de 6 anos. Amanda Hallak dos Reis, turismóloga e especialista em Marketing e Gestão Cultural, servidora pública federal residente no Rio de Janeiro.



Denise e sua família

Roberto Gattás Hallak nasceu em 08/05/1958 na cidade de São João del-Rei, sendo o sétimo entre 8 irmãos. Formou-se em Engenharia de Telecomunicações em 1981, no Inatel em Santa Rita do Sapucaí. Em 1993, casou-se com Denise Monteiro, com a qual teve uma filha, Bruna Monteiro Hallak, graduada em Psicologia, cursando o mestrado na mesma área. Hoje com 25 anos de idade.



Roberto e sua família

Sergio Gattás Hallak, nascido em 29 de janeiro de 1962, em São João del-Rei. “Passei toda minha infância na avenida Tiradentes nº 111, onde pude desfrutar de uma infância cheia de amigos, que preservou até hoje e de brincadeiras não tecnológicas como, bola na rua, finco, bolinha de gude, pipas, piques e outras brincadeiras gostosas. Aos 16 anos, em 1978, me mudei para Belo Horizonte, para estudar o 2º grau e me preparar para o Vestibular. Morei junto com meus irmãos na Rua Bolívia 222/301 no bairro São Pedro. Em 1982, ingressei-me na UFMG para cursar Engenharia Metalúrgica e me graduei em 1986. Trabalhei por dois anos em João Monlevade e, até 1998, em Contagem numa grande trefilaria. No mesmo ano que me ingressei no curso de Engenharia iniciei o namoro com a Rosi, que é mãe de meus dois filhos queridos. Em 2019, completamos 30 anos de matrimônio. Rosi se formou em arquitetura, profissão que tanto ama. Projetou e construiu a nossa aconchegante casa que vivemos em São João del-Rei. Temos dois lindos filhos: Augusto Teixeira Hallak, 28 anos, graduado em Engenharia de Produção Civil e Marina Gattás Garcia, 23 anos, graduada em Engenharia de Produção. Augusto e Marina, que embora tenham sobrenomes diferentes, são filhos dos mesmos pais. Homenagem às avós do lado do pai e do lado da mãe, respectivamente. Em 1999, tivemos a chance de voltar para São João del-Rei, pois comecei a trabalhar numa importante empresa do ramo químico metalúrgico, na qual me encontro até o momento. Foi uma grande oportunidade retornar à terra Natal e conviver mais com meus pais.”



Sérgio, Rosi, Marina,
Letícia e Augusto



Sergio, Rosi,
Marina e Augusto

Família Gattás Hallak

Família Ana Hallack Ávila

Ana Hallack Ávila nasceu em Juiz de Fora no dia 29/01/1927. Casou-se com Antônio Marques Ávila, nascido em São João del-Rei, em 21/09/1923. Entre outras habilidades, Ana tinha uma que lhe dava muita satisfação: jogar vôlei. Jogava tão bem que fez parte do time Atlantas e, posteriormente, jogou pelo Minas Futebol Clube, sendo técnico do time seu irmão Tuffic. Ana sempre foi muito dedicada a sua família, seu pai, filhos, irmãos e familiares. O marido de Ana, Antonio Ávila, era funcionário do Banco do Brasil. Seus pais eram Eduardo Ávila e Dalila. Ana e Antonio tiveram 5 filhos: Eduardo Moysés, Maria do Carmo, Ana Lúcia, Vera Lúcia e Cláudia Hallack Ávila.

Falemos um pouco deles:

Eduardo Moysés Hallack Ávila, bancário, aposentado, casado com Ana Maria Ramos Ávila, funcionária pública aposentada. Filhas: Heloisa Ramos Ávila, publicitária, casada com Júlio Nóbrega Barbosa, e mãe de Matheus. Raquel Ramos Ávila, psicóloga, casada com Leandro Figueiredo, pais do Pedro Henrique.

Ana Lúcia Hallack Ávila Pereira, viúva, aposentada, licenciatura em Psicologia, residente em Brasília. Filhos: Joanna Ávila Pereira Ferreira, nutricionista e psicóloga, casada com André Gustavo Fonseca Ferreira, neurologista; pais de Helena, Mariana, Isabela e Beatriz.

Rafael Ávila Pereira, engenheiro mecânico, casado com Ana Carolina de Carvalho Fonseca Pereira, geriatra; pais de Manuela e Miguel.

Vera Lúcia Hallack Ávila de Azevedo, viúva, administradora, aposentada, residente em Brasília, tem dois filhos: Renato Ávila de Azevedo, engenheiro civil, casado com Natália Resende de Andrade Ávila; e Gabriela Ávila de Azevedo, engenheira civil, casada com Vitor João Fachini Vashis, pais de Camila Ávila e Davi.

Cláudia Hallack Ávila, psicóloga, divorciada, tem três filhos: Carolina Ávila Loureiro (médica), Camila Ávila Loureiro (fisioterapeuta) e Danilo José Loureiro Neto (fisioterapeuta).

Alice Moysés Hallak



Casamento de Ana Hallak e Antônio



Ana, a filha Cláudia, à direita, e os netos, nos 93 anos de Acíbio



Antônio, a esposa Ana e a família de Eduardo



Eduardo, esposa Ana, filhas, genros e netos

Família Chafy Moysés Hallak



Casamento de Lucy e Chafy

Chafy Moysés Hallak e Lucy Bonetti Hallak se casaram em 28 de maio de 1940. Desde a sua tenra idade, Chafy dedicou toda a vida ao comércio. Ali, na rua Ministro Gabriel Passos, funcionou a sua loja: "Casa Victória". No entanto, todos na cidade conheciam o tradicional estabelecimento como "Loja do Chafy". Sua loja funcionou até pouco tempo, tendo uma sólida história.

A rotina de Chafy era carregada de alegria. Acordava, infalivelmente, entre 4 e 5h. Saía à rua e caminhava cantarolando para fazer as compras no Mercado Municipal. Chafy não media esforços para o sustento de sua prole. Como não se lembrar do Chafy? "Sô Chafy"!

Excelente pai e esposo. Homem íntegro, de muita prosa e bom trato. Não parecia, mas o Chafy era brincalhão e bastante festeiro.

Ele tinha uma paixão especial: o Minas Futebol Clube. Inclusive, ele era jogador do time dos veteranos daquele clube.

Todos os sábados, à tardinha, após as partidas de futebol, Chafy reunia em sua casa os jogadores para um lanche regado com

muitas bebidas, além, claro, dos deliciosos quitutes sírios que Lucy, sua esposa, preparava com tanto carinho.

Lembro-me vivamente, e com uma saudade infinita, desses momentos que marcaram a minha vida. Chafy viveu intensamente!

Sua família era grande. Da união de Chafy com Lucy, nasceram 8 filhos:

Maurício Chafy Hallak e Romilda Maria Leão Hallak tiveram 3 filhos: Luciana Leão Hallak foi casada com Glauco de Oliveira Rezende e tiveram a filha Thainá Hallak Rezende.

Ana Lúcia Leão Hallak casada com Alex Machado Freire e tiveram 2 filhas: Iasmin e Sofia.

Mauro Lúcio Leão Hallak, solteiro.

No segundo casamento, com Maria da Conceição Ferreira, tiveram 2 filhos: Juliano e Marcelo Ferreira Hallak.

Maurílio Caxias Chafy Hallak e Ana Maria Alcântara Nascimento Hallak tiveram 4 filhos: Alexei, Ana Carla, Aline e Maurílio. Neto: Renato.

Marcos Bonetti Hallak e Maria Madalena Hallak tiveram 4 filhos: Lucilene, Marco Antonio, Lucila e Lucimere. Netos: Bernardo, Felipe, Júlia, João Pedro e Yuri. Bisnetos: Bento e Benício.

Marilene Hallak Félix e Agenor da Silva Félix tiveram 2 filhos: Rosane e Rogério. Netos: Pedro e Laura.

Milene Chafy Hallak Alcântara e Juarez Machado de Alcântara tiveram 3 filhos: Andreia, Leonardo e Guilherme. Netos: Isadora, Leonardo, Rafael, Manuela e Lucca.

Murilo Chafy Hallak e Marta Maria Meneghin Hallak tiveram 6 filhas: Marluana, Marlimara, Maraline, Angela, Marcilene e Aila. Netos: Rafael, Gabriel, Lara, Helena e Levi.

Marlene Chafy Hallak e Paulo Marques de Almeida Rolff tiveram 2 filhos: Paulo e Lucy.

Márcio Chafy Hallak e Maria Mayrinck Hallak tiveram 3 filhos: Pablo, Amanda e Diogo.

Após a viuvez, Chafy casou-se com Maria Auxiliadora de Miranda e tiveram um filho: Moysés Jabour Hallak Neto.

Marlene Chafy Hallak



Chafy e Lucy



Lucy com um dos filhos



Lucy, Chafy e filhos



Lucy com um filho na Loja



Chafy, o segundo da esquerda, com o sobrinho e co-cunhados nos 70 anos do irmão

Família João Hallak



Victória Francisco Hallak



João Hallak

João Hallak, filho de Moysés Jabour Hallak e Málaque Arbex Hallak, nasceu na cidade de Macuco, em Minas Gerais, aos 14 de outubro de 1912. Faleceu no Rio de Janeiro em 27 de maio de 1973. Casou-se com Victória Francisco Hallak, filha de Adélia Francisco Arbex e Antônio Francisco que também vieram da Síria e foram residir em Volta Redonda. Juntos tiveram 8 filhos, adotaram, ainda, como filha, a neta Patrícia, filha do primogênito Jones. A família hoje conta 21 netos e 15 bisnetos.

João Hallak partiu prematuramente, todavia, deixou para seus filhos um rico legado, realizando grandes ações durante sua vida, sempre calcadas no seu dinamismo, perseverança e disposição para o labor.

Apesar de se dedicar muito ao trabalho, João era muito carinhoso, sempre bem humorado, brincalhão, alegre, caprichoso e extremamente caridoso, sabendo, contudo, ser enérgico e disciplinador quando necessário fosse.

No Natal, se passava por Papai Noel e fazia questão de colocar os presentes nos sapatinhos das crianças. Nas noites de chuva, distraía os filhos: vestia-se de palhaço provocando sinceras risadas. Outras vezes, fazendo uso de sua inata criatividade, fazia uma tromba com um

espanador, transformando-se em um elefante, levando as crianças à imaginação de um real domingo no circo. E assim o tempo passava despercebidamente e, com ele, o medo da chuva.

Tinha o hábito de trazer caixas de chocolates e doces, após as constantes viagens a trabalho. Era uma forma de recompensar o tempo longe do convívio com os amados filhos, os quais ficaram mal acostumados com tanto mimo.

Os carros grandes eram os preferidos, pois eram capazes de acolher a enorme prole, nas frequentes viagens de férias com a família.

Victória era uma mulher dinâmica e dedicada à família. Cuidou, sem ajudantes, dos nove filhos. Foi uma cozinheira primorosa e suas receitas de comida árabe são admiradas e passadas de geração em geração. Além disso, costurava roupas para todas as filhas e, depois, para as netas.

Também tinha muita habilidade com trabalhos manuais. Como pintora, Victória utilizava a técnica de pintura a óleo para paisagens e vistas da histórica São João del-Rei. Em *crayon*, produziu retratos de todos os filhos e netos. Pintava peças em cerâmica e fazia peças em tricô para presentear a família.

Aos domingos, João e Victória não perdiam a missa da Igreja São Francisco, sempre acompanhados das crianças. Depois, recebiam em sua residência vários amigos, que discutiam política e usufruíam da deliciosa comida árabe, preparada por Dona Victória com muito carinho. Tancredo Neves, Juca Lombardi, Padre Oswaldo Torga, Dr. Azis Elias, Bezamat, Paulo Bastonni e muitos outros amigos da sociedade são-joanense sempre marcaram presença.



João e Victória Hallak com filhos



Casamento da filha Jovi



Casamento da filha Jony



Casamento da filha Málaki



Casamento da filha Magda



O casal com a filha Patrícia em frente ao solar na Av. Tiradentes



João e Victória com os netos no
“Bloco do Vovô”, carnaval



João Hallak com suas netas

Realizações

João Hallak passou parte de sua infância em Juiz de Fora e outra em São João del-Rei. Exerceu o ofício de caixeiro viajante, depois foi comerciante, tornando-se empresário/industrial. Formou-se em Ciências Contábeis. Quando chegou a São João del-Rei, juntamente com seus irmãos, abriu uma grande loja de tecidos no centro da cidade: “Casa Victória”. O nome foi em homenagem à sua amada esposa Victória Francisco Hallak. Aqueles que recordam dessa época contam que as pessoas entravam no estabelecimento somente para admirar a beleza de Victória. A loja chegou a ser considerada o maior estabelecimento do ramo em todo Oeste de Minas, atual Região Campo das Vertentes.

Em pouco tempo investiram em um novo empreendimento. Com efeito, no ano de 1946, João Hallak e demais irmãos, sócios e cotistas, fecharam a loja e fundaram a fábrica de tecidos “Fiação e Tecelagem São João Ltda.”, situada no conhecido bairro de Matosinhos. Dentre outros itens, fazia muito sucesso a sua fabricação de flanelas e cobertores. João Hallak e seu irmão Acíbio dirigiam a fábrica e tiveram como sócios Tancredo de Almeida Neves e Eduardo Ávila durante 26 anos.

Uma curiosidade: anualmente, João Hallak fazia questão de comemorar o dia de São João, quando patrocinava aos seus colaboradores uma típica festa junina. Naquelas oportunidades era tradição o vigário da paróquia de Matosinhos celebrar a missa que dava início à festança, na qual era oferecido um churrasco regado de muito chope, fartos salgados, deliciosa canjica, dentre outras guloseimas. Os operários se esbaldavam dançando quadrilha e aproveitando aquele delicioso momento. Cada ano que passava a festa era ainda mais concorrida.

Generoso e sempre preocupado com o bem-estar de seus colaboradores, construiu 100 casas, situadas no terreno ao lado e nos fundos da fábrica, vendidas a longo prazo e a preço de custo aos mesmos.

Nos anos seguintes, João Hallak e seus irmãos compraram outras três fábricas de tecidos: “Fiação e Tecelagem Cotonifício”, em Matosinhos, “Fiação e Tecelagem Dom Bosco” e “Fiação e Tecelagem Moysés”. Essas foram desativadas aos poucos e seus prédios foram vendidos. Ambas eram situadas no bairro das Fábricas, onde funcionou o Uniptan e onde está o Supermercado Bahamas. Em 1967, após anos de exitosos empreendimentos, foi vendida a última fábrica, “Fiação e Tecelagem São João Ltda.”. Assim, então, a sociedade se desfez.

Também faz parte do acervo de empreendimentos de João Hallak a fundação da “Construtora, Incorporadora e Imobiliária Victoria Ltda.”, a qual tinha como sócios Eduardo Ávila e Tancredo de Almeida Neves. Uma das principais obras da Construtora Victória foi a edificação do Edifício São João, um prédio de 12 andares, o único prédio alto da cidade de São João del-Rei. Outra obra de João Hallak foi a edificação do Edifício Hallak, com 09 apartamentos, situado na Rua Padre Sacramento.

Na avenida Tiradentes, construiu um lindo e aconchegante solar, onde fez morada com sua família. Era local conhecido pelas requintadas festas e por ter abrigado amigos e importantes personagens da história brasileira, dentre eles o então Governador do Estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek. Após o falecimento da esposa a casa foi vendida, tornando-se a sede da Unimed.



João Hallak em Festa Junina na fábrica São João

Atividades sociais e políticas

João Hallak foi Presidente da Associação Comercial de São João del-Rei; Primeiro Classista da Junta de Conciliação e Julgamento da cidade; Presidente do Minas Futebol Clube durante 17 anos consecutivos. Durante a sua gestão, foi inaugurada a sede do Minas Futebol Clube, situada no segundo piso do Edifício São João.

No “Salão dos Espelhos” como era conhecida a sede do Minas, reuniam-se várias celebridades da cidade, médicos, políticos, e empresários que ajudavam a receber visitas honrosas, como o Governador do Estado de Minas Gerais, Bia Fortes; o Marechal Henrique Duffles Teixeira Lott; o Presidente da Federação Mineira de Futebol, o Secretário do Conselho Nacional dos Desportos, o Comandante da Quarta Região Militar, o Comandante da Quarta Divisão de Infantaria e muitos outros.

Registraramos ainda a presença de orquestras e artistas nacionais e internacionais, tais como: Cassino de Sevilha, Ray Conniff, Sarita Montiel, e muitos outros reconhecidos artistas. Ali eram realizados bailes carnavalescos, desfiles de debutantes e várias cerimônias de casamentos. No âmbito político, a família Hallak teve sempre muita influência em São João del-Rei.

João Hallak esteve ligado diretamente ao Diretório, na época, do PSD, cujo presidente na época era o Dr. Augusto Viegas e vice-presidente, Dr. Tancredo de Almeida Neves.

João Hallak recebeu muitas comendas e títulos, tendo sido homenageado várias vezes em reconhecimento ao seu trabalho. Cedeu seu nome a uma importante rua no bairro de Matosinhos. Também, em sua homenagem, foi dado o nome de sua esposa, Victória Francisco Hallak, a uma rua situada no bairro Colônia do Marçal.

Enfim, João Hallak foi muito amado pelos familiares e muito querido pelos são-joanenses que conviviam com ele. Tinha uma inteligência privilegiada, falava e escrevia fluentemente a língua árabe.

Segundo fontes extraídas da Internet, registra-se que os descendentes da família Hallak somam um expressivo número de cerca de 7.000 (sete mil) membros.

Texto: Jovi Hallak Rocha e Musse João Hallak.

Pesquisa fotográfica: Kátia Hallak Lombardi



Bodas de Prata do casal. Igreja São Francisco de Assis



Bodas de Prata do casal. "Salão dos Espelhos", na sede do Minas Futebol Clube

Árvore genealógica (até os bisnetos)

O filho mais velho da família Moysés Hallak, João Hallak, nasceu no dia 14 de outubro de 1912, casou-se com Victória Francisco Hallak, nascida em 21 de janeiro de 1918, juntos, criaram nove filhos.

1 - João Hallak Filho, nascido em 15 de fevereiro de 1939, formado em Engenharia, faleceu no ano de 1981. Casou-se com Antonina Maria Neves de Resende Hallak, em 1965, e tiveram três filhos: Miriam de Resende Hallak, Beatriz Resende Hallak e João Hallak Neto. Miriam de Resende Hallak atualmente é casada com Marcelo Sade. Beatriz Resende Hallak casou-se com André Villela e tiveram uma filha, Isabel Hallak Villela. João Hallak Neto casou-se com Janaína Botelho Perotto.

2 - Jovi João Hallak Rocha, nascida no dia 6 de fevereiro de 1941, formada em Letras, casou-se com Wilson Rocha e tiveram três filhos: Teresa Vitória Hallak Rocha, Wilson Hallak Rocha e Heloisa Maria Hallak

Rocha. Teresa Vitória casou-se com Atílio Alberto Randi de Campos. Wilson casou-se com Aline Ferreira da Silva Hallak Rocha, após divórcio, contraiu matrimonio com Carla Carolina Alves de Carvalho gerando um filho: Davi Carvalho Hallak. Heloisa casou-se com Luiz Carlos de Faria Tavares e tiveram um filho: Victor Hallak Tavares.

3 - Jony João Hallak Ferreira, nascida no dia 7 de agosto de 1942, casou com Otávio de Oliveira Ferreira e tiveram três filhos: Giovanna Hallak Ferreira, Mara Hallak Ferreira e Otávio de Oliveira Ferreira Filho.

4 - Málaki João Hallak Lombardi, nascida no dia 19 de janeiro de 1944, casou com Ênio Ratton Lombardi e tiveram duas filhas: Kátia Hallak Lombardi e Alessandra Hallak Lombardi. Kátia Hallak Lombardi e Rodrigo Teixeira Lopes de Moura e Silva tiveram uma filha: Luísa Lombardi de Moura e Silva. Atualmente é casada com Pedro Luiz Motta Moura. Alessandra Hallak Lombardi casou-se com Massimo Battaglini e tiveram 2 filhos: Tobia Hallak Lombardi Battaglini e Camillo Hallak Lombardi Battaglini.

5 - Marly João Hallak, nascida no dia 20 de março de 1945, é solteira.

6 - Musse João Hallak, nascido no dia 15 de março de 1946, formado em Direito, casou-se com Sônia Leão Hallak e tiveram três filhos: Cynthia Leão Hallak, Musse João Hallak Júnior e André Luiz Leão Hallak. Cynthia casou-se com Kênio de Oliveira Resende e tiveram dois filhos: Viviane Hallak de Oliveira e Thales Hallak de Oliveira. Com o segundo marido, Luciano Resende, teve uma filha, Anna Gabriela Leão Hallak Resende. Musse João Hallak Júnior casou-se com Renata Cristina Hallak e tiveram uma filha: Laryssa Maria Leão Hallak. André Luiz Leão Hallak casou-se com Patrícia Rodrigues Hallak e tiveram uma filha: Amanda Rodrigues Hallak.

7 - Magda João Hallak Panzera, nascida no dia 26 de fevereiro de 1948, casou-se com Ogmar Casteli Panzera e tiveram dois filhos: Ingrid Hallak Panzera e Túlio Hallak Panzera. Ingrid Hallak Panzera casou-se com Paulo Hardin Portela Ribeiro e tiveram uma filha: Laila Hallak Panzera Portela Ribeiro. Túlio Hallak Panzera casou-se com Dannyelle Pires Panzera e tiveram dois filhos: Gabriel Pires Panzera e Rafael Pires Panzera.

8 - Jânio Antônio Hallak, nascido no dia 10 de junho de 1953, formado em Economia, faleceu em 2013. Casou-se com Lucy Andrea Vale Silva Hallak e tiveram duas filhas: Lívia Vale Silva Hallak e Luciana Vale Silva

Hallak. Lívia Vale Silva Hallak casou-se com Luiz Augusto De Biaggi e tiveram uma filha, Isis Hallak de Biaggi.

9 - Patrícia João Hallak, nascida no dia 16 de outubro de 1964, formada em Administração de Empresas. Filha de João Hallak Filho, foi adotada e criada pelos avós paternos. Casou-se com Klecius Alves da Silva e tiveram três filhos: Vanessa Alves da Silva, Klecius Hallak Alves da Silva e Victória Hallak Alves da Silva.

Pesquisa: Kátia Hallak Lombardi



Os filhos de João e Victória:
Jovi, Jony, Málaki, Marly,
Musse e Magda



Família João Hallak Filho



Família Jovi João Hallak Rocha



Família Jony João Hallak Ferreira



Marly João Hallak



Família Málaki João Hallak Lombardi



Família Musse João Hallak



Família Magda João Hallak Panzera



Família Jânio Antônio Hallak



Família Patrícia João Hallak

Linda Moysés Hallak e Alice Moysés Hallak

Linda Moysés Hallak nasceu em 03 de fevereiro de 1930, na cidade de Juiz de Fora. Morou durante muitos anos em São João del-Rei, com seu pai e alguns irmãos. Fez o curso de Contabilidade. Foi jogadora de vôlei no Atlantas e, depois de um tempo, jogou pelo Minas Futebol Clube, tendo se destacado como a melhor jogadora. O time foi campeão várias vezes. Linda dedicou toda sua vida à família.

Algumas vezes, Linda ajudava o irmão Tuffy em sua loja, quando esse a solicitava. Após o falecimento de seu pai, mudou-se para Niterói, onde foi morar com sua irmã Alice.

Alice Moysés Hallak nasceu em 21 de maio de 1935, na cidade de Juiz de Fora, onde morou por alguns anos. Depois, mudou-se com a família para São João del-Rei. Cursou até o terceiro ano do curso de Direito. Foi jogadora de vôlei pelo Atlantas e, posteriormente, pelo Minas Futebol Clube. Deixou a cidade de São João del-Rei e foi morar em Niterói-RJ, onde trabalhou muitos anos na Secretaria de Fazenda do Estado do Rio de Janeiro até a sua aposentadoria. Reside até hoje em Niterói.

Linda e Alice Moysés Hallak



Alice e Linda na formatura do sobrinho Bruno, 1992



Linda, à esquerda, Maria e Alice



Linda e Alice em Niterói



Linda e Alice nos 90 anos de Acíbio, 2009

Família Maria Hallak Sarkis

Maria Hallak Sarkis nasceu em 28 de setembro de 1924, em Yabroud, na Síria. Casou-se com Carlos Sarkis, nascido em 2 de junho de 1914 em Resende, RJ. Carlos Sarkis era empresário e fixaram residência na cidade de Volta Redonda, RJ. O casal teve quatro filhos: Carlos Alberto, Luiz Carlos, José Carlos e Carlos Augusto:

1 - Carlos Alberto Hallack Sarkis é engenheiro aposentado da CSN de Volta Redonda. Possui uma loja nessa mesma cidade. Divorciado de Neusa, com a qual teve uma filha: Marina. Casou-se de novo, dessa vez com Heloisa. Da união, nasceu a filha Ana Carolina.

2 - Luiz Carlos Hallack Sarkis é advogado e médico. Possui duas clínicas em Volta Redonda: SAMED e PROMOCOR. Casou-se com Sônia Contijo. O casal tem três filhos: Clarissa e os gêmeos Carlos e Helena.

3 - José Carlos Hallack Sarkis, graduado em Administração e Direito, solteiro, residente em Volta Redonda.

4 - Carlos Augusto Hallack Sarkis, empresário, proprietário do restaurante e lanchonete Hobby, em Volta Redonda. Casou-se com Rosane e tiveram um filho: Rafael.

Alice Moysés Hallak



Família Maria Hallak



Maria, seus irmãos, os filhos Luiz e Carlos Alberto e seus netos



Carlos Sarkis, esposo de Maria, ao lado do cunhado Acíbio, à direita



Maria com Acíbio em dia de festa



Maria, filhos, nora e neta



Maria, irmãos, filhos e nora

Família Tuffy Hallak



Tuffy Moysés Hallak e Esther Costa Hallak

Falar sobre meus pais, Tuffy Moysés Hallak e Esther Costa Hallak? Bem, quanto tempo você estaria disposto a me ouvir? Entretanto, procurarei não me estender muito. Meu pai, Tuffy, era um homem de baixa estatura, porém com a atitude mental dos altos píncaros. Jamais o ouvi erguer a voz, ou ser ríspido, com quem quer que fosse, pois sabia impor-se com a sua simples presença. Alguns o achavam calado demais, e de fato o era, mas não porque não tivesse o que dizer. Assim como as águas serenas de um lago, sob a superfície de aparente placidez, a alma de meu pai fervilhava.

Em todo o Estado de Minas Gerais, ele foi a terceira pessoa a tirar o brevê de piloto amador e sua paixão pela aviação igualava-se àquela dedicada aos esportes.

Aos 19 anos, quando a família do vovô Moysés ainda morava em Juiz de Fora, meu pai já era atleta do Sport Club Tupi, onde se sobressaiu em diversas modalidades: futebol, tênis, vôlei e basquete – a despeito de seus 1,68m de altura!

Quando a família mudou-se para São João del-Rei, meu pai, que atuava na área industrial, passou para o comércio de tecidos, primeiro na Casa Vitória e depois proprietário da loja Tecidos Novo Mundo.

Em 28 de agosto de 1943, meu pai, sozinho, fundou o Sport Club Atlanta e os de boa memória – ou os interessados na história do Esporte Amador da cidade – irão se lembrar que, pela primeira vez, através da iniciativa do meu pai, o nome de São João del-Rei, ultrapassou os limites da cidade e brilhou no mundo esportivo. O Sport Club Atlanta participou de várias edições dos Jogos Abertos do Interior – criado em 1936 no estado de São Paulo e que, hoje, em 2019, encontra-se na sua 83^a edição.

Como técnico do time feminino de vôlei – do qual faziam parte suas irmãs Ana, Linda e Alice – Tuffy Moyés Hallak trouxe para São João del-Rei inúmeros títulos de campeão e vice-campeão dos Jogos Abertos do Interior, nas décadas de 1940 e 1950.

Posteriormente, já diretor esportivo do Minas Futebol Clube, meu pai repetiu a façanha à frente do time de vôlei, conquistando o campeonato dos Jogos Abertos realizados em Piracicaba, SP, em 1958. Suas irmãs, Ana e Linda, continuavam integrando o time e Maria Martins, outra das titulares, foi convocada para a seleção brasileira! Sim, São João del-Rei mais uma vez estava no mapa. Todavia, meu pai nunca desejou, ou procurou, reconhecimento por sua enorme contribuição para o Esporte Amador. Reservado por natureza, e sem nenhum interesse em estar sob os holofotes, bastava-lhe a certeza de realizar um trabalho bem feito.

Amor maior do que aquele dedicado aos esportes, apenas o que sentia pela esposa, filhos e netos. Meu pai viveu por nós, e para nós.

Na década de 1950, casou-se com Esther Palma Costa, natural de Aldeia Nova, Portugal, a única das noras do vovô Moysés que não era de ascendência árabe, detalhe que tinha um certo peso na cultura da época. Ela, porém, soube conquistar os familiares de meu pai e tornou-se verdadeiramente amada por todos. Chegando ao Brasil, a família de minha mãe se estabeleceu no Rio de Janeiro e mudou-se para São João del-Rei no fim da década de 1930. Minha mãe, Esther, é uma mulher cuja elegância não é apenas de porte, ou de modos, mas de alma. Delicada, discreta, sempre pronta para acolher e ouvir

o outro, sempre aberta ao diálogo. Até hoje, exemplo e inspiração para mim.

Meu irmão, Antônio Eduardo e eu, Maria Elizabeth, tivemos a bênção de sermos frutos de um casamento intercultural. Aprendemos, desde cedo, que as diferenças não separam, mas agregam e enriquecem.

Antônio Eduardo, engenheiro de produção pela UFRJ, casou-se com Elizabeth Olivier, natural do Rio de Janeiro, psicóloga, e têm dois filhos, Eduardo e Rodrigo. Eduardo é advogado e sócio da Licks Advogados, casado com a também advogada Juliana Neves, natural do Rio de Janeiro, ambos residindo em São Paulo. Rodrigo, administrador de empresa e gerente do BNDS, casou-se com Érica Gall, advogada, e têm uma filha, Carolina. Eles, assim como o meu irmão, continuam morando no Rio de Janeiro.

Quanto a mim, sou psicóloga de formação, todavia, desde a minha mudança para São Paulo, anos atrás, tenho trabalhado como tradutora – inglês/português – sendo, atualmente, contratada da Editora Vozes. Casei-me com Charles B. Neilson, natural de Nova Orleans, EUA, administrador, com mestrado pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Temos dois filhos: Marc Lucas, engenheiro mecatrônico pela USP, casado com Angeline Rodrigues dos Santos, natural de Arujá, SP, também engenheira mecatrônica pela USP, com mestrado pelo ITA. Meu pai deve estar sorrindo ao ver seu neto, Marc Lucas, começar a carreira de piloto, na aviação comercial. Marc Lucas e Angeline residem na Califórnia, EUA. John Peter é engenheiro civil pela USP, casado com Maria Cecília Pisetta de Oliveira, natural de Foz do Iguaçu, PR, engenheira de materiais pela USP. John Peter e Maria Cecília têm mestrado pela KTH – Royal Institute of Technology – de Estocolmo, Suécia. Atualmente, residem em Toronto, Canadá.

Tuffy Moysés Hallak e Esther Costa Hallak são meus heróis. Espero que sejamos – seus filhos, netos e bisnetos – dignos do que eles sempre foram para nós.

Maria Elizabeth Hallak Neilson



Maria Elizabeth e Charles Neilson



Maria Elizabeth, Charles,
Lucas e Peter Neilson



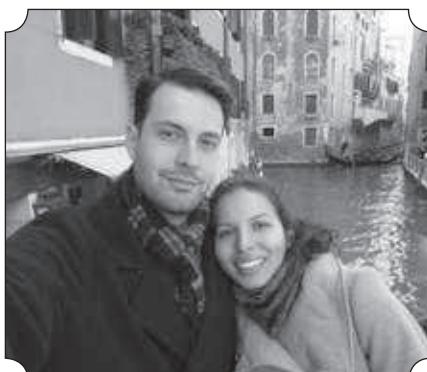
Tuffy, Esther, filha, genro e netos



Tuffy, Esther, Lucas e Peter



Peter e Cecilia, Lucas e Angeline



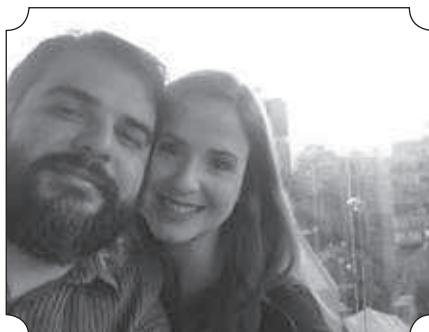
Lucas e Angeline



Peter e Cecília



Charles, Elizabeth, Lucas,
Angeline, Peter e Cecília



Eduardo e Juliana



Antônio Eduardo Costa Hallak



Érica, Carolina e Rodrigo Hallak



Rodrigo e Carolina



Time de basquete do Clube Atlanta.
Tuffy Hallak, em pé, primeiro
da direita para a esquerda



Time feminino de vôlei do Minas
Futebol Clube. Técnico Tuffy Hallak.
Ana Hallak (em pé, primeira da esquer-
da para a direita); Linda Hallak (em pé,
primeira da direita para a esquerda e
Alice Hallak (agachada, primeira da
direita para a esquerda)



Tuffy Hallak, primeiro da esquerda
para a direita, terceiro brevê de
piloto amador de Minas Gerais



Esther



Maria Elizabeth



Maria Elizabeth

Família Nadir Salim

Salim Elias e Mariette Abdala nasceram no Líbano. Um dia, conheceram-se e se casaram. Desse casamento, nasceu Nadir Salim. Por sua vez, Nadim se casou com Ione Hannas Salim e fixaram residência em São João del-Rei. O casal teve quatro filhos: Sérgio, Jorge, Lécio e Juarez. Eis alguns dados da família:

1 - Sérgio Hannas Salim, advogado, casado com Cleuria Gomes Hannas Salim; professora de História, aposentada, pedagoga com especialização em Supervisão Escolar.

São filhos do casal:

1.1 - Vinícius Gomes Hannas Salim, advogado, solteiro.

1.2 - Lívia Gomes Hannas Salim, médica, casada com Rodrigo Domingos Fan, funcionário do Banco do Brasil. O casal tem uma filha: Mariana Hannas Fan.

2 - Jorge Hannas Salim, engenheiro civil, graduado pela Universidade Católica de Minas Gerais; engenheiro de segurança, graduado pela FUMEC; engenheiro econômico, graduado pela FAEIN. É casado com Mônica Barreto Moura Hannas Salim, psicóloga e empresária: sócia proprietária da E.A. Construtora Ltda.

São filhos do casal:

2.1 - Jorge Hannas Salim Júnior, estudante de engenharia na FUMEC, solteiro.

2.2 - Sarah Moura Hannas Salim Barcha, médica, casada com Gustavo Barcha, empresário. Residem em São Paulo.

3 - Lécio Hannas Salim, engenheiro eletricista, especialização em Ciências Nuclear, Mestre em Engenharia de Recursos Hídricos. Trabalha na Comissão Nacional de Engenharia Nuclear. Tem uma filha:

3.1 - Ione Serafini Hannas Salim: bióloga, com Mestrado; filha de Giovannina Serafini, formada em Belas Artes.

Lécio é casado com Margarida Silva Alves, engenheira civil.

4 - Juarez Hannas Salim, solteiro.

Jorge Hannas Salim

Família Nagib e Nabiha Bara



Nagib Bara e Nabiha Mokdeci Bara

Este é um relato no qual se narra a trajetória de Nagib Bara e Nabiha Mokdeci Bara nos 11 anos em que moraram em São João del-Rei, entre 1938 e 1949. Meu pai, Nagib Bara, se dedicou ao comércio de tecidos, cuja loja, “Casa Nagib”, se situava na então avenida Rui Barbosa, atual avenida Presidente Tancredo Neves. A loja ficava próxima à ponte que dava acesso ao Teatro Municipal. Minha mãe, Nabiha, além das atividades do lar, trabalhou na loja. Tinham dois filhos pequenos, que nasceram em Juiz de Fora: eu, Nadime e João.

O casal se adaptou bem nas colônias síria e libanesa. Cultivaram uma convivência amistosa com os membros das famílias Haddad, Hallack, Sade, Tayer, entre outras. A vida em São João del-Rei ocorreu dentro da normalidade esperada. Com o trabalho árduo, coragem e perseverança, os percalços foram sendo ultrapassados. A permanência em São João del-Rei proporcionou o aumento da família, com mais 3 filhos: Chafy, Maria Aparecida e Leila. Os quatro filhos mais velhos frequentaram o Grupo Escolar Maria Teresa, um dos melhores institutos de educação da cidade, premiado várias vezes no desfile de 7 de Setembro.

Gozávamos de total liberdade para brincar na rua com nossos amigos: jogar bola de gude, brincar de pique, jogar finco, pular corda e outras brincadeiras das quais ainda sinto saudades. Tempo bom!

Papai nos levava para passear de trem “Maria Fumaça”. O passeio era até a localidade chamada Águas Santas, onde pulávamos na piscina. Passávamos o dia inteiro no balneário.

Chegamos a morar também na rua Marechal Deodoro. Nossa casa ficava próxima à residência do Sr. Atta. Depois nós nos mudamos para a avenida Rui Barbosa, atual avenida Presidente Tancredo Neves.

Um fato pitoresco: mamãe confeccionou uma bandeira do Brasil por ocasião da volta dos expedicionários que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

Assim foi a nossa breve permanência em São João del-Rei, cidade em que fomos recebidos com muita amizade e da qual ainda nos lembramos com carinho e saudades! A nossa volta para Juiz de Fora se deu em 1949, motivada por questões comerciais.

Hoje, somos 5 filhos: **Nadime**: professora e mestre, aposentada pela UFJF, mora em Juiz de Fora; **João**: comerciante, falecido; **Chafy**: médico neurocirurgião, formado pela UFJF, mora em Juiz de Fora; **Aparecida**: decoradora de interiores, mora em Belo Horizonte; **Leila**: diplomada e licenciada em Geografia pela UFJF, mora em Belo Horizonte e **Marcos**: analista de sistemas, mora em São Paulo. A nossa família também é composta por 14 netos e 11 bisnetos.

Marcos Luiz Bara



Família Nagib e Nabiha Bara reunida no aniversário
de 80 anos da primogênita, abril 2017

Descendência

Nagib Bara
+Nabiha Mokdeci Bara

- Nadime Bara
- João Bara
- +Dora Floriano de Souza ex
 - Cesar Augusto Floriano Bara
 - +Roshineia de Oliveira Ferreira da Silva
- +Elvânia Almeida Bara ex
 - Vanessa de Almeida Bara
 - +Frederico Gomes Soares ex
 - Laila Bara Soares
- Samir Almeida Bara
- Patrícia Almeida Bara
- +Rodrigo Sebastião dos Reis ex
 - Leticia Bara dos Reis
- Chafy Bara
- +Hilda Henrique Bergo Duarte Bara
 - Carla Duarte Bara
 - Nádia Duarte Bara
 - +Wellington Rodrigues
 - Tobias Bara Rodrigues
- Maria Aparecida Bara Maia
- +José Henrique Maia
 - Monica Bara Maia
 - +Marcelo Aires Ribeiro de Carvalho
 - Mateus Ayres Maia
 - Tomás Ayres Maia
 - João Henrique Bara Maia
 - +Luciana Azevedo Maia
 - Ana Luiza Azevedo Maia
 - José Henrique Maia Neto
 - Márcia Luísa Bara Maia
 - +Saulo Alves Pereira Jr (ex)
 - Eduardo Maia Alves Pereira
 - +Luiz Claudio Prates Zumpano
 - Rodrigo Bara Maia
 - +Viviane Vilela Pinto Maia
 - Vitor Vilela Maia
 - Marina Vilela Maia
 - Rafael Bara Maia
- Leila Bara Devita
- +Gilberto Devita Costa
 - Natália Bara Di Vita
 - +Leo Vitor Sousa Novais
 - Malu Bara Novais
- Thaís Bara Di Vita
- Marcos Luiz Bara
- +Simone Haddad Francisco Bara
- Pedro Haddad Francisco Bara

Família Naib Ferreira



Casamento de Naib e Elvira

Líbano: país de religiosidade tradicional; paisagens maravilhosas; culinária especial; país que sofreu com a I Grande Guerra, vendo seus filhos terem que sair de seu rincão para tentar vida nova em terras longínquas.

João Pedro Ferreira e Maria Assad Ferreira se casaram no Líbano e vieram para o Brasil. O casal teve 8 filhos: Antonio, Pedro, José, Jorge, Assad, Alzira, Julieta e Naib.

A partir daí, vêm os dados da geração:

1 - Antonio casou- se com Nair e tiveram 7 filhos: Maria Aparecida, Maria José, Maria Emilia, João Pedro, José, Jamil e Jorge Ferreira.

1.1 - Maria Aparecida casou-se com Chibel Bechara e tiveram 3 filhos: Vânia, Maria Cecília e Charbel.

1.2 - Maria José casou-se com Remi e tiveram 2 filhos: Roberto e Ricardo.

1.3 - Maria Emilia teve um filho: Antero.

1.4 - João Pedro, já falecido, não se casou e não teve descendentes.

1.5 - José, já falecido, não se casou e não teve descendentes.

1.6 - Jamil casou-se e teve duas filhas.

1.7 - Jorge Ferreira casou-se com Chafia Jabour e tiveram 6 filhos: Maria Elizabete, Maria Helena, Cristina, Sônia, Jorge Luiz e Edson.

2 - Assad Ferreira casou-se com Margarida Rodrigues e tiveram 3 filhos: Cláudia, Cíntia e Regis.

3 - Julieta casou-se com Miguel Haddad e tiveram 4 filhos: Antonio, José, João e Maria do Carmo.

4 - Naib Ferreira casou-se com Elvira Cherfên Ferreira.

Eis alguns dados da família de Naib Ferreira e Elvira Cherfên Ferreira: Naib Ferreira casou-se com Elvira Delassavia Cherfên, filha de Otávio Manoel Cherfên e Ilda Delassavia Cherfên. Elvira nasceu em São João del-Rei, no dia 17 de maio de 1940. Naib e Elvira desempenhavam atividade comercial no ramo de calçados: "Sapataria Princesa" e "Sapataria a Fonte dos Calçados". Residiram em São João del-Rei. Naib veio a falecer em 26 de novembro de 1991. O casal teve 7 filhos:

- Eliana do Carmo Ferreira Cherfên, natural de São João del-Rei, nascida em 20 de julho de 1958. Professora aposentada. Casada com Antonio Lopes de Carvalho, comerciante.

- José Eduardo Ferreira Cherfên, natural de São João del-Rei, nascido em 20 de março de 1962. Coronel reformado do Exército. Casado com Ana Paula Peres Rios Ferreira Cherfên. Tem dois filhos: Vitória e Vitor Hugo. Residem, atualmente, em João Pessoa, PB.

- Luiz Carlos Ferreira Cherfên, natural de São João del-Rei, nascido em 26 de agosto de 1963. Oficial superior de máquinas da Marinha. Casado com Marília de Carvalho. O casal tem dois filhos: Luiz Gustavo e Paula Louise.

- Ricardo José Ferreira Chefên, natural de São João del-Rei, nascido em 6 de novembro de 1964. Fazendeiro, casado com Maria da Glória Campos Cherfên. O casal tem duas filhas: Júlia e Marina. Residem em Morro Grande.

- Rogério Augusto Ferreira Cherfên, natural de São João del-Rei, nascido em 23 de dezembro de 1966. É empresário, casado com Fernanda Salomé Kingma. Residem, atualmente, no Rio de Janeiro.

- Elaine Maria Ferreira Cherfên, natural de São João del-Rei, nascida em 06 de março de 1968. Casada com José Aloísio Cotta Saldanha, ambos funcionários públicos da Receita Federal. Residem, atualmente, em Divinópolis (MG).

- Simone Aparecida Ferreira Cherfên de Oliveira, natural de São João del-Rei, nascida em 11 de maio de 1973. Casada com Sérgio Alexandre de Oliveira, coronel do Exército. O casal tem dois filhos: Pedro e Gabriela. Residem em Brasília.

Elvira Cherfên Ferreira



Carro Ford, de Naib, estacionado em frente a sua loja "A Fonte dos Calçados"



Formatura de José Eduardo, oficial do Exército



Naib, Elvira e filhos



Naib, Elvira, filhos e neta

Família Nicolau El-Hawa



Jorge Nicolau



Regina Nicolau

Em 1914, o jovem Jorge Nicolau saiu de seu Líbano querido, fugindo da perseguição dos turcos, que nessa época, dominavam o seu país. Os turcos eram muçulmanos e perseguiam os maronitas, que eram cristãos. Jorge Nicolau saiu de Safra, ao norte do Líbano, onde nasceu. Deixou sua querida esposa Regina Jorge EL-Hawa com 3 filhos: Felix Nicolau, Maria Jorge Nicolau e Nicolau Jorge El-Hawa. Jorge partiu em busca de melhores dias e de paz. Foi primeiramente para o México. Como esse país era muito violento naquele tempo, Jorge ficou decepcionado e desiludido com o país. Resolveu não ficar por ali.

Partiu, então, para o Brasil onde já se encontrava uma tia, de nome Maria. Chegou ao Brasil em 1915, sem nada saber dos costumes, da língua e da religião. Como salientamos, ele e a família eram cristãos do rito maronita.

Chegando ao Brasil, encontra sua tia, no pequeno arraial de Ibituruna, onde o comércio se encontrava em efervescência. Nesse arraial passava a estrada de ferro Oeste de Minas, levando produtos de São João del-Rei e região para os grandes centros.

Jorge começou a negociar, focando seu comércio em mandar mercadorias para o Rio de Janeiro. Com o talento para o comércio,

nato dos libaneses, começou a prosperar. Logo, viu-se em condições de reunir a família novamente.

Mandou buscar sua esposa saudosa e os 3 filhos, que haviam ficado no Líbano. Quando a família chega ao Brasil, ele já adaptado e estabelecido, dobrou seu ânimo e a vontade de trabalhar. Jorge se adaptou tanto ao Brasil que já se sentia um brasileiro. Seus filhos mais velhos já contribuíam com efetiva ajuda nos negócios. E assim, mais 3 filhos nasceram com a nacionalidade brasileira. São eles:

José Jorge Nicolau, que se ordenou sacerdote e foi vigário em Ibituruna por mais de 40 anos, até seu falecimento, em 1999.

Luis Nicolau chegou a estudar engenharia, mas acabou voltando para Ibituruna, onde foi professor e titular do cartório de registro civil. Casou-se com Alcídia de Resende e tiveram 8 filhos, sendo 3 mulheres e 5 homens.

O caçula, Elias Nicolau, também se casou com Ruth Lopes Ferreira. Tiveram 8 filhos, sendo 3 homens e 5 mulheres: Regina Maria, Pedro Jorge, Elias, Tarcísio, Conceição, Mirian Ruth, Ana Beatriz e Maria do Pilar.

Há um detalhe interessante: uma das netas de Elias, Cibele de Arvelos Nicolau, bisneta de Jorge e Regina, filha de Tarcísio e Marlene, como numa volta às origens, se casou com um libanês, Sadek Baghdadi, da cidade de Sadekini, ao sul do Líbano. O casal tem 3 filhas: Aya, Zahraa e Lara Baghdadi, com cidadania libanesa.

Os filhos mais velhos que nasceram no Líbano também deixaram uma boa descendência:

Félix Nicolau se casou com uma árabe, Maria Alípio. Tiveram 3 filhos e uma filha.

Maria Jorge Nicolau se casou com um árabe, João Salim, e tiveram 3 filhos e uma filha.

Nicolau Jorge El-Hawa se casou com uma árabe, Rima Nacif, no ano de 1940, em São João del-Rei. Rima era filha de Miguel Nacif e Zaíá, que também vieram do Líbano para São João del-Rei, onde tiveram 6 filhos, sendo Rima a sua primeira filha. Nicolau e Rima tiveram 7 filhos: José, Maria do Carmo, Antonio (falecido), Luiz, Jorge, Terezinha do Carmo e Paulo Cesar. Os seis que se casaram tiveram 11 filhos que vivem em São João del-Rei, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Vitória, Barbacena, Contagem, Nova Iguaçu, Estados Unidos e Alemanha.

Dentre os filhos homens, também um se ordenou sacerdote e mora em São João del-Rei, o padre e psicólogo José Nacif Nicolau.

Jorge Nicolau faleceu em 1948 e sua esposa Regina, em 1961. Todos os filhos do referido casal já são falecidos.

A descendência é grande, com filhos, netos, bisnetos e trínetos. Como era de costume, os nomes da família foram aportuguesados. Foi-nos deixado como legado: coragem, determinação e honestidade.

Tarcísio Nicolau



Sadek Baghdadi, Cibele Nicolau, Aya, Zahra e Lara Baghdadi



Sadek Baghdadi, Cibele Nicolau, Aya, Zahra e Lara Baghdadi

Família Pedro Kanaan

Pedro Kanaan, nascido no Líbano, casou-se com Jovita Kanaan (falecidos). Filhos: Anália, Jorge Kanaan, José Kanaan, Maria da Conceição (Maria Turca). Falecidos.

Maria da Conceição Kanaan, casou com João Jorge de Castro. Com o casamento, passou a chamar Maria da Conceição de Castro. Filhos: José Aparecida de Castro, que se casou com Adna (falecidos). Filhas: Adna Maria e Maria Amélia.

Leila de Castro Pelegrinelli casou-se com Cleto Pelegrinelli (foi comerciante, Major do Exército, ex-combatente). Filhos: José Cleto, João Lélis (falecido). Maria Leila, Claret, Maria Lúcia, Eduardo, Maria Auxiliadora (falecida). Claret, casou-se com Elaine Neves. Filha: Fernanda. Neta: Maria Clara. Eduardo casou-se com Cláudia. João Lelis com Rosa Maria.

Ignácio Zózimo de Castro casou-se com Maria José Castro. Filhos: Carlos Alberto, Luiz Fernando, Antônio Eduardo, Jorge Lúcio, Domingos Sávio, Maria Cristina, Sérgio Murilo.

Léa de Castro casou-se com José Garcia. Filhos: José Inácio, Sílvia Maria e Elizabeth. Netos: Maria da Conceição, Tânia Mara, Denise, Pedro.

Maria das Graças, casou-se com Ailson Sena. Filhos: André, Lucas. Neta: Olívia.

Maria Auxiliadora Monteiro Velasco casou-se com Carlos Antonio Velasco. Filhos: Maria Isabel, Davi, Daniel.

Antônia de Castro Portela casou-se com Raimundo Sidney de Assis Portela. Filhos: Ricardo, Patrícia, Jorge, Paulo Roberto, Ricardo Sidney de Castro Portela, casou-se com Lilian. Filha: Rafaela. Patrícia Maria de Castro Portela. Filha: Mariana. Jorge Marcus de Castro Portela, casou-se com Magda. Filha: Laura. Paulo Roberto de Castro Portela, casou-se com Rosana. Filhos: Bruno e Ananda.

Ângela Maria El-Corab Fiche
(informações prestadas por Leila, Elaine e Ricardo)

Família Pedro Manoel Cherfên e Elvira Garcia Cherfên



Os irmãos Otávio, Lafayete
e Antonio Cherfên



Pedro Manoel e
a esposa Elvira

Mesmo sendo numa viagem difícil e sacrificada, a vida proporcionou um fato bastante agradável: Pedro e Elvira se conheceram no navio. Ao mesmo tempo em que atravessavam o oceano, atravessavam também uma etapa importante de suas vidas. Pedro Manoel Cherfên era da Síria. Por sua vez, Elvira Garcia Cherfên era da Espanha, sendo filha de Antonio Napoleão Delassavia e Virgínia Napoleão.

Pedro e Elvira se casaram e foram morar na cidade de Limeira (SP). Dedicaram-se à atividade comercial. O casal teve 6 filhos: Antonio, Lafaiete, Otávio, Albertina, Salime, Ablah.

Antonio Manoel Cherfên Neto, brasileiro, militar do Exército, casou-se com Maria do Rosário Araújo, brasileira. Tiveram 5 filhos: Iara, Walter, Valdir, Cleusair, Roseli.

Lafaiete Manoel Cherfên, brasileiro, comerciante em Limeira, casou-se com Serafina e tiveram 4 filhos: Marcelo, Mauro, Marco Antonio e Maísa.

Otávio Manoel Cherfên, brasileiro, militar, casou-se com Ilda Delassavia Cherfên e tiveram 5 filhos: Elvira, Pedro, Lídice, Wilian e Berenice.

Albertina Cherfên, brasileira, casou-se com Halin, sírio. De-dicaram-se ao comércio e abriram uma fábrica de cuecas em São Paulo. Tiveram 3 filhos.

Salime Cherfên, brasileira, casou-se com Maurílio, também brasileiro, e tiveram 3 filhos.

Ablah Cherfên, brasileira, casou-se com Alfredo Butalo, de origem italiana e tiveram 3 filhos: Valdir, Lilian e Jairo.

Otávio Manoel Cherfên e Ilda Delassavia Cherfên

O casal Otávio e Ilda teve 5 filhos:

Elvira (sua família está descrita juntamente com a família de seu marido Naib).

Pedro Manoel Cherfên Neto, nascido em São João del-Rei, em 9 de dezembro de 1941. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde tornou-se militar do Exército, fazendo carreira e chegando a coronel. Casou-se com Liege Marques. Tiveram dois filhos: Gabriele e Fernando Otávio. Pedro faleceu em 2016.

Berenice Delassavia, nascida em 18 de maio de 1946, na cidade de Rio Claro, SP. Solteira. Faleceu em 8 de outubro de 2014.

Lídice Delassavia Cherfên, nascida em São João del-Rei, casou-se com Iruan Gomes Peixoto e tiveram 3 filhos: Bruno Cherfên, solteiro, dentista; Giovana Cherfên Peixoto, casada com José Maria Rabelo e têm duas filhas: Isabela e Sara. Breno Cherfên Peixoto, dentista e professor universitário.

Elvira Cherfên Ferreira

Família Rafa El-Corab

Parafraseando o Evangelho de Mateus (Mt. 1), Pedro Jorge El-Corab e Rafa Isaac El-Corab geraram Carlos Pedro El-Corab. Kalil José El-Corab e Frangie Saade El-Corab geraram Maria Kalil El-Corab. Carlos Pedro El-Corab casou-se com Maria Kalil El-Corab (primos 1º grau) e tiveram dois filhos: Pedro Carlos El-Corab e Rafa Carlos El-Corab, a dona Rafa, como é conhecida por todos.

Exceto Pedro Carlos e Rafa, todos nasceram no Líbano, na cidade de Halet, Jbeil. Como temos visto, uma boa parte dos sírio-libaneses que adentraram nossa região é composta de familiares ou amigos nucleados naquela localidade do Líbano.

Carlos Pedro veio com o irmão Addia e os tios deles: Tobias Isaac El-Corab e Ibrahim Isaac El-Corab, pai do conhecido José Abraão (Yussef Ibrahim El-Corab), Elias Isaac El-Corab. A família de sua avó materna (Maria Kalil El-Corab e sua bisavó, Franzie Saade) também veio para o Brasil.

Carlos Pedro casou-se com Maria Kalil, montou residência em Desterro de Entre Rios (MG), firmando-se ali, após muita luta, como próspero comerciante. Vende de tudo, como todos seus conterrâneos do Líbano. Em 10 de janeiro de 1914, nasceu Pedro Carlos e, em 07 de março de 1919, Rafa. Quando Rafa tinha mais ou menos 02 anos, a família voltou para o Líbano, retornando após um ano, por problemas de doença nos olhos de Pedro e Rafa.

Mudaram-se para a cidade de Resende Costa e Pedro Carlos (já falecido em 12 de 1965) casou-se com Adotiva Aarão (Estrelinha). Em 14 de maio de 1938, Rafa El-Corab casou-se com Antônio de Resende (1916-1973). Antônio foi vereador e prefeito por dois mandatos.

Do casamento de Rafa El-Corab e Antônio de Resende, nasceram 13 filhos: Humberto, Hugo (falecido), José Geraldo (Lalado), Lúcia (falecida), Maria Helena (Lena), Sônia, Antônio (Toninho), Carlos Roberto (Cazinho), Luciano (Grilo), Maria das Mercês (Cezinha), Elizabeth, Goretti e Luciene. Tornaram-se donos da fazenda São João, onde prosperaram com criação de gado, produção de leite, fábrica de doces, manteiga e polvilho.



Pedro Carlos
e Rafa El-Corab



Rafa
El-Corab



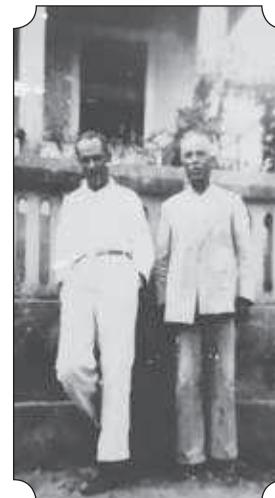
Pedro Carlos
El-Corab



Carlos Pedro
El-Corab



Maria Kalil
El-Corab



Carlos Pedro
e Pedro Carlos
El-Corab (filho)



Carlos Pedro El-Corab, Maria Kalil
El-Corab e descendentes

Obs.: Os árabes sempre tiveram o costume de colocar o nome dos filhos iguais aos avós e tios, daí se fazia muita confusão para entender as famílias.

Mas nem tudo foram flores e vieram dias cinzentos. A filha Lúcia adoeceu. Gastaram tudo que puderam. Venderam a fazenda e mudaram-se para São João del-Rei. Lúcia partiu aos 18 anos. No segundo mandato de prefeito, Antônio de Resende retorna a Resende Costa.

Novamente, momentos difíceis para dona Rafa: falece seu marido, ainda se recuperando da morte da filha Lúcia.

Conta Beth que seu irmão Hugo tornou-se o esteio da família, porto seguro de sua mãe Rafa. Tínham apenas onde morar e os irmãos mais velhos iam ajudando os mais novos até que estes tivessem condições de se manterem e ajudarem a mãe.

Rafa (dona Rafa) era uma mulher laboriosa, exercia com fervor a caridade, além de ser muito religiosa. Não gostava que nenhum necessitado saísse de sua casa com fome ou frio. Era também exímia na comida árabe, donde saíam quibes, tabules, lentilhas, coalhadas sírias e grãos de bico de excelente qualidade. Rafa nos deixou em 02.09.1986. Mas o clã El-Corab, por ela expandido, continua se fortificando em Resende Costa e São João del-Rei.

Elizabeth e Sônia El-Corab Melo, casada com Antônio de Melo, (promotor) residentes em São João del-Rei, a quem devemos informações desta matéria.

Ângela Maria El-Corab Fiche

Família Tannus

Histórico da Família Tannus

Primeira Geração: Jorge Tannus Forrage e Maria Azzi Tannus

Segundo relato de Maria, em consequência de uma guerrilha, ela se perdeu da família e foi acolhida por uma amiga de sua mãe. A dona da casa estava escolhendo um noivo para sua filha. Quando o pretendente chegou, a moça escolhida não o quis. A mãe dela então propôs ao rapaz que se casasse com Maria. Nem mesmo se conhecendo, os dois se casaram e vieram para o Brasil. Nessa ocasião Maria estava com, mais ou menos, 16 anos. A situação não foi fácil para ela: muito nova, mal conhecendo seu esposo, língua e país desconhecidos. Tudo isso a fez sofrer muito, sempre com a esperança de um dia voltar a sua terra natal.

O casal chegou ao Brasil por volta de 1920, vindo do Líbano, da cidade de Beirute. Ao chegarem em São João del-Rei, Jorge abriu uma padaria, onde ele e sua esposa Maria tiravam o sustento da família. Porém, Jorge gostava muito de jogar carteado, jogava durante as madrugadas e justamente por causa dos jogos, perdeu tudo que havia conquistado e finalmente adoeceu.

O casal teve sete filhas e um filho. São eles:

1 - **Olga Tannus Assis**, que se casou com Astrogildo Assis, militar do Exército, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial. Além de seu amor pelo Exército, era um artista, Tendo se dedicado à arte da “Colagem”. A técnica da colagem não é muito conhecida. De acordo com pesquisa da família, só se teve notícia de um artista dedicado a esse tipo de arte quando estava expondo seus trabalhos no Rio de Janeiro. Também se dedicou a escrever crônicas. Faleceu em 09/05/2004. Tiveram três filhas e um filho, Mário Márcio Assis, que morreu ainda criança, com apenas um ano e três meses, em fevereiro de 1948. As filhas são:

1.1 - Magda Mara Assis – Professora no Ensino Superior – aposentada, solteira.

1.2 - Mara Márcia Tannus Assis – Psicóloga e Gestora pública, se casou com Osvaldo Baccarini Costa e, após trinta anos de casamento, divorciaram-se. Tiveram duas filhas:

1.2.1 - Kívia Mara Assis Costa – Arquiteta, casada com o Gustavo Miranda Varella Pereira, médico Urologista. Residem em Belo Horizonte. Tiveram dois filhos:

1.2.1.1 - Lucca Assis Varella – com 9 anos de idade.

1.2.1.2 - Nina Assis Varella – com 8 anos de idade.

2.2 - Lycia Mara Assis C. Andrade – Médica Endocrinologista e Clínica, com título de Especialista em Endocrinologia pela SBEM e em Clínica Médica pela SBCM. Proprietária da Clínica “VITAGE saúde & beleza. Casada com Marcelo Andrade, médico Radiologista. Tiveram três filhas:

1.2.2.1 - As gêmeas Laura Tannus Andrade e Luiza Tannus Andrade – com 13 anos.

1.2.2.2 - Letícia Tannus Andrade – com 8 anos.

1.3 - Márcia Mara Tannus Assis – Administradora e Economista – gêmea com Mara Márcia Tannus Assis. Solteira.

2.0 - **Rosa Tannus** – Solteira, falecida.

3.0 - **Edite Tannus Sbampato** – que se casou com Fausto Sbampato e não tiveram filhos. Ambos são falecidos.

4.0 - **Florinda Tannus Dâmaso**, que se casou com Luiz Mansuêto Dâmaso, militar do Exército, que prestou serviço no Canal de Suez. Falecido. Eles tiveram seis filhas e um filho. São eles:

4.1 - Regina Maria Tannus Dâmaso – Psicóloga, divorciada, que se casou com Watson Albuquerque – Administrador. Tiveram dois filhos:

4.1.1 - Watson Albuquerque Filho – Advogado, solteiro.

4.1.2 - Lívia Dâmaso Albuquerque – Farmacêutica e Médica, solteira.

4.2 - Tânia Regina Tannus Dâmaso – Advogada e Professora, solteira.

4.3 - Líbia Cristina Tannus Dâmaso – Pedagoga, solteira.

4.4 - Luiz Fernando Tannus Dâmaso – Engenheiro Civil e Advogado, que se casou com Cristina Rueda Almeida, Enfermeira. Ambos são aposentados pela Petrobrás. Tiveram dois filhos:

4.4.1 - Luiz Gustavo Rueda Tannus – cursando Medicina Veterinária.

4.4.2 - Luiz Henrique Rueda Tannus – cursando Agronomia.

4.5 - Teresa Cristina Tannus Dâmaso Gusmão – Gestora Pública, que se casou com Luiz Roberto Gusmão – Administrador e tiveram dois filhos:

4.5.1 - Pedro Henrique Gusmão – Engenheiro mecânico, que se casou com Nayana Ribeiro Penido Pinto Gusmão, Administradora e cursando psicologia, ainda não têm filhos.

4.5.2 - Thiago Henrique Gusmão – Médico, solteiro.

4.6 - Maria Inês Tannus Dâmaso – Professora, divorciada, que se casou com George Souto de Souza e tiveram duas filhas:

4.6.1 - Mariana Dâmaso Souto de Souza – Engenheira Química, solteira.

4.6.2 - Fernanda Dâmaso Souto de Souza – Advogada, solteira.

4.7 - Ana Paula Nascimento Tannus Dâmaso – Fisioterapeuta, solteira.

5 - **Zacarias Jorge Tannus**, que se casou com Nelly Lara Tannus, ambos falecidos, tiveram dois filhos:

5.1 - Ricardo Lara Tannus

5.2 - Ronaldo Lara Tannus

6.0 - **Antônia da Trindade Tannus** – solteira

7.0 - **Anália Tannus** – solteira – falecida

8.0 - **Teresa Jorge Tannus** – solteira

Jorge faleceu em 11/03/1949, tendo vivido no Brasil por 29 anos.

Maria completou 80 anos em 17/09/1984, e faleceu em 19/09/1984, logo, dois dias após completar seus 80 anos de idade. Viveu no Brasil, sem retorno ao Líbano, por 64 anos.

Mara Márcia Tannus Assis



Bodas de Ouro de Astrogildo e Olga



Astrogildo, Olga e Magda no colo



Vovó Maria Tannus



Excursão da família Tannus e David



Astrogildo, Maria Tannus
e Olga - Bodas de Prata



Baile no Athletic Clube. Antônia,
Astrogildo, Olga e Aurene David



Filhas de Maria Tannus



Anália, Teresa, Rosa, Florinda e Antônia

Família Tobias Isaac El-Corab



A avó Catarina com seu neto José Ibrahim El-Corab

Tobias Isaac El-Corab, junto com seus irmãos, Ibrahim Isaac El-Corab e Elias El-Corab, emigrantes do Líbano, chegam ao Brasil na década de 30. Vieram para Minas Gerais e se estabeleceram na cidade de São João del-Rei.

Tobias Isaac El-Corab e seus irmãos foram grandes empreendedores e possuíam vários tipos de comércio em São João del-Rei. Eram visionários, trabalhavam duro e sempre foram muito respeitados.

Na atual Rua Marechal Deodoro, no centro da cidade, Tobias Isaac abriu uma padaria que se chamava Padaria do Comércio, um armazém e uma torrefação de café, que era conhecido como Café Íris. Já no município de Catiara (MG) investiu no ramo de banha de porco (Banha Pérola) e carnes salgadas. Eram tempos difíceis, tempos de guerra. Mesmo enfrentando muitos desafios, conseguia fornecer banha e carne salgada para várias regiões do Brasil.

Tobias foi casado com Alzira Simon, também emigrante libanesa e formaram uma bela família. Tiveram sete filhos: Felipe, Josefina, Alberto, Isaac, Mercedes, Malvina e Fosh Isaac El-Corab. Tobias permaneceu em São João del-Rei até a década de 1960, quando, já viúvo, resolve acompanhar seu filho Alberto para a promissora cidade de Betim, lá falecendo aos 98 anos de idade, deixando um legado de caráter, bondade, trabalho, amor à família e ao próximo.

Ana Cláudia Isaac, bisneta de Tobias El-Corab



Tobias Isaac, Alzira e suas filhas



Tobias Isaac El-Corab

Família Toufic Daoud Ayoub Arbache



Toufic Ayoub

Filho de Daoud Ayoub Arbache e Nadima Massara, Toufic nasceu em 12/12/1922, na cidade de Yabroud, República Árabe da Síria. A velha Yabroud é uma cidade a 1.550 metros de altitude, localizada a 80 km ao norte da capital Damasco. Pessoa ilustre, internacionalmente conhecida, também teve origem em Yabroud: os pais do ex-presidente argentino, Carlos Menen (Saul Menen e sua esposa Mohibe Akil, ambos nascidos em Yabroud), emigraram para a Argentina antes do final da Primeira Guerra Mundial.

Ainda como curiosidade, o aramaico foi possivelmente a língua falada por Jesus e ainda era falada no Oriente Médio em algumas pequenas comunidades no interior da Síria, entre elas Maalula e Yabroud. Na cidade de Yabroud, Jesus Cristo hospedou-se por 3 dias.

De um total de quatorze irmãos, Toufic era o segundo filho, do segundo casamento de seu pai, Daoud. Daoud casou-se inicialmente com Hana Kassis e dessa união tiveram sete filhos: Michael (1887), Nadima (1889), Elias (1891), Wadie (1895), Ayoub (1897), Abdo (1899) e Matanius (1905).

Com o falecimento de Hana, em 1915, aos 60 anos, Daoud casou-se com a sobrinha de Hana, Nadima Massara, em 1919, na época com 19 anos, com quem teve mais 7 filhos: Mariam Daoud Ayoub Arbache



Casa da família em Yabroud

(1920), Toufic Daoud Ayoub Arbache (1922,) Chafic Daoud Ayoub Arbache (1924), Michel Daoud Ayoub Arbache (1925), Zakia Daoud Ayoub Arbache (1927), Chafica Daoud Ayoub Arbache (1929) e Joseph Daoud Ayoub Arbache (1931).

A antiga cidade de Yabroud é a origem da família e é onde está a grande casa em estilo árabe, com 18 quartos, cercada por extensa área. Havia um haras onde criavam cavalos de raça, cultivavam frutas e videiras, cujas uvas eram utilizadas na fabricação familiar artesanal da tradicional bebida árabe, o arak, um destilado de uva com alto teor alcoólico (em torno de 50%).

Daoud, juntamente com o seu irmão Atta, trabalhavam juntos no comércio. Compravam pele de cabra e ovelhas em Yabroud e nas aldeias vizinhas, mandavam industrializar e exportavam para os beduínos da Jordânia e do Golfo Pérsico. Em 1912, muitas pessoas, especialmente imigrantes, estavam investindo seu dinheiro, resultado do trabalho no comércio e na agricultura.

A família possuía muitas terras e imóveis. Partiram, então, para uma nova atividade, passando a atuar no setor financeiro. Fundaram o “Banco Daoud Ayoub e Irmãos”, que, chegando a ter três agências, teve suas atividades encerradas no ano de 1940.

A agência bancária principal ficava em Yabroud e era administrada por Daoud e seu filho do primeiro casamento, Michael. Uma se-

gunda agência, em Damasco, era administrada pelo irmão Atta e seu filho. A terceira agência em Beirute, no Líbano, era administrada pelos filhos e irmãos Wadie e Matanios.

Em 1925, ocorreu, na Síria, uma revolução contra a ocupação francesa, momento em que ladrões aproveitaram para fazer saques nas cidades. Em 1925, foram várias vezes a Yabroud e, sob ameaça, levaram grandes somas de dinheiro de Daoud. Não satisfeitos, queriam mais. Voltaram e exigiram uma quantia muito grande de dinheiro, quantia essa que não se encontrava disponível na agência. Tendo seu primeiro filho do primeiro casamento – Michael – ameaçado de morte, caso uma elevada quantia não fosse entregue em uma semana, Daoud, temendo pela sua vida, solicitou-lhe que Michael fosse com um acompanhante à agência de Beirute buscar o dinheiro.

Conforme orientação de Daoud, eles partiram ao encontro de Atta, passando pelas montanhas. Mas os ladrões os seguiram e atiraram em Michel, atingindo-o no rim e fugiram. O acompanhante ainda conseguiu levá-lo até Beirute, mas Michael não sobreviveu: faleceu pouco antes de completar os 38 anos.

Michael era muito popular e muito querido na região. Seu corpo foi levado de volta a Yabroud, onde aconteceu um grande funeral, no qual compareceram vários franceses que, na época, habitavam o país. Também estiveram presentes todas as famílias de Yabroud e famílias de várias das cidades vizinhas, tanto cristãs como muçulmanas.

Algum tempo depois, todos os envolvidos foram presos e sentenciados à morte. Mas o golpe foi muito grande para Daoud, que, por muito tempo, sentiu-se entristecido, deprimido, reduzindo muito o seu trabalho.

Pouco depois de um ano, Daoud separou-se de seu irmão Atta, que permaneceu em Beirute. Daoud e seu filho Ayoub, também filho do primeiro casamento, assumiram os negócios em Yabroud, ao passo que Wadie e Matanios assumiram os negócios em Damasco.

Quando Toufic obteve o seu certificado da escola primária, foi trabalhar com o seu irmão Wadie em Damasco. Os negócios da família iam muito bem, quando, em 1935, aos 80 anos, Daoud decidiu parar de trabalhar, momento em que Ayoub assumiu a gerência em Yabroud e Wadie assumiu a gerência em Damasco. A partir daí, os negócios começaram a declinar e, para cobrir as perdas, tiveram que vender grandes extensões de terra.



Cartão de imigração



Passaporte

Com o início da Segunda Guerra Mundial, grande crise se instalou em todos os setores da economia mundial, crise essa que somada a erros dos irmãos, culminaram com o encerramento das atividades bancárias em 1940.

Em 1948, já órfão do pai Daoud Ayoub Arbache, que falecera em 1940, Toufic, em silêncio, decidiu emigrar para os Estados Unidos. Toda-
via, com a demora na obtenção do visto americano, mudou o destino e
emigrou para o Brasil.

Poucos dias antes de partir, ainda em Yabroud, plantou a muda de uma árvore junto a um dos muros da casa e somente na hora da despedida, já de malas prontas, comunicou sua mãe Nadima sobre a partida. Aos prantos, ela implorou para que ele não partisse, porque seu

filho mais novo, Joseph, havia deixado a Síria em 1940 e ela não queria perder outro filho. Procurando tranquilizá-la, Toufic disse que retornaria em alguns anos. E partiu.

Em 1955, Joseph Ayoub retornou à Síria, mas Toufic e Nadima nunca mais se viram. Trinta e cinco anos depois da sua partida, em 1983, Nadima Massara, sua mãe, faleceu dormindo, deitada em seu quarto na bela casa da família, em Yabroud.

O início da jornada de Toufic começou em 1948, quando seu irmão Chafic o levou de carro até Beirute, no Líbano. Toufic partiu do porto de Beirute em direção ao porto de Marselha, onde, após alguns dias, embarcou em outro navio.

Após mais trinta dias de viagem, finalmente desembarcou no Brasil, no porto do Rio de Janeiro. De lá, partiu para São Paulo, onde já havia imigrantes de Yabroud.

Após um curto período na cidade de São Paulo, dirigiu-se a Juiz de Fora, MG, onde pretendia iniciar a vida e abrir um comércio.

Os primeiros imigrantes Sírios chegaram a Juiz de Fora em 1912. Vieram em porões de navios, em condições muito difíceis. Dedicaram-se ao comércio informal, trabalhando como mascates, até conseguirem algum dinheiro, que investiam principalmente em lojas de armazéns e tecidos e, posteriormente, em fábricas. Fixaram-se na parte baixa da Rua Marechal Deodoro, hoje tradicional área comercial no centro da cidade de Juiz de Fora.

Após um período na cidade, Toufic já negociava um ponto comercial na referida rua, momento em que recebeu um recado do Sr. Moisés Hallak, também imigrante sírio de Yabroud, convidando-o a passar um período com ele em São João del-Rei.

Como não havia, naquela época, estrada entre as cidades, após longa viagem de três dias por difícil e empoeirado caminho, Toufic finalmente chegou a São João del-Rei. Hospedou-se na casa do anfitrião, Sr. Moisés Hallak. Era o ano de 1950. A casa ainda existe: é aquele castelinho ao lado da Escola Estadual “João dos Santos”.

Pouco tempo depois, Toufic comunica ao anfitrião sua intenção de voltar a Juiz de Fora para seguir sua vida. Nesse momento, Moisés insiste na sua permanência e propõe que, se após mais três meses ele não conseguisse um negócio na cidade, ele poderia partir. Toufic nunca mais saiu de São João del-Rei!

Ainda em 1950, constituiu uma sociedade com Miguel Hallak e abriram uma camisaria no porão da casa de João Hallak, a “Camisaria Nacional”. Ficava na avenida Tiradentes, nº 730, no porão da casa onde atualmente funciona o Laboratório da Unimed São João del-Rei. A Camisaria Nacional fabricava três modelos de camisas: Majestic, Nacional e Aristocrata. Toufic permaneceu na Camisaria até 1960, quando saiu da sociedade. A camisaria continuou com Miguel Hallak e encerrou definitivamente suas atividades em janeiro de 1964, pouco antes da Revolução.

Estabelecido definitivamente na cidade, logo na sua chegada a São João del-Rei, Toufic conheceu José Jorge Taier, outro imigrante sírio, proveniente de Al Nabk, uma cidade vizinha distante cerca de 10 Km de Yabroud, tornando-se grandes amigos. Ambos tinham imigrado do mesmo país, da mesma região, mas nunca se encontraram na Síria.

Algum tempo depois de Toufic, chegou a São João del-Rei, vindo também de Al Nabk, o irmão mais novo de José Jorge Taier: Ibrahim Jorge Taier. Ainda no início da década de 50, Toufic e Ibrahim tornaram-se sócios e abriram um ponto comercial no centro de São João del-Rei, a “Casa Combate”, coincidentemente em uma rua de mesmo nome da rua em Juiz de Fora: rua Marechal Deodoro. Com isso, Toufic dividia o seu tempo trabalhando na Camisaria Nacional e na Casa Combate.

Naquela época, São João del-Rei era uma cidade muito pequena, o dinheiro era difícil e o recurso financeiro dos dois era muito escasso. Juntaram as economias e foram fazer a primeira compra na cidade de São Paulo. Com os recursos financeiros limitados, só conseguiram comprar alguns fardos com retalhos de tecido, a maioria na cor lilás. E retornaram receosos. Entretanto, foi um sucesso inesperado.

Os retalhos foram rapidamente vendidos e logo eles retornaram a São Paulo para nova compra, o que lhes possibilitou, pouco a pouco, estabelecerem-se definitivamente no comércio em São João del-Rei.

Em 1960, Toufic e Ibrahim formalizaram uma sociedade com o nome São João Tecidos Ltda., mantendo a Casa Combate como nome de fantasia.

Após os sócios fecharem as portas, Toufic, sozinho, trancava-se na Casa Combate, ajeitava-se em um dos balcões e, por longos meses, fez deles o seu dormitório solitário nas longas noites de São João del-Rei. Sem parentes e com recursos escassos, seu começo de vida foi difícil.



Casamento de Toufic e Leila



Toufic com o filho Jules, 1963

Ainda em 1960, conheceu Maria Leila de Moura e, em 16 de fevereiro de 1962, casaram-se. O casamento foi na igreja de Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei. Maria Leila passou se chamar Maria Leila de Moura Ayoub. Do referido matrimônio vieram três filhos: Jules Jésus Ayoub, Miriam Ayoub e Danielle Ayoub, que não possuem o sobrenome Arbache.

No passado remoto, a família Arbache era de origem hispânica. Emigraram para o Líbano e, por volta do ano de 1400, emigraram para Yabroud, na Síria. A família Arbache é a maior família cristã de Yabroud e, para distinguir as famílias, os pais colocavam o seu primeiro nome no sobrenome dos filhos.

Ayoub Arbache era pai de Daoud Ayoub Arbache, que era pai de Toufic Daoud Ayoub Arbache. Assim, Daoud, pai de Toufic, deu aos filhos o sobrenome Daoud Ayoub Arbache. Toufic manteve nos filhos o sobrenome Ayoub, uma vez que esse era o nome do seu avô, Ayoub Arbache, retirando o sobrenome Arbache dos mesmos. Embora tenha excluído o sobrenome Arbache, seus filhos também fazem parte da grande família de Yabroud.

Em dezembro de 1962, nasceu o primeiro filho de Toufic e Maria Leila: Jules Jésus Ayoub, que teve com padrinho de batismo, Moisés Hallak, o anfitrião de outrora.



Jules, a esposa Patrícia,
e o filho Guilherme



Toufic com o neto Guilherme



Leila, Jules com o filho
Guilherme (8 meses) e Toufic



Toufic com os netos
Guilherme e Lucas



Danielle, Leila, Toufic, Miriam e João Roberto



Danielle, sua mãe Leila, Toufic, o filho Jules
ao lado da esposa Patricia e o genro Jonas

Em 1964, nasceu a segunda filha, Miriam Ayoub. Em 1968, nasceu a terceira e última filha: Danielle Ayoub. Jules casou-se com Patricia de Souza, que passou a chamar-se Patricia de Souza Ayoub, proporcionando a Toufic e Leila o neto Guilherme Besen de Souza Ayoub, em 2014.

Miriam Ayoub casou-se com João Roberto Guitti Moraes e não tiveram filhos. Danielle Ayoub casou-se com Jonas Paulo Dias Machado, proporcionando a Toufic e Leila o neto Lucas Ayoub Machado, em 2007.

No início dos anos de 1960, havia uma casa velha à venda ao lado à Casa Combate. Toufic, então, propôs ao sócio a compra do imóvel com o objetivo de construir uma loja, pois entendia ser importante terem seu próprio ponto comercial. Mas Ibrahim resistiu, não queria. Então, Toufic, convicto da importância do negócio para os dois e desprovido de todo o dinheiro para a compra e construção sozinho, procurou Jorge José Taier, que, como irmão mais velho e conselheiro dos demais, concordou com os seus argumentos e, em uma breve conversa com o irmão mais novo, convenceu-o da importância da aquisição. Toufic e Ibrahim adquiriram casa em frente à loja Casa Combate e, em 1964, iniciaram a construção do prédio, onde no térreo seria um novo ponto comercial e, acima, um apartamento para cada sócio e respectivas famílias. Terminada a obra, ainda juntos, inauguraram em 1968 a outra loja, no novo prédio, na mesma rua Marechal Deodoro, no número 148: "Magazine Real". Nos anos 70, ambos já estabelecidos, decidiram encerrar a sociedade, ficando então a Casa Combate com Ibrahim e a Magazine Real com Toufic. Assim, cada um seguiu de forma independente o seu caminho no comércio, mas eles e mais alguns amigos mantinham-se próximos.



Toufic na Magazine Real, década de 70 e 90



Toufic na Magazine Real, 2000

Por muitos anos, Toufic Ayoub, José Jorge Taier, Nayeff Taier, Ibrahim Jorge Taier, Acíbio Hallak, Dr. Walter Baccarini e o Sr. Davi (um espanhol que morava no hotel em frente, o Hotel do Espanhol), reuniam-se aos sábados, no período da tarde, na loja Magazine Real. Após o fechamento do comércio, encontravam-se nos fundos da loja e passavam as tardes jogando baralho e xadrez.

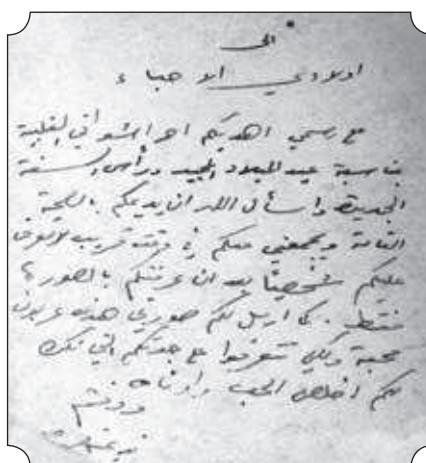
Durante todos esses anos, a comunicação com a família foi difícil. A Síria é um país distante e não existia o recurso tecnológico disponível dos dias de hoje. As correspondências pelos Correios podiam demorar meses e as ligações telefônicas internacionais, quando disponíveis, eram muito caras.

Na década de 70, Toufic recebeu em São João del-Rei, com muita alegria e satisfação, a visita de sua irmã mais velha, Mariam. Ela optou por seguir o caminho religioso: era freira e morava em um convento, no Marrocos. Ambos não se viam desde que Toufic deixara a Síria, em 1948. Quando partiu, Mariam levou a primeira carta escrita por seu sobrinho Jules ao seu primo Nabil, o filho mais velho de seu tio Chafic. Escrita em português, demorou algum tempo para ser traduzida, mas estabeleceu-se aí um primeiro vínculo familiar entre os primos, que até hoje se mantém vivo. Jules sempre demonstrou afinidade e interesse pela distante família na Síria.

Após o retorno de Mariam, que levou à Síria notícias do irmão para a família, Toufic recebeu no final do ano uma carta de sua mãe Nadima, com sua foto e dedicatória no verso, sempre guardada por ele



Nadima Massara



Dedicatória

com extremo zelo: “Aos meus amados filhos, com minha foto apresento a vocês a minha sincera saudade por ocasião do Natal e do Ano Novo e peço a Deus para lhes dar muita saúde e que me reúna com vocês muito em breve para que eu lhes conheça pessoalmente depois de conhecê-los apenas pela foto. Envio minha foto como sinal de amor para vocês conhecerem sua avó e desejo a todos muita prosperidade. Com muito carinho, Nadima.”

Cinquenta anos passados, desde a chegada de Toufic ao Brasil, em abril de 1998, Toufic e o filho Jules, já nessa época médico oftalmologista, embarcaram juntos para a capital Damasco. Jules, ansioso para conhecer a família distante, convidou o pai, emitiu os bilhetes e partiram, dando um novo rumo a essa longa história de vida.

Tomando conhecimento da viagem e também querendo rever a família em Al Nabk, seu amigo e antigo sócio Ibrahim dispôs-se a ir junto, levando consigo seu sobrinho Marcelo Sade, amigo de infância de Jules e neto de seu irmão mais velho que o acolhera no Brasil, José Jorge Taier.

Damasco é uma das cidades mais antigas habitada continuamente no mundo. É também a capital de país mais antiga no mundo. E, ainda, um dos principais centros culturais e religiosos do Levante (termo geográfico impreciso, que se refere a uma grande área do Oriente, resumindo-se a Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre).

A recepção no Aeroporto Internacional de Damasco foi inesquecível. No desembarque, irmãos, antigos amigos e diversos parentes, muitos dos quais ele não conhecia, compareceram para saudar o velho Toufic, que há cinquenta anos deixara o país para tentar a vida no Brasil.

Hospedados em Damasco, sempre na casa de seu irmão Chafic, Toufic esperava reencontrar seu primo e amigo de infância em Yabroud, Michael Abd Almasih Arbache, filho de Nadima, a segunda filha do primeiro casamento de seu pai Daoud. Michael emigrara para o Brasil pouco depois de Toufic, mas retornara para a Síria em 1975. Casou-se e permaneceu no país. Já no aeroporto de Damasco, Toufic notara a ausência de Michael e, ao chegar à casa do irmão Chafic, recebeu a triste notícia: um dia antes de Toufic e seu filho desembarcarem em Damasco, Michael falecera repentinamente, vítima de doença cardíaca. Toufic e Michael jamais se reencontraram.



1998, família reunida em Yabroud. Em pé, da esquerda para a direita: Chafica esposa do irmão Chafic, Toufic, seu filho, Jules, o irmão Joseph, a esposa Marie e Karan Haissony, esposo da irmã Chafica. Sentadas, da esquerda para a direita, as irmãs: Zakia, Mariam e Chafica

Passaram vários dias em Damasco, até que chegou o momento de partir para Yabroud. A chegada a Yabroud foi outra grande emoção, pois, naquele momento, Toufic retornava ao local onde tudo havia começado, trazendo consigo seu filho mais velho. De repente, diante dele, ali estava a bela casa em estilo árabe, do mesmo jeito que a deixara, cinquenta anos atrás.

Era a mesma casa onde a família continuava se reunindo nos verões, fugindo do calor rigoroso da capital Damasco.

Os primeiros momentos foram marcados por um longo e profundo silêncio, enquanto Toufic, atônito e com o olhar fixo, caminhava vagarosamente em sua direção.

Bons tempos, belas emoções!

Depois de receber muitas visitas e depois de um farto almoço com a comida árabe local, Toufic e seu filho Jules caminhavam pelo entorno da casa, quando seu pai se deparou com o local, onde pouco antes de partir, plantara aquela árvore. Aquela pequena planta tornara-se uma árvore gigante, alta e com largos troncos. Porém, segundo a família, havia vários anos que se mostrava seca e sem vida, embora ali continuasse, junto ao muro, resistindo bravamente ao tempo.

O tempo passou rápido e, após seus primeiros vinte dias na República Árabe da Síria, seu filho Jules retornou ao Brasil, deixando o



1998, Damasco, na residência do irmão Joseph, em pé. Da esquerda para a direita: a sobrinha Safaa Hissoing, Aymad Ayoub, Aymad Ayoub (primo) Jules, Mouna Ayoub e Walid, Inayat Ayoub, Marie Fakiane, Toufic, e a irmã Mariam

pai nos braços da família, que, por longos anos ele não viu. Algumas semanas depois da partida do filho, Toufic retornou ao Brasil, deixando para trás as sombrias recordações do passado e trazendo consigo uma saudade diferente daquela vivida na primeira partida, mas sem sequer imaginar que por ainda várias vezes retornaria até a sua família.

Poucos dias após sua partida de Damasco, tarde da noite, já mardugada, seu irmão Chafic recebe em casa um telefonema de Yabroud. Aquela árvore gigante finalmente sucumbira. Caiu fazendo um barulho estrondoso, destruindo grande parte do muro da casa e acordando muitas pessoas pela vizinhança. Ainda que aparentemente seca e sem vida, resistiu firme, solitária, só se entregando após uma longa espera de cinquenta anos, como se o aguardasse para o adeus final.

As várias outras viagens à Síria desfrutadas por pai e filho ocuparam para sempre um lugar na memória de todos. Retornaram em 2006, 2008, 2009 e 2010 e, desde o primeiro retorno, em 1998, em diversas oportunidades pai e filho caminharam juntos entre os muros da parte velha de Damasco, muros esses construídos na época romana.

A velha muralha possui sete portas: Bab Tuma, Bab al Jabieh, Bab Sharqi, Bab Kessian, Bab al Jeniq, Bab Shaghir e Bab al Faradiss. Seu irmão Chafic morava no bairro cristão, próximo ao Portão de Bab Tuma



2008, residência do irmão Chafic. Da esquerda para a direita: Chafic, Jules, Kamil, sobrinho, filho da irmã Zakia, o sobrinho Ayman, filho do irmão Joseph, os sobrinhos Nabil e Samer, filhos do irmão Chafic, as irmãs Zakia e Chafica, Toufic, Chafica, a esposa do irmão chafic, e a sobrinha Mouna

e do Souq Al Hamidiya, o maior mercado da Síria, localizado dentro da muralha.

Em 1998, pai e filho caminhavam pelo conjunto de ruas do Hamidiya Souq, o maior mercado da Síria, localizado dentro da cidade antiga de Damasco, quando Toufic, repentinamente, parou silencioso, em fren-



1998, Toufic no Hamidiya



Em frente da antiga loja, em Damasco, onde trabalhou com seu irmão Wadie

te a uma loja, a mesma onde trabalhara há mais de cinquenta anos com seu irmão Wadie.

Entraram e Toufic voltou ao passado ao rever as antigas prateleiras e o velho balcão que ainda guardava as marcas de rabiscos que ele fizera no passado. Depois de uma boa conversa em árabe com o proprietário, pai e filho foram presenteados com o tradicional chá, símbolo milenar da hospitalidade árabe.

Ao final das muitas longas caminhadas, seguiam em direção a Al Nowafra Café, localizado perto da escadaria da Omayad Mosque (Mesquita Omayad), onde seu filho Jules, entre crises súbitas de tosse, sempre insistia na tentativa de fumar um narguile.

Bulos tempos, belas lembranças!

Em julho de 2019, a loja Magazine Real encerrou definitivamente suas atividades. Toufic teve uma vida longa e, como todo imigrante, viveu momentos difíceis e solitários. Perdeu seu pai antes de completar 18 anos e despediu-se da mãe antes dos 26 anos. Perdeu seu irmão Michel em 1928; Joseph, em 2000 (apenas dois anos depois de retornar da primeira viagem à Síria); Maryam, em 2005, Chafica, em 2011; Chafic, o irmão mais próximo, em 2015; e Zaquia, em 2017. Porém, seu filho Jules nunca lhe contou sobre a partida dos dois últimos irmãos, especialmente Chafic, pois a tristeza e angústia certamente seriam imensas e difíceis de se superarem.

Em 2011, iniciou a guerra civil na Síria, guerra essa que foi um desdobramento dos protestos que aconteceram no país em decorrência da Primavera Árabe. Em 2014, aproveitando-se da fragilidade, o Estado Islâmico invadiu o país e conquistou parte do território sírio. Yabroud foi invadida, a velha casa foi saqueada e parcialmente destruída, enquanto Toufic acompanhava à distância com tristeza e apreensão.

Todo final de ano, Chafic comunicava-se com Toufic, no passado por carta e nos últimos anos por um esperado telefonema que, de repente, nunca mais aconteceu. Quando perguntado, seu filho Jules apenas respondeu que seu tio, já com problemas visuais antigos, não podia mais enxergar e novos problemas auditivos impediam-no também de escutar. Jules nunca soube se ele acreditou.

Em março de 2016, Toufic recebeu no Brasil a visita de Mou na Ayoub, sua sobrinha, filha de seu irmão Chafic, e de Houda Antoun Alozon, esposa de seu sobrinho Samer, também filho de Chafic. Foram



2016, em São João del-Rei, com a sobrinha Mouna e Houda, esposa do sobrinho Samer em viagem ao Brasil



Toufic Daoud Ayoub Arbache

horas de boa conversa em árabe e, quando perguntadas sobre o irmão Chafic, responderam o mesmo que seu filho Jules já havia lhe falado.

Quando partiram, deixaram saudades.

Toufic, ainda sendo o último imigrante sírio de São João del-Rei, ainda vivo, viu também todos os seus amigos do Brasil partirem.

Em 20 de fevereiro de 2020, minutos antes da meia-noite, Toufic Daoud Ayoub Arbache, aos 97 anos, faleceu em São João del-Rei. O dia seguinte, dia do sepultamento, foi um dia de despedida para a esposa, filhos, nora, genros, netos, amigos e para toda a família que da Síria, em Damasco e Yabroud, cientes, acompanhavam a distância a despedida.

O céu estava escuro, cinzento, transmitindo tristeza e solidão, mas sua face estava serena, expressava paz e ele parecia feliz, pois, antes de partir, viu que sua missão fora cumprida e que cada um dos seus filhos seguia o próprio caminho. Nos momentos finais, seu filho Jules lembrou-se do seu pai contando que sua avó Nadima, lá no passado, implorara para que o filho não partisse. Mas ali, naquele momento, não se tinha mais a quem implorar. De repente, veio a chuva. Veio forte e impiedosa, caindo sobre a terra, sobre as árvores, sobre as flores e sobre nós. Era o tempo, trazendo em forma de chuva as lágrimas contidas dos presentes, bem como as lágrimas da família distante, que não pôde comparecer naquele momento de despedida.

Partiu feliz, handulillah...!

Jules Jésus Ayoub

Família Tuffy Resgalla



Casamento em 24/09/1948



Tuffy Resgalla

Antes de discorrermos sobre a Família Resgalla em São João del-Rei, é interessante que alguns dados históricos sejam relatados.

Local de origem: cidade de Kfar Habou – distrito de Coura – dista em torno de 15km a leste de Trípoli, no Líbano. Resgalla Fahres e Jamile Tannus Hannas Fahres moravam na cidade de Kfar Habou, no Líbano. Casaram-se e tiveram os seguintes filhos, todos nascidos no Líbano:

- Espir Resgalla, nascido em 09 de outubro de 1879; faleceu em 06 de novembro de 1960.
- Tuffy Resgalla, nascido em outubro de 1887; faleceu em março de 1955.
- Maksud Resgalla (foi morar nos Estados Unidos).
- Rosa Resgalla
- Alzira Resgalla
- Farid Resgalla
- Wadyer Resgalla (leia-se Weidier).

A primeira chegada de um membro da Família Resgalla ao Brasil foi por volta de 1896.

Espir Resgalla (Antônio Pedro). Casou-se com Maria Batista de Freitas (Tota), filha de Nazareno. Espir iniciou suas atividades como

mascate, fixando residência em Nazareno. Rodava por todas as fazendas da região, comercializando tecidos e toda a sorte de artigos que seus clientes solicitavam para o seu dia a dia. Após alguns anos montou uma loja no centro da cidade, aumentando, assim, cada vez mais o seu comércio com artigos variados, tais como cordões de ouro, ferramentas, remédios para animais, louças finas, panelas, utensílios caseiros, cigarros, perfumarias e chapéus.

Filhos do casal nascidos em Nazareno:

- 1 - Farids de Freitas Resgalla - 1º/12/1902 - 01/07/1986 - Médico, São Paulo. Sem filhos.
- 2 - Aziz de Freitas Resgalla - 21/06/1907 - 21/06/1979 - Comerciante.
- 3 - Jamila de Freitas Resgalla - 23/06/1910 - 09/01/2003 - Comerciante. Sem filhos.
- 4 - Faide de Freitas Resgalla - 11/01/1911 - 23/12/1977 - Contabilista. Sem filhos.
- 5 - Antonio de Freitas Resgalla - 1º/04/1913 - 02/07/2001 - Comerciante. 4 filhas.
- 6 - Helena de Freitas Resgalla - 31/05/1915 - 12/05/2004 - Hoteleira.
- 7 - Nalzira de Freitas Resgalla - 29/10/1916 - 17/08/1997 - Professora. 01 filho.
- 8 - Mechis (Macksud) de Freitas Resgalla - 08/02/1920 - 21/06/1998 - Téc. Farmacêutico.

A segunda chegada ao Brasil por membro da Família Resgalla ocorreu por volta de 1907: Tuffy Resgalla e Lulia Messias Resgalla (1895-?), libaneses.

Tuffy veio para o Brasil a fim de substituir seu irmão nas funções da loja, com o objetivo de Espir levar sua esposa à cidade natal e apresentá-la a seus pais e familiares.

Logo após seu irmão retornar, eclodiu a Primeira Guerra e Tuffy não pôde voltar ao Líbano. Como ele era recém-casado, sua esposa ficou lá por 10 anos e, somente após o fim da guerra, ela pôde encontrá-lo. Porém, logo após a partida de Tuffy, ela descobriu que estava grávida e teve uma menina, que, infelizmente, faleceu com 4 anos. Tuffy só ficou sabendo após a guerra, pois não havia como se comunicarem nesse intervalo.

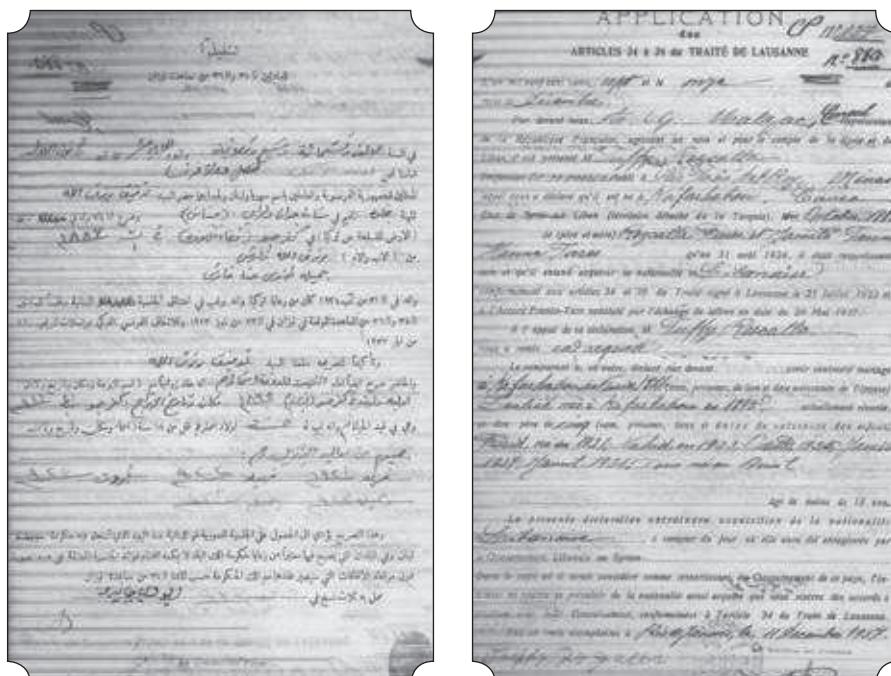
Seu irmão, Espir, que o havia recebido em sua casa, ensinou-lhe todo o trabalho que fazia antes de abrir seu comércio: o de mascate, e

passou-lhe todos os contatos que ele tinha de toda a região e fazendas. Tuffy, então, adquiriu uma tropa para poder executar seu novo trabalho e, com isso, fazer seu novo caminho.

Algum tempo após sua esposa Lulia chegar ao Brasil, deixaram Nazareno e vieram se instalar em São João del-Rei, na praça Severiano de Resende (Largo do Tamandaré). Moravam na rua Santo Antônio. Tuffy Resgalla criou um nome consolidado na região, sendo considerado por muitos moradores de roças, vilas, fazendas e cidades uma excelente pessoa, de ótimo trato, educado e respeitador, bem como um comerciante de brio, honesto e muito atencioso com todos com quem lidava.

Tuffy incentivava seus filhos a pensarem por si mesmos e a procurarem sua vocação para serem os profissionais que almejavam ser e que atingissem seus objetivos e realização. Seus filhos Narrid e Jamil seguiram seu irmão mais velho, Charrid (Farid), e continuaram na loja que este havia criado.

Tuffy fez sua opção, devidamente registrada, por manter sua cidadania libanesa em 11/12/1937, junto ao Cônsul da República Francesa no Rio de Janeiro (anexo).



Filhos do casal nascidos em São João del-Rei:

1 - **Charrid (Farid) Resgalla** - 25/08/1921 - 09/08/1975 e Caetana Alves Resgalla. Farid, mais conhecido pelo nome de batismo, do que pelo seu nome registrado no Cartório Civil, como Charrid. Assim, diferente de todos desde pequeno, pois muitos achavam que Farid era apelido, mas assinando Charrid, ele já cresceu assumindo os dois nomes. Porém, era um só homem, gigante, empreendedor, resoluto. Por outro lado, meigo, com pouco estudo, mas profundo conhecedor da vida, do ser humano, do mundo e sua geografia. Sempre alegre, sorridente, animado e atencioso com todos.

Iniciou-se como comerciário, exercendo ao mesmo tempo a função de técnico de som na rádio local. Saiu da rádio e virou técnico cinematografista no Clube Teatral Arthur Azevedo, operando as novas máquinas de “passar filme” no cinema.

Continuando no cinema, montou sua própria loja de ferramentas. Trouxe seus dois irmãos para sua loja e lhes deu sociedade igualitária.



Criou a empresa “Charrid Resgalla & Irmãos”, que depois passou a ser chamada de “A Mascote Ferragens Ltda.”, conhecida e reconhecida em toda a região, sendo considerada a maior e a mais famosa loja de ferragens da região. Funcionou durante 48 anos, até que seus irmãos desistiram de dar continuidade, uma vez que o movimento foi aos poucos diminuindo, após o falecimento do seu criador.

Chegou a tornar-se sócio do cinema Arthur Azevedo, participando como o administrador mais eficiente desta casa de entretenimento. Tomou todas as decisões relativas ao andamento da casa quanto a RH, Patrimônio do prédio e Programação dos Filmes durante muitos anos, enquanto conduzia sua loja de ferragens.

Fez uma visita ao Consulado Geral do Líbano do Rio de Janeiro em 17 de novembro de 1955, quando requisitou seu pedido de Cidadania Libanesa.

Por algum engano, agora identificado e compreendido (outubro de 2019), realizado pelo Cartório em Kfar Habou-Líbano, a cidadania não foi realizada. Seu filho Tuffy já está corrigindo essa falha e providenciou o próprio pedido de cidadania, que está já em andamento.

Charrid (Farid) Resgalla e Caetana Alves Resgalla tiveram os filhos:

- Maria do Carmo casou-se com Mário (falecido), tem 2 filhas: Ana Elisa e Nara;
- Farid, casado com Maria de Fátima, tem 2 filhos: Farid e Bruna;
- Rosana Maria, casada com Maria de Fátima Jorge;
- Tuffy, foi casado com Heliane. Tem 2 filhos: Tuffy e Marcell;
- Maria Cristina, casada com Silvano João Paulo de Freitas. Sem filhos;
- Denise Maria, tem 3 filhos: Eduardo, casado com Viviane, tem 4 filhos: Lívia, Hugo, Teo e Caio; Rodrigo, casado com Thaís e tem 1 filho, Benício; Leonardo;
- Charrid Júnior, foi casado com Maria Verônica. Tem 2 filhos: Isabella e Lukas.

Charrid (Farid) Resgalla também implantou várias modernidades na cidade, à medida que ela prosperava, como: chuveiro elétrico, geladeiras, televisores, fogões a gás, panela de pressão e iluminação fluorescente.

Veio a falecer num sábado à tarde, 09 de agosto de 1975, véspera do Dia dos Pais. Estava trabalhando dentro da loja fechada.

2 - **Narrid Resgalla**, nascido em 24/08/1926, na cidade de São João del-Rei. Seus pais vieram do Líbano. Tuffy era mascate, depois abriu uma loja de tecidos. Narrid casou-se com Lúcia Santos Resgalla e tiveram uma filha: Renata Santos Resgalla, nascida em 13/11/1972 na cidade de São João del-Rei. Empresária, casada com Guilherme Lara Resende, empresário. O casal tem uma filha: Isadora Resgalla Resende, nascida em 07/11/2006, na cidade de São João del-Rei. Estudante.

3 - **Odete Resgalla de Castro** - 10/09/1925 - 25/05/2011 - Do lar. 2 filhos.

4 - **Jamile Resgalla Benedito** - 29/07/1927 - 09/05/2016. Do lar. 1 filha.

5 - **Jamil Tuffy Resgalla** - 05/03/1931 - Comerciante - 5 filhos.

Hoje, todos os filhos do Casal Tuffy e Lulia, inclusive o casal, são falecidos.

(Pesquisa realizada em documentos, conversas e anotações familiares. Contribuinte dos dados de Espir e Tuffy Resgalla foi a Sra. Salete de Freitas Resgalla.)

Tuffy Resgalla Neto e Maria Salete Teixeira



Charrid – Farid Resgalla



Farid com o filho caçula, Charrid



Farid na Rádio e com sua Raleigh





Farid e a esposa Caetana



Casamento de seu primo Charrid

Família Zacharias Kalil El-Corab

Zacharias Kalil EL-Corab casou-se com Maria Bacil El-Corab. Ambos já são falecidos. Tiveram os seguintes filhos: Tereza, Aparecida, Jamille, Maria Lúcia (falecida), Marcos e Mário.

Jamile Zacharias El-Corab casou-se com Antônio Moreira e tiveram os filhos: Miriam, Márcio, Magda, Mara, Marco Antônio e Mário.

Mário Zacharias El-Corab casou-se com Irineia Rodrigues de Melo (ambos falecidos) e tiveram os filhos: Mário Luiz, casado com Simone. Filhos: Mário Sérgio e Vítor.

Mara Moema, (solteira).

Claúdio Luiz. Filhos: Laila, Lanna, Jonas Kalil.

Marcos Zacharias El-Corab (falecido) casou-se com Tereza Silva e tiveram os filhos Flávia, Lucas, Matheus e Guilherme.

Marcos, casado com Alessandra Carvalho. Filhos: Gabriel e Eduardo.

Carla, casada com Rogério Medeiros. Filho: Marcos.

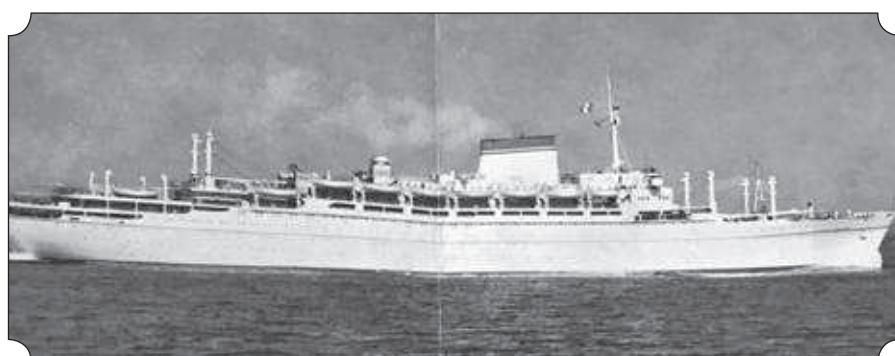
Zacharias Kalil El-Corab e Mansur foram possuidores do comércio Leiteria El-Corab, onde hoje se localiza o Banco Bradesco.

Flávia El-Corab e Mara Moema El-Corab

PARTE III

NOSSA HOMENAGEM ÀS FAMÍLIAS DE ORIGEM PALESTINA

Família Amim Fares



Navio que veio para o Brasil na primeira vez

Sou natural da Palestina. Sim, eu nasci lá. Foi no dia 26 de março de 1945, numa localidade chamada Silwad, município de Ramallah.

Meu nome? Abdeljalil Fares. Sou filho de Fares Abdeljalil e Saada Mohamed Salim.

Um dia, meu pai decidiu mudar-se para o Brasil. A bordo do navio "Giulio Cesare", ele cruzou o oceano numa viagem de um mês de duração. Não foi uma viagem confortável, com certeza. Nem a sua chegada às terras brasileiras – em 12 de fevereiro de 1956 – foi tão facilitada. Ele desembarcou no Paraguai e teve que atravessar o Brasil para, enfim, chegar a São João del-Rei. Logo que se instalou, começou a trabalhar como vendedor durante muito tempo.

Dezesseis anos depois (interessante... eu também estava com dezesseis anos), fiz a mesma viagem do meu pai. Eu me lembro muito bem: era o dia 7 de dezembro de 1961. O navio também era italiano e se chamava "Augustus". Fiz essa viagem sozinho.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, desci do navio e logo avistei o meu pai me esperando. Depois de um abraço, fomos almoçar juntos. Apenas almoçar, pois tive que seguir viagem até o porto de Santos porque a passagem tinha sido comprada para o desembarque lá.

Uma vez em São João del-Rei, não perdi tempo. Já fui logo trabalhando como representante comercial, substituindo o meu pai, que mais tarde retornou para Ramallah. Eu ainda era um rapazola e já trabalhava bastante, indo com a minha bicicleta e atendendo os clientes de muitas cidades vizinhas de São João del-Rei.

Consegui a habilitação para motorista e a primeira coisa que fiz foi comprar um jipe. Agora sim, meu trabalho, apesar de intenso, estava menos cansativo.

Em 1969, recebi a visita do meu pai. Foi nesse ano também que eu me casei. Abri uma loja de confecções, a “Fares Confecções”, que ficava na atual avenida Presidente Tancredo Neves. A loja durou apenas um ano e voltei a trabalhar como varejista.

Ainda em 1969, nasceu o meu primeiro filho. Em 1972, aconteceram duas coisas: meu pai resolveu voltar definitivamente para Ramallah e fui pai pela segunda vez, agora de uma menina.

Eu ainda abri uma outra loja: “Nasser Confecções”. Isso foi em 1975. A loja era na rua Marechal Deodoro. Na verdade, em um mesmo cômodo dividíamos a loja com a nossa casa. Ficamos nisso por dois anos, até que nos mudamos para uma casa própria, no bairro das Fábricas.

Havia algum tempo que eu tinha vontade de voltar à minha terra natal e rever a minha família. Em 1976, fui lá e reencontrei muita gente querida. No ano seguinte, em 1977, fui pai mais uma vez: uma outra menina.

Depois de quinze anos de funcionamento da loja anterior, ainda abri outra: “Samila Confecções”. Minha filha caçula é quem dirige a loja.

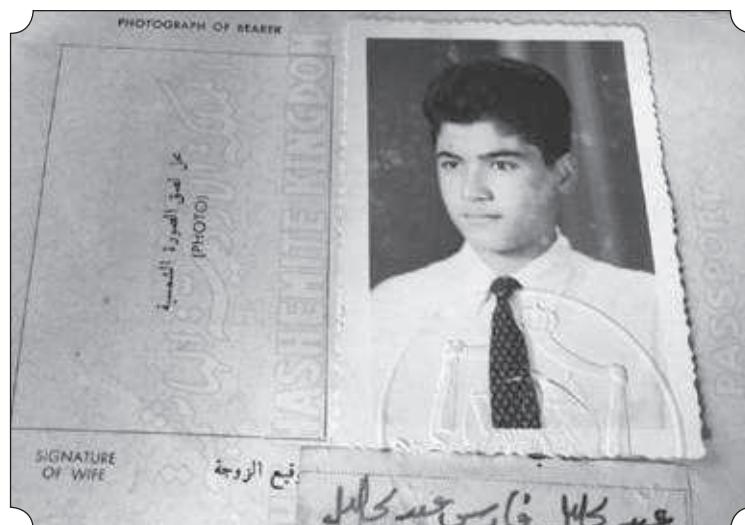
Fiz algumas viagens a Ramallah. Numa delas levei meu filho para conhecer meus familiares. Em uma outra ocasião, minha esposa foi comigo e pôde conhecer Jerusalém, Silwad, o deserto do Saara, entre outros lugares bonitos e interessantes.

E hoje? Hoje estou com 74 anos, aposentado, curtindo a maravilha de se ter uma família e desfrutando de muitas viagens e passeios.

Abdeljalil Fares



Passaporte



Passaporte

Família Abdullah Haj Mustafa Abder Razaq

“A imigração árabe no Brasil tem início com a chegada de imigrantes árabes que começaram a desembarcar no país em fins do século XIX. No início do século XX, esse fluxo imigratório cresceu e passou a se tornar muito importante. A maioria é de origem libanesa, enquanto o restante é, predominantemente, de origem síria. É notável, também, a presença de palestinos e jordanianos.”¹

Trajetória de vida

Abdullah Haj Mustafa Abder Razaq nasceu em 03 de abril de 1934, na cidade de Silwad, antiga Palestina. Era filho de Mustafa Abder Razaq Issa e Fatham Mustafa Abder Razaq. Em 1948, com a criação do Estado de Israel, os palestinos foram expulsos de seus lares e Mustafa Abder mudou-se para Aman, Jordânia, junto com todos os seus familiares. Abdullah solicitou e obteve nesta ocasião a cidadania Jordaniana.

Aos 18 anos de idade, foi morar e trabalhar no Kuwait, onde ficou por 02 anos. Em 1954, emigrou de navio para o Brasil, junto com muitos outros árabes. A exemplo de muitos outros patrícios seus, também trabalhou por muitos anos como mascate. De porta em porta, carregando bagagens pesadas, Abdullah vendeu suas mercadorias por muitas cidades e por um bom tempo.

Seus dois irmãos, Salam e Gihad, moram nos Estados Unidos, na cidade de Columbus, Ohio. São comerciantes.²

Abdullah morou em Santos, São Paulo (capital), Campinas, Belo Horizonte e, finalmente, em Juiz de Fora. Foi nessa última cidade que conheceu sua futura esposa. Posteriormente, mudou-se para Divinópolis, onde foi proprietário de um restaurante.

Do seu casamento com Elba Rodrigues, que foi em 1966, nasceram os seguintes filhos: Walid Abdala Mustafa, Akraam Abdullah Mustafa

1 – Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_%C3%A1rabe_no_Brasil.

2 – Seu estabelecimento pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=u-gE724ql1kl>.

e Abderazaq Abdullah Mustafa. Após o casamento com Elba, mudou-se para São João del-Rei e aqui se estabeleceu definitivamente.

Inicialmente, exerceu o ofício de alfaiate, mas a principal renda veio da profissão de mascate. Em 1968, abriu sua primeira loja, em São João del-Rei. Ficava na travessa Lopes Bahia. Em 1970, abriu a segunda loja, dessa vez em Lavras (MG). Pouco tempo depois, abriu outra loja em Três Corações (MG).

Em 1988, abriu a quarta loja, a atual “Casa das Meias” na avenida Presidente Tancredo Neves, 139. Essa última loja é a única que ainda está funcionando ativamente.

Vida social

Abdullah pertenceu à Loja Maçônica Charitas, onde atingiu o grau 33. Ali, ocupou o cargo de tesoureiro durante vários mandatos. Também foi membro do Lions Club de São João del-Rei. Em sua homenagem, a sede do prédio do Lions Club tem o seu nome.

Através da indicação da vereadora Sônia Coelho, Abdulah recebeu o título de cidadão honorário de nossa cidade.

Em 21 de abril de 1997, veio a falecer. Abdullah deixou uma grande lacuna em nossa cidade.

Antônio Guilherme de Paiva



Haj Mustafa Abder Razaq e Fatima Abder Razaq



A família de Haj Mustafa Abder Razaq



Irmãs de Abdulah: Zenap, Miasar,
Abdullah e Wagihah



Abdullah Haj Mustafa Abder Razaq



Visita aos parentes em 1975. As crianças: Walid e Zenaph. Walid com as tias Wagirah e Amura. Abdulah e os sobrinhos Lutii e Mufid



Elba Rodrigues Mustafa e Abdullah Haj Mustafa Abder Razaq. As crianças, da esquerda para direita: Akraam Abdula Mustafa, Abderazar Abdullah Mustafa e Walid Abdula Mustafa



Da esquerda para direita: Sarah Abdala Mustafa, Nafilah Resende Mustafa, Samira Abdala Mustafa, Luciane Maria de Resende e Akraam Abdala Mustafa



Tatine Lara Botelho, esposa, Abderazar Abdullah Mustafa e Nicholas Mustafa



Taariq Abdala Mustafa, Juliana Andreia S. Mustafa, Walid Abdala Mustafa, Kaalil Abdala Mustafa e Rayaan Abdala Mustafa

CURIOSIDADES

TRADIÇÕES E COSTUMES SÍRIO-LIBANESES

Resgatar a história da vinda de tantas famílias de origem sírio-libanesa para o Brasil nos faz deparar com hábitos e costumes próprios que, só quem cresceu em famílias com essa descendência irá entender. Muitas das tradições foram preservadas e transmitidas ao longo das gerações, de tal forma que fazem parte do cotidiano das famílias até os dias de hoje.

Além de expressões típicas, têm-se diversas heranças culinárias e inúmeros hábitos curiosos, sem contar o jeito peculiar dos sírios-libaneses de dialogar em família: conversas, que às vezes parecem brigas, mas não são – eles se amam muito. Uma das maneiras de demonstrar isso é presentear as pessoas, não importa qual seja a ocasião: é o prazer de dar alguma coisa. Se você está na casa de alguém e manifesta que achou algo bonito, como um prato ou uma toalhinha, por exemplo, ao fazer um elogio, o dono da casa provavelmente irá dizer “leva para você”.

A culinária sírio-libanesa

Outra contribuição dos sírios-libaneses que merece destaque é a influência que esses povos exerceram na culinária brasileira, tendo introduzido vários pratos típicos, tais como: quibe, esfirra, tabule, baba-ganoush (pasta de berinjela à base de tahine), dentre outros. Além dos pratos salgados, bebidas características como o *arak* (destilado feito à base de uvas ou tâmaras com infusão de anis) e deliciosos doces também fizeram e fazem sucesso no Brasil.

A seguir, serão descritos brevemente alguns exemplos de alimentos de origem sírio-libanesa:

- *Jallab*: é um tipo de suco, feito com várias frutas diferentes. Muito apreciado por crianças e adultos. Seu sabor lembra o de um xarope de groselha. Costuma ser consumido ao mesmo tempo em que se fuma um *narguilé*;
- *Falafel*: são deliciosos bolinhos fritos, feitos à base de grão de bico e que podem ser combinados com leguminosas e especiarias;
- *Tahine*: é uma pasta de gergelim, comumente utilizada para temperar salada ou acompanhar outras receitas;
- *Homus tahine*: é uma pasta à base de grão de bico, temperada com o tahine. Muito apreciada em diversas culturas, pode ser utilizada em saladas, caldos, bolinhos e sanduíches;
- *Banadura*: embora pouco difundido na culinária geral, este prato é apreciado por algumas famílias de origem sírio-libanesa. A base é um molho feito com pedaços bem grandes de cebola e de tomate, além de cubos de filé temperados com pimenta síria;
- *Mjadra*: é o popular arroz com lentilha, que pode ser servido com cebolas caramelizadas;
- *Charuto de Folha de Uva*: são folhas de uva que enrolam um recheio de carne moída, arroz e um tempero especial. Já fazem parte do cardápio de muitos brasileiros. Também podem ser feitos com folhas de repolho ou couve.

Além dos pratos mencionados acima, os sírios-libaneses possuem hábitos alimentares que podem soar estranhos a outras culturas, como comer alho e cebolas crus, como se fossem uma maçã. Aos finais de semana, antes das refeições principais, costuma ter uma grande travessa de vegetais crus como aperitivos, eles gostam muito de comidas cruas. Não podem faltar também a hortelã, a coalhada seca e o pão sírio, seco e fino, utilizado também para levar o alimento à boca, como “talher”, conhecido como “pão pita”.

De maneira geral, a culinária árabe baseia-se, sobretudo, na carne de carneiro, de cordeiro, peixes e aves. Em função de motivos religiosos, a carne de porco não é consumida pelos islâmicos, por ser considerada como “impura”. Além disso, o vinho raramente é utilizado no preparo de alimentos.

A vinda das famílias sírio-libanesas para o Brasil não só favoreceu a inserção de diversos pratos típicos na culinária brasileira, como também proporcionou a introdução de novas técnicas agrícolas

e produtos orientais, como o limão, o arroz, a plantação de uva e de figo. Contribuíram ainda com o aprimoramento da pecuária, a partir da criação de cavalos andaluzes e camelos.

Saudações, cumprimentos e costumes

Os sírios-libaneses são muito festivos e hospitaleiros, adoram receber pessoas em suas casas. No entanto, quando uma pessoa vai visitar a outra, dependendo do grau de proximidade, é necessário avisar com uma semana de antecedência. Caso a pessoa tenha um relacionamento mais íntimo com o anfitrião, pode ser com duas horas de antecedência. Nos encontros, as saudações são importantes e podem ser variadas, dependendo do que se quer desejar ao outro. Vejamos:

- *Sabah*: significa bom dia. Se desejar apenas retribuir o “bom dia”, a outra pessoa poderá dizer simplesmente *Ahlan*;
- *Alkhair*: ao responder o “bom dia” com essa expressão, deseja-se ao outro “tudo de bom”, fartura, bondade, prosperidade;
- *Ahla u sahla*: expressão utilizada quando se recebe alguém, significa “seja bem-vinda” e pode ser complementada com *Tfaddalu*, que quer dizer “fique à vontade”;
- *Marhaba!*: expressão utilizada para cumprimentar alguém, funciona como um simples “olá!”.

Ao cumprimentar alguém, costuma-se incluir a forma do senhor, antes do primeiro nome da pessoa. Para os homens, utiliza-se o *ya sayyid* e, para as mulheres, *ya sayyidah*. Se for alguém muito importante, a expressão *ya ustaaaz* deve ser dita antes do primeiro nome. Os cumprimentos geralmente são feitos com um aperto de mão, sendo que somente a mão direita deve ser usada para cumprimentar: a mão esquerda é considerada “suja”. Dependendo do grau de relacionamento, o cumprimento é feito com três beijos na bochecha, principalmente se for homem!

O comer e o beber são momentos muito importantes no “ritual” das famílias sírio-libanesas. Quando há alguma celebração na casa de alguém, mesmo que seja só um encontro para reunir os entes queridos, as mesas são fartas e contam com uma grande variedade de opções para comer e beber. Os anfitriões costumam insistir para os convidados provarem de tudo e, por isso, o não comer, isto é, não aceitar, soa como uma desfeita.

Geralmente, as pessoas são recebidas com sucos e chás com petiscos, que incluem diversos tipos de sementes, tais como: nozes, amêndoas, castanhas, pistache, amendoim, avelã e macadâmia. A palavra “sementes”, na língua árabe, se escreve assim: *kassarat*. Após a refeição principal, são servidas frutas como uvas, pêssegos e figos, além de alguma sobremesa feita pelos anfitriões. Uma delas é a torta de massa folheada, conhecida como *baklava*.

Dentre os costumes no momento da refeição, tem-se também o café, servido ao final do almoço, com borra, é claro! Ou ainda chá de ervas e canela. Embora o guardanapo seja utilizado, é comum oferecer aos convidados uma vasilha com água para lavar os dedos. Já o hábito de fumar, não é bem-vindo à mesa. Os momentos de refeição eram e ainda são verdadeiros rituais, que representam a comunicação e o encontro familiar e, por isso, são marcados por tantos costumes e tradições.

Quando se visita alguém, o esperado é que haja uma retribuição, isto é, que o convidado chame o anfitrião que o recebeu para ir até a sua casa. Isto deve ocorrer, preferencialmente, não muito tempo após a primeira visita, de modo que o ideal é que aconteça no mesmo mês ou, em um intervalo de aproximadamente quinze dias. Essa retribuição é muito importante.

Por outro lado, o convite para um encontro poderá ocorrer em locais públicos, como restaurantes, cafés e hotéis. Segundo a tradição, o anfitrião deverá arcar com todas as despesas, de modo que os demais não devem sequer oferecer para dividir a conta. Na maioria das vezes, acontece de o convidado retribuir com um jantar, e aí sim, neste caso, irá pagar a conta.

Outra tradição dos sírios-libaneses é a chamada *Sahra*. Este termo, próprio da língua árabe, refere-se a encontros noturnos que ocorrem nas residências, sendo cada dia na casa de um. Dependendo da idade dos participantes, termina por volta das 23 horas. Se forem mais velhos, pode durar a noite toda. É uma festa! Comer, beber, fumar (narguilé), dançar e jogar baralho ou algum outro tipo de jogo são coisas que costumam acontecer em uma *Sahra*.

Vocabulário e tradições

Outra importante contribuição dos imigrantes de origem sírio-libanesa diz respeito ao nosso vocabulário, uma vez que eles introduziram mais de seiscentas palavras na língua portuguesa. Eis alguns exemplos: *Al roz* – originou a palavra arroz, em português; *Al sukkar* – açúcar; *Al khas* – alface; *Qahua* – café; *Al kuhul* – álcool; *Al qutun* – algodão; *Al khiat* – alfaiate; *Talq* – talco; *Ruzman* – resma; *Az-zayt* – azeite.

Cabe ressaltar que a grafia aqui utilizada refere-se à pronúncia da palavra, cuja escrita em árabe é complexa e de difícil acesso e leitura por quem não é fluente. A escrita é feita da direita para a esquerda e, depois, passa-se para a linha de baixo, mantendo-se sempre essa regra da direita para a esquerda.

Além das mais de seiscentas palavras da língua portuguesa de origem árabe, essa cultura também influenciou e contribuiu com outros idiomas, como inglês, francês, espanhol e alemão, que também contam com termos de origem árabe. E, mais: as contribuições não se limitam à culinária, vocabulário e costumes, os sírios-libaneses trouxeram várias tradições de seus países, que ganharam espaço no Brasil, como a dança do ventre e o uso de acessórios e véu na cabeça como peça de vestuário. Introduziram também a pintura nas unhas e o contorno nos olhos.

As famílias imigrantes também mantiveram suas músicas e suas cerimônias religiosas, como a de casamento, que é muito interessante. O *masbaha*, terço muçulmano, é um objeto usado para rezar, que foi preservado por algumas pessoas. É composto por trinta e três peças, sendo três grupos de onze, o que significa que o rosário possui noventa e nove contas. O *masbaha* faz lembrar o japamala, utilizado pelos budistas e indus e atualmente pode servir como acessório, sem que seja necessário o seu uso religioso. As contas podem ser de plástico, marfim ou madeira (*kha*).

O Ramadan

O Ramadan é o nono mês do calendário islâmico e é considerado como uma época sagrada para os muçulmanos, sendo um de seus cinco pilares do Islamismo. Durante todo o mês, os fiéis praticam o

jejum, de modo que não deve ingerir alimentos e bebidas, nem mesmo água, no período entre a alvorada e o pôr-do-sol. Além disso, devem se abster de relações sexuais, de fofocas e vícios, como cigarro. Nesse tempo, devem realizar suas atividades cotidianas e prezar pela generosidade e pela caridade, praticando o bem com palavras e ações.

O Ramadan acontece de acordo com o calendário lunar, o que faz com que ele comece e termine com o surgimento da lua nova no céu. É comum que as pessoas fiquem mais debilitadas nesse período, o que as faz refletir sobre a própria saúde e ter compaixão com os que passam fome. Todas as pessoas, a partir dos doze ou treze anos devem praticar o jejum, estão dispensadas apenas grávidas, pessoas doentes e crianças.

Os benefícios dessa prática estão ligados à purificação da alma e do corpo, proteção à saúde e melhora do caráter. Além disso, espera-se que o Ramadan auxilie no desenvolvimento da paciência, do autocontrole, do autoconhecimento, da autoconfiança e da educação. A palavra jejum é pronunciada com *sum* e o desjejum como *saiem*.

Quando termina o jejum, os fiéis também vão orar, seja em suas casas ou na Mesquita, onde há uma espécie de “missa”. O momento que marca a saída do Ramadan é chamado de *Eidalfotr*, uma celebração na qual ocorre o desjejum. Assim, após a oração, acontece um café da manhã coletivo, com muita fartura, de comidas e bebidas. É uma grande confraternização.

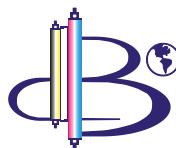
Por fim, cabe acrescentar que a expressão “turco”, comumente adotada no Brasil como sinônimo de árabe, especialmente sírios e libaneses, trata-se de um equívoco. Muitas pessoas de origem sírio-libanesa não gostam de serem chamadas de “turcas”, uma vez que seus povos foram dominados pela dinastia otomana. No entanto, o uso equivocado dessa expressão não é injustificado: quando chegavam ao Brasil, na tentativa de fugir da opressão, os documentos dos árabes traziam papéis do Império Otomano e por isso passaram a ser chamados assim.

A cultura árabe apresenta muitas particularidades e fatos curiosos: aqui foram feitas apenas algumas pinceladas, mas é possível ir muito além.

Angela Maria Gattás Hallak



Esta obra foi composta em ITC Cheltenham
e impressa em papel offset 75g e
cartão Supremo Alta Alvura 250g (capa),
em outubro de 2021, pela
GRÁFICA E EDITORA CIDADE DE BARBACENA



Rua Tomás Gonzaga, 145 • Boa Morte
CEP: 36201-040 • Barbacena • MG • Brasil
Tel: (32) 3331-3202
(32) 98435-7364 WhatsApp
graficabarbacena@hotmail.com
graficabarbacena@bol.com.br

